



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Centro de Educação e Humanidades

Instituto de Letras

Camila Brito dos Santos

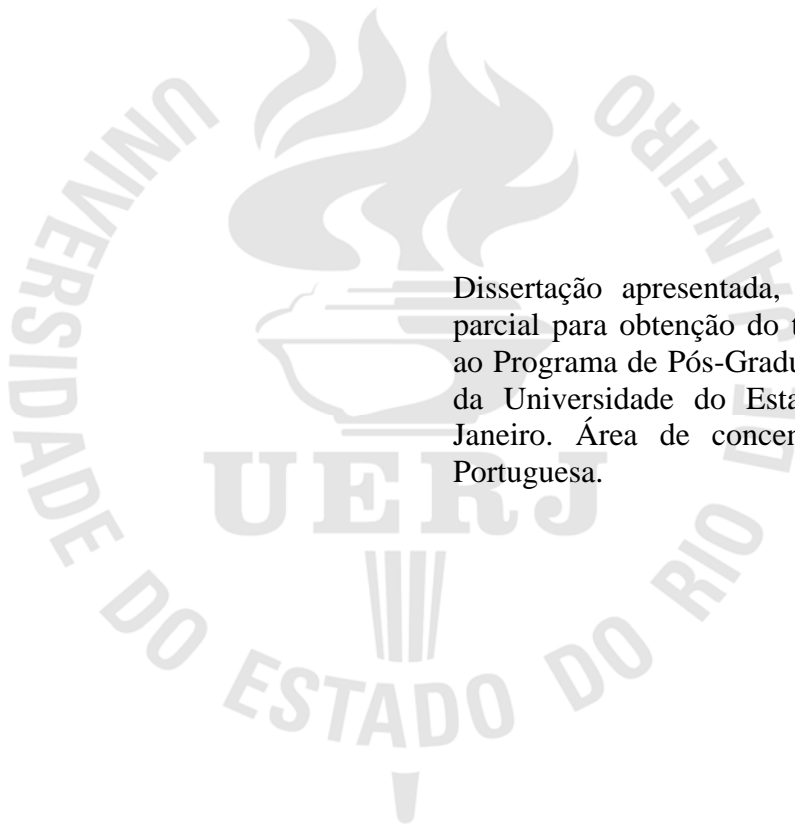
**Um mundo sem palavras na palavra do narrador: os processos mentais,
comportamentais e verbais em *Vidas Secas***

Rio de Janeiro

2013

Camila Brito dos Santos

**Um mundo sem palavras na palavra do narrador: os processos mentais,
comportamentais e verbais em *Vidas Secas***



Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Língua Portuguesa.

Orientador: Prof. Dr. José Carlos Santos de Azeredo

Rio de Janeiro

2013

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ/REDE SIRIUS/CEHB

S237	<p>Santos, Camila Brito dos. Um mundo sem palavras na palavra do narrador: os processos mentais, comportamentais e verbais em Vidas Secas / Camila Brito dos Santos. – 2013. 146 f.</p> <p>Orientador: José Carlos Santos de Azeredo. Dissertação (mestrado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Instituto de Letras.</p> <p>1. Análise do discurso literário – Teses. 2. Língua portuguesa – Gramática – Teses. 3. Língua portuguesa – Aspecto verbal – Teses. 4. Língua portuguesa - Transitividade - Teses. 5. Ramos, Graciliano, 1892-1953 - Crítica e interpretação - Teses. 6. Ramos, Graciliano, 1892-1953. Vidas secas - Teses I. Azeredo, José Carlos de. II. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Instituto de Letras. III. Título.</p> <p>CDU 82.085:869.0(81)-3</p>
------	--

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta dissertação desde que citada a fonte.

Assinatura

Data

Camila Brito dos Santos

**Um mundo sem palavras na palavra do narrador: os processos mentais,
comportamentais e verbais em *Vidas Secas***

Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Língua Portuguesa.

Aprovada em 27 de março de 2013.

Banca Examinadora:

Prof. Dr. José Carlos Santos de Azeredo (Orientador)
Instituto de Letras – UERJ

Prof^ª. Dra. Magda Bahia Schlee
Instituto de Letras – UERJ

Prof. Dr. Marcos Xavier Borba
Centro Federal de Educação Tecnológica- RJ

Rio de Janeiro
2013

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus, Pai, Filho e Espírito Santo, que sempre Se revela a mim e jamais me abandona. Agradeço a paz e a força que só o amor a Ele me traz. Agradeço a Nossa Senhora da Penha e a São Judas Tadeu, que intercederam por mim nessa caminhada árdua.

Agradeço também à minha maravilhosa família por todos os momentos em que não pude estar na presença deles, por estar debruçada diante das minhas dúvidas e inquietações linguísticas: ao meu pai, Antonio Rocha, que sacrificou tanto para que eu chegasse até aqui e que sempre me levou de um canto para outro, até altas horas da noite, para que eu pudesse estudar; à minha mãe, Camilia, que sempre cuida de mim, seja levando lanche de madrugada, seja levando o alento nos momentos mais difíceis; às minhas irmãzinhas tão amadas, Vanessa e Elizabeth (minha companheira de todas as horas), sem as quais a vida não seria possível nem tão divertida; a meu primo, David, meu irmão de todas as horas, que inexplicavelmente é capaz de ter orgulho de mim; à Tia Carmem, pelas orações e pelo amor, sempre constantes; à Dona Maria Linduína (*in memoriam*) que cuidou da minha irmã Vanessa enquanto eu estava estudando; à Nayara, que, prestativa e divertida, conquistou meu coração com seu amor pelas pessoas e pelos livros. E a todos os meus parentes, que estão, mesmo no Maranhão ou no Céu, sempre aqui comigo.

Ao meu queridíssimo orientador José Carlos Santos de Azeredo, que tem a humildade de todo grande homem, e é gentil, brilhante e generoso como poucas pessoas que conheci. Tive dele muito mais do que a orientação neste trabalho: devo-lhe o amor pela Língua Portuguesa e pela docência, a preocupação constante com os alunos e com o ensino do Brasil. Não sei o que seria de mim sem o auxílio, o bom humor, a paciência e a ternura desse professor tão maravilhoso, sempre tão compreensivo com as minhas dificuldades. São cinco anos de caminhada e eu gostaria que ela durasse para sempre.

À Universidade do Estado do Rio de Janeiro, que possibilitou que meus sonhos se concretizassem; e a todos os meus professores, da Graduação e da Pós-graduação, que me guiaram até a realização desses sonhos. E, sem dúvida, aos meus colegas e aos meus alunos da Escola Técnica Estadual Visconde de Mauá e do Instituto de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira – CAP UERJ –, que me deram ânimo para continuar a querer progredir cada vez mais.

Aos professores doutores Marcos Xavier Borba e Magda Bahia Schlee, que aceitaram avaliar o meu trabalho compondo esta banca, e à Maria Teresa Tedesco, que apontou

alterações fundamentais para a conclusão deste trabalho. Agradeço especialmente à Magda, minha professora na graduação e na pós-graduação, a quem eu admiro imensamente. Com ela, aprendi, além dos indelévels conhecimentos, a alegria e a criatividade para ensinar. Sempre digo que quero ser como ela quando “crescer”.

Agradeço todas as orações e as torcidas dos meus amigos, que me acompanharam em muitos momentos da vida e me deram força para terminar este trabalho. Em especial: Rafael Cardoso, meu melhor amigo, com quem partilhei minhas inquietações acadêmicas, gramaticais e abissais e que, sabendo me ler como ninguém, foi incubido de revisar também este texto; Paulo Jorge, meu amigo de todos os tempos; Denise e Jorge, sempre tão gentis; Tainã, minha companheira de turma e de momentos incríveis; Andressa, sempre leal, dando-me alegrias e risadas ainda que longe; Katharine, por suas risadas e *performances*, e por seu Antonio; Paula, que me deu o ultimato para terminar a dissertação; Flavio, grande parceiro, ainda que em terras distantes; Nathália, Gilson e nossas gargalhadas homéricas; os amigos do Mini Jovem; e a todos os outros, tão queridos, que mesmo mais distantes estiveram sempre no meu coração. Agradeço ainda ao Dr. Fernando A. Cunha, à Dra. Margaret Joode e ao Pe. Gustavo, que me ajudaram a ter paz de espírito para escrever e reescrever. Também a Dilcy, Bianca e Vinícius, que me acolheram em sua casa para que eu pudesse estudar. E a Daniel Dedous, que fez da minha vida, ainda quando havia escuridão, alegria e paz. Eu não escreveria nada do que aqui se vê se não fosse o seu abraço.

Agradeço ainda a Aquiles, Capitu, Nero e Alita, que, em sua inocente alegria e visceral lealdade, fazem-me ter força para acreditar neste mundo. Agradeço a meu Felipe, grande amigo e grande amor, sem o qual eu não retomaria estas tortuosas e inseguras linhas, para torná-las indelévels na pesquisa linguística. Sem ele eu jamais voltaria à sala de aula; não seria mais nada, se ele não fizesse renascer o Sol, outrora posto em minha vida. E, por fim, agradeço a Thomas Luciano-Chapot, que mesmo a 10.000 Km, acendeu chama onde não mais havia para que eu desse continuidade a este trabalho e a um longo caminho pela frente.

RESUMO

SANTOS, Camila Brito dos. *Um mundo sem palavras na palavra do narrador: os processos mentais, comportamentais e verbais em Vidas Secas*. 2013. 146 f. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) – Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013.

Em *An Introduction to Functional Grammar* (2004), Halliday e Matthiessen expõem a Gramática Sistêmico-Funcional, entendendo a linguagem como um recurso para a produção de significados que residem em padrões sistêmicos de escolhas, relacionadas ao contexto e à intenção do falante. Para explicar como se estrutura a experiência dos indivíduos, que consiste em um fluxo de eventos, os autores propõem a descrição do sistema de transitividade, identificando diferentes tipos de processos representados pelos verbos, de acordo com a metafunção ideacional. Dentre eles, observam-se os processos mentais, relativos à representação do mundo interior, os quais se dividem em processos de cognição, percepção, afeição e desejo; os processos comportamentais, relativos a manifestações exteriores de aspectos da vida interior do falante; e os processos verbais, processos estes de dizer e de comunicar. A partir desse referencial teórico, buscou-se analisar como o emprego dos processos mentais, comportamentais e verbais, que têm como sujeito cada um dos integrantes da família de retirantes, do romance *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos, está relacionado ao sentido global da obra, em que há intenso mergulho no mundo interior desses personagens. É fato consensual na fortuna crítica de Graciliano que, no romance, são apresentadas várias críticas no que diz respeito às relações de poder entre os homens, em relação ao domínio da terra, à linguagem, ao acesso ao conhecimento. Diante disso, neste trabalho, partir-se-á da hipótese que as escolhas verbais corroboram para que essas ideias subjacentes se revelem, além de caracterizarem a forma como os personagens se relacionam uns com os outros, seus pensamentos, sentimentos e visão de mundo. É o narrador que dá voz aos personagens, que não têm recursos para se expressarem. Para isso, serão analisados 60 verbos dentre os processos citados, suas características combinatórias sintáticas e semânticas, a partir da elaboração de verbetes lexicográficos, de acordo com as acepções encontradas no romance e a tipologia sintática. Serão acrescentados ao estudo oportunamente também informações de ordem morfológica, que colaborem para os efeitos de sentido.

Palavras-chave: Gramática Sistêmico-Funcional. Metafunção ideacional. Processos. Verbetes.

Vidas Secas.

ABSTRACT

SANTOS, Camila Brito dos. *The world without words in the words of the narrator: the mental, behaviour and verbal processes in Vidas Secas*. 2013. 146 f. Dissertação. (Mestrado em Língua Portuguesa) – Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013.

In *An Introduction to Functional Grammar* (2004), Halliday and Matthiessen expose the Systemic functional grammar, defining language as a tool for the production of meanings that are embedded in systemic patterns of choice, related to the context and the intention of the speaker. In order to explain how the experience of the individuals, which consists of a stream of events, is structured, the authors propose the description of the transitivity system, in which they identify different kinds of processes represented by the verbs, in accordance with their ideational metafunction. Among them, one can observe the mental processes that relate to the representation of the inner world, and that are composed of cognition, perception, affection and desire processes; the behavioural processes, dealing with external manifestations of the speaker's inner life processes; and the verbal processes, processes of speaking and communicating. Based on this theoretical framework, I try to analyse how the use of mental, behavioural and verbal processes, that have as subject each of the members of the migrating workers' family, in the novel *Vidas Secas*, authored by Graciliano Ramos, is related to the global sense of the novel, where there is a deep analysis of the inner world of these characters. It is well known in the vast literary criticism of Graciliano, that, in this novel, there is much vilification about power relationships among men, about land ownership, about language and access to knowledge. Because of that, in this dissertation, we assume that the verbal choice corroborate those underlying ideas, and also distinguishes the way the characters relate to each other, their thoughts, feelings and world view. It is the narrator that speaks for the characters, which cannot express themselves. For that purpose, I will analyse 60 verbs that deal with the processes I mentioned, their syntactical and semantic combinatory features, based on the elaboration of lexicographic entries, according to the meanings found in the novel and their syntactical typology. I will also add some morphological information that may sometimes contribute to the construction of meaning.

Keywords: Systemic Functional Grammar. Ideational metafunction. Lexicographic entries. Processes. *Vidas Secas*.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Tipos de processo, segundo Halliday e Matthiessen (2004)	28
Tabela 2 – Ocorrências do verbo “saber” em ordem de aparecimento no romance	49
Tabela 3 – Ocorrências do verbo “pensar” em ordem de aparecimento no romance	57
Tabela 4 – Ocorrências do verbo “entender” em ordem de aparecimento no romance	63
Tabela 5 – Ocorrências do verbo “compreender” em ordem de aparecimento no romance ...	64
Tabela 6 – Ocorrências do verbo “aprender” em ordem de aparecimento no romance	64
Tabela 7 – Ocorrências do verbo “conhecer” em ordem de aparecimento no romance	65
Tabela 8 – Ocorrências do verbo “lembrar” em ordem de aparecimento no romance	68
Tabela 9 – Ocorrências do verbo “recordar” em ordem de aparecimento no romance	70
Tabela 10 – Ocorrências do verbo “esquecer” em ordem de aparecimento no romance	74
Tabela 11 – Ocorrências do verbo “convencer” em ordem de aparecimento no romance	77
Tabela 12 – Ocorrências do verbo “querer” em ordem de aparecimento no romance	80
Tabela 13 – Ocorrências do verbo “desejar” em ordem de aparecimento no romance	86
Tabela 14 – Ocorrências do verbo “sentir” em ordem de aparecimento no romance	90
Tabela 15 – Ocorrências do verbo “perceber” em ordem de aparecimento no romance	94
Tabela 16 – Ocorrências do verbo “rir” em ordem de aparecimento no romance	98
Tabela 17 – Ocorrências do verbo “estremecer” em ordem de aparecimento no romance...101	
Tabela 18 – Ocorrências do verbo “aguentar” em ordem de aparecimento no romance	103
Tabela 19 – Ocorrências do verbo “brigar” em ordem de aparecimento no romance	107
Tabela 20 – Ocorrências do verbo “falar” em ordem de aparecimento no romance	110
Tabela 21 – Ocorrências do verbo “dizer” em ordem de aparecimento no romance	115
Tabela 22 – Ocorrências do verbo “gritar” em ordem de aparecimento no romance	120
Tabela 23 – Ocorrências do verbo “resmungar” em ordem de aparecimento no romance ...	122

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO	11
1	GRACILIANO RAMOS E <i>VIDAS SECAS</i>	13
2	O VERBO	15
2.1	Sobre linguagem e significado	15
2.2	O papel do verbo na construção de significado	17
2.3	A valência do verbo e os papéis temáticos	18
2.4	A polissemia do verbo	19
3	A LINGUÍSTICA SISTÊMICO-FUNCIONAL	21
3.1	A Linguística Sistêmico-Funcional e o papel da léxico-gramática	21
3.2	As metafunções da linguagem	22
3.2.1	<u>A metafunção ideacional e o sistema de transitividade</u>	23
3.3	Tipos de Processos	24
3.3.1	<u>Processos mentais</u>	28
3.3.2	<u>Processos comportamentais</u>	30
3.3.3	<u>Processos verbais</u>	30
4	METODOLOGIA	33
4.1	Verbetes: critérios de análise, redação e padronização	33
4.2	Tipologia sintática adotada	35
4.2.1	<u>Verbos de ligação (copulativos ou predicativos)</u>	37
4.2.2	<u>Verbos transitivos</u>	38
4.2.2.1	Verbos transitivos relativos	40
4.2.2.2	Verbos transitivos diretos e indiretos	41
4.2.2.3	Verbos transitivos diretos e relativos	41
4.2.2.4	Verbos transitivos birrelativos	42
4.2.2.5	Verbos transitivos diretos e predicativos	42
4.2.2.6	Verbos transitivos relativos e predicativos	43

4.2.2.7	Subclasses dos verbos transitivos diretos	43
4.2.2.8	Verbos sem complemento explícito	44
4.2.2.9	Subclasses de verbos transitivos relativos	45
4.2.2.10	Verbos transitivos de predicção dupla	46
4.2.3	<u>Verbos pronominais</u>	47
5	ANÁLISE DOS VERBETES	48
5.1	Processos mentais	48
5.1.1	<u>Processos mentais de cognição</u>	48
5.1.1.1	Saber	48
5.1.1.2	Ignorar	55
5.1.1.3	Pensar, Refletir e Matutar	57
5.1.1.4	Entender, Compreender, Aprender e Conhecer	62
5.1.1.5	Lembrar e Recordar	68
5.1.1.6	Esquecer	73
5.1.1.7	Convencer	76
5.1.2	<u>Processos mentais de desejo</u>	79
5.1.2.1	Querer	79
5.1.2.2	Desejar	86
5.1.2.3	Pretender e Tencionar	88
5.1.3	<u>Processos mentais de percepção</u>	89
5.1.3.1	Sentir e Experimentar	89
5.1.3.2	Perceber	93
5.1.4	<u>Processos mentais de afeição</u>	95
5.1.4.1	Gostar	95
5.2	Processos comportamentais	96
5.2.1	<u>Sofrer</u>	96
5.2.2	<u>Acolher, Afagar, Acariciar, Beijar, Enternecer e Abraçar</u>	96
5.2.3	<u>Rir e Sorrir</u>	98
5.2.4	<u>Admirar e Respeitar</u>	99
5.2.5	<u>Estremecer</u>	100
5.2.6	<u>Aguentar e Suportar</u>	101
5.2.7	<u>Arreliar, Impacientar, Irritar e Esquentar</u>	104
5.2.8	<u>Alegrar e Entristecer</u>	105

5.2.9	<u>Brigar</u>	106
5.2.10	<u>Obedecer</u>	108
5.2.11	<u>Engasgar e Embatucar</u>	108
5.3	Processos verbais	109
5.3.1	<u>Falar</u>	109
5.3.2	<u>Dizer</u>	114
5.3.3	<u>Protestar, Estourar e Reclamar</u>	118
5.3.4	<u>Gritar e Berrar</u>	119
5.3.5	<u>Rosnar, Grunhir e Resmungar</u>	121
5.3.6	<u>Defender</u>	122
5.3.7	<u>Repreender</u>	123
5.3.8	<u>Concordar, Consultar e Gabar</u>	123
	CONSIDERAÇÕES FINAIS	125
	REFERÊNCIAS	128
	APÊNDICE - Listagem de todos verbetes constantes deste trabalho em ordem alfabética	130

INTRODUÇÃO

As grandes obras da literatura brasileira têm sido alvo de minuciosa interpretação, como comprova a respectiva fortuna crítica. Entretanto a língua em que estão escritas permanece pouco estudada. Salvo alguns trabalhos de grande relevância como os de Antônio Houaiss¹, Gilberto Mendonça Teles², Nilce Sant'Anna Martins³, além de outros raros, poucos se têm debruçado sobre a expressão verbal de nossos escritores. Conforme se vê nos trabalhos mencionados, a pesquisa de vocabulário, com foco nas formas lexicais – verbos, adjetivos e substantivos – é uma forma de aprimorar os estudos de literatura. Este trabalho é, portanto, um gesto nesse sentido; em termos simples e objetivos, ele consistirá na descrição, sob a forma de verbetes lexicográficos, das propriedades semânticas, morfológicas e sintáticas de um corpus formado por todas as ocorrências de 60 verbos no romance *Vidas Secas*, do escritor alagoano Graciliano Ramos, expoente da Literatura Brasileira dos anos 1930. Serão analisados de que maneira os verbos contribuem para a significação geral da obra. Entende-se que é por meio das escolhas lexicais que se pode preencher os sentidos do texto, uma vez que se elas são as pistas deixadas pelo autor que permitem a apreensão desse sentido.

Uma vez que se procura identificar como os significados são veiculados, considerando as formas da língua como um meio para a realização de um propósito, a referência teórica fundamental desse trabalho será a teoria de Halliday e Matthiessen (2004), no que diz respeito à sua concepção de gramática sistêmico-funcional e as metafunções da linguagem, com especial destaque à metafunção ideacional.

Como no romance há o mergulho no mundo interior e no universo mental fragmentado dos personagens pode-se dizer que a linguagem apresenta uma função *ideacional*, uma vez que é utilizada para incorporar as experiências dos fenômenos do mundo físico e do mundo mental, o qual inclui as reações, cognições, percepções, traduzindo seus pensamentos. É por meio dela que o narrador vai exprimir os julgamentos subjetivos dos personagens e o posicionamento deles em relação ao ambiente que os cerca. A partir disso, buscar-se-á entender como no nível da oração são estabelecidos os sentidos a partir da análise dos processos mentais, verbais e comportamentais e de seus respectivos participantes, além de outros aspectos morfossintáticos e semânticos igualmente relevantes. Os verbos foram selecionados com base na classificação proposta por Halliday e Matthiessen (2004), relativa

¹ HOUAISS, Antônio. Sobre a linguagem de Vila dos Confins, I e II. Revista do Livro 9 e 10. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1958.

² TELES, G. M. *Drummond: a estilística da repetição*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1970.

³ MARTINS, N. S. *O léxico de Guimarães Rosa*. São Paulo: EdUSP, 2001.

aos tipos de processos por meio dos quais é possível delinear a experiência humana. Mediante a expressiva ocorrência de verbos representantes de processos mentais, comportamentais e verbais, optou-se por selecionar aqueles que se adequassem às características descritas para tais processos e que se relacionassem ao sentido global da obra.

Ao desenvolver uma análise acerca do sistema de transitividade de verbos que tenham como sujeito gramatical os personagens do romance *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos, pretende-se contribuir para a descrição linguística do texto literário, reconhecendo-o como corpus adequado para o estudo da estruturação do sentido, analisando as escolhas no plano da frase que contribuem para a significação geral do texto.

Além disso, este trabalho pretende dar a oportunidade de se refletir sobre a sintaxe e a semântica do verbo em português à luz de um confronto entre a descrição oferecida pelos dicionários e o uso efetivo dos verbos em um texto literário. A elaboração dos verbetes lexicográficos com os quais se pretende desenvolver a base da pesquisa possibilita que se analisem tanto aspectos de significado, em questões práticas de polissemia e de homonímia, como as limitações do modelo de descrição gramatical usualmente adotado para fins didáticos, no que diz respeito à tipologia sintática no âmbito da transitividade verbal. Por meio disso, tenciona-se também contribuir para a descrição sintático-semântica das construções verbais e produzir material de descrição gramatical que tenha funcionalidade na interpretação literária, além de subsídios descritivos, no domínio da interface semântica/sintaxe, para o estudo da língua literária da Literatura Brasileira. Ademais, a organização desse corpus de origem literária pode ser destinada posteriormente ao registro de construções e acepções de verbos em dicionários da língua portuguesa.

1 GRACILIANO RAMOS E VIDAS SECAS

Graciliano Ramos nasceu em Alagoas em 1892 e escreveu quatro romances. O último deles, *Vidas Secas*, foi publicado em 1938. Os demais são *Caetés* (1933), *São Bernardo* (1934) e *Angústia* (1936). Seguiram-se volumes de contos – *Alexandre e outros heróis* (1944), *Dois Dedos* (1945), *Histórias Incompletas* (1946) e *Insônia* (1947) – e um volume de extração memorialística, *Infância* (1945). Outras duas obras memorialísticas foram publicadas após sua morte, ocorrida em março de 1953: *Memórias do Cárcere* (1953) e *Viagem* (1954).

Vidas Secas é, sem dúvida, um clássico da Literatura Brasileira moderna. O romance tem como cenário o sertão nordestino e nele vivem cinco personagens da mesma família de retirantes: o vaqueiro Fabiano, sua mulher Sinha⁴ Vitória, dois filhos e a cachorra Baleia. Vários críticos literários destacaram a singularidade da composição, em que cada capítulo constitui um episódio autônomo, caracterizado pelo foco em um personagem ou em uma situação coletivamente vivida. Fabiano é o protagonista dos capítulos *Fabiano*, *Cadeia*, *Contas*, *O soldado amarelo* e *O mundo coberto de penas*; Sinha Vitória, a cachorra, o filho mais novo e o filho mais velho são protagonistas, respectivamente, dos capítulos *Sinha Vitória*, *Baleia*, *O menino mais novo* e *O menino mais velho*. Os outros quatro capítulos trazem situações protagonizadas pelo grupo familiar: *Mudança*, *Inverno*, *Festa* e *Fuga*. Antônio Cândido observa que nessa “construção por fragmentos (...), os fatos se arranjam sem se integrarem uns com os outros perfeitamente, sugerindo um mundo que não se compreende, e se capta apenas por manifestações isoladas.”⁵ Já José Maurício Gomes de Almeida⁶ acredita que não seja casual o posicionamento do capítulo “Inverno” no ponto central da narrativa (é o sétimo dos 13 capítulos). O inverno – isto é, as chuvas torrenciais – é o clímax de um processo que se repete ciclicamente: segue-se a uma estiagem (*Mudança* é o primeiro capítulo) e precede outra (o capítulo final é *Fuga*). Portanto, haveria uma cronologia dos acontecimentos narrados; porém essa cadeia cronológica é fruto das mudanças no ambiente natural e não da vontade e tampouco de projetos dos personagens.

Segundo Rebello (2005, p. 89-90), os personagens do núcleo familiar têm, de fato, “vidas secas”, “pessoas marcadas a ferro e fogo pelo abandono, pela pobreza, pela angústia e pela injustiça”. E Fabiano é descrito por meio “do remoer incessante do sentimento de inferioridade” com a incapacidade de verbalização dos próprios pensamentos. O romance não

⁴ Conforme a grafia de várias edições consultadas, além da constante da bibliografia.

⁵ GRACILIANO RAMOS – *Trechos Escolhidos*. Rio de Janeiro: Agir, 1961 (Nossos Clássicos). p. 15.

⁶ ALMEIDA, José Maurício Gomes de. *A tradição regionalista no romance brasileiro*. Rio de Janeiro: Achiamé, 1981.

se trata, portanto, de um simples documento sobre a terra, a linguagem, a cultura do povo que a habita, como ocorre com a maior parte da literatura regionalista. É antes a encenação dos conflitos do homem oprimido por forças exteriores que ele mal compreende e que o dominam: o poder policial, o poder econômico, as convenções do vestuário, a linguagem, a natureza hostil simbolizada pela seca e pelas aves de arribação.

Alfredo Bosi referiu-se a *Vidas Secas* como “pequena obra prima de sobriedade formal”. A frase, não necessariamente curta mas despojada de dados supérfluos, tem sempre uma formação sintática que garante a retenção da informação na primeira leitura. Com efeito, predomina o processo coordenativo, e as orações, geralmente associadas assindeticamente, são usualmente ordenadas conforme a cronologia das ações narradas. O discurso direto dos personagens, escasso, também assim se constrói. Não nos iludamos, porém, com essa simplicidade. O texto de *Vidas Secas* é enxuto e sóbrio, mas está longe de ser lexicalmente banal. Um levantamento das ocorrências do romance revela em torno de 940 itens léxicos distintos classificados como verbos. A comparação pode não ser de todo pertinente, mas é ao menos simbólica: para escrever os 8808 decassílabos do monumento épico que conhecemos como *Os Lusíadas*, Luís de Camões empregou pouco mais de 700 verbos diferentes. Dentre os verbos de *Vidas Secas*, contam-se itens de uso nada espontâneo como *altercar, aligeirar, arrefecer, arreliar, destoldar, diligenciar, encarquilhar, grunhir, matutar, regatear e resfolegar*. É igualmente relevante a ausência de alguns verbos como *amar, meditar, raciocinar*, a presença de verbos como *saber, falar, entender, gostar, compreender* muitas vezes acompanhados de expressões negativas, o raro uso do verbo *afagar, beijar, acolher, abraçar*, apenas tendo como objeto a cachorra Baleia e outros mais, que se tentará descrever neste trabalho.

2 O VERBO ⁷

2.1 Sobre a linguagem e significado

Antes de iniciar um estudo acerca de como a escolha de verbos é fundamental para o significado global do romance, é imprescindível estabelecer a relação primordial entre linguagem e significado que se pretende assumir neste trabalho. Entende-se que o mundo a que nossas palavras se referem não é uma estrutura autônoma e separada da linguagem, tampouco nossos pensamentos são apenas reflexos dele. A linguagem é antes um meio de conhecê-lo e interpretá-lo e esse conhecimento nada mais é que o produto de uma construção coletiva no seio de uma cultura que fornece a matéria prima para a materialização dos signos em palavras. Assim, a significação decorre dos modos de organizar nosso conhecimento desse mundo em categorias estabelecidas social e culturalmente e integradas em sistemas simbólicos. Comunicamos nossa percepção por meio das palavras não para refletir o mundo, mas para representá-lo. A atribuição de significados é, portanto, o fundamento da orientação humana.

Toda a nossa vida interior e o mundo à nossa volta só existem para nós quando são transformados em conceitos e apreendidos pela linguagem. É dessa forma que o nosso conjunto de experiências se transforma em conteúdos ordenados, inteligíveis e passíveis de troca, e, dessa forma, temos clareza do que queremos, sabemos, sentimos, percebemos e pensamos e podemos dizê-lo. Isso porque cada ser humano tem uma diferente soma de informações sobre o mundo e traz em si experiências individuais captadas por meio de sua cognição e percepção. No entanto, as inesgotáveis e variadas possibilidades de apreensão do mundo, sob diferentes perspectivas, só são moldadas e transferidas para os outros seres humanos por meio das palavras, e, por extensão, por meio da língua, esse fenômeno de caráter simbólico e interacional que incorpora a cultura no homem à medida que o incorpora no meio social. Referenciar o mundo só é possível mediante esse sistema simbólico e uma complexa rede de categorias que filtram e organizam nossas experiências, sejam elas reais ou imaginárias.

É exatamente por haver uma multiplicidade de conceptualizações que a construção do enunciado e do texto não é de forma alguma aleatória. Há um código coletivo para a representação e para a comunicação, porém jamais conseguiremos esgotar o conjunto de

⁷ cf. AZEREDO, 2007, p. 114-127 e 2008, p. 39-60.

experiências que podem ser transformadas em linguagem. O que existe são formulações esquemáticas que desencadeiam compreensões possíveis, mas que são arranjadas de acordo com o ponto de vista e a intenção do enunciador, e o contexto interacional. É por essa razão que o significado do todo não é mera soma dos significados das partes, uma vez que os significados não são absolutos, apenas razoavelmente estáveis. Não se pode, portanto, entender o sentido de um texto apenas pela decodificação de cada uma das palavras. Um objeto do mundo adquire sentido e função se encaixado em um sistema de referências. A seleção de um item ou outro item pode variar segundo o ponto de vista e a motivação de cada observador, além de ser subjacente ao contexto sociocultural de interação – determinante na interpretação dos sentidos – e envolve um conjunto de informações partilhadas por quem enuncia e por quem interpreta.

É pela linguagem que é possível reconhecer hábitos, comportamentos e valores culturais intrínsecos à respectiva sociedade. É por meio das construções em que as formas lexicais se ajustam condicionadamente para gerar sentido que estruturamos as experiências cognitivamente apreendidas. Em *Vidas Secas*, o autor organiza e traduz por meio da linguagem as experiências dos personagens, descrevendo um conjunto de conhecimentos provenientes delas. As estruturas linguísticas escolhidas parecem ter a função de simbolizar as cenas que vivenciam ou como eles a percebem. Desse modo, a forma linguística apresentada no romance é uma pista para a percepção do mundo interior da família de retirantes.

Neste trabalho, ao entendermos a linguagem como um meio de construção do universo interior do ser humano, buscar-se-á analisar o conjunto de experiências de Fabiano e dos outros integrantes da família, seu envolvimento afetivo com as situações relatadas e como tudo isso foi moldado em porções de sentido. Ao observar como a seleção dos predicadores remonta à vivência dos personagens, pretende-se encontrar o que os faz mais humanos, que é a possibilidade de *ser* por meio da língua.

Uma leitura do romance, mesmo que superficial, permite que seja percebido esse cuidado com as escolhas verbais. No entanto, pouco se analisou acerca da estrutura linguística que gera esse efeito de sentido, sobretudo em relação à sintaxe, visto que a maioria das pesquisas que utilizam esse romance como objeto de estudo focam-se na exegese interpretativa. Este trabalho buscará os instrumentos necessários para descrevê-lo por meio de subsídios sintáticos e semânticos na análise do centro da predicação: o verbo.

2.2 O papel do verbo na construção de significado

Todos os elementos do texto entram em sua construção devido a alguma intenção de sentido e a algum fator combinatório que torna previsível ou mesmo obrigatória uma forma ou categoria. As coisas do mundo real ou imaginário do homem se tornam objetos de discurso quando se tornam conceitos, e regras condicionadas direcionam a posição e a forma assumidas pelas partes do enunciado. Assim, as palavras não se distribuem livre e aleatoriamente na construção de enunciados, mas seguindo regras combinatórias da sintaxe, os lugares a elas destinados pela hierarquia informacional interna dos enunciados e os significados relacionais, que, devido a essa hierarquia, deverão assumir. A organização sintática do enunciado, associada aos significados léxicos das palavras, reflete, dessa forma, a relevância informacional atribuída a cada uma de suas partes.

E é por meio do verbo que se realiza a predicação, uma vez que é a garantia formal da existência do predicado e, portanto, da própria oração. O verbo é o lugar de referência para o preenchimento das posições sintáticas na oração, servindo de base em que se apoiam os demais constituintes. Tais constituintes se articulam ao segmento verbal na expressão de um evento ou fato exercendo papéis semânticos compatíveis aos verbos, como agente, paciente, meio, instrumento etc. Esses papéis são significados relacionais que as formas que simbolizam dados sensíveis ou intelectuais do mundo real ou imaginário estão aptas a exprimir. No entanto, esses significados só se tornam reais na frase ou no enunciado, em decorrência de relações combinatórias estabelecidas pelo verbo e que se completam no contexto da frase, ocorrendo sintagmaticamente uma em presença da outra. Tais constituintes, por ocuparem certas posições e serem submetidas a alterações formais bem definidas, exercem as funções sintáticas de sujeito, objeto, adjunto etc.

Pode-se assim perceber que cada constituinte que se vincula a um verbo não só trava com ele uma relação sintática, mas recebe ainda dele um papel semântico a desempenhar. O verbo é o centro do qual irradiam os papéis semânticos tanto do sujeito como do complemento. A relativa obrigatoriedade sintática da presença do sujeito com o verbo faz com que aquele assumam uma grande variedade de papéis semânticos diferentes (que discutiremos mais a frente), ainda que ele se caracterize mais pelo seu lugar sintático do que pelo seu significado relacional (agente, paciente, etc.).

É por meio da variação morfossintática do verbo que se exprimem o tempo, o modo, a pessoa, o número e a distinção aspectual. Pelo ato de predicar, o ser humano associa um

atributo a um objeto delimitando-os à determinada temporalidade. Este modelo de união de um objeto e seu atributo constitui uma proposição. Os sintagmas nominais recortam as entidades a que estamos nos referindo, mas só os sintagmas verbais – graças à função predicadora que o verbo os habilita a exercer – possibilitam que essas entidades se tornem tema de algum comentário e fiquem sujeitas à temporalidade que caracteriza a oração, viabilizando a expressão da dinâmica própria dos acontecimentos e do fluxo da vida (AZEREDO, 2008, p. 199). À extraordinária versatilidade, o verbo alia ainda uma variada tipologia sintática e semântica que faz dele um elemento decisivo tanto para a definição do padrão formal da oração quanto para a construção sintática de seu significado. É esta tipologia sintática e semântica que mais a frente será detalhada.

2.3 A valência do verbo e os papéis temáticos

Uma descrição que tencione determinar as propriedades sintático-semânticas de um verbo tem que tomá-lo como ponto de partida na estruturação da frase, ou seja, como núcleo do predicado, em volta do qual os demais componentes (participantes ou argumentos) se arranjam em diferentes graus de dependência. O conjunto de relações de dependência recebe o nome de valência. Para cada verbo, determinam-se suas relações sintático-semânticas básicas, ou seja, especificam-se o número e a natureza dos papéis inerentes ao sentido básico do verbo e em segundo lugar mostra-se o seu arranjo estrutural em termos de categorias mórficas e de tipos funcionais. Por exemplo, um verbo como “roubar” será identificado como verbo de três lugares – agente, alvo e origem (alguém rouba algo de alguém). Sequencialmente esses argumentos se arranjam assim: uma na posição de sujeito e os demais na posição de complemento (BORBA, 2001).

Especificando papéis como “agente”, “paciente”, etc., por meio do sistema de transitividade, pode-se codificar a experiência do mundo e controlar o fluxo das informações que se deseja transmitir. É possível focalizar diferentes ângulos de transferência de ação de um agente para um paciente em diferentes porções da oração, de forma que a organização dos constituintes frasais está relacionada à organização da informação nesta. Como vimos, podemos entender que as palavras não se distribuem livre e aleatoriamente na construção dos enunciados. No interior deles, a partir da análise da distribuição dos conteúdos, segundo a relevância informacional atribuída a cada um, pode-se depreender o efeito de sentido pretendido pelo falante. Ele pode conferir às entidades referenciadas e às predicções

diferentes *status*, e em função disso, escolher os recursos linguísticos compatíveis com esse *status*. Tais formulações alternativas de um mesmo conteúdo a que se pode recorrer para alterar a carga informativa associada aos segmentos da sentença naturalmente recaem sobre a escolha da voz verbal. Sob essa perspectiva, a pesquisa se deterá na análise do argumento que ocupa a função de sujeito quando esta trouxer sintagmas (explícitos ou recuperáveis no contexto) referentes aos personagens.

A questão dos papéis temáticos é de fato relevante, mas não se renunciará à classificação sintática dos verbos, conforme explícito em item 4.2 deste trabalho, seguindo-se suas variações sintáticas.

2.4 A polissemia do verbo.

Ainda que certos verbos sejam semanticamente bem específicos, ou seja, não ocorrem em um significado distinto do prototípico e se enquadram em um mesmo padrão estrutural, (como o verbo *matutar*), por exemplo, a grande maioria dos verbos possui uma grande versatilidade semântica.

Como vimos, a mente submete o mundo interior de experiências a uma rede de relações, assim como o estrutura e o organiza em signos estabelecidos socialmente. Os significados que produzimos e trocamos dependem do processamento mental das nossas experiências, a que a linguagem verbal dá corpo e consistência, mas isso esta não é precisa.

Ver a polissemia como uma rede de sentidos flexíveis, adaptáveis ao contexto e abertos à mudança, de impossível diferenciação precisa é ver algo que real e inevitavelmente existe e em abundância. (...) Mas esta flexibilidade inerente do significado não significa caos; tem os seus limites e as suas restrições; não é incompatível, ou melhor, até exige uma certa estabilidade. Flexibilidade e estabilidade são ambas essenciais em qualquer sistema que pretenda ser eficiente: ambas contribuem para a eficiência cognitiva e comunicativa da linguagem. (SOARES, 2006, p. 59-60).

O processo de construção do significado antes é uma busca permanente de ajustamento e sintonia entre a experiência pessoal e os meios socialmente disponíveis para objetivá-la. É por isso que as palavras estão sujeitas a mudanças semânticas que nem sempre vêm acompanhadas de mudanças formais. Isso acontece quando uma forma amplia seu domínio de referência, mediante mecanismos de associação como metáfora e metonímia, abarcados pelo fenômeno da polissemia. Este fenômeno – “associação de dois ou mais sentidos relacionados numa forma linguística” – é um fator de economia linguística.

Uma causa comum de oscilações do significado de uma palavra está na necessidade que temos de utilizar experiências concretas para tornar compreensíveis conceitos abstratos. Esse procedimento é muito usado em conceptualizações de verbos que expressem processos intelectuais, como é o caso do verbo “ver” em *Vidas Secas*, usado tanto para expressar “enxergar (“Levantou a cabeça, viu uma estrela, depois muitas estrelas. (X, 32)”) e “compreender” (“Mas quando a fazenda se despovoou, viu que tudo estava perdido. (XIII, 2)”). Lakoff & Johnson (2002), a partir da teoria da metáfora conceptual, postulam que o sistema conceitual comum do ser humano, em termos do qual ele pensa e age, é fundamentalmente metafórico por natureza. A metáfora envolve, assim, a compreensão de um domínio da experiência, mapeamento de um domínio-origem a um domínio-alvo que é estruturado sistematicamente. Uma vez identificada a experiência como entidade ou substância, pode-se fazer referência a elas, categorizá-las, agrupá-las e quantificá-las e, assim, refletir sobre as mesmas. Mesmo quando as coisas não são claramente delineadas ou delimitadas, ainda assim as categorizamos devido à necessidade que se tem de apreender o mundo, de impor aos fenômenos físicos limites artificiais que os tornem tão discretos quanto o próprio homem: entidades limitadas por uma superfície.

Os verbos, assim como demais componentes do léxico, em estado de dicionário apresentam significados potenciais, mas que só são autorizados pelo contexto. Há um conjunto de significados que encontram seu sentido no discurso e têm participação decisiva no contexto global. A significação, portanto, depende do fato de haver várias possibilidades de seleção entre alternativas e que de acordo com o ponto de vista do enunciador se faça opção por um, o que representa uma interpretação específica de uma dada situação experimentada. A seleção de itens e aspectos pode variar muito de acordo com o ponto de vista do observador.

No entanto, ainda que a intenção do enunciador seja determinante para a escolha das palavras e para ordenação delas na construção do enunciado, devemos atentar para o fato de que o sentido depende da interação entre enunciador e receptor. O processo de análise de um enunciado ou texto consiste em identificar os processos que ancoram a significação percebida, que a constroem, em vez de entendê-la como algo estanque. O significado é antes construído e fluido.

3 A LINGUÍSTICA SISTÊMICO-FUNCIONAL

3.1 A linguística sistêmico-funcional e o papel da léxico-gramática

A concepção de linguagem que vimos acima coaduna em grande parte com a teoria sistêmico-funcional de Halliday. Essa teoria (Halliday 1994; Halliday e Matthiessen, 2004) parte do princípio de que a linguagem é uma ferramenta para o trabalho de interação social e, sua forma foi moldada, ao longo do tempo pelas funções que ela tem de cumprir na vida em sociedade, assim como ocorre com qualquer ferramenta criada pelo homem para executar suas atividades. A língua assim é um recurso para produção de significados e contém em si mesma um potencial de significação sobre o qual os falantes operam escolhas em função daquilo que querem comunicar nas situações particulares em que se encontram. Os resultados dessas escolhas é o texto, que surge como instanciação do sistema.

No entanto, a unidade de processamento da léxico-gramática é a oração, porque é nela que os significados são mapeados numa estrutura gramatical. Sendo assim, a gramática sistêmico-funcional é um sistema de escolhas para a construção do significado, de modo que se busca identificar as estruturas de linguagem específicas que contribuem para o significado de um texto, unidade semântica básica. Os significados de um texto são realizados pela léxico-gramática, isto é, estruturas gramaticais e itens lexicais. A léxico-gramática, por sua vez, é realizada pela fonologia e pela grafologia, que são sistemas de sonoridade e de grafia, respectivamente. Todos esses sistemas interdependentes estão envolvidos no contexto. Todo e qualquer uso que fazemos do sistema linguístico é funcional relativamente às nossas necessidades de convivência na sociedade. Nesse sentido, ele apresenta inúmeras realizações e também está condicionado a fatores extralinguísticos, cabendo ao falante ou escritor selecionar elementos linguísticos apropriados ao uso em determinada situação. Assim, a linguagem é usada como instrumento de ação, materializado nas escolhas linguísticas que cada falante precisa fazer, tendo de considerar sempre o conjunto de variáveis contextuais que condicionam a comunicação.

3.2 As metafunções da linguagem

Segundo a teoria sistêmico-funcional de Halliday, há três significados básicos codificados na linguagem, manifestações, no sistema linguístico, dos propósitos subjacentes a todos os usos da língua. Eles correspondem às três funções básicas que a linguagem desempenha na vida social: é usada para representar a realidade, para interagir com os outros, para organizar as mensagens como texto. Para representar a realidade, a linguagem traduz o mundo da experiência em processos e entidades, que desempenham papéis, chamados participantes. Como instrumento de interação social, permite que os falantes atribuam papéis a si mesmos e aos interlocutores, marcando suas atitudes em diversas situações comunicativas. Ademais, a linguagem serve para construir mensagens relevantes em relação ao contexto de uso. A essas funções correspondem, respectivamente, os tipos de significado denominados por Halliday: ideacional, interpessoal e textual. As três metafunções da linguagem definem a oração como a unidade gramatical plurifuncional: é organizada de acordo com os significados ideacional, interpessoal e textual, em que a oração é vista como uma composição – oração como representação, oração como interação, oração como mensagem. Sendo assim, a oração – como qualquer outra unidade gramatical – é uma construção multifuncional que consiste em três linhas ‘metafuncionais’ de significado. Os autores esclarecem que a chave para a interpretação funcional da estrutura gramatical é a multifuncionalidade: os componentes linguísticos de uma mesma oração podem ser interpretados sob diferentes enfoques. Cada componente corresponde a três tipos de coisas, mas, ao mesmo tempo, está sistematicamente relacionado a ponto de um mesmo item gramatical que o representar.

Segundo Halliday e Matthiessen (2004, p.58), as três linhas de significado na oração se manifestam, por exemplo, da seguinte forma: quando pensamos na função Sujeito⁸ de uma oração, ela pode ser entendida também como Tema e como Agente. Cada uma dessas denominações são partes de uma configuração funcional diferente, tornando-se um membro separado do significado total da oração. O Sujeito funciona na estrutura da oração como troca. A oração tem significado como uma troca, uma transação entre falante e ouvinte; o Sujeito é a garantia da troca. É o elemento que o falante responsabiliza pela validade do que ele está dizendo. Já o Tema funciona na estrutura da oração como uma mensagem. A oração tem

⁸ Aqui não se pode entender o sujeito somente como a função sintática descrita tradicionalmente, mas como um componente da metafunção interpessoal descrita por Halliday, em que sujeito é o que ele define a seguir no texto.

significado como uma mensagem, uma porção de informação; o Tema é o ponto de partida para a mensagem. É o elemento que o falante seleciona ‘como “base”’ para o que ele vai dizer. E por fim, o Agente funciona na estrutura da oração como representação. A oração, assim, tem significado como a representação de algum processo da experiência humana e o Agente é o participante ativo deste processo. É o elemento que o falante retrata como sendo aquele que executa a ação.

A importância de qualquer classificação funcional reside na relação com outras funções com as quais estão estruturalmente associadas. É a estrutura como um todo, é a configuração total das funções, que constrói, ou realiza, o significado. É constituída não de uma dimensão de estrutura, mas de três, e cada uma das três constrói um significado distinto. No entanto, o padrão triplo de significação não é simplesmente característica da oração; esses três tipos de significação percorrem toda a linguagem, e em circunstâncias básicas elas determinam o caminho que a linguagem desenvolveu. Elas são chamadas de metafunções na descrição sistêmica da gramática e o conceito de “metafunção” é um dos conceitos básicos acerca do qual a teoria é construída.

Este trabalho irá ter como foco a oração como representação, de modo que serão apresentadas as outras funções dessa linha de significação mais à frente.

3.2.1 A metafunção ideacional: o sistema de transitividade.

Como a oração é a unidade principal de processamento da léxico-gramática, é nela que se manifestam as relações sintático-semânticas, graças às quais se pode representar a realidade. Sendo o nível sintático o da realização, a escolha de um verbo envolve o estabelecimento de uma rede de relações e, por meio da predicação, é possível informar o que se passa com as entidades referenciadas. O enunciador pode, conforme sua perspectiva, selecionar um predicador (verbo) e, conseqüentemente, as unidades a ele relacionadas (seus argumentos), que assumem diferentes papéis. Especificando papéis como “ator”, “experenciador”, “meta”, “fenômeno” etc., por meio do sistema de transitividade, pode-se codificar a experiência do mundo e controlar o fluxo das informações que se deseja transmitir. Nesse sistema, o falante constrói um mundo de representações, baseado na escolha de um número específico de tipos de processos. Assim, quando o indivíduo expressa a sua experiência do mundo material ou de seu mundo interior (o de sua própria consciência), está utilizando a metafunção ideacional da linguagem.

Lima-Lopes & Ventura (2008, p.1) afirmam que é fundamental distinguir a visão tradicional de transitividade da visão sistêmico-funcional. Na gramática tradicional, a transitividade se refere à relação do verbo com seus argumentos. Já na Gramática Sistêmico-Funcional, a transitividade é um sistema de descrição de toda a oração, a qual se compõe de processos, participantes e circunstâncias eventuais. Esses tipos de processos têm, cada um, as suas características particulares e correspondem a seis possibilidades de realização, seis escolhas assim designadas: processos de fazer e acontecer, de sentir, de dizer, de ser e ter, de existir e de comportar-se. A configuração “processo mais participantes” constitui o “centro experiencial da oração” (Halliday e Matthiessen, 2004, p.176).

Para os autores, há diferença entre aquilo que experienciamos agindo no mundo exterior e no mundo de nossa consciência, incluindo percepção, emoção e imaginação. A forma prototípica da experiência exterior corresponde a ações e eventos, ou seja, coisas que acontecem, e atores fazem coisas ou levam-nas a acontecer. Já a experiência se constitui de lembranças, reações, reflexões e estados de espírito que se verificam no nível da consciência. Além desses dois âmbitos de experiência, o ser humano é capaz de fazer relações entre um e outro fragmento de sua experiência, seja através da identificação ou de caracterização. Entre esses processos, há ainda aqueles que entremeiam por esses três, os comportamentais, existenciais e verbais.

3.3 Tipos de Processos⁹

A experiência consiste em um fluxo de eventos, ou “acontecimentos”, que é indicado pela gramática da oração: cada mudança é modelada como uma imagem – imagem do acontecer, fazer, sentir, dizer, ser ou ter. Todas as imagens consistem em um processo desenrolando-se através do tempo e de participantes sendo diretamente envolvidos nesse processo de alguma forma; somando-se a isso pode haver circunstâncias de tempo, espaço, causa, modo ou algum outro tipo, assistentes no processo.

O sistema gramatical pelo qual isso é alcançado é o da transitividade. O sistema de transitividade traduz o mundo da experiência em um grupo manuseável de tipos de processos. Cada tipo de processo provê seu próprio modelo ou esquema para interpretar um domínio particular da experiência como uma imagem de uma natureza particular.

⁹ (Halliday e Matthiessen, *op.cit* p, 197- 210, 248-256)

Em relação aos tipos de processos, primeiramente deve-se entender que há diferenças entre experiências internas e externas: entre o que experimentamos como acontecimento externo, no mundo que nos cerca, e o que experimentamos como acontecimento internamente, no mundo da consciência (incluindo percepção, emoção e imaginação). A forma prototípica da experiência “externa” é a das ações e eventos: coisas acontecem, e pessoas ou outros agentes fazem coisas, ou as fazem acontecerem. A experiência interna é mais difícil de ser garimpada; mas é parte da experiência externa, gravando-a, reagindo a ela, refletindo-a, e tendo consciência do nosso estado de ser. A gramática estabelece uma descontinuidade entre esses dois: ela distingue mais claramente a experiência externa, os processos do mundo exterior, da experiência interna, os processos da consciência.

As categorias gramaticais são aquelas das orações de processos **materiais** (grifo do autor) e das orações de processos **mentais** conforme ilustrado por *Estou tomando banho*¹⁰ e *Não quero tomar banho*. Conjuntamente aos processos materiais e mentais – os aspectos externo e interno da nossa experiência, um terceiro componente tem de ser fornecido. Nós aprendemos a generalizar – a relacionar o fragmento de uma experiência a outro: isto é o mesmo que aquilo, este é um tipo do outro. Aqui, a gramática reconhece processos de um terceiro tipo, aqueles que identificam e classificam; chamadas de orações de processos **relacionais**. Por exemplo, *a cada quatro africanos, um é nigeriano* é uma oração “relacional” classificatória e *os três maiores grupos na nação são os Yoruba, ao sudoeste, os Ibo, no sudeste, e os Hausa, finalmente, no norte* é uma oração “relacional” identificatória.

Materiais, mentais e relacionais são os principais tipos de processos na transitividade. Mas há também outras categorias localizadas nas três fronteiras não tão claramente afastadas, mas também não menos reconhecíveis na gramática como intermediárias entre pares diferentes – compartilhando características de ambos e então adquirindo um caráter próprio. No limite entre “material” e “mental” estão os processos **comportamentais**: aqueles que representam manifestações externas de eventos internos, a externação dos processos da consciência (por exemplo, *as pessoas estão rindo*) e estados fisiológicos (por exemplo, *eles estavam dormindo*). No limite entre “mental” e “relacional” está a categoria dos processos **verbais**: relações simbólicas construídas na consciência humana e legitimada na forma de linguagem, como dizer e significar (por exemplo a oração “verbal” *nós dizemos*, introduzindo o relato do que foi dito: *que para cada quatro africanos, um é nigeriano*). E no limite entre o “relacional” e o “material” estão os processos que dizem respeito à existência, os **existenciais**,

¹⁰ Os exemplos constantes desta seção da dissertação são traduções livres do original de Halliday e Matthiessen (2004).

por meio dos quais fenômenos de todo tipo são simplesmente reconhecidos como “existindo” (ou “sendo”) – existir ou acontecer (por exemplo *hoje há cristianismo no sul*). Isso fecha o círculo.

Não há prioridade de um processo sobre o outro. Para representar isso, foi construída uma metáfora visual que os representa formando um círculo e não uma linha. Isto é, o modelo de experiência, conforme interpretado através do sistema gramatical de transitividade, é o de regiões internas a um espaço contínuo; porém a continuidade não está entre dois polos, ela dá a volta em si mesma. Para usar a analogia das cores: a gramática constrói experiências conforme um quadro de cores, com o vermelho, azul e amarelo como cores primárias e roxo, verde e laranja nas fronteiras entre elas; não como um espectro físico, com o vermelho em uma extremidade e o roxo em outra. Assim, os tipos de processo são representados como um espaço semiótico, com regiões diferentes representando tipos diferentes. As regiões têm áreas centrais e estas representam membros prototípicos dos tipos de processo; porém as regiões são contínuas, ‘mesclando-se’ umas às outras, e essas áreas fronteiriças representam o fato de que os tipos de processo são categorias imprecisas. Dessa forma, enquanto “*David nos contou que a lua é um balão*” é um exemplo prototípico de oração “verbal” com Receptor (“nos”) e uma oração relatada (“que a lua é um balão”) a qual poderia ser alternativamente citada (“*David nos contou: a lua é um balão*”) e “*vermelho indica perigo*” é um exemplo prototípico de oração relacional com um verbo tipo “ser” (cf. “*vermelho é perigoso*”), “*Dados indicam que a lua é um balão*” é um intermediário entre os dois. Existem razões para interpretar tal frase como relacional (desde que, por exemplo, não haja versão citada; nós não podemos dizer, mantendo o significado: “os dados indicam a lua é um balão”). Entretanto onde quer que tracemos a linha entre verbal e relacional, a frase estará mais perto da área fronteiriça que qualquer outro exemplo prototípico estará.

A metáfora visual não é um artefato do modo com que se descreve o sistema; é um princípio fundamental em que o sistema é baseado – o princípio da indeterminação sistêmica. O mundo da experiência é altamente indeterminado; e isso é precisamente como a gramática interpreta-o no sistema de tipo de processo (Halliday e Mathiessen, 1999: 547- 562). Assim, um mesmo texto pode oferecer modelos alternativos do que pode aparentar ser um mesmo domínio da experiência, construindo, por exemplo, o domínio da emoção tanto como processo numa oração mental (“*Isso agradou a Deus*”; cf. também “*Deus gostou disso*”) quanto como um participante numa oração relacional (“*Isto fez Deus ficar triste*”; “*Deus estava triste*”):

Há inúmeros domínios da experiência, tal qual a emoção, que recebem esta multifacetada interpretação pela gramática da transitividade. É empiricamente difícil entrar num acordo quando se lida com esses domínios, e a gramática resolve o problema oferecendo modelos complementares para interpretá-los. Halliday mostrou como a gramática tem resolvido o problema de lidar com nossa experiência de dor oferecendo uma impressionantemente rica gama de interpretações alternativas (cf. “*minha cabeça está dolorida*”, “*minha cabeça dói*”, “*minha cabeça me dói*”, “*minha cabeça está doendo*”, “*eu tenho dor de cabeça*”, “*eu sinto a cabeça doer*”).

Orações de tipos de processo diferentes, então, fazem contribuições distintas para a interpretação da experiência no texto. Parte do caráter de um texto em particular reside na mistura dos tipos de processo. Por exemplo, a configuração ou orientação de uma narrativa é frequentemente dominada por orações “existenciais” e “relacionais”, contudo a linha do evento principal é construída predominantemente por orações “materiais”.¹¹ Ao fazer essas variadas contribuições para o discurso, os tipos de processo diferentes desenvolveram propriedades gramaticais distintas.

Assim, orações “relacionais” são caracterizadas por uma pequena quantidade de verbos favoritos – em particular, “ser” e “estar”. Orações “mentais” devem ser construídas com um participante consciente enquanto as orações “materiais” têm participantes centrais mais variados, que podem ou não ser entidades conscientes. Ambas as orações “verbais” e “mentais” são caracterizadas por sua capacidade de introduzir o que é dito ou pensado como um relato – uma propriedade que os distingue de qualquer outro tipo de processo. Orações “existenciais” são as únicas em que o Sujeito não é um participante, o qual representa apenas “existência”, não o participante que existe; este participante vem após o processo.

A tabela a seguir resume os seis processos, o que instanciam e seus respectivos participantes:

¹¹ Apesar de ser narrativo, como *Vidas Secas* se baseia no mergulho no mundo interior dos personagens, optou-se por analisar os processos mentais e seus adjacentes, comportamentais e verbais, no diagrama semiótico. Reina no romance o tempo psicológico, antes da cronologia de ações.

PROCESSOS	O QUE INSTANCIAM	PARTICIPANTES
Materiais	Ações concretas no mundo físico -fazer, acontecer-	Ator/ Meta Recebedor Cliente Escopo
Mentais	Atividades no mundo interior -sentir, pensar, ver-	Experenciador/Fenômeno
Relacionais	Função classificatória -ser, estar, ter-	Portador/Atributo Identificado/Identificador Possuidor/Possuído
Existenciais	Existência	Existente
Comportamentais	Comportamentos físicos e psicológicos	Comportante/Comportamento
Verbais	Elocação	Dizente/Verbiagem/Alvo/Receptor

Tabela 1 – Tipos de processo, segundo Halliday e Matthiessen (2004) ¹²

Como o foco deste trabalho será a análise de processos classificados como mentais, comportamentais e verbais, apenas esses três serão mais aprofundados.

3.3.1 Processos mentais

Os processos mentais são processos de sentir, pensar, perceber, desejar, relacionados à representação do nosso mundo interior, de modo que se refere a ações que não ocorrem no mundo real, mas no fluxo do pensamento. O participante em cuja mente se realiza o processo é denominado Experenciador, e o Fenômeno, realizado por grupos nominais ou orações encaixadas, é o elemento sentido/percebido por ele. A oração a seguir, extraída de *Vidas Secas*, exemplifica esse tipo de processo e seus participantes.

Fabiano não **sabia** falar. (III, 61)

Fabiano	não sabia	Falar
Experenciador	Processo mental	Fenômeno

¹² A tradução dos nomes dos participantes foi baseada em Lima-Lopes & Ventura (2008), a partir de Halliday & Mathiessen (2004).

Um critério para a diferenciação entre os processos materiais e mentais é a natureza do Experienciador: apenas um participante dotado de consciência pode sê-lo. Assim, entidades destituídas de consciência podem preencher o papel de Experienciador, porém, nesses casos, são metaforicamente personificadas como seres conscientes. Segundo Halliday e Matthiessen, a personificação também é algo que pode ocorrer em processos materiais. Contudo, nestes, não há atribuição de consciência às entidades referenciadas. Nos processos mentais, as ações realizadas parecem ser responsáveis pela criação de um mundo interior nos participantes e parecem denotar como é a apreciação que eles têm do mundo. É o que acontece com Baleia, em *Vidas Secas*, que é sujeito experienciador de verbos que figuram processos mentais, a partir das escolhas instanciadas no discurso do narrador.

Halliday e Matthiessen (2004, p. 208-210) dividem esses processos em quatro subtipos: processos mentais de cognição, relacionados à compreensão, processos mentais de percepção, relacionados à apreensão pelos sentidos de fenômenos, processos mentais de afeição, relacionados aos sentimentos e processos mentais de desejo. No entanto, os processos mentais não traduzem a experiência de forma estanque: os quatro tipos de sentir misturam-se uns aos outros. Por exemplo, percepção se mistura com cognição em “*Eu vejo que você está certa*” em que um verbo tipicamente perceptivo, por extensão metafórica torna-se cognitivo.

Numa oração de processo mental, há sempre um participante que é humano, mais precisamente, “humanizado”, e “dotado de consciência”. Assim, o experienciador de uma oração mental é altamente restrito. Por outro lado, o Fenômeno – aquilo que é sentido, pensado, desejado ou percebido – é mais amplo, podendo ser apenas uma coisa, também metaforicamente, mas também pode ser um ato ou um fato. Para Halliday e Mathiessen (*op. cit*, p. 203), o participante Fenômeno poder ser uma **entidade** (personificada ou não), um **ato** ou um **fato** (grifo meu). Eles explicam que um ato seria a configuração de um processo, com seus respectivos participantes e circunstâncias. É o que se observa, por exemplo, nas orações não finitas no infinitivo. Já o fato seria uma proposição, sem ser trazida à existência por quem o diz, que se realizam ordinariamente em orações finitas. Essas orações projetadas não são necessariamente complementos da oração mental, mas orações por si mesmas, que são vivenciadas no processo.

3.3.2 Processos Comportamentais

Os processos comportamentais descrevem comportamentos fisiológicos ou psicológicos como “respirar”, “tossir”, “sorrir”, “sonhar” e “fitar”, cujos participantes são o Comportante, entidade que realiza a ação; e o Comportamento, que define o alvo do processo. São processos que manifestam exteriormente aspectos da vida interior do falante, ou seja, reflexos físicos exteriores de processos mentais. Eles são os menos distintos de todos os seis tipos de processo, porque não têm características próprias claramente definidas, tratando, portanto, de um processo intermediário entre os materiais e os mentais. Isso porque não representam uma ação propriamente dita, mas seu significado pode levar a uma ou mais ações. A diferença entre os mentais e os comportamentais, portanto, seria o fato de que este adviria de um pensamento gerador de uma ação concreta, enquanto aquele permaneceria no mundo interior. Além disso, assim como nos processos mentais, o papel participante de Comportante deve ser exercido por um participante consciente, havendo a necessidade de personificação da mesma forma. Por outro lado, assim como os processos mental, o processo comportamental incide em uma transformação concreta.

Processos comportamentais podem ocorrer apenas com a presença do verbo e do Comportante. Mas há também a possibilidade de haver um participante, que é análogo ao alvo da ação material, mas que pode se aproximar do fenômeno do processo mental. Esses seriam chamados de “Comportamento”.

Note, finalmente, enquanto orações comportamentais não projetam discursos indiretos ou pensamentos, eles frequentemente aparecem em narrativas ficcionais introduzindo discursos diretos, como um meio de atribuir uma característica comportamental ao processo verbal de “dizer”. Verbos como “estourar”, encontrado em *Vidas Secas*, parecem limítrofes entre os verbais e os comportamentais por indicarem, além do ato de fala, o modo como ele é realizado.

3.3.3 Processos verbais

São processos de dizer e de comunicar e incluem não somente verbos de enunciação, mas também processos não necessariamente verbais como mostrar ou indicar, por exemplo. Estas são orações de “dizer”, como em “*O que você disse? – Eu disse que está barulhento aqui.*”, com “você” e “eu” funcionando como Dizente, participante que comunica e é

tipicamente humano – embora o mesmo papel possa ser desempenhado por uma entidade simbólica metaforicamente construída ou personificada.

O que é comunicado pode ter a forma direta ou indireta, constituindo-se uma oração separada ou uma oração projetada, que não é parte constituinte do processo verbal, mas de um complemento oracional de projeção. Nesse caso, estamos diante de não de um, mas de dois processos, pois se tratam de duas orações. Tais orações são recursos importantes em vários tipos de discurso. Elas contribuem para a criação de narrativas, ao tornar possível a configuração de passagens dialógicas. As orações podem ser acompanhadas de citações, ou seja, em discurso direto. Similarmente, quando passagens narrativas são construídas na conversação, as orações verbais são frequentemente usadas para desenvolver papéis em discurso indireto

Mas além de se constituir uma oração projetada, o conteúdo do dizer pode ser construído com um participante do processo, a chamada Verbiagem. É a função que corresponde ao que é dito, representado por meio de um nome, mais do que como um relato ou citação. Pode ser o conteúdo do que é dito, isto é, “sua família” em “*Mas quando as pessoas descrevem sua família, elas não falam sobre seus primos e primas*”. A Verbiagem pode traduzir o tópico do que é dito, como com “descreve sua família” acima; que pode ser transformada na circunstância de assunto. Se o processo verbal projeta bens-e-serviços mais do que uma informação, como “pedir” ou “prometer”, a Verbiagem se refere a eles; por exemplo, “*um bife*” em “*Eu pedi um bife*”.

A Verbiagem pode ser também, por outro lado, o nome do dizer, isto é, “*uma pergunta*” em “*deixe-me fazer uma pergunta para você*”. Esse tipo também ocorre como verbos suporte como “dar” e “fazer”, ou seja, “dar uma ordem”, “fazer uma declaração”. O nome do dizer inclui categoriais funcionais discursivas tais quais “pergunta”, “declaração”, “ordem”, “comando” – frequentemente com restrições de colocação em relação ao verbo lexical no processo (fazer+pergunta, dar+declaração, dar+ordem, contar+mentira); e categoriais genéricas tais como “história”, “fábula”, “piada”, “relato”, “resumo”. O nome de uma língua pode ser interpretado como Verbiagem como em “*Eles estavam falando árabe*”. Os dois tipos de verbiagem não são tão evidentemente distintos; em “conte-me a verdade”, em que “a verdade” poderia ser interpretada tanto como (a) “os eventos como eles aconteceram” ou como (b) “uma narrativa que seja factual”.

Em alguns processos verbais, podem também participar o Receptor e o Alvo, ambos presente ao mesmo tempo ou não. O Receptor é o destinatário de uma troca verbal, o seu

beneficiário, e é manifestado por um grupo nominal quase sempre preposicionado tipicamente denotando um ser consciente (um falante potencial), um coletivo ou uma instituição que precisa ser humano. Já o Alvo é a entidade atingida pelo processo verbal. No verbo “repreender”, presente em *Vidas Secas*, o Alvo corresponde aos meninos, como se verá mais à frente. Verbos que aceitam um Alvo não projetam tão facilmente os discursos relatados; assim, esse tipo de oração é mais próximo da estrutura de uma oração material.

4 METODOLOGIA

4.1 Verbetes: critérios de análise, redação e padronização

O estudo aqui desenvolvido busca demonstrar que a versatilidade sintática e semântica dos verbos de *Vidas Secas* colabora para a construção do significado do romance como um todo. Os verbos são vistos como meios de materializar significados potenciais que têm origem na cognição humana. A escolha deles mobiliza propriedades combinatórias, que serão analisadas com base em Azeredo (2008).

De modo a padronizar a referência aos trechos de *Vidas Secas*, as orações em análise extraídas do romance organizadas em verbete e referidas ao longo do texto trarão o verbo em foco na construção em sublinhado e serão localizadas por dupla numeração: romana para o capítulo (de I a XIII) e arábica para o parágrafo. Considerar-se-á parágrafo todo segmento identificado na mancha por meio do espaçamento padrão, seja texto do narrador, seja fala do personagem (até mesmo uma simples interjeição), seja ainda uma combinação dos dois; e oração como enunciado contendo o verbo e seus argumentos (ainda que um deles esteja elíptico e que um dos argumentos seja oracional). Optou-se por indicar o parágrafo, não a página, devido à grande variedade de edições da obra, o que poderia prejudicar uma futura busca às referências. Além disso, alguns trechos foram retirados junto a outras partes do texto, para que se entendesse o contexto em que se inserem na narrativa, facilitando a compreensão do processo em foco. Todos os fragmentos numerados são constantes de Ramos (2006). As aceções estarão em negrito, numeradas em algarismos arábicos. Em caso de haver estruturas em processo de gramaticalização¹³ que contenham o verbo em foco, elas ficarão abaixo do verbete indicadas em negrito e itálico.

Optou-se pela construção de um verbete para cada verbo a fim de que houvesse uma análise completa das variações nas ocorrências, sobretudo no que diz respeito às variações de sentido e às variações na transitividade do verbo. No entanto, quando o verbo se apresentar em número considerável de orações, recorrer-se-á a tabelas que contenham as ocorrências dos verbos em ordem de aparecimento no romance. Desse modo, espera-se que se possa fazer uma remissão mais adequada às orações, dispostas para serem mais facilmente visualizadas ao longo das explicações feitas no texto. Essa remissão terá o verbo iniciado por letra maiúscula

¹³ A gramaticalização é entendida aqui como um processo de mudança linguística que consiste tanto na passagem de um item lexical para um item gramatical quanto na passagem de uma construção gramatical para uma forma ainda mais gramatical, ou seja, ainda mais cristalizada (cf. Martelotta, Votre & Cezario, 2004).

e em itálico, junto à numeração correspondente na tabela. Por exemplo, *Saber17* representa a 17ª ocorrência do verbo “saber” no romance, conforme indicado na tabela.

A ordem dos verbos respeitará a taxonomia proposta por Halliday & Matthiessen (2004). Primeiramente, serão analisados os processos mentais, em seguida os processos comportamentais e por último, os verbais. Como os processos comportamentais são limítrofes em relação aos processos mentais e materiais e os processos verbais, limítrofes entre os mentais e os relacionais, a ordenação procura adequar-se às relações que se podem estabelecer entre esses verbos já que os dois últimos processos analisados são derivados do primeiro.

A lista é a seguinte, disposta de acordo com a taxonomia de Halliday & Matthiessen (2004) e a ordem de análise:

Processos Mentais (21 verbos): SABER, IGNORAR, PENSAR, REFLETIR, MATUTAR, ENTENDER, COMPREENDER, CONHECER, APRENDER, LEMBRAR, RECORDAR, ESQUECER, CONVENCER, QUERER, DESEJAR, PRETENDER, TENCIONAR, SENTIR, EXPERIMENTAR, PERCEBER, GOSTAR.

Processos Comportamentais (24 verbos): SOFRER, ACOLHER, ABRAÇAR, AFAGAR, ACARICIAR, BEIJAR, ENTERNECER, ADMIRAR, RESPEITAR, ESTREMECER, RIR, SORRIR, AGUENTAR, SUPORTAR, ARRELIAR, IMPACIENTAR, IRRITAR, ESQUENTAR, BRIGAR, OBEDECER, ALEGRAR, ENTRISTECER, ENGASGAR, EMBATUCAR

Processos Verbais (15 verbos): FALAR, DIZER, PROTESTAR, ESTOURAR, RECLAMAR, GRITAR, BERRAR, ROSNAR, GRUNHIR, RESMUNGAR, DEFENDER, REPREENDER, CONSULTAR, CONCORDAR, GABAR.

Buscando evidenciar como as escolhas verbais contribuem para o significado do romance, selecionou-se primeiramente os verbos mais prototípicos de cada classificação tipológica, de acordo com a taxonomia descrita no capítulo 3 deste trabalho. Em seguida, buscou-se avaliar aqueles que hipoteticamente poderiam ser mais significativos, ou pela saliente frequência, ou mesmo pela escassez.

Conforme a proposta metodológica houve o rastreamento das ocorrências dos 60 verbos que constituem o *corpus*, acompanhados da localização nos respectivos capítulo e

parágrafo. Em seguida, houve o posterior agrupamento de exemplos por verbete em função das afinidades sintáticas e semânticas segundo a tipologia proposta. A partir da leitura dos verbetes respectivos nos dicionários Aurélio, Houaiss, Aulete e Borba, fez-se a listagem de acepções constantes desses dicionários e encontradas nos exemplos do romance. Em seguida, fez-se também a listagem de eventuais acepções constantes do corpus, mas não contempladas por estes dicionários, com posterior busca de solução em outros dicionários e glossários específicos. Houve então a classificação tipológica dos 60 verbos por grupos de exemplos e redação dos respectivos verbetes. Foram produzidas tabelas para verbos que apresentavam mais de cinco ocorrências. Em seguida houve análise sintática, semântica e morfológica dos verbos, com referência à listagem da tabela quando necessário.

Diante da análise das ocorrências, pode-se observar que as escolhas lexicais feitas pelo autor revelam a caracterização dos personagens por meio dos seus discursos, traduzidos pelo narrador, e, subjacente a estes, a ideologia que observa a condição deles como determinadas por fatores sociais. Dessa maneira, os fragmentos corroboram com a hipótese de que são as escolhas verbais que guardam a crítica do autor, a respeito da exploração dos personagens, que revelam a intenção de construir seu mundo interior, alegoria do nordestino sem voz e sem vez na realidade brasileira da época.

4.2 Tipologia sintática adotada

Como vimos, é por meio do verbo que se realiza a predicação. Pelo ato de predicar, o ser humano associa um atributo a um objeto, circunscrevendo essa associação a alguma fase da linha do tempo, constituindo uma proposição. Os sintagmas nominais recortam as entidades a que estamos nos referindo, mas só os sintagmas verbais – graças à função predicadora que o verbo os habilita a exercer – possibilitam que essas entidades se tornem tema de algum comentário e fiquem sujeitas à temporalidade que caracteriza a oração e viabiliza a expressão da dinâmica própria dos acontecimentos e do fluxo da vida. É a ampla tipologia sintática e semântica que faz do verbo um elemento fundamental tanto para a definição do padrão formal da oração quanto para a construção sintática de seu significado. É esta tipologia sintática e semântica que passo a detalhar, com base em Azeredo¹⁴ (2008, p.212-223). Esta será a tipologia utilizada na classificação de cada ocorrência de *Vidas Secas* dentro do verbe.

¹⁴ Para melhor elucidação dos tipos, foram mantidos alguns exemplos constantes na obra citada.

Nas frases declarativas formadas de sujeito e predicado, dispostos nesta ordem, o conteúdo do predicado constitui uma informação a respeito do sujeito da oração. Esta informação pode ser dada integralmente por meio de um núcleo verbal (em itálico):

- O avião *decolou/está decolando*.

ou ser repartida entre o núcleo verbal (em itálico) e algum outro termo adjacente (sublinhado), vinculado a este núcleo

- O avião *transportou/está transportando* prisioneiros de guerra.
- Ana *é/tinha sido* professora.
- Ana *guardava/tinha guardado* suas jóias em um cofre.

Este vínculo pode indicar que o núcleo verbal e o termo adjacente são necessariamente co-ocorrentes – como na relação entre *transportar* e *prisioneiros de guerra* ou entre *ser* e *professora* – ou que o termo adjacente implica a presença do núcleo verbal, mas este não implica a menção daquele – como na relação entre *às dez horas* e *decolar* na frase ‘O avião decolou às dez horas’.

A construção resultante da união entre o núcleo verbal e o(s) termo(s) adjacente(s) apresenta uma grande variedade de padrões, sobretudo se o núcleo verbal for do tipo que ocorre necessariamente acompanhado de termo adjacente. Se compararmos as orações

- (a) Os gatos *corriam* no telhado.

e

- (b) Os gatos *estavam* no telhado.

percebemos que em ‘a’ o termo adjacente ‘no telhado’ implica a presença do núcleo verbal – *corriam* – mas a referência ao ato de correr não implica a necessária menção do lugar; já em ‘b’ o núcleo verbal e o termo adjacente ocorrem no predicado por implicação ou exigência mútua. Ou seja, o verbo ‘estar’ seleciona uma expressão locativa, e esta pressupõe algum verbo.

Tradicionalmente chamamos de **intransitivos**¹⁵ (ou de predicação completa) os núcleos verbais que dispensam – não selecionam ou não implicam – um termo adjacente. O verbo intransitivo típico é aquele que constitui por si só o predicado de uma oração: *sobrar* (*o dinheiro sobrava*), *nascer* (*seu filho nasceu*), *sumir* (*a mancha sumirá*). Poderíamos dizer ‘o dinheiro sobrava *em seu bolso*’, ‘seu filho nasceu *no exterior*’, e ‘a mancha sumirá *com a segunda lavagem*’, mas nenhum desses termos anexados àqueles verbos alteraria a classe sintática deles.

Os demais (de predicação incompleta), que travam com o termo adjacente uma relação de implicação mútua, recebem classificações variadas na tradição descritiva. Distinguiremos dois tipos deles: os **verbos de ligação** (**copulativos** ou **predicativos**) e os **verbos transitivos**.

4.2.1 Verbos de ligação (copulativos ou predicativos)

A informação contida no predicado pode resultar, ainda, da união obrigatória do núcleo verbal (em itálico) com uma propriedade qualquer (qualidade, estado, atributo, identidade) expressa no termo adjacente (sublinhado):

- As crianças *são* inteligentes.
- Os legumes *estão* frescos.
- O céu *ficou* nublado.

Estes verbos, que jamais exprimem ação, denominam-se ‘verbos de ligação’ (também conhecidos como ‘verbos copulativos’ ou ‘verbos predicativos’), mas em alguns pontos se assemelham aos verbos auxiliares: formam um conjunto limitado de elementos e indicam basicamente diferenças aspectuais. Comparem-se:

- As águas *são* turvas. [aspecto constante]
- As águas *estão* turvas. [aspecto transitório]
- As águas *ficam* turvas. [aspecto resultativo]
- As águas *continuam* turvas. [aspecto persistente]

¹⁵ (grifos do autor)

Sintaticamente, porém, eles se parecem com os verbos transitivos, uma vez que podem co-ocorrer com termos adjacentes típicos dos predicados cujo núcleo é um verbo transitivo. Comparem-se:

- Sua filha *está* uma bela moça.

e

- Seu filho *escolheu* uma bela moça.

Tal como acontece com os verbos transitivos, estabelece-se entre o verbo de ligação e o termo adjacente uma relação de implicação mútua. É este fato que distingue, sintaticamente, o verbo de ligação de outros verbos (intransitivos) seguidos desse mesmo termo adjacente. Comparem-se:

- Os pássaros *voam* livres.
- A mulher *parou* assustada.
- Os pássaros *estão* livres.
- A mulher *ficou* assustada.

4.2.2 Verbos transitivos

A classe dos verbos transitivos é bastante complexa, uma vez que existem várias espécies de termos adjacentes (ou complementos). A mais conhecida subclassificação dos verbos transitivos, amplamente adotada nas gramáticas escolares e nos livros didáticos em geral, consiste na distinção entre verbos transitivos diretos (**resumirei a história, descasque este abacaxi**) e verbos transitivos indiretos (**gostei desse filme, não acredito em fantasmas**), cujo complemento – *esse filme, fantasmas* – se vincula ao verbo por meio de uma preposição. Estes complementos são ordinariamente nomes ou pronomes substantivos.

Assim como tantas outras distinções que fazemos ao analisar a estrutura da língua, a distribuição dos verbos em transitivos e intransitivos nos termos expostos acima é simplista, visto que iguala, com prejuízo para a descrição, uma grande variedade de tipos. Não há uma fronteira rígida entre verbos transitivos e verbos intransitivos; o que há é um contínuo, em cujos extremos se encontram o verbo que sempre recusa complemento (ex.: *nascer*) e o verbo que sempre seleciona complemento (ex.: *fazer*).

Na ampla faixa que medeia entre estes dois tipos temos uma rica variedade de casos. Nota-se nessa faixa uma gradação do vínculo entre o verbo e os termos que o acompanham na construção do predicado. Este vínculo pode ser muito estreito, como o que liga o termo ‘a curva’ ao verbo ‘fazer’ na frase ‘O trem fazia a curva devagar’; ou um tanto frouxo, como o que liga o termo ‘peixes’ ao verbo ‘desenhar’ na frase ‘Esta menina desenha peixes muito bem’. Só na segunda frase a complementação é facultativa. A frase ‘Esta menina desenha muito bem’ é tão bem construída quanto a outra, ao passo que ‘*O trem fazia devagar’ é sintaticamente incompleta.

A exemplo da prática usual de nossos grandes dicionários, será adotada uma subclassificação dos verbos transitivos capaz de recobrir tipos não contemplados pela classificação prevista na NGB. Os verbos transitivos pertencem a duas subclasses segundo venham seguidos de um termo adjacente (transitivo objetivo) ou de dois termos adjacentes (transitivo biobjetivo).

Os **transitivos objetivos** se subdividem em

- a) transitivos **diretos** (TD), quando seguidos de objeto direto (OD) (‘O agricultor colhe *as bananas*’, ‘Não conheço *essa pessoa*’),
- b) transitivos **indiretos** (TI), quando seguidos de objeto indireto (OI) (‘O filme agradou *ao público jovem*’) e
- c) transitivos **relativos** (TR), quando seguidos de complemento relativo (CR) (‘Eles precisam *de nossa ajuda*’).

Os **biobjetivos** são seguidos de dois termos adjacentes. Eles se subdividem em seis subtipos:

- a) **transitivos diretos e indiretos** (TDI), seguidos de OD + OI (‘Entreguei *o serrote* ao marceneiro’);
- b) **transitivos diretos e relativos** (TDR), seguidos de OD + CR (‘Misture *o feijão* com a farinha’, ‘Coloquei *o livro* na estante’, ‘Transformou *o príncipe* em um sapo’, ‘Transferimos *a reunião* para amanhã’, ‘O guarda autorizou *o chofer* a estacionar na calçada’);
- c) **transitivos diretos e predicativos** (TDP), seguidos de OD + CP (complemento predicativo) (‘Nomeou *o irmão* (como/para) seu secretário’, ‘Viu *o ladrão* pular o muro’);

- d) **transitivos relativos e predicativos** (TRP), seguidos de CR + CP ('Preciso *dessa sala limpa*' (= Preciso dela limpa); e
- e) **transitivos birrelativos** (TRR), seguidos de CR + CR ('Bati *com o joelho na mesa*', 'Ele passou *de tenente a capitão*').

A variedade de papéis semânticos expressos pelos complementos dos verbos transitivos requer o estabelecimento de diferentes subtipos de verbos transitivos relativos e de verbos transitivos diretos. Passemos a eles.

4.2.2.1 Verbos transitivos relativos (TR)

- a- depender da *ajuda* / depender *dela*
- b- insistir em *voltar* / insistir *nisso*
- c- concordar com *o adversário* / concordar *com ele*
- d- morar *na casa* / morar *nela*

Nos exemplos '3a – 3d', a ligação é mediada por uma preposição. Esta preposição pode ser semanticamente vazia (a, b), estar enfraquecida do ponto de vista do sentido (c), ou mesmo ser semanticamente plena (d), mas, em qualquer caso, ocorre sempre por exigência do verbo. Mesmo quando representados por pronomes, os complementos desses verbos são introduzidos por preposição.

O esvaziamento semântico dessas preposições tem favorecido o desaparecimento delas junto a alguns verbos de uso frequente na fala – ordinariamente os seguidos de 'a' – que se tornaram transitivos diretos. São exemplos no português corrente do Brasil: *agradecer*, *agradar*, *assistir*, *obedecer* e *perdoar* (**Agradeça** *seu irmão por mim*, *Ela teve medo de assistir o final do filme*, *Recusou-se a obedecer as ordens do pai*, *O Papa perdoou seu agressor*). Quando o verbo é seguido da conjunção integrante 'que', a preposição em geral é suprimida (Cf. *Desconfiava de todo mundo* e *Desconfiava que não ia passar de ano*). Nos registros informais da língua falada, e frequentemente da escrita, esta supressão também acontece diante do pronome relativo 'que' (*Gostei mais desse filme* e *Esse foi o filme que eu mais gostei*)¹⁶. É importante enfatizar que essas preposições não contribuem para a relação de sentido entre o verbo e o complemento; a função delas é meramente conectiva, e sua

¹⁶ Diante de pronome relativo, a supressão de preposição é ainda mais abrangente no português falado, alcançando mesmo as preposições que introduzem circunstâncias (Cf. *Ele dormia nesta cama* / *Esta é a cama que ele dormia*).

supressão diante de ‘que’ pode ser explicada pela “redundância conectiva” da sequência ‘preposição + conjunção/pronome relativo’.

4.2.2.2 Verbos transitivos diretos e indiretos (TDI)

a- devolver *o dinheiro* ao dono

b- revelar *um segredo* ao amigo

c- oferecer *emprego* aos jovens

Nos exemplos 4a-c o verbo transitivo ocorre combinado com dois complementos, um direto (em itálico) e outro preposicionado (sublinhado). A este subtipo pertencem muitos verbos *dicendi* (*dizer, declarar, revelar, comunicar, informar*), bem como os que expressam ou implicam alguma espécie de ‘transferência’ ou ‘mudança de posse’ (*dar, emprestar, mostrar, entregar, apresentar, enviar, oferecer* etc.).

4.2.2.3 Verbos transitivos diretos e relativos (TDR)

a- convencer *o irmão* a estudar

b- confundir *uma coisa* com outra

c- colocar *os brinquedos* na caixa

d- transformar *um príncipe* em sapo

Esta subclasse tem alguma afinidade com o subtipo 4, mas, diferentemente deste, é heterogênea. Podemos discriminar nela quatro subconjuntos:

a) Verbos denotadores de ação que culmina num estado (*transformar, mudar, promover*), numa situação espacial (*colocar, guardar*) ou numa situação temporal (*transferir, passar*) do respectivo objeto: *A fada transformou a abóbora numa linda carruagem, Ela mudou a cor dos cabelos para castanho, O diretor promoveu sua secretária a supervisora do departamento, Não coloque os pés no chão frio, Guardei os talheres naquela gaveta, Eles vão transferir a reunião para amanhã, A Universidade marcou o vestibular para janeiro.*

b) Verbos cujo objeto se refere a partes ou a uma entidade cuja constituição interna seja divisível em partes: *A cozinheira misturou a manteiga com a farinha.* Esta construção é, na verdade, variante de outra em que os complementos são objetos diretos coordenados por ‘e’: *A cozinheira misturou a manteiga e a farinha.* Integram este subtipo os verbos *combinar, juntar, articular, unir, confundir, separar, distinguir, diferenciar, comparar, fundir, harmonizar, associar, dissociar*, entre outros.

c) Verbos cujos complementos – objeto direto (OD) e complemento relativo (CR) – são, respectivamente, um substantivo ou pronome referentes a seres humanos e uma oração geralmente sob forma infinitiva. São verbos que expressam a intenção do respectivo sujeito em monitorar o comportamento de alguém. São protótipos deste grupo os verbos *ajudar* (*Pedro **ajudou** o pai* (OD) *a se levantar* (CR)) e *impedir* (*O porteiro **impediu** a moça* (OD) *de entrar no elevador* (CR)). Pertencem a esta subclasse, entre outros: *autorizar*, *proibir*, *convencer*, *forçar*, *obrigar*, *convidar*, *incentivar*, *persuadir*, *dissuadir*.

d) Verbos heterogêneos, que não apresentam um traço semântico comum, como *responsabilizar* (**responsabilizar** *alguém por alguma coisa*), *envolver* (**envolveu** *o tio na briga*), *trocar* (**trocou** *a bicicleta por um relógio*), **preferir** (*preferiu o pirulito ao picolé*), **intrigar** (*intrigou o síndico com o vizinho*).

4.2.2.4 Verbos transitivos birrelativos (TRR)

- a- reclamar *do vizinho* com o síndico
- b- bater *com o carro* no muro
- c- passar *de diretor* a presidente

Este grupo é uma variante do 3, com a diferença de que admite dupla complementação.

4.2.2.5 Verbos transitivos diretos e predicativos (TDP)

- a- nomear *o funcionário* chefe da seção
- b- considerar *o candidato* preparado
- c- declarar *o réu* inocente
- d- tratar *alguém* por senhor
- e- deixar *o cachorro* fugir
- f- mandar *o garoto* comprar pão
- g- escutar *o galo* cantar
- h- sentir *o sangue* correndo nas veias

O sentido expresso na articulação desses dois complementos corresponde, de fato, ao da articulação entre o sujeito e o predicado de uma mesma oração (cf. ‘o funcionário tornou-se chefe da seção’, ‘o réu é inocente’, ‘o cachorro fugiu’, ‘o sangue corria nas veias’). Daí chamar-se *predicativo*, e por referir-se ao objeto, *predicativo do objeto*. Em a-d, o predicativo

pode ser um SN (a), um SAdj. (b, c), um SPrep. (d); em e-h, o predicativo pode ser um infinitivo (e, f, g) ou um gerúndio (h).

Em e-h, temos verbos transitivos causativos/factitivos (*deixar, mandar*) ou sensitivos/factivos (*sentir, escutar*) ordinariamente seguidos de dois complementos.

4.2.2.6 Verbos transitivos relativos e predicativos (TRP)

a- sonhar *com o país livre* dos invasores

b- gostar *do bife* bem passado

c- pensar *nos filhos* ainda crianças

Este grupo, por fim, só difere do anterior porque seu primeiro complemento vem regido de preposição

4.2.2.7 Subclasses de verbos transitivos diretos

Subclasse 1

Compreende os verbos de ação/movimento em geral, que são complementados, em seu sentido básico e próprio, por substantivos referentes a seres concretos, e em acepções derivadas por substantivos de referência bem variada. Adotaremos dois verbos-tipo para esta subclasse: ‘comprar’ (‘Ela *comprou* dois vestidos’) e ‘levar’ (‘O ônibus *levava* trinta passageiros).

Subclasse 2

Compõe-se dos verbos cujo objeto se refere a partes ou a uma entidade cuja constituição interna seja divisível em partes. Por exemplo, o verbo *misturar*, como em: *A cozinheira misturou a massa/a manteiga e a farinha/a manteiga com a farinha*. Estes verbos têm uma variante sintática, em que se empregam com transitivos diretos e relativos, como vimos acima (TDR, subconjunto c).

Subclasse 3

Compreende os verbos que denotam conhecimento intelectual / intuitivo, e ocorrem complementados por proposições (orações substantivas) ou substantivos capazes de condensar

conteúdos proposicionais. O verbo-tipo dessa classe pode ser ‘perceber’ (Cf. ‘*Percebo* que você está aflito’ / ‘*Percebo* sua aflição’).

Subclasse 4

Compreende os verbos que denotam atividade comunicativa, e, analogamente aos verbos da subclasse 2, ocorrem complementados por proposições ou substantivos capazes de condensar conteúdos proposicionais. O verbo-tipo desta classe pode ser ‘declarar’ (Cf. ‘Ele *declarou* que apóia nossa idéia’ / ‘Ele *declarou* apoio à nossa idéia’).

Subclasse 5

É formada por um amplo conjunto de verbos que denotam, em geral, uma ‘mudança de estado’ à qual a entidade designada pelo complemento é submetida. O verbo-tipo dessa classe pode ser ‘secar’ (‘O vento secou a roupa no varal’). Detalhes sobre esta subclasse são apresentados no item **verbos de predicação dupla**.

Subclasse 6

É formada por verbos que se referem a uma propriedade (dimensão, valor etc.) ou estado a serem explicitados no complemento. Pertencem a esta subclasse verbos como *custar*, *medir*, *pesar*, quando vêm seguidos da expressão especificadora da respectiva propriedade (‘O quadro custou 500 reais’, ‘Esta sala mede 16 m²’, ‘Os porquinhos já pesam dois quilos’). Detalhes sobre esta subclasse são apresentados no item **verbos de predicação dupla**.

4.2.2.8 Verbos transitivos sem complemento explícito

Muitos verbos transitivos podem ocorrer sem o respectivo complemento. Isto acontece em dois casos:

- a) quando, por sua redundância ou generalidade, a informação a ser expressa no objeto é considerada irrelevante: *Ele só **fuma** após tomar um cafezinho*; *Ainda não **comi** hoje*; *Parei de **gastar***; *agora estou **economizando***; *Cuidado, que esse pó **cega***.
- b) quando a situação comunicativa ou o contexto verbal permitem que o objeto seja reconhecido ou recuperado: **Leia!** (dito por alguém que oferece ou aponta a coisa a ser lida); *Ele ofereceu o dinheiro, mas eu não **aceitei*** (em que o objeto de aceitar – o dinheiro – já foi mencionado).

Obs.: O verbo ‘cegar’ tem uma variante combinatória intransitiva – ergativa – (cf. ‘Meu canivete cegou’, isto é ‘está sem corte’) em que se caracteriza o sujeito como ser afetado ou **tema** (ver logo abaixo). Não é o caso do exemplo *Cuidado, que esse pó cega*, em que o verbo é transitivo sem complemento explícito.

4.2.2.9 Subclasses de verbos transitivos relativos

Esta classe sintática é formada pelos verbos que são necessariamente acrescidos de uma preposição quando a eles se anexa um complemento sob a forma de substantivo, pronome substantivo ou infinitivo (Cf. ‘Ela estava sonhando’ e ‘Ela estava sonhando **com** um prêmio da loteria’). Neste exemplo, a preposição não contribui decisivamente para a relação de sentido entre o verbo e seu complemento. Obrigatória, mas geralmente esvaziada de significado, esta preposição se tornou arbitrária e é acionada mecanicamente na presença do complemento, razão por que as gramáticas – sobretudo as normativas, mediante listagem – e muitos dicionários a informam como se fosse um apêndice do verbo. O verbo *sonhar* é um típico verbo transitivo relativo.

Um conjunto numeroso de verbos transitivos relativos, porém, reúne unidades que formam ordinariamente pares de antônimos, como *concordar/discordar*, *insistir/desistir*, *confundir/distinguir*, *confiar/desconfiar*. Não é por acaso que o complemento de concordar/insistir/confundir/confiar recebe a preposição ‘com’ ou ‘em’ (aproximação, assimilação), ao passo que o complemento de discordar / desistir / distinguir / desconfiar recebe a preposição ‘de’ (afastamento, dissimilação). Estas preposições não são arbitrárias, mas também não são selecionadas pelo usuário. São tão obrigatórias quanto o ‘com’ de sonhar.

Enquadramos ainda na classe dos verbos transitivos relativos dois grupos de verbos ordinariamente seguidos de expressão locativa. São verbos de movimento (*ir*, *chegar*, *vir*, *passar*, *entrar*) e de situação (*morar*, *estar*, *ficar*, *continuar*, *residir*, *habitar*) que não reúnem as características dos verbos predicativos ou dos verbos auxiliares: **ir ao cinema**, **chegar à/da rua**, **vir ao baile**, **passar à varanda**, **morar na roça**, **residir no bairro**, **habitar no bosque**.

Os verbos destes dois grupos estão sujeitos ao processo geral de dispersão semântica que os habilita ao vínculo com outros lugares (situação ou noção), numa acepção mais ampla e abstrata, frequentemente metafórica: **ir ao âmago da questão**, **chegar à conclusão**, **passar a chefe**, **ficar à espera**, **estar com pressa**, **continuar em forma**.

O efeito extremo dessa dispersão pode resultar no reposicionamento estrutural desses verbos por efeito de gramaticalização; uma parte deles passa à periferia do núcleo verbal e se torna verbo auxiliar: **vou voltar**, **cheguei a me inscrever**, **passei a levantar cedo**, **fiquei esperando**; outra parte passa a introduzir um estado e se torna verbo predicativo ou de ligação: **ficou feliz**, **ficou à espera**, **continuava pobre**, **continuava em forma**, **estava com pressa**.

4.2.2.10 Verbos de predicação dupla

Muitos verbos se empregam articulados a um mesmo substantivo que, no papel de entidade afetada ou **tema**, tanto lhes pode servir de objeto como de sujeito. Esta classe é numerosa e abrange, com poucas exceções, verbos que expressam processo com mudança de características materiais, tipicamente exemplificado por *quebrar*: *João **quebrou** o espelho* (transitivo) e *o espelho **quebrou*** (intransitivo). Outros verbos: *Os bancos **subiram** novamente as tarifas* (transitivo) e *as tarifas bancárias **subiram** novamente* (intransitivo), ***Assei** a carne na churrasqueira* e *A carne **assou** em poucos minutos*. Na construção intransitiva, o ser afetado (objeto na construção transitiva) se torna o tópico da frase e, recategorizado como sujeito, passa a determinar o número e a pessoa do verbo (Cf. *o espelho **quebrou** / os espelhos **quebraram***).

Integram esta classe: *crescer, encolher, engordar, emagrecer, diminuir, inchar, secar, engrossar, afinar, entortar*.

Estas mesmas características são apresentadas por outra numerosa classe de verbos que exprimem experiências ou sensações afetivas ou emotivas variadas. Alguns deles são *magoar, alegrar, aborrecer, indignar, entusiasmar*. Esses verbos ocorrem em construção transitiva ou intransitiva, e, assim como os anteriores, apresentam, na primeira, um sujeito que deflagra ou causa o processo verbal, e, na segunda, um sujeito afetado pelo processo (*Minhas palavras **magoaram** Flora/Flora se **magoou** (com minhas palavras)*, *O desempenho da equipe **entusiasmou** o técnico/O técnico se **entusiasmou** (com o desempenho da equipe)*).

A diferença formal entre este segundo conjunto de verbos e o anterior está no surgimento do clítico ‘se’ reflexo da pessoa do sujeito na construção intransitiva. O termo que designa a causa ou motivo do processo, sujeito na construção transitiva, figura na construção intransitiva como um complemento preposicionado. Se o sujeito é um ser humano, pode-se interpretá-lo como um deflagrador consciente (*Ele **assustava** as crianças só de perversidade*),

ou como um causador involuntário do processo (*Ele assustava as crianças quando gritava com elas*). A segunda pode ser parafraseada pela variante ‘As crianças se assustavam com os gritos dele’. A primeira só poderia ser parafraseada por ‘As crianças eram assustadas por ele só de perversidade’. É notável a anomalia de ‘*As crianças se assustavam com ele só de perversidade’, versão passiva que, no entanto, não é usual com esta classe de verbos.

4.2.3 Verbos pronominais

A designação ‘verbo pronominal’ só tem status verdadeiramente lexicográfico quando aplicado a três subgrupos: (a) verbos que não ocorrem na variedade padrão sem a anexação do pronome co-referente à pessoa do sujeito (*queixar-se, arrepender-se, esgueirar-se*), (b) verbos que adquirem status lexical novo em virtude da pronominalização (*comportar-se, sair-se, lamentar-se, virar-se* [= encontrar uma solução por esforço próprio]), (c) verbos que denotam movimento de todo o corpo sem translação (*levantar(-se), deitar(-se), virar(-se), curvar(-se), voltar(-se)*). Os verbos dos grupos ‘a’ e ‘b’ podem ser intransitivos ou transitivos relativos. Os verbos do grupo ‘c’ funcionam como intransitivos devido ao esvaziamento do pronome reflexivo como índice de um referente distinto do agente do processo, razão da possibilidade do emprego variável desses verbos sem o pronome.

5 ANÁLISE DOS VERBETES

5.1 Processos mentais

Como vimos, os processos verbais se dividem em processos mentais de cognição, de desejo, de percepção e de afeição. Respeitaremos a divisão proposta por Halliday para organizar melhor a análise dos verbetes.

5.1.1 Processos mentais de cognição

5.1.1.1 Saber

Um dos verbos mais representativos de *Vidas Secas*, no que diz respeito à interpretação feita no romance, é, sem dúvida, o verbo *saber*. Este é um dos verbos epistêmicos mais comuns e geralmente são complementados por oração. A seguir o verbete construído a partir das ocorrências desse predicador nas orações, tendo como sujeito os personagens do romance.

saber (sa.ber) v. **1 Ter conhecimento, consciência; compreender.** [*td.*: (...) o vaqueiro precisava chegar, não sabia onde. (I, 8); Era bom eles [os meninos] saberem que deviam proceder assim. (I, 25); E ele, Fabiano, era como a bolandeira. Não sabia por que, mas era. (I, 30); Por que tinham feito aquilo? Era o que [Fabiano] não podia saber. (III, 33); Cambada de quê? [Fabiano] Repetia a pergunta sem saber o que procurava. (VIII, 26); [Fabiano] Nem sabia como tinham escapado [da morte]. (X, 20); [Fabiano] Desejava saber o tamanho da extorsão. (X, 24); Um ditério sem importância. O amarelo devia saber isso. (IX, 14); [Baleia] Não sabia o que tinha sucedido. (IX, 36); Agora [Sinha Vitória] desejava saber que iriam fazer os filhos quando crescessem. (XIII, 18); [Fabiano] Sabia lá se a alma de Baleia andava por ali, fazendo visagem? (XII, 24); Fabiano estava contente e acreditava nessa terra, porque não sabia como ela era nem onde era. (XIII, 35)]. [*int.*: Fabiano dava-se bem com a ignorância. Tinha o direito de saber? Tinha? Não tinha. (II, 29); Seria que as secas iriam desaparecer e tudo andar certo? [Fabiano] Não sabia. (II,46); Tinha culpa de ser bruto? Quem tinha culpa? Se não fosse aquilo... [Fabiano] Nem sabia. (III, 58)]; [O soldado amarelo] Não sabia. (XI, 14)]. **2 Ter certeza ou convicção de; pressentir.** [*td.*: [Fabiano] Admirava as palavras compridas e difíceis da gente da cidade (...), mas sabia que elas eram inúteis e talvez perigosas. (II, 20); [Fabiano] Não dizia nada para não contrariá-la [Sinha Vitória], mas sabia que era doidice. (II, 38); [Fabiano] Sabia perfeitamente que era assim, acostumara-se a todas as violências, a todas as injustiças. (III, 40); [Fabiano] Sabia que a roupa nova cortada e cosida por Sinha Terta, o colarinho, a gravata, as botinas e o chapéu de baeta o tornavam ridículo (...). (VIII, 14); [Fabiano] Sabia que aquela explosão era perigosa, temia que o soldado amarelo surgisse de repente viesse plantar-lhe no pé a reíuna. (VIII, 22); [Fabiano] Apesar de saber perfeitamente que era necessário, agarrou-se a esperanças frágeis. (XII, 16); (...) Fabiano sabia que elas [as contas do patrão] estavam erradas (...) (XII, 20)]. **3 Ter a**

capacidade, a habilidade ou os meios de (fazer, realizar algo). [*td.*: Seu Tomás da bolandeira falava bem, estragava os olhos em cima de jornais e livros, mas não sabia mandar: pedia. (II, 35); Indispensável os meninos entrarem no bom caminho, saberem cortar mandacaru para o gado, consertar cercas, amansar brabos. (II, 45); [Fabiano] Atrapalhava-se: tinha imaginação fraca e não sabia mentir. (III,18); [Fabiano] Era bruto, sim senhor, nunca havia aprendido, não sabia explicar-se. (III, 57); Então mete-se um homem na cadeia porque ele não sabe falar direito? (III, 57); Impossível, [Fabiano] só sabia lidar com bichos. (III, 58); Na beira do rio haviam comido o papagaio, que não sabia falar. Necessidade. (III, 60); Fabiano também não sabia falar. (III, 61); “Meu louro.” Era o que [o papagaio] sabia dizer. (IV, 21); Como não sabia falar direito, o menino [mais velho] balbuciava expressões complicadas, repetia as sílabas, imitava os berros dos animais, o barulho do vento, o som dos galhos que rangiam na catinga, roçando-se. (VI, 21); Ela própria [Sinha Vitória] não saberia explicar-se, mas sempre vira as outras matutas procederem assim e adotava o costume. (VIII, 8); Sinha Vitória achava-se em dificuldade: torcia-se para satisfazer uma precisão e não sabia como se desembaraçar. (VIII, 29); Bruto, sim, senhor, mas [Fabiano] sabia respeitar os homens. (X, 8); Enfim, como [Fabiano] não sabia ler (um bruto, sim senhor), acreditara na sua velha. (X, 8); Se ele [Fabiano] soubesse falar como Sinha Terta, procuraria serviço noutra fazenda, haveria de arranjar-se. (X, 24)]. [*int.*: [Fabiano] Não sabia [falar como Sinha Terta]. (X, 24).] **4 Perceber, notar.** [*td.*: Fabiano exaltava-se, procurava incutir-lhe coragem. Inventava o bebedouro, descrevia-o, mentia sem saber que estava mentindo. (XIII, 23)].

Não querer saber de ou não querer saber mais de

Não gostar de, não querer mais, desinteressar-se de. [*tr. +de*: Mas Sinha Vitória não queria saber de elogios. (IV, 3)]

(1)	(...) o vaqueiro precisava chegar, não <u>sabia</u> ¹⁷ onde. (I, 8)
(2)	Era bom eles [os meninos] <u>saberem</u> que deviam proceder assim. (I, 25)
(3)	Fabiano era como a bolandeira. Não <u>sabia</u> por que, mas era. (I, 30)
(4)	Seu Tomás da bolandeira falava bem, estragava os olhos em cima de jornais e livros, mas não <u>sabia</u> mandar: pedia. (II, 35)
(5)	Indispensável os meninos entrarem no bom caminho, <u>saberem</u> cortar mandacaru para o gado, consertar cercas, amansar brabos. (II, 45)
(6)	[Fabiano] Admirava as palavras compridas e difíceis da gente da cidade (...), mas <u>sabia</u> que elas eram inúteis e talvez perigosas. (II, 20)
(7)	Fabiano dava-se bem com a ignorância. Tinha o direito de <u>saber</u> ? Tinha? Não tinha. (II, 29)
(8)	[Fabiano] Não dizia nada para não contrariá-la [Sinha Vitória], mas <u>sabia</u> que era doidice. (II, 38)

¹⁷ É muito recorrente em *Vidas Secas* a ocorrência de sujeito elíptico, como estratégia de concisão formal. Sujeitos elípticos em sequência se relacionam ao mesmo termo primeiramente mencionado.

(9)	Seria que as secas iriam desaparecer e tudo andar certo? [Fabiano] Não <u>sabia</u> . (II,46)
(10)	[Fabiano] Atrapalhava-se: tinha imaginação fraca e não <u>sabia</u> mentir. (III,18)
(11)	Por que tinham feito aquilo? Era o que [Fabiano] não podia <u>saber</u> . Pessoa de bons costumes, sim senhor, nunca fora preso. (III, 33)
(12)	[Fabiano] <u>Sabia</u> perfeitamente que era assim, acostumara-se a todas as violências, a todas as injustiças. (III, 40)
(13)	Havia muitas coisas. (...) Fossem perguntar a seu Tomás da bolandeira, que lia livros e <u>sabia</u> onde tinha as vendas. (III, 46)
(14)	[Fabiano] Era bruto, sim senhor, nunca havia aprendido, não <u>sabia</u> explicar-se. (III, 57)
(15)	Então mete-se um homem na cadeia porque ele não <u>sabe</u> falar direito? (III, 57)
(16)	Tinha culpa de ser bruto? Quem tinha culpa? Se não fosse aquilo... [Fabiano] Nem <u>sabia</u> . (III, 58)
(17)	Impossível, [Fabiano] só <u>sabia</u> lidar com bichos. (III, 58)
(18)	Na beira do rio haviam comido o papagaio, que não <u>sabia</u> falar. Necessidade. (III, 60)
(19)	Fabiano também não <u>sabia</u> falar. (III, 61)
(20)	Mas Sinha Vitória não queria <u>saber</u> de elogios. (IV, 3)
(21)	“Meu louro.” Era o que [o papagaio] <u>sabia</u> dizer. (IV, 21)
(22)	Como não <u>sabia</u> falar direito, o menino [mais velho] balbuciava expressões complicadas, repetia as sílabas, imitava os berros dos animais, o barulho do vento, o som dos galhos que rangiam na catinga, roçando-se. (VI, 21)
(23)	Ela própria [Sinha Vitória] não <u>saberia</u> explicar-se, mas sempre vira as outras matutas procederem assim e adotava o costume. (VIII, 8)
(24)	[Fabiano] <u>Sabia</u> que a roupa nova cortada e cosida por Sinha Terta, o colarinho, a gravata, as botinas e o chapéu de baeta o tornavam ridículo (...). (VIII, 14)
(25)	[Fabiano] <u>Sabia</u> que aquela explosão era perigosa, temia que o soldado amarelo surgisse de repente viesse plantar-lhe no pé a reiuna. (VIII, 22)
(26)	Cambada de quê? [Fabiano] Repetia a pergunta sem <u>saber</u> o que procurava. (VIII, 26)
(27)	Sinha Vitória achava-se em dificuldade: torcia-se para satisfazer uma precisão e não <u>sabia</u> como se desembaraçar. (VIII, 29)
(28)	[Baleia] Não <u>sabia</u> o que tinha sucedido. (IX, 36)
(29)	Bruto, sim, senhor, mas [Fabiano] <u>sabia</u> respeitar os homens. (X, 8)
(30)	Enfim, como [Fabiano] não <u>sabia</u> ler (um bruto, sim senhor), acreditara na sua velha. (X,

	8)
(31)	[Fabiano] Nem <u>sabia</u> como tinham escapado [da morte]. (X, 20)
(32)	[Fabiano] Desejava <u>saber</u> o tamanho da extorsão. (X, 24)
(33)	Se ele <u>soubesse</u> falar como Sinha Terta, procuraria serviço noutra fazenda, haveria de arranjar-se. (X, 24)
(34)	[Fabiano] Não <u>sabia</u> [falar como Sinha Terta]. (X, 24).
(35)	Um ditério sem importância. O amarelo devia <u>saber</u> isso. (XI, 14)
(36)	[O soldado amarelo] Não <u>sabia</u> . (XI, 14)
(37)	Apesar de <u>saber</u> perfeitamente que era necessário, [Fabiano] agarrou-se a esperanças frágeis. (XII, 16)
(38)	(...) Fabiano <u>sabia</u> que elas [as contas do patrão] estavam erradas (...) (XII, 20)
(39)	[Fabiano] <u>Sabia</u> lá se a alma de Baleia andava por ali, fazendo visagem? (XII, 24)
(40)	Agora [Sinha Vitória] desejava <u>saber</u> que iriam fazer os filhos quando crescessem. (XIII, 18)
(41)	Fabiano exaltava-se, procurava incutir-lhe coragem. Inventava o bebedouro, descrevia-o, mentia sem <u>saber</u> que estava mentindo. (XIII, 23)
(42)	Fabiano estava contente e acreditava nessa terra, porque não <u>sabia</u> como ela era nem onde era. (XIII, 35)

Tabela 2: Ocorrências do verbo “saber” em ordem de aparecimento no romance

Os trechos que contêm o verbo “saber” estão em várias partes do romance, no entanto são numerosos os fragmentos extraídos dos capítulos II (Fabiano), III (Cadeia), VIII (A festa), X (Contas), em que o personagem Fabiano é central e em que são narradas por meio do discurso indireto livre suas impressões acerca do que vivenciava. Nesses capítulos, evidencia-se que as orações formadas por esse verbo, em sua grande maioria, têm Fabiano como experienciador, tanto que das 42 vezes em que o verbo foi empregado, apenas 14 não o têm como participante. Em algumas destas, porém, observa-se que o “saber” também está relacionado ao discurso desse personagem. É o que se pode notar, por exemplo, quando ele se refere a Seu Tomás da bolandeira, seu ex-patrão, cujos conhecimentos e cuja gentileza arrancavam de Fabiano admiração, exatamente por serem habilidades que ele não tem e não encontra nas demais pessoas, tampouco em seu novo patrão. (*Saber4 e 13*).

Em relação aos filhos, geralmente ele reflete acerca dos ensinamentos que eles precisariam ter (*Saber2 e 5*), relacionados à sua ocupação de vaqueiro, o que revela intensa

preocupação de Fabiano a respeito do que ele vislumbra para a vida futura dos meninos. Como eles deverão ser responsáveis pelo próprio sustento e deverão batalhar diante das adversidades, o vaqueiro acredita que os filhos devam aprender o mesmo que ele sabe para sobreviverem; age, provavelmente, em repetição ao que lhe foi ensinado, perpetuando o ciclo, até mesmo por não haver alternativas.

E ainda por meio da metáfora gramatical¹⁸, que ele demonstra admiração por Sinha Terta, ainda pela desenvoltura na linguagem.

Sinha Terta era pessoa de muito saber naquelas beiradas. (XII, 11)

Nos dicionários pesquisados, foram encontradas pelo menos nove acepções diferentes para esse verbo (sem contar as expressões idiomáticas e sua forma enquanto substantivo, o que totalizaria em torno de 17 acepções). Em *Vidas Secas*, podem-se agrupar as orações em que o verbo em três acepções principais. Essas acepções se relacionam diretamente aos argumentos externos selecionados: sujeito experienciador e humano (ou humanizado, como é o caso de Baleia); no caso, conforme explicitado antes, os personagens do romance, expressos por sintagma nominal explícito – o nome próprio ou termos correlatos – ou implícito, recuperável no contexto. Na grande maioria das ocorrências o verbo é transitivo direto complementado por uma oração conjuncional ou infinitiva. Mas há ocorrências em que ele é intransitivo, ou ainda, em que o complemento também é elíptico e depreensível no contexto.

Na primeira acepção descrita, na qual se define “saber” como “ter conhecimento, compreender, conhecer”, encaixam-se ocorrências em que o complemento do verbo é expresso por parte de outra oração interrogativa indireta, ou direta, anteriormente mencionada. Mesmo em *Saber*³², em que há complementação por sintagma nominal, poderíamos depreender a presença de um termo interrogativo na oração completiva ([Fabiano] Desejava saber **qual era**¹⁹ o tamanho da extorsão), podendo-se supor que esta seja truncada²⁰. Em *Saber*⁴⁰, há uma pergunta indireta e, em outras esparsas, temos a complementação oracional (*Saber*^{2 e 35}). Nas demais construções, não vemos a complementação explícita. O mais interessante é que a grande maioria das ocorrências que se encaixam nesta acepção

¹⁸ Metáfora gramatical, dentro da teoria criada por Michael Halliday, enfoca a tensão entre a função original de um recurso linguístico e seu emprego. Nesse caso, há um processo verbal sendo usado como se fosse uma entidade. (cf.: Sardinha, 2007).

¹⁹ (grifo meu)

²⁰ Segundo Borba, (1991), o truncamento consiste na supressão de componentes, ficando a frase reduzida a seus elementos essenciais.

apresenta negação, de modo que se pode depreender que Fabiano e os demais integrantes da família não têm conhecimento ou não compreendem uma série de fatores – a compreensão, por vezes, não ultrapassa o mero desejo (cf. *Saber*32 e 40). Ao pensar sobre o que não sabe, o vaqueiro sempre é envolvido por muitos questionamentos – o que também justifica a presença das perguntas diretas e indiretas - e as reflexões recorrentemente chegam à conclusão de que o desconhecimento parece indissolúvel.

Por outro lado, na segunda acepção, vemos que as ocorrências indicam sobre que aspectos Fabiano “tem certeza ou convicção”. Nesses casos, os verbos são complementados por orações introduzidas pela conjunção integrante “que” e não são modificados por um termo negativo. Segundo Neves (2011, p. 82), os verbos que têm complemento oracional podem se dividir em modais, cognitivos, manipulativos e elocutivos. Cruza-se esta classificação com outra, que considera a atitude do falante como fator que interfere no discurso. O verbo “saber” se enquadra dentre os verbos de cognição factivos, ou seja, aqueles que formam predicado cuja propriedade é implicar, por parte do falante, a pressuposição de que a proposição completiva do verbo é um fato verdadeiro, não é um simples evento. Pode-se entender que as ocorrências se enquadram nessa acepção, pois é provável haver uma congruência entre a oração principal afirmativa e este significado que o verbo assume. É como se Fabiano parecesse estar ciente do seu lugar social, subalterno e marginalizado, bem como daquilo o que relega à situação em que vive e tem certeza disso. É ainda mais curioso notar que Fabiano é o único sujeito das orações nesta acepção.

Na terceira acepção vemos que o complemento do verbo “saber” é expresso por oração infinitiva indicando ação e de sujeito idêntico ao da oração principal, significando assim “ter conhecimento ou habilidade para”. Segundo Borba (1991), saber-fazer confunde-se com o poder-fazer, pois o “saber” pressupõe “poder”, para que o “saber” se realize. Por isso, muitas vezes, “saber” significa “ter condição para”, “ser capaz de”. É exatamente o que vemos nas construções de *Vidas Secas* e mais uma vez acompanhadas de expressões de negação. Nelas, Fabiano afirma mais de uma vez que não é capaz de falar, de explicar-se, de ler. Fabiano compara-se ao papagaio, que também não sabe falar – ou falava pouquíssimas palavras (*Saber*18, 19 e 21), razão porque foi considerado inútil, sendo mais útil como alimento. Essa inabilidade com a expressão, que se estende a Sinha Vitória e aos meninos, é o que relegaria a família à condição em que se encontra, à impossibilidade de entender-se mutuamente e de se entender no mundo, o que será aprofundado na análise dos processos verbais.

As únicas habilidades que Fabiano revela ter é “lidar com bichos” (*Saber17*) e “respeitar os homens” (*Saber29*). A ausência de construções desse verbo com complemento sob a forma sobre/de, o que significaria “estar informado de”, revela ainda que não há assuntos outros que ele domine que não sejam esses. Obviamente que se devem abarcar os demais verbos de cognição para aprofundar a análise, mas tendo em vista que o verbo “saber” é um verbo epistêmico tão prototípico, é possível entender que a escolha desse item lexical em detrimento de outro é geradora desse significado.

Na quarta acepção, temos o significado de “perceber, notar”, que não depende diretamente de conhecimento ou habilidade, mas de atenção, como se Fabiano fizesse a ação distraidamente, mecanicamente. É essa possível interpretação do enunciado que faz com que se tenha optado por uma nova entrada de significado.

É verdadeiramente significativo o uso recorrente da negação no interior do enunciado que contém o verbo “saber”, sobretudo nas acepções 1 e 3. Como é possível observar pelo verbete e pela tabela, das 28 ocorrências referentes a Fabiano, em 16 delas a ação de saber é negada, em *Saber1, 3, 9, 10, 11, 14, 15, 16, 18, 19, 26, 30, 31, 34, 39, 41 e 42*. Nelas, o escopo da negação, ou seja, o segmento do enunciado em que a negação exerce seu efeito, é o próprio verbo. No entanto, pode-se notar que, na verdade, nega-se o vínculo entre sujeito e predicado, de modo que não é legítima a atribuição de um predicado ao sujeito, não havendo a existência do referido estado de coisas. O item negativo incorporado na oração principal faz com que o sujeito e o predicado sejam realçados e colocados como foco na expressão negativa, como se fosse negada toda a proposição.

A negação pelo advérbio “não” pode ocorrer também em resposta a outro enunciado anterior, em que se omite parte do escopo que sofre o efeito da negação. Em *Saber7*, por exemplo, vemos que o personagem se questiona se ele tinha o direito de saber e a negação aparece apenas junto a parte do enunciado interrogativo. Mesmo assim, pode-se depreender que a conclusão de Fabiano é a de que ele não tinha o direito de saber algo. A generalização pela indeterminação do sujeito de “saber” permite que seja alçada a negação do complemento do nome “direito” à negação do verbo “ter”.

Além da negação pelo “não”, mais recorrente, há a utilização também de outras expressões negativas, como “nem”, “sem”, “lá”. O advérbio “nem”, presente em *Saber16, 31 e 42*, é equivalente ao “não”, mas a opção por seu uso parece dar mais ênfase à ação negada. Já o “sem”, que ocorre em *Saber26 e 41*, além do valor de negação, parece apresentar também o valor concessivo. Além disso, observa-se o uso também do advérbio “lá”, em *Saber39*, que,

quando colocado junto com o verbo saber, exprime também negação do saber ou atenuação da informação, formando a expressão cristalizada semelhante a “sei lá”.

Halliday (1989) apresenta o conceito de polaridade, o qual diz respeito à escolha entre pólo positivo e pólo negativo²¹. Situa-se no âmbito da forma verbal, sendo expressa por uma forma linguística positiva ou negativa. Revela nesse ponto, também que, por meio desse recurso, há uma atitude frente à ação descrita pelo processo, que, no caso, seria a de negar sua realização. Esse processo formador de sentido age como um instrumento de interação dotado de intencionalidade e como um recurso argumentativo²². A partir de uma leitura cuidadosa das orações, pode-se notar claramente que há uma insistência no discurso dos personagens em constatar que, sobretudo para Fabiano, é difícil expressar-se bem verbalmente. Ao ser preso, devido a um mal entendido com um soldado amarelo (Capítulo III), por exemplo, Fabiano percebe o quanto a incapacidade de expressão linguística acarreta consequências desvantajosas, já que não sabia justificar-se ou defender-se diante das autoridades. Além disso, ele não consegue compreender bem o mundo em que vive, não está certo de uma série de eventos que influenciam em sua vida, como a seca, não conhece seus próprios sentimentos. Vemos subjacente a isso que o autor do romance entende a linguagem como forma de entender o mundo e a si mesmo. E é por meio da opção por esse verbo, com suas diferentes complementações, que ele nos mostra que os conhecimentos e habilidades limitadas de Fabiano são também causa de sua exploração.

5.1.1.2 Ignorar

ignorar (ig.no.rar) v. **1 Não saber; desconhecer.** [*td.:* Quantos anos tinha? Ignorava, mas certamente envelhecia e fraquejava. (XI, 18)]. **2 Não perceber, não reparar.** [*td.:* Ignorava os movimentos que fazia na sela. Alguma coisa o empurrava para a direita ou para a esquerda. (XI, 6)].

Este verbo é muito representativo, mas exatamente pelo seu raro uso, em comparação com outras construções. Não há a ocorrência, por exemplo, em que o verbo indique ação com sujeito agente e complemento expresso por nome animado (Como em “As meninas ignoravam o rapaz completamente”). O que temos é um processo com sujeito experienciador em duas acepções. Na primeira, em que o complemento do verbo é a interrogação direta, significa “não saber, desconhecer”. Além da possibilidade de ser completado por uma oração

²¹ *apud* FUZER & CABRAL, 2010, p. 118.

²² NEVES, 2011, p. 285, 319

interrogativa direta ou indireta, o verbo pode sê-lo por uma oração conjuncional, ou por um nome abstrato. Excetuando-se aquelas em que o complemento é uma oração infinitiva, nas ocorrências de “saber” junto às expressões de negação seria possível a substituição de um verbo pelo outro, devido a compatíveis critérios sintáticos de complementação:

Por que tinham feito aquilo? Era o que não podia saber. Pessoa de bons costumes, sim senhor, nunca fora preso. (III, 33)

Por que tinham feito aquilo? Era o que podia ignorar. Pessoa de bons costumes, sim senhor, nunca fora preso.

Fabiano estava contente e acreditava nessa terra, porque não sabia como ela era nem onde era. (XIII, 35).

Fabiano estava contente e acreditava nessa terra, porque ignorava como ela era nem onde era.

No entanto, há diferentes nuances de significado a partir da escolha de um ou outro verbo. Na primeira substituição parece que a mudança do verbo faz com que o auxiliar modal “poder” deixe de significar possibilidade e passe a significar permissão. Assim, parece que a ação de ignorar se torna intencional. Na segunda, a substituição parece intensificar o desconhecimento.

A distinção explícita, sobretudo, o fato de a construção com o verbo “saber” associada à expressão negativa “lá” se tratar de uma expressão fixa e cristalizada, uma vez que a troca altera completamente o sentido da proposição. Fabiano, por via das dúvidas, sai do local em que está porque não sabe se a alma de Baleia está andando por ali, não porque ele deveria saber disso ou não.

Sabia lá se a alma de Baleia andava por ali, fazendo visagem? (XII, 24)

* Ignorava lá se a alma de Baleia andava por ali fazendo visagem?

Outro antônimo de “saber” que não ocorre no romance é o verbo “desconhecer”. Uma de acepções comuns deste verbo é a “não ter conhecimento”. Neste caso, seu complemento é expresso por nome designativo de elemento constitutivo do saber humano, ou por nome abstrato, ou por oração conjuncional/infinitiva. Em um romance em que se vê tanta carência,

sobretudo de saberes tão caros a Fabiano, é expressivo que haja poucas ocorrências tanto do verbo “ignorar” e “desconhecer” e que o autor tenha optado por negar o verbo “saber”. A negação, como foi visto, é dotada de intencionalidade e é recurso argumentativo. A hipótese é que a neutralidade deste verbo sugira que o processo mental para ocorrer não dependa de Fabiano, mas de outros fatores externos. Para ignorar, ainda que atenuadamente, parece haver uma intenção de continuar a não ter a informação ou o conhecimento e não é o caso.

Na segunda acepção de “ignorar” vemos algo semelhante à quarta acepção do verbo “saber”. Fabiano também parece fazer distraidamente os movimentos na sela, talvez porque as tarefas já estão automáticas. Não é que ele não saiba fazê-los, mas já os faz com indiferença, pelo hábito cotidiano.

5.1.1.3 Pensar, Refletir e Matutar²³.

pensar (pen.sar) v. **1 Conceber pensamentos; raciocinar; refletir.** [*tr.* + *em*: Em que [Fabiano] estava pensando? (III, 52)]. [Sinha Vitória] Encostou o fura-bolos à testa indecisa. Em que estava pensando? (IV, 17); Em que [os meninos] estariam pensando? zumbiu Sinha Vitória. (XIII, 18); Menino é bicho miúdo, não pensa. (XIII, 18)]. [*int.*: E, pensando bem, ele não era homem: era apenas um cabra ocupado em guardar coisas dos outros. (II, 8); [Fabiano] Tinha muque e substância, mas pensava pouco, desejava pouco e obedecia. (III, 10); O fio da ideia cresceu, engrossou – e partiu-se. Difícil pensar. (III, 58); Necessário abandonar aqueles lugares amaldiçoados. Sinha Vitória pensaria como ele. (XII, 25)]. **2 Procurar lembrar-se, recordar-se.** [*tr.* + *em*: Sinha Vitória, queimando o assento no chão, as mãos cruzadas segurando os joelhos ossudos, pensava em acontecimentos antigos que não se relacionavam: festas de casamento, vaquejadas, novenas, tudo numa confusão. (I, 13); [Fabiano] Pensou na família, sentiu fome. (I, 28); [Fabiano] Pensou na mulher, nos filhos e na cachorrinha. (III, 38); [Sinha Vitória] Pensou de novo na cama de varas e mentalmente xingou Fabiano. (IV, 7); [Sinha Vitória] Agora pensava no bebedouro, onde havia um líquido escuro que bicho enjeitava. (IV, 19); [O menino mais velho] Pensou nas figurinhas abandonadas junto ao barreiro, mas isto lhe trouxe a recordação da palavra infeliz. (VI, 26); [O menino mais velho] Repetiu que não havia acontecido nada e tentou pensar nas estrelas que se acendiam na serra. Inutilmente. Àquela hora as estrelas estavam apagadas. (VI, 31); [Fabiano] Estivera uns dias assim murcho, pensando na seca e roendo a humilhação. (VII, 20); Empurrado, machucado, Fabiano tornou a pensar no soldado amarelo. (VIII, 17); [Sinha Vitória] Pensou com um arrepio na seca, na viagem medonha que fizera em caminhos abrasados, vendo ossos e garranchos. (VIII, 29); [Sinha Vitória] Suspirou, pensando na cama de varas em que dormia. (VIII, 29); [Fabiano] Pensou na mulher, nos filhos e na cachorra morta. Pobre de Baleia. (X, 32); Alguns minutos antes [Fabiano] não pensava em nada, mas agora suava frio e tinha lembranças insuportáveis. (XI, 14); [Fabiano] Desceu o copiar, atravessou o pátio, avizinhou-se da ladeira pensando na cachorra Baleia. Coitadinha. (XII, 7); Era o que Fabiano dizia, pensando em coisas alheias: o chiqueiro e o curral, que precisavam conserto, o cavalo de

²³ Nesta seção, como acontecerá em várias outras a seguir, optou-se por analisar conjuntamente esses três verbos devido à proximidade de sentido e pelo emprego significativo deles em *Vidas Secas*.

fábrica, bom companheiro, a égua alazã, as catingueiras, as panelas de losna, as pedras da cozinha, a cama de varas. (XIII, 5). **3 Preocupar-se com.** [*tr.* + *em*: [Fabiano] Sabia que a roupa nova cortada e cosida por Sinha Terta, o colarinho, a gravata, as botinas e o chapéu de baeta o tornavam ridículo, mas não queria pensar nisto. (VIII, 14); Dentro em pouco o despotismo de água ia acabar, mas Fabiano não pensava no futuro. (VII, 11); Era bom [Fabiano] pensar no futuro, criar juízo. (X, 2); [Fabiano] Pensou na mulher e suspirou. Coitada de Sinha Vitória, novamente nos descampados, transportando o baú de folha. (XII, 20); [Sinha Vitória e Fabiano] Discutiram e acabaram reconhecendo que aquilo [viver como tinham vivido] não valeria a pena, porque estariam sempre assustados, pensando na seca. (XIII, 14). **4 Formar imagem mental de; imaginar.** [*tr.* + *em*: Pelo espírito atribulado do sertanejo passou a ideia de abandonar o filho naquele descampado. [Fabiano] Pensou nos urubus, nas ossadas (...) (I, 10); Fabiano tomou a frente do grupo (...) pensando na égua que ia montar (...) uma égua que não fora ferrada nem levara sela. (II, 28); [Sinha Vitória] Agora pensava nela [na cama de lastros] de mau humor. Julgava-a inatingível (...). (IV, 10); [Fabiano] Examinou o polvarinho e o chumbeiro, pensou na viagem, estremeceu. (XII, 13)]. **5 Julgar, supor.** [*td.*: [O menino mais velho] (...) pensava até que a zanga delas [das pessoas mais velhas] era a causa única dos cascudos e puxavantes de orelhas. (VI, 23); Besteira [Fabiano] pensar que ia ficar murcho o resto da vida. Estava acabado? (XI, 24)].

(1)	Pelo espírito atribulado do sertanejo passou a ideia de abandonar o filho naquele descampado. [Fabiano] <u>Pensou</u> nos urubus, nas ossadas (...) (I, 10)
(2)	Sinha Vitória, queimando o assento no chão, as mãos cruzadas segurando os joelhos ossudos, <u>pensava</u> em acontecimentos antigos que não se relacionavam: festas de casamento, vaquejadas, novenas, tudo numa confusão. (I, 13)
(3)	[Fabiano] <u>Pensou</u> na família, sentiu fome. (I, 28)
(4)	E, <u>pensando</u> bem, ele não era homem: era apenas um cabra ocupado em guardar coisas dos outros. (II, 8)
(5)	Fabiano tomou a frente do grupo (...) <u>pensando</u> na égua que ia montar (...) uma égua que não fora ferrada nem levara sela. Haveria na catinga um barulho medonho. (II, 28)
(6)	[Fabiano] Tinha muque e substância, mas <u>pensava</u> pouco, desejava pouco e obedecia. (III, 10)
(7)	[Fabiano] <u>Pensou</u> na mulher, nos filhos e na cachorrinha. (III, 38)
(8)	Em que [Fabiano] <u>estava pensando</u> ? (III, 52)
(9)	O fio da ideia cresceu, engrossou – e partiu-se. Difícil <u>pensar</u> . (III, 58)
(10)	[Sinha Vitória] <u>Pensou</u> de novo na cama de varas e mentalmente xingou Fabiano. (IV, 7)
(11)	[Sinha Vitória] Agora <u>pensava</u> nela [na cama de lastros] de mau humor. Julgava-a inatingível e misturava-a às obrigações da casa. (IV, 10)
(12)	[Sinha Vitória] Encostou o fura-bolos à testa indecisa. Em que estava <u>pensando</u> ? (IV,

	17)
(13)	[Sinha Vitória] Agora <u>pensava</u> no bebedouro, onde havia um líquido escuro que bicho enjeitava. (IV, 19)
(14)	Era melhor [Sinha Vitória] esquecer o nó e <u>pensar</u> numa cama igual à de Seu Tomás da bolandeira. (IV, 32)
(15)	[O menino mais velho] (...) <u>pensava</u> até que a zanga delas [das pessoas mais velhas] era a causa única dos cascudos e puxavantes de orelhas. (VI, 23)
(16)	[O menino mais velho] <u>Pensou</u> nas figurinhas abandonadas junto ao barreiro, mas isto lhe trouxe a recordação da palavra infeliz. (VI, 26)
(17)	[O menino mais velho] Repetiu que não havia acontecido nada e tentou <u>pensar</u> nas estrelas que se acendiam na serra. Inutilmente. Àquela hora as estrelas estavam apagadas. (VI, 31)
(18)	Dentro em pouco o despotismo de água ia acabar, mas Fabiano não <u>pensava</u> no futuro. (VII, 11)
(19)	[Fabiano] Estivera uns dias assim murcho, <u>pensando</u> na seca e roendo a humilhação. (VII, 20)
(20)	[Fabiano] Sabia que a roupa nova cortada e cosida por Sinha Terta, o colarinho, a gravata, as botinas e o chapéu de baeta o tornavam ridículo, mas não queria <u>pensar</u> nisto. (VIII, 14)
(21)	Empurrado, machucado, Fabiano <u>tornou a pensar</u> no soldado amarelo. (VIII, 17)
(22)	[Sinha Vitória] <u>Pensou</u> com um arrepio na seca, na viagem medonha que fizera em caminhos abrasados, vendo ossos e garranchos. (VIII, 29)
(23)	[Sinha Vitória] Suspirou, <u>pensando</u> na cama de varas em que dormia. (VIII, 29)
(24)	[Fabiano] Era bom <u>pensar</u> no futuro, criar juízo. (X, 2)
(25)	[Fabiano] <u>Pensou</u> na mulher, nos filhos e na cachorra morta. Pobre de Baleia. (X, 32)
(26)	Alguns minutos antes [Fabiano] não <u>pensava</u> em nada, mas agora suava frio e tinha lembranças insuportáveis. (XI, 14)
(27)	Besteira [Fabiano] <u>pensar</u> que ia ficar murcho o resto da vida. Estava acabado? (XI, 24)
(28)	[Fabiano] Desceu o copiar, atravessou o pátio, avizinhou-se da ladeira <u>pensando</u> na cachorra Baleia. Coitadinha. (XII, 7)
(29)	[Fabiano] Examinou o polvarinho e o chumbeiro, <u>pensou</u> na viagem, estremeceu. (XII, 13)
(30)	[Fabiano] <u>Pensou</u> na mulher e suspirou. Coitada de Sinha Vitória, novamente nos

	descampados, transportando o baú de folha. (XII, 20)
(31)	Necessário abandonar aqueles lugares amaldiçoados. Sinha Vitória <u>pensaria</u> como ele. (XII, 25)
(32)	Era o que Fabiano dizia, <u>pensando</u> em coisas alheias: o chiqueiro e o curral, que precisavam conserto, o cavalo de fábrica, bom companheiro, a égua alazã, as catingueiras, as panelas de losna, as pedras da cozinha, a cama de varas. (XIII, 5)
(33)	[Sinha Vitória e Fabiano] Discutiram e acabaram reconhecendo que aquilo [viver como tinham vivido] não valeria a pena, porque estariam sempre assustados, <u>pensando</u> na seca. (XIII, 14)
(34)	Em que [os meninos] estariam <u>pensando</u> ? zumbiu Sinha Vitória. (XIII, 18)
(35)	Menino é bicho miúdo, não <u>pensa</u> . (XIII, 18)

Tabela 3 – Ocorrências do verbo “pensar” em ordem de aparecimento no romance.

refletir (re.fle.tir) v. **1 Pensar detidamente; meditar.** [tr. + em: Teria procedido bem? Nunca havia refletido nisso. A cachorra estava doente. (XII, 7)].

matutar (ma.tu.tar) v. **1 Refletir demoradamente sobre algo; meditar; pensar.** [tr. + em: Rolaria a noite inteira sobre as varas, matutando naquela perseguição. Desejaria imaginar o que ia fazer para o futuro. (X, 30)]. [int.: Matutando, a gente via que era assim, mas Sinha Vitória largava tiradas embaraçosas. (XII, 6); (...) Fabiano matutou e andou bem meia légua sem sentir (XIII, 14)].

Sem complemento o verbo “pensar” significa “conceber pensamentos, refletir, raciocinar”. Na primeira acepção, em cujas ocorrências o verbo se encontra intransitivo, Fabiano afirma que “pensa pouco” (*Pensar*6) e que é “difícil pensar” (*Pensar*9), e quando se detém na análise de si mesmo, deprecia-se, entendendo-se como cabra (*Pensar*4). É interessante que os trechos do romance que se adéquam a essa acepção harmonizam-se com a escassez de ocorrências dos verbos sinônimos, como “refletir” e “matutar”, descritos acima; ou mesmo com a ausência de ocorrências de verbos como “raciocinar” e “meditar” em todo romance. A primeira acepção do verbo “pensar” é bem próxima à do verbo “refletir”, empregado com complemento sob a forma em + nome abstrato (no caso, pelo contexto, a morte de Baleia). Em sua única ocorrência, o verbo ainda vem acompanhado de um advérbio negativo que se relaciona à noção de tempo, de modo que Fabiano afirma em nenhum momento haver pensado mais detidamente sobre esse assunto.

Essa proximidade de significado também ocorre com o verbo “matutar”, com complemento apagável da forma em + nome abstrato. O aspecto durativo inerente ao verbo é reforçado pelo uso do gerúndio em duas das três de suas ocorrências, também esparsas.

Ainda que os verbos sejam definidos de maneira muito próxima, pode-se dizer que a ação de refletir é mais intensa que a de pensar, uma vez que parece haver continuidade do processo por um espaço de tempo, talvez pela análise mais minuciosa dos fatos quando se pretende refletir sobre eles. Já a ação de matutar parece envolver um esforço maior para se chegar a alguma conclusão que obviamente demanda um período de tempo mais longo que o simples relâmpago de um pensamento. Somado a isso, podemos associar seu emprego ao vocabulário regional condizente com o espaço narrativo.

Foram criadas três entradas para o verbo “pensar” com complemento da forma em + nome, as acepções 2, 3 e 4, as quais, ainda que representem diferentes nuances do verbo, refletem recorrentes pensamentos de Fabiano: a família (incluindo Baleia) – em *Pensar3*, 7, 25, 28 e 30; o fantasma da seca, no passado e no futuro (em *Pensar1*, 19 e 29); as coisas da fazenda (*Pensar5* e 32) e o trauma da prisão, deflagrada pelo soldado amarelo (em *Pensar21*). A recorrência da seca, quase como uma obsessão, na mente de Fabiano, tem lugar nas três acepções, revelando-se como triste lembrança, preocupação e previsão.

Também em Sinha Vitória revela-se desespero a esse respeito, conforme se pode notar em *Pensar13*, 22 e 33. Tanto que, em meio à difícil situação retratada no início do romance, ela chega a tresvariar (*Pensar2*). Revela-se nela ainda verdadeira ideia fixa por ter uma cama de lastros de couro, “igual a de Seu Tomás da bolandeira”, para dar lugar à sua incômoda cama de varas. Outros verbos, sobretudo que figuram processos mentais de desejo, contemplam esse significado, mas o verbo “pensar”, em duas acepções diferentes, traz a ideia da projeção do desejo (em *Pensar11* e 14), e a recordação constante do desconforto em (*Pensar10* e 23).

A quinta e última acepção, na qual o complemento é expresso por uma oração conjuncional, temos o significado de julgamento, em que Fabiano faz a respeito da própria condição. Segundo Votre (2004, p.26), esse uso do verbo revela uma incerteza epistêmica, ou seja, comum em narrações em que se vê o personagem fazendo considerações e julgamentos diante do ocorrido. O verbo também assim significa para o menino mais velho, que começa a cogitar as causas do comportamento dos pais para com ele (*Pensar15*), sempre com cascudos e repreensões. É por isso que o menino mais velho se entristece e busca distrair os

pensamentos (*Pensar 16 e 17*) depois da discussão com Sinha Vitória, em que apanha apenas por questioná-la a respeito do significado da palavra inferno.

5.1.1.4 Entender, Compreender, Aprender e Conhecer

Optou-se por agrupar esses verbos em uma análise comparativa, uma vez que muitas vezes a definição de um deles contém o outro, sugerindo que são verbos sinônimos. É fundamental para a análise que percebamos diferenças de emprego de cada um desses itens lexicais, mas também é importante avaliar em que eles convergem nas construções do romance.

entender (en.ten.der) v. **1 Captar o significado de, interpretar; compreender.** [*td.*: E falava uma linguagem cantada, monossilábica e gutural, que o companheiro entendia. (II, 20); Se lhe tivessem dado ensino, [Fabiano] encontraria meio de entendê-la [a história]. (III, 58); Às vezes, [Fabiano] dizia uma coisa sem intenção de ofender, entendiam outra, e lá vinham questões. (X, 28)]. [*int.*: E [Fabiano] amunhecara, porque realmente mulher é um bicho difícil de entender (...) (IV, 6); [O menino mais velho] Valia-se, pois, de exclamações e de gestos, e Baleia respondia com o rabo, com a língua, com movimentos fáceis de entender. (VI, 14); Aquela coisa arriada e achacada metia as pessoas na cadeia, dava-lhes surra. [Fabiano] Não entendia. (XI, 15)]. **2 Perceber, captar pela audição; ouvir** [*td.*: [O menino mais velho] Não podendo perceber as feições do pai, cerrava os olhos para entendê-lo bem. (VII, 26)]. **3 Ter conhecimento, experiência, sapiência em relação a; saber.** [*tr.* + *de*: [Fabiano] Não entendia de imposto. (X, 14)]. **4 Chegar a entendimento, acordo; comunicar-se; dialogar.** [*td.*: Como [Sinha Vitória e Fabiano] não se entendessem, Sinha Vitória aludira, bastante azeda, ao dinheiro gasto pelo marido na feira, com jogo e cachaça. (IV, 8); [Os meninos] Não conseguiram entender-se, arengaram azedos, iam-se atracando. (VII, 24)]. [*tr* + *com*: Agora [Fabiano] queria entender-se com Sinha Vitória a respeito da educação dos pequenos. (II, 29); [O menino mais novo] Arredou-se, fez tenção de entender-se com alguém, mas ignorava o que pretendia dizer. (V, 17)]. **5 Ter facilidade de ter entendimento com (outrem) por similaridade de atitude, por amizade, por interesse comum; harmonizar-se** [*td.*: Esses mundos viviam em paz, às vezes desapareciam as fronteiras, habitantes dos dois lados entendiam-se perfeitamente e auxiliavam-se. (VI, 18)].

Entender-se (por gente)

1 Começar a ter discernimento a respeito da condição humana. [*td.*: Sempre tinha sido assim, desde que ele [Fabiano] se entendera. (II, 39); E antes de se entender, antes de nascer, sucedera o mesmo – anos bons misturados com anos ruins. (II, 39).]

(1)	E falava uma linguagem cantada, monossilábica e gutural, que o companheiro <u>entendia</u> . (II, 20)
(2)	Agora [Fabiano] queria <u>entender-se</u> com Sinha Vitória a respeito da educação dos pequenos. (II, 29)
(3)	Sempre tinha sido assim, desde que ele [Fabiano] <u>se entendera</u> . (II, 39)
(4)	E antes de <u>se entender</u> , antes de nascer, sucedera o mesmo – anos bons misturados com anos ruins. (II, 39)
(5)	Se lhe tivessem dado ensino, [Fabiano] encontraria meio de <u>entendê-la</u> [a história]. (III, 58)
(6)	E [Fabiano] amunhecara, porque realmente mulher é um bicho difícil de <u>entender</u> (...) (IV, 6)
(7)	Como [Sinha Vitória e Fabiano] não se <u>entendessem</u> , Sinha Vitória aludira, bastante azeda, ao dinheiro gasto pelo marido na feira, com jogo e cachaça. (IV, 8)
(8)	[O menino mais novo] Arredou-se, fez tenção de <u>entender-se</u> com alguém, mas ignorava o que pretendia dizer. (V, 17)
(9)	Esses mundos viviam em paz, às vezes desapareciam as fronteiras, habitantes dos dois lados <u>entendiam-se</u> perfeitamente e auxiliavam-se. (VI, 18)
(10)	[O menino mais velho] Valia-se, pois, de exclamações e de gestos, e Baleia respondia com o rabo, com a língua, com movimentos fáceis de <u>entender</u> . (VI, 14)
(11)	[Os meninos] Não conseguiram <u>entender-se</u> , arengaram azedos, iam-se atracando. (VII, 24)
(12)	[O menino mais velho] Não podendo perceber as feições do pai, cerrava os olhos para <u>entendê-lo</u> bem. (VII, 26)
(13)	[Fabiano] Não <u>entendia</u> de imposto. (X, 14)
(14)	Às vezes, [Fabiano] dizia uma coisa sem intenção de ofender, <u>entendiam</u> outra, e lá vinham questões. (X, 28)
(15)	Aquela coisa arriada e achacada metia as pessoas na cadeia, dava-lhes surra. [Fabiano] Não <u>entendia</u> . (XI, 15)

Tabela 4 – Ocorrências do verbo “entender” em ordem de aparecimento no romance.

compreender (com.pre:en.der) v. **1 Alcançar com o raciocínio, a inteligência; perceber o sentido de; assimilar com clareza; entender.** [*td.*: Fabiano marchou desorientado, entrou na cadeia, ouviu sem compreender uma acusação medonha e não se defendeu. (III, 29); Se pudesse ver o rosto do pai, [O menino mais velho] compreenderia talvez uma parte da

narração, mas assim no escuro a dificuldade era grande. (VII, 4); Mas [Sinha Vitória] compreendia que estava sendo severa demais, achava difícil Baleia endoidecer e lamentava que o marido não houvesse esperado mais um dia para ver se realmente a execução era indispensável. (IX, 14); Fabiano fingira-se desentendido: não compreendia nada, era bruto. (X, 14); O único vivente que o [Fabiano] compreendia era a mulher. (X, 28); A princípio o vaqueiro não compreendeu nada. Viu apenas que estava ali um inimigo. (XI, 5); Fabiano estirou o beijo e enrugou mais a testa suada: impossível compreender a intenção da mulher. (XII, 3)].

(1)	Fabiano marchou desorientado, entrou na cadeia, ouviu sem <u>compreender</u> uma acusação medonha e não se defendeu. (III, 29)
(2)	Se pudesse ver o rosto do pai, [O menino mais velho] <u>compreenderia</u> talvez uma parte da narração, mas assim no escuro a dificuldade era grande. (VII, 4)
(3)	Mas [Sinha Vitória] <u>compreendia</u> que estava sendo severa demais, achava difícil Baleia endoidecer e lamentava que o marido não houvesse esperado mais um dia para ver se realmente a execução era indispensável. (IX, 14)
(4)	Fabiano fingira-se desentendido: não <u>compreendia</u> nada, era bruto. (X, 14)
(5)	O único vivente que o [Fabiano] <u>compreendia</u> era a mulher. (X, 28)
(6)	A princípio o vaqueiro não <u>compreendeu</u> nada. Viu apenas que estava ali um inimigo. (XI, 5)
(7)	Fabiano estirou o beijo e enrugou mais a testa suada: impossível <u>compreender</u> a intenção da mulher. (XII, 3)

Tabela 5 – Ocorrências do verbo “compreender” em ordem de aparecimento no romance.

aprender (a.pren.der) **1 Alcançar, obter conhecimento, compreensão ou domínio de (informação, assunto, matéria etc.), por meio de estudo ou prática.** [*td.*: Se [Fabiano] aprendesse qualquer coisa, (...) nunca ficaria satisfeito. (II, 31)]. Agora [o menino mais velho] tinha tido a ideia de aprender uma palavra, com certeza importante porque figurava na conversa de Sinha Terta. (VI, 21); Os meninos em escolas, aprendendo coisas difíceis e necessárias. (XIII, 35)]. [*int.*: (...) [Fabiano] necessitaria aprender mais (...) (II, 31); Era bruto, sim senhor, nunca havia aprendido, não sabia explicar-se. (III, 57)].

(1)	Se [Fabiano] <u>aprendesse</u> qualquer coisa, (...) nunca ficaria satisfeito. (II, 31)
(2)	[Fabiano] necessitaria <u>aprender</u> mais (...) (II, 31)
(3)	Era bruto, sim senhor, nunca <u>havia aprendido</u> , não sabia explicar-se. (III, 57)
(4)	Agora [o menino mais velho] tinha tido a ideia de <u>aprender</u> uma palavra, com certeza importante porque figurava na conversa de Sinha Terta. (VI, 21)
(5)	Os meninos em escolas, <u>aprendendo</u> coisas difíceis e necessárias. (XIII, 35)

Tabela 6 – Ocorrências do verbo “aprender” em ordem de aparecimento no romance.

conhecer (co.nhe.cer) v. **1 Fazer ideia, ter noção de, conhecimento, informação sobre** [*td.*: [Baleia] Não conhecia o objeto, mas pôs-se a tremer, convencida de que ele encerrava surpresas desagradáveis. (IX, 29); [Os meninos] Não conheciam altares, mas presumiam que aqueles objetos deviam ser preciosos. (VIII, 12)]. **2 Reconhecer, distinguir, identificar.** [*td.*: [Fabiano] Conheceu os [rastos] da égua ruça e da cria, marcas de cascos grandes e pequenos. (XI, 2)]. **3 Visitar ou encontrar pela primeira vez.** [*td.*: [Fabiano] Ainda tencionava correr mundo, ver terras, conhecer gente importante como seu Tomás da bolandeira. (II, 40)]. **4 Ter informação sobre (um lugar) por ter estado lá pessoalmente.** [*td.*: Então ele [Fabiano] não conhecia aquelas paragens? (XIII, 23)]. **5 Ter ciência de estado ou condição.** [*td.*: Atrevimento não tinha, [Fabiano] conhecia o seu lugar. Um cabra. (X, 8)].

(1)	[Fabiano] Ainda tencionava correr mundo, ver terras, <u>conhecer</u> gente importante como seu Tomás da bolandeira. (II, 40)
(2)	[Os meninos] Não <u>conheciam</u> altares, mas presumiam que aqueles objetos deviam ser preciosos. (VIII, 12)
(3)	[Baleia] Não <u>conhecia</u> o objeto, mas pôs-se a tremer, convencida de que ele encerrava surpresas desagradáveis. (IX, 29)
(4)	Atrevimento não tinha, [Fabiano] <u>conhecia</u> o seu lugar. Um cabra. (X, 8)
(5)	[Fabiano] <u>Conheceu</u> os [rastos] da égua ruça e da cria, marcas de cascos grandes e pequenos. (XI, 2)
(6)	Então ele [Fabiano] não <u>conhecia</u> aquelas paragens? (XIII, 23)

Tabela 7 – Ocorrências do verbo “conhecer” em ordem de aparecimento no romance.

Ao se analisar detidamente o verbo “entender”, notou-se primeiramente que suas variadas acepções e extensões de significado ultrapassam a fronteira entre os processos mentais de cognição, de afeição e de percepção e também em relação a verbos comportamentais e verbais. Halliday e Matthiessen consideram as fronteiras entre os processos bem fluídas²⁴ e isso é confirmado na análise desse verbo. As acepções 1 e 3 podem ser consideradas, conforme definição, mais próximas dos processos mentais de cognição, enquanto a acepção 2 se aproxima dos processos mentais de percepção e a acepção 6, de afeição. Quando o verbo apresenta o significado de chegar a um acordo, implicitamente por meio do diálogo, podemos dizer que há aproximação tanto dos processos verbais, quanto dos comportamentais. Pode-se dizer que nesse verbo evidenciam-se as nuances que distanciam da centralidade os processos mentais, de modo que eles se desdobrem em comportamentais e

²⁴ (cf. *op.cit*)

mentais. Desse modo, ainda que o ato de entender seja prototipicamente mental, nesses casos, pela necessidade do outro ser para a realização da ação, notamos que esse é verbo é antes limítrofe entre processos mentais e verbais ou processos mentais e materiais (deflagrando em processos comportamentais), assim como o seu antônimo, “desentender-se”, uma vez que a concordância ou não depende do diálogo ou mesmo do contato material.

As diferentes acepções desse verbo também se manifestam no romance de maneira especialmente significativa, sobretudo pela evidencia da polaridade. Nesse sentido, vemos distintamente em que se pode alcançar o entendimento, a compreensão, em que não se pode. Nas ocorrências *Entender1 e 10*, vemos uma harmonia entre os seres humanos com os animais e com a natureza: tanto o cavalo compreende Fabiano, quanto Baleia se faz compreender, quanto é possível, para o menino mais velho (cf. *Entender9*) notar que o mundo natural e o mundo dos homens se complementam, ainda que diante dos desastres naturais. Isto se pode ver no belíssimo trecho em que se insere tal ocorrência:

“Todos os lugares conhecidos eram bons: o chiqueiro das cabras, o curral, o barreiro, o pátio, o bebedouro – mundo onde existiam seres reais, a família do vaqueiro e os bichos da fazenda. (...) Esses mundos viviam em paz, às vezes desapareciam as fronteiras, habitantes dos dois lados entendiam-se perfeitamente e auxiliavam-se. Existiam sem dúvida em toda a parte forças maléficas, mas essas forças eram sempre vencidas. E quando Fabiano amansava brabo, evidentemente uma entidade protetora segurava-o na sela, indicava-lhe os caminhos menos perigosos, livrava-o dos espinhos e dos galhos.

Nem sempre as relações entre as criaturas haviam sido amáveis. Antigamente os homens tinham fugido à toa, cansados e famintos. (...) Mas depois se consertara, para bem dizer as coisas ruins não tinham existido. No jirau da cozinha arrumavam-se mantas de carne seca e pedaços de tocinho. A sede não atormentava as pessoas, e à tarde, aberta a porteira, o gado miúdo corria para o bebedouro. Ossos e seixos transformavam-se às vezes nos entes que povoavam as moitas, o morro, a serra distante e os bancos de macambira.” (VI, 17-18)

Por outro lado, o menino mais velho também evidencia as relações difíceis entre os homens. Em *Entender7 e 11* vemos que é difícil o diálogo entre os integrantes da família de retirantes, o que é acentuado pela negação do verbo; em *Entender6*, nota-se que Fabiano não alcança quais seriam os desejos de sua mulher, concluindo que “mulher é bicho difícil de entender”, de uma forma geral (ver também *Compreender7*). Em *Entender2*, a associação do verbo “entender” com o modal “querer” indica que é desejo de Fabiano, mais que necessidade ou obrigação, chegar a um acordo com sua esposa a respeito da educação dos filhos. Fabiano, ainda que sempre se intitule como bruto, ainda que exatamente por isso não consiga compreender bem os desejos da esposa, como anteriormente vimos, mostra-se como um

homem que respeita a opinião dela, que segundo ele, “tinha muita coisa no miolo (XII, 7). A preocupação com a família, já vista por meio do verbo “pensar” aqui se reforça. Há outros verbos que explicitam essa relação de admiração que Fabiano tem para com Sinha Vitória, seu cuidado com os meninos e o afeto à cachorrinha, conforme veremos mais à frente.

Em *Entender*⁸, vemos também uma intenção do menino mais novo de buscar um diálogo, não concretizada pela inabilidade do menino em se expressar. O mesmo ocorre com Fabiano, que não se consegue fazer entender (*Entender*¹⁴) pelas demais pessoas, nem pelo filho (cf. *Entender*¹² e *Compreender*²), quando decidia se expressar. Já em *Entender*⁵, a oração principal que contém esse verbo apresenta uma relação de subordinação com outra oração condicional com verbo no passado. Desse modo, para que a ação de entender tivesse sido realizada, seria necessária uma condição, que, devido ao uso do verbo no pretérito mais-que-perfeito composto do subjuntivo, pode-se inferir que não ocorre. Isso significa que também houve negação da ação, da mesma forma como em *Entender*¹³. Nesta ocorrência, há complementação sob a forma de + nome, correspondente a “ter conhecimento ou sapiência de algo específico”. Por causa desse desconhecimento, a respeito de imposto, mais uma de suas carências de saber, ele não entende muito da exploração que sofre. Já em *Entender*¹⁵ vemos novamente a negação, quando diante das atitudes do soldado amarelo. Diante disso, há inabilidade para a expressão e para a compreensão do mundo à sua volta é o que relega a condição em que se encontra.

A mesma relação entre a negação e o predicador que foi visto com o verbo “saber”, e também com o verbo “entender” em algumas ocorrências, aparece também em “compreender” e em “aprender”. Observa-se a semelhança semântica entre esses verbos, até por todos serem processos mentais e por coincidirem suas definições, mas convém reforçar que cada um é usado para interpretar determinada conceptualização da família de retirantes a respeito de uma imagem mental diferente, o que reflete nas diferenças de significado. O verbo “compreender” parece revelar um entendimento mais profundo e mais global, se comparado ao “entender” e ao “saber”. “Aprender” parece se relacionar a fixar, absorver, internalizar e memorizar aquilo que em dado momento se entendeu e posteriormente se compreendeu.

Pelos fragmentos do romance listados no verbete de “compreender” vemos que a maioria das ocorrências se encontram associadas à negativa (cf. *Compreender* 1, 4, 6 e 7), em única acepção, expressa no verbete, relacionada à complementação por nome abstrato. Em duas ocorrências, há complementação por outra expressão negativa, pelo pronome indefinido “nada”, que nega quantificando. Ou seja, é como não fosse possível a Fabiano compreender

coisa alguma de forma plena. Apesar disso, é interessante ver que o próprio Fabiano, ainda que sem compreender e incompreendido pelo mundo, afirma que sua mulher é o “único vivente” a compreender seus sentimentos, o que mais uma vez revela a cumplicidade, mesmo que diluída, entre o casal.

Em relação ao verbo “aprender”, Fabiano também nega ter aprendido algo. Apresenta-se mais uma vez uma relação hipotética envolvendo essa ação, o que permite supor que ela não ocorreu. Isso se confirma na oração seguinte com o verbo “aprender”, em que a negação, associada à ideia aspectual e temporal, também aparece.

O menino mais velho, no capítulo homônimo ao personagem, tem a ideia de aprender uma palavra (cf. *Aprender*⁴) que julga importante por estar no discurso de alguém conhecidamente sábio. Aprende, por fim, a palavra “inferno” e quer conhecer seu significado, perguntando-o a Sinha Vitória. Ele decepciona-se com o que descobre, contesta-o diante da beleza da palavra e termina sendo castigado. Esse episódio ultrapassa a mera curiosidade de criança, evidencia o poder da palavra de permitir a conceptualização e o entendimento do mundo, muitas vezes arraigado à não arbitrariedade do signo – uma palavra tão bonita não poderia significar algo tão terrível, segundo o menino mais velho. É mais uma vez evidente a inabilidade, a inadequação da família de retirantes com a linguagem, que dificulta a compreensão do seu mundo e dos mundos possíveis.

Já as acepções do verbo “conhecer” “ter noção ou conhecimento de” e “ser versado em” não se associam ao sujeito Fabiano em nenhuma parte do romance – quando aparece a acepção, ela é negada, mas tem como sujeito experienciador os meninos e Baleia (cf. *Conhecer*^{2 e 3}). O que parece ser do conhecimento de Fabiano é relativo a seu trabalho como vaqueiro e, o mais interessante, é de seu conhecimento também a sua condição de subalterno, o lugar que ele socialmente ocupa. É curioso ainda que, embora ao longo do romance não haja muitos verbos que revelem aspirações para o futuro, como “sonhar”, nota-se a vontade de Fabiano em conviver novamente com pessoas como seu Tomás da Bolandeira, por quem ele guarda evidente admiração.

5.1.1.5 Lembrar e Recordar

lembrar (lem.brar) v. 1 **Trazer à memória de ou ter na memória; relebrar; recordar.**
 [tr. + de: [Fabiano] Lembrou-se dos filhos, da mulher e da cachorra, que estavam lá em cima, debaixo de um juazeiro, com sede. (I, 31); [Fabiano] Lembrou-se do preá morto. (I, 31); [Fabiano] Lembrou-se de seu Tomás da bolandeira. (II, 32); [Fabiano] Lembrou-se de uma fazenda vista na última das lojas que visitara. (III, 38); [Fabiano] Lembrou-se da casa velha

onde morava, da cozinha, da panela que chiava na trempe de pedras. (III, 51); [Sinha Vitória] Estremeceu, lembrando-se da seca, o rosto moreno desbotou, os olhos pretos arregalaram-se. (IV, 12); Sinha Vitória nem queria lembrar-se daquilo [da morte do papagaio]. (IV, 21); [O menino mais novo] viu o bode velho fazendo um barulho feio com as ventas arregaçadas, lembrou-se do acontecimento da véspera. (V, 13); [O menino mais novo] Lembrou-se de Fabiano e procurou esquecê-lo. (V, 34); [O menino mais velho] Lembrou-se dos currais feitos de seixos miúdos, sob as catingueiras. (VII, 26); [Fabiano] Lembrou-se da surra que levava da noite passada na cadeia. (VIII, 13); (...) Fabiano retirou-se, lembrando-se do jogo que tivera em casa de Seu Inácio, com o soldado amarelo. Fora roubado, com certeza fora roubado. (VIII, 18); [Baleia] Não se lembrava de Fabiano. (IX, 34); [Fabiano] Lembrou-se da marcha penosa que fizera através dela, com a família, todos esmolambados e famintos. (X, 20); [Fabiano] Estava com desejo de beber um quarteirão de cachaça, mas lembrava-se da última visita feita à venda de seu Inácio. (X, 29); [Fabiano] Lembrou-se da surra que levava e da noite passada na cadeia. (XI, 9); [Fabiano] Não queria lembrar-se do patrão nem do soldado amarelo. (XII, 12); Mas [Fabiano] lembrava-se, com desespero, enroscando-se como uma cascavel assanhada. (XII, 12); Sinha Vitória lembrou-se da cachorra Baleia, chorou, mas estava invisível e ninguém percebeu o choro. (XIII, 3); Fabiano lembrou-se da cachorra Baleia, outro arrepio correu-lhe a espinha, o riso besta esmoreceu. (XIII, 22)].

(1)	[Fabiano] <u>Lembrou-se</u> dos filhos, da mulher e da cachorra, que estavam lá em cima, debaixo de um juazeiro, com sede. (I, 31)
(2)	[Fabiano] <u>Lembrou-se</u> do preá morto. (I, 31)
(3)	[Fabiano] <u>Lembrou-se</u> de seu Tomás da bolandeira. (II, 32)
(4)	[Fabiano] <u>Lembrou-se</u> de uma fazenda vista na última das lojas que visitara. (III, 38)
(5)	[Fabiano] <u>Lembrou-se</u> da casa velha onde morava, da cozinha, da panela que chiava na trempe de pedras. (III, 51)
(6)	[Sinha Vitória] Estremeceu, <u>lembrando-se</u> da seca, o rosto moreno desbotou, os olhos pretos arregalaram-se. (IV, 12)
(7)	Sinha Vitória nem queria <u>lembrar-se</u> daquilo [da morte do papagaio]. (IV, 21)
(8)	[O menino mais novo] viu o bode velho fazendo um barulho feio com as ventas arregaçadas, <u>lembrou-se</u> do acontecimento da véspera. (V, 13)
(9)	[O menino mais novo] <u>Lembrou-se</u> de Fabiano e procurou esquecê-lo. (V, 34)
(10)	[O menino mais velho] <u>Lembrou-se</u> dos currais feitos de seixos miúdos, sob as catingueiras. (VII, 26)
(11)	[Fabiano] <u>Lembrou-se</u> da surra que levava da noite passada na cadeia. (VIII, 13)
(12)	(...) Fabiano retirou-se, <u>lembrando-se</u> do jogo que tivera em casa de Seu Inácio, com o soldado amarelo. Fora roubado, com certeza fora roubado. (VIII, 18)
(13)	[Baleia] Não <u>se lembrava</u> de Fabiano. (IX, 34)

(14)	[Fabiano] <u>Lembrou-se</u> da marcha penosa que fizera através dela, com a família, todos esmolambados e famintos. (X, 20)
(15)	[Fabiano] Estava com desejo de beber um quarteirão de cachaça, mas <u>lembrava-se</u> da última visita feita à venda de seu Inácio. (X, 29)
(16)	[Fabiano] <u>Lembrou-se</u> da surra que levava e da noite passada na cadeia. (XI, 9)
(17)	[Fabiano] Não queria <u>lembrar-se</u> do patrão nem do soldado amarelo. (XII, 12)
(18)	Mas [Fabiano] <u>lembrava-se</u> , com desespero, enroscando-se como uma cascavel assanhada. (XII, 12)
(19)	Sinha Vitória <u>lembrou-se</u> da cachorra Baleia, chorou, mas estava invisível e ninguém percebeu o choro. (XIII, 3)
(20)	Fabiano <u>lembrou-se</u> da cachorra Baleia, outro arrepio correu-lhe a espinha, o riso besta esmoreceu. (XIII, 22)

Tabela 8 – Ocorrências do verbo “lembrar” em ordem de aparecimento no romance.

recordar (re.cor.dar) v. 1 **Trazer ou ter de volta à memória; lembrar; rememorar.** [*td.*: [Fabiano] Tentou recordar o seu tempo de infância, foi visto miúdo, enfezado, a camisinha encardida e rota, acompanhando o pai no serviço do campo, interrogando-o de balde. (II, 23); [Fabiano] Esfregou a testa suada e enrugada. Para que recordar vergonha? Pobre dele. (XII, 12)]. [*tr + de.*: Agora [Fabiano] se recordava da viagem que tinha feito pelo sertão, a cair de fome. (III, 60); O menino mais velho recordou-se de um brinquedo antigo, presente de seu Tomás da bolandeira. (VI, 26); [O menino mais velho] Recordou-se das cabras abatidas à mão de pilão, penduradas de cabeça para baixo num caibro do copiar, sangrando. (VI, 35); [Fabiano] Recordou-se do que lhe sucedera anos atrás, antes da seca, longe. (X, 14); Se ao menos [Fabiano] pudesse recordar-se de fatos agradáveis, a vida não seria inteiramente má. (X, 32); Enfim apanhar do governo não é desfeita, e Fabiano até sentiria orgulho ao recordar-se da aventura. (XI, 15); [Fabiano] Recordou-se de lutas antigas, em danças com fêmea e cachaça. (XI, 18); [Fabiano] Recordou-se dos animais feridos e logo afastou a lembrança. (XIII, 14)].

(1)	[Fabiano] Tentou <u>recordar</u> o seu tempo de infância, foi visto miúdo, enfezado, a camisinha encardida e rota, acompanhando o pai no serviço do campo, interrogando-o de balde. (II, 23)
(2)	[Fabiano] Esfregou a testa suada e enrugada. Para que <u>recordar</u> vergonha? Pobre dele. (XII, 12)
(3)	Agora [Fabiano] <u>se recordava</u> da viagem que tinha feito pelo sertão, a cair de fome. (III, 60)
(4)	O menino mais velho <u>recordou-se</u> de um brinquedo antigo, presente de seu Tomás da

	bolandeira. (VI, 26)
(5)	[O menino mais velho] <u>Recordou-se</u> das cabras abatidas à mão de pilão, penduradas de cabeça para baixo num caibro do copiar, sangrando. (VI, 35)
(6)	[Fabiano] <u>Recordou-se</u> do que lhe sucedera anos atrás, antes da seca, longe. (X, 14)
(7)	Se ao menos [Fabiano] pudesse <u>recordar-se</u> de fatos agradáveis, a vida não seria inteiramente má. (X, 32)
(8)	Enfim apanhar do governo não é desfeita, e Fabiano até sentiria orgulho ao <u>recordar-se</u> da aventura. (XI, 15)
(9)	[Fabiano] <u>Recordou-se</u> de lutas antigas, em danças com fêmea e cachaça. (XI, 18)
(10)	[Fabiano] <u>Recordou-se</u> dos animais feridos e logo afastou a lembrança. (XIII, 14)

Tabela 9 – Ocorrências do verbo “recordar” em ordem de aparecimento no romance.

O verbo “lembrar” foi usado em todo o romance *Vidas Secas* apenas na forma pronominal com a acepção de “trazer à memória”. Nesse caso, o sujeito é também experienciador e o complemento expresso por nome é introduzido por “de”. Apenas sete ocorrências do verbo não dizem respeito a Fabiano, e as lembranças deste personagem revelam-se sempre angustiantes ou desagradáveis. São recorrentes lembranças relacionadas à “marcha penosa” da seca (cf. *Lembrar2 e 14*), de que também se lembra Sinha Vitória (*Lembrar6 e 7*); e, sobretudo, relacionadas a todo o episódio em que foi preso, quase obsessivamente: o jogo na venda de Seu Inácio, a surra, a prisão (cf. *Lembrar11, 12, 15, 16, 17 e 18*). Em ocorrências mais esparsas, nota-se que em seu pensamento também está o seu ambiente familiar, quando longe dele (cf. *Lembrar 1 e 5*), a cachorra Baleia, de quem também lembra Sinha Vitória após a morte da cachorrinha (cf. *Lembrar19 e 20*), e a vida anterior, quando convivia com Seu Tomás da Bolandeira (*Lembrar3*). Esses elementos já haviam sido mencionados na análise do verbo “pensar”, sobretudo na acepção de significado semelhante.

É interessante notar que o vocábulo “lembrança”, oriundo desse verbo, quando significa “ato ou efeito de lembrar”, também traz consigo sintagmas preposicionais relativos aos mesmos temas ou sintagmas adjetivos que refletem os mesmos complementos recorrentes no verbo.

Ele, a mulher e os filhos tinham-se habituado à camarinha escura, pareciam ratos – e a lembrança dos sofrimentos passados esmorecera. (I, 6)

O que lhe amolecia o corpo era a lembrança da mulher e dos filhos. (II, 66)

O soldado amarelo, farto de substância, ganhava fumaça na companhia dos parceiros. Era bom evitá-lo. Mas a lembrança dele tornava-se às vezes horrível. (VIII, 22)

Pensou com um arrepio na seca, na viagem medonha que fizera em caminhos abrasados, vendo ossos e garranchos. Afastou a lembrança ruim, atentou naquelas belezas. (VIII, 29)

Alguns minutos antes não pensava em nada, mas agora suava frio e tinha lembranças insuportáveis. (XI, 14)

A lembrança da cachorra Baleia picava-o, intolerável. (XII, 23)

A lembrança das aves medonhas, que ameaçavam com os bicos pontudos os olhos de criaturas vivas, horrorizou Fabiano. (XIII, 14)

Novamente a lembrança da cama de lastros de couro, por Sinha Vitória:

Por uma extravagante associação, relacionou esse ato com a lembrança da cama. (IV, 14)

E esta ocorrência junto ao verbo “recordar”, coesivamente:

[Fabiano] Recordou-se dos animais feridos e logo afastou a lembrança. (XIII, 12)

Cabe ressaltar também que o menino mais novo, quando sujeito do verbo “lembrar”, figura duas construções no mesmo capítulo, uma em seu início e outra em seu fim, ambas relativas a Fabiano. O menino mais novo quer imitar o pai montando um bode, que seria sua “égua alazã”. Inicialmente ele rememora a façanha do vaqueiro para reproduzi-la (*Lembrar*⁸), mas, diante do fracasso da empreitada, procura afastar a lembrança do pai (*Lembrar*⁹).

O verbo “recordar” comporta-se sintaticamente de forma semelhante a seu sinônimo, podendo ser empregado na forma pronominal ou não, desde que, quando na forma pronominal, seu complemento seja regido pela preposição “de”. Veem-se as duas formas

sintáticas no romance, sem grandes alterações de significado. Em geral há complementação por nomes. Os nomes que complementam esse verbo se inscrevem também na temática daqueles relativos a “lembrar”. Há uma ocorrência (*Recordar*⁷) em que é dito pelo personagem Fabiano que se pudesse se recordar de fatos agradáveis a vida não seria inteiramente má. Pela análise dos verbetes dos dois verbos podemos ver que os complementos quase sempre trazem aspectos recorrentes, muitos deles negativos e, por essa razão, pode-se dizer que o mundo interior de Fabiano e dos demais componentes é deveras conturbado. Mas como ter boas lembranças se a vida deles é envolta de agruras?

Em relação à “recordação”, vemos algo também semelhante ao que acontece com “lembrança”, conforme se pode ver em algumas ocorrências:

Fabiano também às vezes sentia falta dela [gaiola do papagaio], mas logo a recordação chegava. (I, 13)

[Sinha Vitória] Diligenciou afastar a recordação, temendo que ela virasse realidade. (IV, 12)

Outra vez Sinha Vitória pôs-se a sonhar com a cama de lastro de couro. Mas o sonho se ligava à recordação do papagaio (...) (IV, 28)

Ora, o soldado amarelo... Sacudiu a cabeça, livrou-se da recordação desagradável e procurou uma cara amiga na multidão (VIII, 16)

5.1.1.6 Esquecer

esquecer (es.que.cer) *v.* **1 Perder da memória; não (se) lembrar; olvidar.** [*td.*: O que desejava... An! [Fabiano] Esquecia-se. (III, 60)] [*int.*: [Baleia] Esqueceu-se [dos preás] e de novo lhe veio o desejo de morder Fabiano (IX, 29)]. **2 Distrair-se de; ignorar temporariamente, não atentar para, descuidar-se.** [*tr.* + *de*: Fabiano era capaz de se ter esquecido de curar a vaca laranja. (IV, 11); - É capaz de Fabiano ter-se esquecido da vaca laranja. (IV, 13)]. **3 Perder a ciência, o conhecimento ou a habilidade adquiridos.** [*td.*: Às vezes, [Fabiano] decorava algumas [palavras] e empregava-as de propósito. Depois esquecia-as. (X, 24)]. **4 Não pensar em, não se ligar em (algo, ou o que quer que seja) por estar absorto, embevecido etc., ou por não querer se aborrecer.** [*td.*: Fabiano aligeirou o passo, esqueceu a fome, a canseira e os ferimentos. (I, 14); Fabiano pisou com segurança, esquecendo as rachaduras (...). (I, 25); Sinha Vitória nem queria lembrar-se daquilo. Esquecera a vida antiga, era como se tivesse nascido depois que chegara à fazenda. (IV, 21); Era melhor [Sinha Vitória] esquecer o nó e pensar numa cama igual à de Seu Tomás da bolandeira. (IV, 32); [O menino mais novo] Esqueceu desentendimentos e grosserias, um entusiasmo verdadeiro encheu-lhe a alma pequenina. (V, 8); [O menino mais novo] Lembrou-se de Fabiano e procurou esquecê-lo. (V, 34); [Fabiano] Relatava um fuzuê terrível, esquecia as pancadas e a prisão, sentia-se capaz de atos importantes. (VII, 21); [Fabiano] Esqueceu a

infelicidade próxima, riu-se encantado com a esperteza de Sinha Vitória. (XII, 6); Aqueles malditos bichos é que lhe faziam medo. [Fabiano] Procurou esquecê-los. (XII, 16); [Fabiano] Esforçava-se por esquecer uma infelicidade, e vinham outras infelicidades. (XII, 12); Mas como [Fabiano] poderia esquecê-los [os bichos] se estavam ali (...) (XII, 16); [Sinha Vitória] Chegou-se a Fabiano, amparou-o e amparou-se, esqueceu os objetos próximos, os espinhos, as arribações, os urubus que farejavam carniça (XIII, 13) [Sinha Vitória, Fabiano e os meninos] Chegariam a uma terra distante, esqueceriam a catinga onde havia montes baixos, cascalhos, rios secos, espinho, urubus, bichos morrendo, gente morrendo. (XIII, 20); Fabiano aprovou o arranjo, sorriu, esqueceu os urubus e o cavalo. (XIII, 31)].

(1)	Fabiano aligeirou o passo, <u>esqueceu</u> a fome, a canseira e os ferimentos. (I, 14)
(2)	Fabiano pisou com segurança, <u>esquecendo</u> as rachaduras (...). (I, 25)
(3)	O que desejava... An! [Fabiano] <u>Esquecia-se</u> . (III, 60)
(4)	Fabiano era capaz de <u>se ter esquecido</u> de curar a vaca laranja. (IV, 11)
(5)	- É capaz de Fabiano <u>ter-se esquecido</u> da vaca laranja. (IV, 13)
(6)	Sinha Vitória nem queria lembrar-se daquilo. <u>Esquecera</u> a vida antiga, era como se tivesse nascido depois que chegara à fazenda. (IV, 21)
(7)	Era melhor [Sinha Vitória] <u>esquecer</u> o nó e pensar numa cama igual à de Seu Tomás da bolandeira. (IV, 32)
(8)	[O menino mais novo] <u>Esqueceu</u> desentendimentos e grosserias, um entusiasmo verdadeiro encheu-lhe a alma pequenina. (V, 8)
(9)	[O menino mais novo] Lembrou-se de Fabiano e procurou <u>esquecê-lo</u> . (V, 34)
(10)	[Fabiano] Relatava um fuzuê terrível, <u>esquecia</u> as pancadas e a prisão, sentia-se capaz de atos importantes. (VII, 21)
(11)	[Baleia] <u>Esqueceu-se</u> [dos preás] e de novo lhe veio o desejo de morder Fabiano (IX, 29)
(12)	Às vezes, [Fabiano] decorava algumas [palavras] e empregava-as de propósito. Depois <u>esquecia-as</u> . (X, 24)
(13)	[Fabiano] <u>Esqueceu</u> a infelicidade próxima, riu-se encantado com a esperteza de Sinha Vitória. (XII, 6)
(14)	Aqueles malditos bichos é que lhe faziam medo. [Fabiano] Procurou <u>esquecê-los</u> . (XII, 16)
(15)	[Fabiano] Esforçava-se por <u>esquecer</u> uma infelicidade, e vinham outras infelicidades. (XII, 12)
(16)	Mas como [Fabiano] poderia <u>esquecê-los</u> [os bichos] se estavam ali (...) (XII, 16)
(17)	[Sinha Vitória] Chegou-se a Fabiano, amparou-o e amparou-se, <u>esqueceu</u> os objetos próximos, os espinhos, as arribações, os urubus que farejavam carniça (XIII, 13)

(18)	[Sinha Vitória, Fabiano e os meninos] Chegariam a uma terra distante, <u>esqueceriam</u> a catinga onde havia montes baixos, cascalhos, rios secos, espinho, urubus, bichos morrendo, gente morrendo. (XIII, 20)
(19)	Fabiano aprovou o arranjo, sorriu, <u>esqueceu</u> os urubus e o cavalo. (XIII, 31)

Tabela 10 – Ocorrências do verbo “esquecer” em ordem de aparecimento no romance.

Na análise de “lembrar” e “recordar”, foi visto que os itens lexicais escolhidos para complementação dos verbos correspondem, em geral, a termos que evidenciam aspectos negativos acerca da vida da família de retirantes. Essa ideia emerge novamente na observação do verbo “esquecer”, suscitando também outros aspectos comparativos igualmente relevantes.

O primeiro deles é a diferença a respeito do papel correspondente ao sujeito desses verbos. Uma rápida análise do verbete de “esquecer” já permite que se note a grande quantidade de ocorrências na acepção 4, em que o sujeito, em vez de experienciador como nos dois últimos verbos e nas demais acepções, é agente da ação. O que os personagens *querem* esquecer, e não apenas esquecem espontaneamente (como nos escassos *Esquecer4, 5 e 11*), são exatamente situações desagradáveis do passado ou dificuldades do presente. Não por mera distração, mas como mecanismo de sobrevivência.

Essa escolha verbal remete a um questionamento que paira sobre toda a obra: como essa família tem força para sempre recomeçar e para dar prosseguimento à vida, mesmo diante do eterno retorno? A resposta pode ser sugerida em várias escolhas lexicais, mas é muito proeminente nas ocorrências de “esquecer”. Em *Recordar7*, como já dito, Fabiano afirma que a vida não seria má se ele pudesse recordar de fatos agradáveis. Mas a possibilidade de renovação só é possível graças à operação de buscar esquecer (*Esquecer6 e 18*), mesmo que nem sempre bem sucedida (como em *Esquecer15*). Isso se relaciona diretamente com o significado geral da obra, uma vez que *Vidas Secas* é antes de tudo uma história de sobreviventes diante da seca. A condição *sine qua non* para que eles resistam nesse meio insalubre é exatamente afastar as lembranças ruins e prosseguir.

É a admiração do menino mais novo por Fabiano que o faz esquecer as grosserias do pai (*Esquecer8*). No entanto, uma vez decepcionado com o insucesso na tentativa de ser como ele, o que menino mais novo busca para sofrer menos é esquecer-lo (*Esquecer9*) – operação já vista acima na análise de *Lembrar 8 e 9*. Já Sinha Vitória mergulha em seu desejo recorrente pela cama igual à de Seu Tomás da bolandeira, tentando não se lembrar da que tem e que provavelmente sempre terá (*Esquecer7*). Ela também busca não se importar com as

dificuldades enfrentadas na seca (*Esquecer17*), forma de amparar o marido e ser amparada por ele.

Fabiano também procura esquecer as dificuldades concernentes à seca para ser capaz de prosseguir (em *Esquecer1, 2, 13, 14, 15, 16 e 19*), os traumas do passado (*Esquecer10*) e também os próprios desejos irrealizáveis (*Esquecer3*). Em *Esquecer2 e 10*, vemos, respectivamente, que o esquecimento é o que faz Fabiano agir com segurança e se sentir capaz de atos importantes. E, de forma belíssima, evidencia-se por meio da construção com este verbo a admiração de Fabiano por sua mulher (*Esquecer13 e 19*), que o faz preferir as dificuldades e até mesmo sorrir. Assim, mais que simplesmente o esquecimento, é a poderosa (ainda que tácita) ligação entre os dois que lhes faz firmes para continuarem a viver.

Outro aspecto relevante suscitado no verbete é questão da inabilidade de Fabiano com a linguagem, mais uma vez evidenciada em *Esquecer12*. Na impossibilidade de memorizar as palavras de belo significado que não tenham para ele significado correspondente, elas se tornam inúteis e passíveis de esquecimento para Fabiano.

O caráter volitivo da acepção 4, em algumas ocorrências, é reforçado pelo uso de verbos como “procurar” (em *Esquecer14*) e “esforçar-se” (em *Esquecer15*), com sentido de “empenhar-se”, como verbos principais complementados por “esquecer”, parte de oração infinitiva. Esses verbos exigem sujeito agente, emprestando tal sentido ao verbo que os complementa. Também a expressão “era melhor”, visivelmente polifônica em discurso indireto livre, sugere essa opção pelo esquecimento.

5.1.1.7 Convencer

convencer (con.ven.cer) *v.* **1 Persuadir (alguém) com razões, argumentos ou fatos.** [*td.*: [Sinha Vitoria] Mas tentara convencê-lo dando-lhe um cocorote, e isto lhe [ao menino mais velho] parecia absurdo. (VI, 23); [Baleia] Quis latir, expressar oposição a tudo aquilo, mas percebeu que não convenceria ninguém e encolheu-se, baixou a cauda, resignou-se ao capricho dos seus donos. (VIII, 31)]. [*tdr.* + *de*: [Baleia] Afinal convenceu-o de que o procedimento dele era inútil. (VI, 13); Como o outro lhe explicasse que, para vender o porco, devia pagar imposto, [Fabiano] tentara convencê-lo de que ali não havia porco, havia quartos de porco, pedaços de carne. (X, 14)]. **2 Adquirir certeza, convicção de algo de que se duvidava.** [*tdr.* + *de*: (...)] [Fabiano] dizia palavras difíceis, truncando tudo, e convencia-se de que melhorava. Tolice. (II, 34); E, por mais que forcejasse, [Fabiano] não se convencia de que o soldado amarelo fosse governo. (III, 43); [O menino mais novo] Enxergara viventes no céu, considerava-se protegido, [Fabiano] convencia-se de que forças misteriosas iam ampará-lo. (V, 26); (...)[Fabiano] via os acontecimentos com exagero e otimismo, estava convencido de que praticara feitos notáveis. (VII, 20); [Fabiano] Estava convencido de que todos os habitantes da cidade eram ruins. (VIII, 16); [Fabiano] Precisava consultar Sinha Vitória, combinar a viagem, livrar-se das arribações, explicar-se, convencer-se de que não praticara

injustiça matando a cachorra. (XII, 24); Agora Fabiano examinava o céu, a barra que tingia o nascente, e não queria convencer-se da realidade. (XIII, 6)].

(1)	(...) [Fabiano] dizia palavras difíceis, truncando tudo, e <u>convencia-se</u> de que melhorava. Tolice. (II, 34)
(2)	E, por mais que forcejasse, [Fabiano] não se <u>convencia</u> de que o soldado amarelo fosse governo. (III, 43)
(3)	[O menino mais novo] Enxergara viventes no céu, considerava-se protegido, <u>convencia-se</u> de que forças misteriosas iam ampará-lo. (V, 26)
(4)	[Baleia] Afinal <u>convenceu-o</u> de que o procedimento dele era inútil. (VI, 13)
(5)	[Sinha Vitoria] Mas tentara <u>convencê-lo</u> dando-lhe um cocorote, e isto lhe parecia absurdo. (VI, 23)
(6)	(...) [Fabiano] via os acontecimentos com exagero e otimismo, <u>estava convencido</u> de que praticara feitos notáveis. (VII, 20)
(7)	[Fabiano] <u>Estava convencido</u> de que todos os habitantes da cidade eram ruins. (VIII, 16)
(8)	[Baleia] Quis latir, expressar oposição a tudo aquilo, mas percebeu que não <u>convenceria</u> ninguém e encolheu-se, baixou a cauda, resignou-se ao capricho dos seus donos. (VIII, 31)
(9)	Como o outro lhe explicasse que, para vender o porco, devia pagar imposto, [Fabiano] tentara <u>convencê-lo</u> de que ali não havia porco, havia quartos de porco, pedaços de carne. (X, 14)
(10)	[Fabiano] Precisava consultar Sinha Vitória, combinar a viagem, livrar-se das arribações, explicar-se, <u>convencer-se</u> de que não praticara injustiça matando a cachorra. (XII, 24)
(11)	Agora Fabiano examinava o céu, a barra que tingia o nascente, e não queria <u>convencer-se</u> da realidade. (XIII, 6)

Tabela 11 – Ocorrências do verbo “convencer” em ordem de aparecimento no romance.

O verbo “convencer”, na primeira acepção apresentada, indica uma ação-processo com sujeito agente/causador e com dois complementos, um expresso por nome humano e outro, na forma de oração (que pode estar apagada) e precedido de “de”, significando “persuadir”, “fazer crer”. Na segunda acepção, também ação-processo, o sujeito é tanto agente/causador quanto paciente, uma vez que o complemento que corresponde ao objeto direto é o pronome reflexivo “se”, de modo que a ação incide sobre o próprio sujeito, apresentando também outro

complemento da forma de + oração conjuncional ou nominalização da oração (esta apenas em *Convencer11*). Esse verbo em ambas as acepções representa o processo de mudança de estado em que há tentativa bem sucedida ou não de se modificar uma crença ou opinião pré-existente, substituindo-a por outra. Não necessariamente a nova concepção corresponde à verdade dos fatos, mas pode ser a mais relevante no contexto em que se insere o indivíduo.

Assim, em *Vidas Secas* vemos dois movimentos: tanto há a tentativa de convencimento do outro, como de autoconvencimento. Neste último caso, correspondente aos verbos da segunda acepção, em algumas ocorrências o que se vê é antes o ato de “enganar-se” e tentar acreditar em algo para poder conseguir se manter firme. É antes querer acreditar do que verdadeiramente fazê-lo. É o menino mais novo convencendo-se de que não se machucará, de que será amparado, para ganhar coragem de realizar o feito perigoso (em *Convencer3*). É Fabiano, que tenta acreditar que está progredindo – já sabendo que não é verdade (*Convencer1*), ou que não fora injusto matando Baleia (*Convencer10*). Diante de um *status quo* angustiante, o que se tenta fazer é modificá-lo internamente, operação esta, assim como a de esquecer, também fundamental para a sobrevivência. Por outro lado, em algumas ocorrências, há negação, seja por ausência da intenção do sujeito de se convencer (*Convencer11*) – marcada pelo verbo modal querer, seja por ausência de fatos que corroborem para o convencimento (*Convencer2*).

Em *Convencer 6 e 7*, o uso da passiva de estado revela o processo de provável convencimento ou de autoconvencimento já deflagrado. Não é impossível supor que Fabiano tenha tentado acreditar que é capaz de grandes feitos para que nessa ilusão possa sustentar-se. Da mesma maneira, pode-se supor que diante dos sucessivos traumas e percalços sofridos nas vezes em que teve contato com pessoas da cidade, ele tenha concluído que todos eles são ruins. Assim ele pode evitá-los e se proteger. Ainda que omitido, contextualmente é possível pressupor o agente/causador em cada uma das ocorrências para o processo instaurado.²⁵

Na primeira acepção vemos algo próximo deste último sentido: a ausência de fundamentação adequada para a eficiente persuasão. Em *Convencer5*, Sinha Vitória tenta convencer o filho acerca do significado da palavra “inferno” por meio de pancadas, “argumento” este ineficiente para o atendimento do objetivo. Da mesma forma, Fabiano, não consegue se justificar para o agente do governo, sem persuadi-lo quanto à venda do porco (*Convencer9*). Nesses dois casos, vemos mais uma vez a emergência da inadequação

²⁵ Essas ocorrências foram posicionadas na rubrica de verbo transitivo direto, uma vez que é possível recuperá-lo contextualmente .

linguística dos personagens, o que faz com que não consigam argumentar, e, conseqüentemente, convencer.

Dentre as ocorrências, também chama a atenção duas delas em que temos a personagem Baleia como sujeito desse processo típico de um ser humano (*Convencer4 e 8*). Evidencia-se não somente a humanização da personagem, mas sua necessidade ou capacidade de interagir com os personagens, chegando até a conseguir instituir influência (*Convencer4*).

5.1.2 Processos mentais de desejo

Os verbos mentais de desejo são verbos modalizadores, de modo a expressar certa atitude do sujeito a respeito do que se fala. Não estão no mesmo nível da modalização epistêmica ou deôntica²⁶, mas por meio desses verbos há expressão de volição. Segundo Ilari & Basso (2008, p. 339) são verbos de atitude proposicional, uma vez que a proposição tem de ser avaliada num mundo diferente do real, em que são criados mundos à parte, correspondentes aos desejos do sujeito. O verbo “querer”, assim como os demais dessa lista, compõe os chamados predicados não-implicativos (*op. cit* p. 1051-2) em que é selecionado um estado de coisas que não pode ser pressuposto como realizado ou não-realizado. É interessante que ao longo do romance vemos que os desejos que eles têm são exatamente daquilo que lhes é negado muitas vezes e em que pouquíssimas vezes conseguem alcançar.

5.1.2.1 Querer

querer (que.*rer*) v. 1 **Sentir vontade de; desejar; aspirar; pretender.** [*td.*: [Fabiano] Tinha o coração grosso, queria responsabilizar alguém pela desgraça. (I,8); Mas chegando aos juazeiros, [Fabiano] encontrou os meninos adormecidos e não quis acordá-los. (I,19); Fabiano queria viver. Olhou o céu com resolução. (I, 25); [Fabiano] Queria apenas dar um ensinamento aos meninos. (II, 25); Agora [Fabiano] queria entender-se com Sinha Vitória a respeito da educação dos pequenos. Certamente ela não era culpada. (II,29); [Fabiano] Não queria morrer. (II,40); [Fabiano] Não queria morrer. (II, 40); [Fabiano] Não queria capacitar-se de que a malvadez tivesse sido para ele. (III, 39); [Fabiano] Só queria voltar para junto de Sinha Vitória (...) (III, 46); Por que vinham bulir com um homem que só queria descansar? (III, 46); Fabiano queria berrar para a cidade inteira, afirmar ao doutor juiz de direito, ao delegado, a seu vigário e aos cobradores da prefeitura que ali dentro ninguém prestava para nada. (III, 63); Ele, os homens acorados, o bêbedo, a mulher das pulgas, tudo era uma lástima, só servia para aguentar facão. Era o que ele [Fabiano] queria dizer. (III, 63); [Sinha Vitória] Quis acordá-lo e perguntar, mas distraiu-se olhando os xiquexiques e os mandacarus que avultavam na campina. (IV, 11); Sinha Vitória nem queria lembrar-se daquilo [da morte do papagaio (IV, 21); Ele [o menino mais velho] tinha querido que a palavra virasse coisa e

²⁶ A primeira ligada ao conhecimento; a segunda, ao dever.

ficara desapontado quando a mãe se referira a um lugar ruim, com espetos e fogueiras. (VI, 18); Fabiano zangou-se com a impertinência deles e quis puni-los. (VII, 24); [Fabiano] Sabia que a roupa nova cortada e cosida por Sinha Terta, o colarinho, a gravata, as botinas e o chapéu de baeta o tornavam ridículo, mas não queria pensar nisto. (VIII, 14); [Fabiano] Queria era desgraçar-se, dar um pano de amostra àquele safado. (...) (VIII, 20); [Fabiano] Queria que o deixassem com a mulher, os filhos e a cachorrinha. (VIII, 26); Baleia queria dormir. (IX, 40); Num dia de apuro recorrera ao porco magro que não queria engordar no chiqueiro e estava reservado às despesas do Natal (...) (X, 10); (...) e Fabiano se desculpara, o chapéu de couro na mão, o espinhaço curvo: -Quem foi que disse que eu queria brigar? (X, 17); Agora [Fabiano] não criava porco e queria ver o tipo de prefeitura cobrar dele imposto e multa. (X, 26); (...) o amo só queria mostrar autoridade (...) (X, 36); Realmente [Fabiano] não quisera matar um cristão: (...) evitava galhos e espinhos. (XI, 6); [Fabiano] Repetia que a arma era desnecessária, mas tinha a certeza de que não conseguiria utilizá-la e apenas queria enganar-se. (XI, 10); [Fabiano] Tinha nervo, queria brigar (...) (XI, 18); Mas para que suprimir aquele doente [o soldado amarelo] que bambeava e só queria ir para baixo? (XI, 24); O sol chupava os poços, e aquelas excomungadas levavam o resto da água, queriam matar o gado. (XII, 1); [Fabiano] Não queria lembrar-se do patrão nem do soldado amarelo. (XII, 12); Fabiano sabia que elas [as contas] estavam erradas e o patrão queria enganá-lo. (XII, 20); (...) [Fabiano] não queria afastar-se da fazenda. (XIII, 5); Agora Fabiano examinava o céu, a barra que tingia o nascente, e não queria convencer-se da realidade. (XIII, 6); [Sinha Vitória] Queria enganar-se, gritar, dizer que era forte, e a quentura medonha, as árvores transformadas em garranchos, a imobilidade e o silêncio não valiam nada. (XIII, 13)]. **2 Tentar.** [*td.*: [Os meninos] Quiseram mexer na taramela e abrir a porta, mas Sinha Vitória levou-os para a cama de varas, deitou-os e esforçou-se por tapar-lhes os ouvidos (...) (IX, 8); [Baleia] Quis latir, expressar oposição a tudo aquilo (IX, 31); A princípio [Fabiano] quis responder que evidentemente eles eram o que tinham sido; depois achou que estavam mudados, mais velhos, mais fracos. (XIII, 14)].

Não querer saber de

Não interessar-se por, desprezar, ignorar.

Mas Sinha Vitória não queria saber de elogios. (IV, 3)

Querer (só) ver

Duvidar de algo; desafiar alguém a fazer algo, por se estar seguro de que não vai acontecer.

Agora [Fabiano] não criava porco e queria ver o tipo da prefeitura cobrar dele imposto e multa. (X, 26)

Quer dizer

Introduz uma explicação um detalhamento ou uma retificação sem sujeito ou complemento.

- Isto é. Vamos e não vamos. Quer dizer. Enfim, contanto, etc. É conforme. (III, 9)

(1)	[Fabiano] Tinha o coração grosso, <u>queria</u> responsabilizar alguém pela desgraça. (I,8)
(2)	Mas chegando aos juazeiros, [Fabiano] encontrou os meninos adormecidos e não <u>quis</u> acordá-los. (I,19)
(3)	Fabiano <u>queria</u> viver. Olhou o céu com resolução. (I, 25)
(4)	[Fabiano] <u>Quer</u> ia apenas dar um ensinamento aos meninos. (II, 25)

(5)	Agora [Fabiano] <u>queria</u> entender-se com Sinha Vitória a respeito da educação dos pequenos. Certamente ela não era culpada. (II, 29)
(6)	[Fabiano] Não <u>queria</u> morrer. (II, 40)
(7)	[Fabiano] Não <u>queria</u> morrer. (II, 40)
(8)	- Isto é. Vamos e não vamos. <u>Quer</u> dizer. Enfim, contanto, etc. É conforme. (III, 9)
(9)	[Fabiano] Não <u>queria</u> capacitar-se de que a malvadez tivesse sido para ele. (III, 39)
(10)	[Fabiano] Só <u>queria</u> voltar para junto de Sinha Vitória (...) (III, 46)
(11)	Por que vinham bulir com um homem que só <u>queria</u> descansar? (III, 46)
(12)	Fabiano <u>queria</u> berrar para a cidade inteira, afirmar ao doutor juiz de direito, ao delegado, a seu vigário e aos cobradores da prefeitura que ali dentro ninguém prestava para nada. (III, 63)
(13)	Ele, os homens acorados, o bêbedo, a mulher das pulgas, tudo era uma lástima, só servia para aguentar facão. Era o que ele [Fabiano] <u>queria</u> dizer. (III, 63)
(14)	Mas Sinha Vitória não <u>queria</u> saber de elogios. (IV, 3)
(15)	[Sinha Vitoria] <u>Quis</u> acordá-lo e perguntar, mas distraiu-se olhando os xiquexiques e os mandacarus que avultavam na campina. (IV, 11)
(16)	Sinha Vitória nem <u>queria</u> lembrar-se daquilo [da morte do papagaio]. (IV, 21)
(17)	Ele [o menino mais velho] <u>tinha querido</u> que a palavra virasse coisa e ficara desapontado quando a mãe se referira a um lugar ruim, com espetos e fogueiras. (VI, 18)
(18)	Fabiano zangou-se com a impertinência deles e <u>quis</u> puni-los. (VII, 24)
(19)	[Fabiano] Sabia que a roupa nova cortada e cosida por Sinha Terta, o colarinho, a gravata, as botinas e o chapéu de baeta o tornavam ridículo, mas não <u>queria</u> pensar nisto. (VIII, 14)
(20)	[Fabiano] <u>Quer</u> ia era desgraçar-se, dar um pano de amostra àquele safado. (...) (VIII, 20)
(21)	[Fabiano] <u>Quer</u> ia que o deixassem com a mulher, os filhos e a cachorrinha. (VIII, 26)
(22)	[Os meninos] <u>Quiseram</u> mexer na taramela e abrir a porta, mas Sinha Vitória levou-os para a cama de varas, deitou-os e esforçou-se por tapar-lhes os ouvidos (...) (IX, 8);
(23)	[Baleia] <u>Quis</u> latir, expressar oposição a tudo aquilo (IX, 31)
(24)	Baleia <u>queria</u> dormir. (IX, 40)
(25)	Num dia de apuro recorrera ao porco magro que não <u>queria</u> engordar no chiqueiro e estava reservado às despesas do Natal (...) (X, 10)
(26)	(...) e Fabiano se desculpara, o chapéu de couro na mão, o espinhaço curvo: -Quem foi

	que disse que eu <u>queria</u> brigar ? (X, 17)
(27)	Agora [Fabiano] não criava porco e <u>queria</u> ver o tipo de prefeitura cobrar dele imposto e multa. (X, 26)
(28)	(...) o amo só <u>queria</u> mostrar autoridade (...) (X, 36)
(29)	[Fabiano] Tinha nervo, <u>queria</u> brigar (...) (XI,18)
(30)	Realmente [Fabiano] não <u>quisera</u> matar um cristão: (...) evitava galhos e espinhos. (XI, 6)
(31)	[Fabiano] Repetia que a arma era desnecessária, mas tinha a certeza de que não conseguiria utilizá-la e apenas <u>queria</u> enganar-se. (XI, 10)
(32)	Mas para que suprimir aquele doente [o soldado amarelo] que bambeava e só <u>queria</u> ir para baixo? (XI, 24)
(33)	O sol chupava os poços, e aquelas excomungadas levavam o resto da água, <u>queriam</u> matar o gado. (XII, 1)
(34)	[Fabiano] Não <u>queria</u> lembrar-se do patrão nem do soldado amarelo. (XII, 12)
(35)	(...) [Fabiano] não <u>queria</u> afastar-se da fazenda. (XIII, 5)
(36)	Fabiano sabia que elas [as contas] estavam erradas e o patrão <u>queria</u> enganá-lo. (XII, 20)
(37)	Agora Fabiano examinava o céu, a barra que tingia o nascente, e não <u>queria</u> convencer-se da realidade. (XIII, 6)
(38)	[Sinha Vitória] <u>Quer</u> enganar-se, gritar, dizer que era forte, e a quentura medonha, as árvores transformadas em garranchos, a imobilidade e o silêncio não valiam nada. (XIII, 13)
(39)	A princípio [Fabiano] <u>quis</u> responder que evidentemente eles eram o que tinham sido; depois achou que estavam mudados, mais velhos, mais fracos. (XIII, 14)

Tabela 12 – Ocorrências do verbo “querer” em ordem de aparecimento no romance.

O verbo “querer” aparece, em *Vidas Secas*, quase unanimemente complementado por uma oração infinitiva. Essa oração apresenta o mesmo sujeito da oração principal, havendo poucas ocorrências (*Querer*17 e 21) em que a complementação é realizada por oração desenvolvida de sujeito diferente, com o verbo desta oração no modo subjuntivo. Cezario (2004), ao observar os diversos graus de gramaticalização de verbos volitivos no português, aponta que essa conformação do verbo “querer” – complementado por uma oração subordinada infinitiva de mesmo sujeito da oração principal – revela grau avançado de gramaticalização, uma vez que assim há forte integração entre as cláusulas principal e

subordinada. O mesmo estudo apontou que é mais frequente em português as complementações por orações finitas, o que se comprova no romance: das 39 ocorrências do verbo, apenas 2 não apresentam tal conformação. Em três ocorrências com oração completiva infinitiva, há estágios ainda maiores de gramaticalização (separados do corpo do verbete e analisados como expressões idiomáticas), uma vez que as cláusulas não ocorrem mais de maneira independente sem que haja alteração de significado.

Além disso, nota-se que esse uso, relativo a um sentido mais emotivo, representa o caráter modalizador do verbo, expressando a vontade do sujeito, nem sempre realizada, o que, segundo Borba (*op. cit.*, p. 1085), seria uma “modalidade optativa”. Em um romance como *Vidas Secas*, no qual há um intenso mergulho no mundo interior de personagens, é coerente haver a apresentação pelo narrador de suas aspirações, intenções e frustrações. A partir das condições de vida deles, sabemos que muitas dessas intenções nem sempre são logradas.

Há várias outras configurações gramaticais possíveis para este verbo, muitas delas muito comuns, como a complementação por nome concreto indicando “pretender obter algo”, que não ocorre no romance. Isso pode revelar a ausência de pretensões primordialmente materiais, uma vez que eles buscam ter o mínimo para a sobrevivência. Mesmo no verbo “desejar”, como se vai ver a seguir, são escassas as complementações desse tipo. Quanto aos nomes abstratos, também ausentes enquanto complementos do verbo “querer”, pode-se dizer que indicam que as aspirações dessa natureza são mais expressas por meio dos verbos, ou seja, de modo a significar que são ações concretas que se deseja empreender. Cabe ainda aqui comentar uma ocorrência (*Querer*²⁵) em que vemos um sujeito inanimado, personificado.

Em relação às acepções, também não se vê as relativas à configuração gramatical “querer algo de/com/para alguém”, indicando-se que a experiência traduzida pelo narrador em relação às vontades dos personagens é sempre solitária e individual. Da mesma forma, que não se vê a complementação por nome humano precedida da preposição “a”, significando “ter afeição, gostar”, igualmente ausente como o verbo “amar”; ou ainda sem a preposição significando “desejar sentimental ou sexualmente”. Para vivenciar as difíceis experiências, parece que os personagens têm de endurecer, sem conseguirem ou saberem manifestar afeto explicitamente, sem nem ao menos concebê-lo de forma clara em seu mundo interior, diante de uma vida assaz pragmática (aqui no sentido lato), reduzida às ações básicas à sobrevivência.

De uma maneira geral vemos duas acepções em todo o romance. A primeira, mais prototípica, relacionada a “ter vontade de, pretender”. A maioria delas mais uma vez

relacionadas ao protagonista Fabiano. Há uma gama variada de ações desejadas, que se traduzem nos verbos escolhidos para a complementação. Fabiano quer viver, sobrevivendo à seca (*Querer3*), o que é reforçado pela negação do verbo oposto repetidamente (*Querer 6 e 7*); quer criar bem os filhos, com participação de Sinha Vitória (*Querer4 e 5*); quer poder vingar-se do soldado amarelo (*Querer20 e 29*). Ele e Sinha Vitória não querem acreditar no retorno da seca, desejando que seja engano sua iminência (*Querer 31 e 37*). Quando preso, Fabiano tem apenas duas vontades: a de descansar (*Querer11*) e a de voltar para junto de sua esposa e de sua família (*Querer10*) – o que se também manifesta posteriormente em outra situação de ameaça, na festa, em *Querer20*. Quer ainda se expressar, desabafar toda a indignação diante de sua prisão (*Querer 12 e 13*), sem podê-lo, por incapacidade e medo. Nota-se que as ações desejadas sempre são relativas àquele microcosmo, com recorrência dos temas que os afligem. São desejos simples, ligados à vontade de obter apenas aquilo que lhes possibilitaria viver dignamente.

São também curiosas as ocorrências do verbo “querer” em que o sujeito não é um dos integrantes da família, mas agentes externos que influenciam na vida deles. Mediante personificação, em *Querer33*, vemos “as excomungadas” aves de arribação, personificadas, manifestando uma vontade: a de matar o gado e, como conclui Sinha Vitória, de provocar a seca. O patrão (amo) tem apenas a intenção de mostrar autoridade perante Fabiano e de enganá-lo (*Querer 28 e 36*).

Há ainda as ações preteridas, em que o verbo é precedido pela negação, sobretudo quando complementado por verbos mentais de cognição. Em duas ocorrências (*Querer 16 e 34*), o verbo “querer”, associado ao “lembrar”, indicam os eventos desagradáveis que eles gostariam de deixar para trás para continuar vivendo. Fabiano não quer acreditar na maldade do soldado amarelo (*Querer 9*), nem pensar nas convenções do vestuários nas quais inevitavelmente não se encaixa (*Querer 19*). Não quer convencer-se da iminência da seca (*Querer37*) – o que é reforçado agora pela negação de outro verbo –, tampouco deseja afastar-se da fazenda (*Querer34*); nega-se a brigar com o patrão, por temê-lo (em *Querer26*), o que se evidencia implícita na expressão “quem disse”.

Na segunda acepção, manifestada nas ocorrências *Querer 22, 23 e 39*, vemos uma configuração gramatical específica: o sujeito é agente, o complemento é uma oração infinitiva e o verbo encontra-se no pretérito perfeito. É possível notar nessas ocorrências que, além do desejo latente da ação, parece ter havido uma tentativa de realizá-la, que foi frustrada. O

sujeito não apenas experencia o desejo, mas age em prol de conquistá-lo, sem consegui-lo, no entanto.

O uso do pretérito perfeito também é observado em *Querer 2, 15 e 18* e do mais-que-perfeito em *Querer18*, sem inserir-se na acepção de tentativa, uma vez que o sujeito é apenas experienciador. No entanto, esse tempo verbal sugere em todas as ocorrências que o desejo emerge mediante ações específicas, sendo apenas um fato isolado a partir das outras ações desencadeadas. Por outro lado, a maioria das ocorrências do verbo “querer” ocorre no pretérito imperfeito, o que parece sugerir que as vontades são latentes nos indivíduos, sendo intrínsecas a eles.

Convém aqui analisar também alguns usos do verbo “querer” em *Vidas Secas*, mais gramaticalizados – em que não é possível – ou é mais difícil – separar semanticamente os dois elementos, que carecem de atenção especial. Em *Querer9*, vemos uma expressão cristalizada “quer dizer”, a qual geralmente apresenta-se como marcador discursivo para retificação ou paráfrase de algo que foi dito e se quer dizer melhor. Entretanto, nessa ocorrência, ela está completamente descontextualizada, sendo uma das expressões “eruditas” de Seu Tomás da Bolandeira que Fabiano repete sem entender o que significa. Também aparece “querer dizer” em *Querer13*, mas, a despeito do sentido metalinguístico, o verbo da oração completiva poderia ser substituído por outro verbo de elocução, não havendo um processo tão intenso de gramaticalização.

Há ainda em *Querer14*, o uso de “querer saber”, menos cristalizado. Essa expressão aparece em língua portuguesa nas formas afirmativas associadas a “só” (Ex: Ela só quer saber de namorar), em situações em que o evento codificado como objeto não é considerado normal (Cezario, *op. cit.*, p. 66) ou é excessivo; e na forma negativa com “nem” ou “não”. Quando há negativa supõe-se que o objeto deveria ser algo desejado pelo indivíduo, mas por razões várias não o é no contexto, o que gera estranhamento. No romance, vemos Sinha Vitória, irritada com Fabiano, pretere os carinhos da cachorra Baleia, que apenas queria “elogiá-la”.

Já “querer ver” em *Querer 27* parece colocar o enunciado no campo da crença. Vemos que por meio do discurso indireto o narrador se apropria da fala que seria do personagem. E nela se observa a atitude do Fabiano, como se desafiasse o “tipo da prefeitura” a lhe cobrar imposto se não havia mais motivo, já que ele não mais criaria porco. Em português, essa construção cristalizada muitas vezes também vem acompanhada de “só” (Ex: Quero só ver se você fará o exercício). Em ambos, se vê o enunciador duvidando de algo, desafiando alguém a fazer algo que se está seguro de que não vai acontecer.

5.1.2.2 Desejar

desejar (de.se.jar) v. **1 Ter desejo ou vontade de.** [*td.*: (...)] Fabiano desejou matá-lo [o filho mais velho]. (I,8); [Fabiano] Não percebendo o que o filho desejava, repreendeu-o. O menino estava ficando muito curioso, muito enxerido. (II, 21); Em horas de maluqueira Fabiano desejava imitá-lo [Seu Tomás da bolandeira]: dizia palavras difíceis, truncando tudo, e convencia-se de que melhorava. Tolice. (II,34); Sinha Vitória desejava possuir uma cama igual à de seu Tomás da bolandeira. Doidice. (II, 38); Lembrou-se de uma fazenda vista na última das lojas que visitara. Bonita, encorpada, larga, vermelha e com ramagens, exatamente o que Sinha Vitória desejava. (II, 38); O que [Fabiano] desejava... An! Esquecia-se. (III, 60); [Baleia] Aprovou com um movimento de cauda aquele fenômeno e desejou expressar a sua admiração à dona. (IV, 3); Sinha Vitória desejava uma cama real, de couro e de sucupira, igual à de seu Tomás da bolandeira. (IV, 35); [O menino mais novo] Desejou possuir um deles [dos periquitos], amarrá-lo com uma embira, dar-lhe comida. (V, 25); [Fabiano] Desejava saber o tamanho da extorsão. (X, 24); [Fabiano] Desejaria imaginar o que ia fazer para o futuro. (X, 30); [Fabiano] Desejava ficar cego outra vez. (XI, 10); [Fabiano] Desejava que ele [o soldado amarelo] fizesse isso [plantar-lhe o salto da reúna em cima da alpercata]. (XI, 16); [Fabiano] Desejou ver aquilo [as arrições] de perto (...). (XII, 7); Fabiano arregalava os olhos e desejava continuar a admirá-la [Sinha Vitória]. (XII, 23); [Fabiano] Desejou fumar. (XIII, 16). [*int.*: [Fabiano] Tinha muque e substância, mas pensava pouco, desejava pouco e obedecia. (III,10). **2 Pretender, tencionar.** [*td.*: Era uma sorte ruim, mas Fabiano desejava brigar com ela, sentir-se com força para brigar com ela e vencê-la. (II,40); [O menino mais novo] foi puxar a manga do vestido da mãe, desejando comunicar-se com ela. Sinha Vitória soltou uma exclamação de aborrecimento, e, como o pirralho insistisse, deu-lhe um cascudo. (V, 6)].

(1)	Fabiano <u>desejou</u> matá-lo [o filho mais velho]. (I, 8)
(2)	[Fabiano] Não percebendo o que o filho <u>desejava</u> , repreendeu-o. O menino estava ficando muito curioso, muito enxerido. (II, 21)
(3)	Em horas de maluqueira Fabiano <u>desejava</u> imitá-lo [Seu Tomás da bolandeira]: dizia palavras difíceis, truncando tudo, e convencia-se de que melhorava. Tolice. (II, 34)
(4)	Sinha Vitória <u>desejava</u> possuir uma cama igual à de seu Tomás da bolandeira. Doidice. (II, 38)
(5)	Lembrou-se de uma fazenda vista na última das lojas que visitara. Bonita, encorpada, larga, vermelha e com ramagens, exatamente o que Sinha Vitória <u>desejava</u> . (II, 38)
(6)	Era uma sorte ruim, mas Fabiano <u>desejava</u> brigar com ela, sentir-se com força para brigar com ela e vencê-la. (II, 40)
(7)	[Fabiano] Tinha muque e substância, mas pensava pouco, <u>desejava</u> pouco e obedecia. (III,10)
(8)	O que [Fabiano] <u>desejava</u> ... An! Esquecia-se. (III, 60)

(9)	[Baleia] Aprovou com um movimento de cauda aquele fenômeno e <u>desejou</u> expressar a sua admiração à dona. (IV, 3)
(10)	Sinha Vitória <u>desejava</u> uma cama real, de couro e de sucupira, igual à de seu Tomás da bolandeira. (IV, 35)
(11)	[O menino mais novo] foi puxar a manga do vestido da mãe, <u>desejando</u> comunicar-se com ela. Sinha Vitória soltou uma exclamação de aborrecimento, e, como o pirralho insistisse, deu-lhe um cascudo. (V, 6)
(12)	[O menino mais novo] <u>Desejou</u> possuir um deles [dos periquitos], amarrá-lo com uma embira, dar-lhe comida. (V, 25)
(13)	[Fabiano] <u>Desejava</u> saber o tamanho da extorsão. (X, 24)
(14)	[Fabiano] <u>Desejaria</u> imaginar o que ia fazer para o futuro. (X, 30)
(15)	[Fabiano] <u>Desejava</u> ficar cego outra vez. (XI, 10)
(16)	[Fabiano] <u>Desejava</u> que ele [o soldado amarelo] fizesse isso [plantar-lhe o salto da reúna em cima da alpercata]. (XI, 16)
(17)	[Fabiano] <u>Desejou</u> ver aquilo [as arribações] de perto (...). (XII, 7)
(18)	Fabiano arregalava os olhos e <u>desejava</u> continuar a admirá-la [Sinha Vitória]. (XII, 23)
(19)	[Fabiano] <u>Desejou</u> fumar. (XIII, 16)

Tabela 13 – Ocorrências do verbo “desejar” em ordem de aparecimento no romance.

O verbo “desejar” apresenta sujeito experienciador humano ou personificado (como é o caso de *Desejar*⁹) e a complementação essencialmente por oração infinita, com mesmo sujeito da principal, e, mais raramente, por oração conjuncional, com sujeito diferente, tal qual o verbo “querer”. Em algumas ocorrências, apresenta o apagamento do complemento ou complementação por nome concreto, possibilidades também previstas no verbo sinônimo. Assim como este, é verbo modalizador indicador de atitude volitiva. Diante disso, surge uma pergunta: se os verbos tem emprego tão semelhante, o que se vê nas acepções e nos verbetes, quais diferentes efeitos geram a escolha de um ou outro no romance?

Já foi visto que esses verbos volitivos formam predicados não implicativos, ou seja, aqueles que selecionam um estado de coisas que não pode ser pressuposto como realizado ou não realizado. Nas ocorrências do verbo “desejar”, o evento que complementa o verbo apresenta ações ou objetos difíceis de alcançar, que não advém de necessidade de sobrevivência. O desejo parece ser mais ardente com o uso desse verbo, talvez devido à lexicalização do substantivo correspondente ao sentimento, mas a despeito disso, há poucas

chances de ele se realizar, ficando no campo da fantasia. É o que ocorre claramente em *Desejar1*, uma vez que Fabiano quer descontar no filho todo o desespero diante da fome e da sede diante da seca, que vivencia com a família, mas jamais realizaria tal desejo. Também se pode ver isso no único sonho de consumo de Sinha Vitória (cf. *Desejar4 e 10*), a cama de lastros de couro como a de Seu Tomás da Bolandeira, que ela almeja quase obsessivamente, ainda que seja “doidice”, conforme o marido, devido às condições financeiras da família. Já os meninos principalmente desejam comunicar-se com os pais, sem, no entanto, conseguirem (cf. *Desejar 2 e 11*).

Fabiano afirma desejar pouco e se esquecer do que deseja (cf. *Desejar8 e 19*). Suas condições de vida lhe permitem buscar apenas as necessidades básicas de sobrevivência, sem grandes aspirações. Mesmo assim, podemos notar algumas de suas vontades, muitas delas basilares, assim como em “querer”, relativas à conquista de sua dignidade. Ele quer se expressar como seu Tomás da bolandeira, mas nem mesmo consegue imitá-lo (*Desejar3*); quer saber o tamanho da extorsão do patrão, mas não consegue compreendê-la (*Desejar13*), deseja saber como será seu futuro (*Desejar14*), ainda que isso seja impossível, e brigar com a sorte terrível que se impõe sobre ele. Deseja ardentemente que o soldado amarelo brigue com ele, para que ele possa reagir e assim se sentir homem e digno novamente (*Desejar16*).

5.1.2.3 Pretender e Tencionar

pretender (pre.ten.der) v. **1 Ter intenção de; aspirar.** [*td.*: Nas invenções com que [Fabiano] pretendia justificar-se a figura de Sinha Rita aparecia sempre, e isto o desgostava. (III,18); [O menino mais novo] mas ignorava o que pretendia dizer. (V, 17); Sinha Terta achara pouca a fazenda, e Fabiano se mostrara desentendido, certo de que a velha pretendia furtar-lhe os retalhos. (VII, 2); [Fabiano] Conformava-se, não pretendia mais nada. (X, 23)].

tencionar (ten.ci:o.nar) v. **1 Planejar, pretender.** [*td.*: Tencionou aproveitá-los [os cadáveres das aves de arribação] como alimento na viagem próxima. (XII, 16); **2 Desejar; querer.** [*td.*: Ainda tencionava correr mundo, ver terras, conhecer gente importante como seu Tomás da bolandeira. (II,40)].

“Pretender” e “tencionar” se comportam de maneira semelhante aos verbos “querer” e “desejar”. Apresentam também como complemento oração infinitiva (“pretender” pode ser complementado também por nome) e também são modalizadores, indicando volição. No entanto, em ambos, vemos um desejo mais racional, uma vontade mais firme que provavelmente levará a uma ação concreta, que motiva o sujeito a efetivá-la mediante seu

esforço. Fabiano provavelmente vai tentar se justificar para Sinha Vitória, mesmo que desastrosamente e vai aproveitar as aves de arribação como alimento.

A última ocorrência de “pretender”, em que Fabiano afirma não pretender mais nada, surge em um momento do romance (o décimo capítulo) em que o personagem é acometido por um enorme desânimo, uma vez que ele se sente impotente diante do poder do patrão e da impossibilidade de mudar de vida. É como se ele não só não quisesse mais desejar, mas também soubesse que não adiantaria fazer nada. Essa postura se opõe claramente à da última ocorrência encontrada no verbete de “tencionar”. No início do romance, Fabiano tem esperança e quer concretizar o desejo de “ver terras”, “correr mundo” e “conhecer gente como o seu Tomás”. Do segundo para o décimo capítulo, vemos um afrouxamento da esperança que vai se renovar apenas no último capítulo, para que ele e sua família sejam capazes de prosseguir sobrevivendo e possam buscar outros caminhos.

5.1.3 Processos mentais de percepção

5.1.3.1 Sentir e Experimentar

sentir (sen.tir) v. 1 **Perceber pelos sentidos do tato, paladar, olfato ou audição.** [*td.*: Nesse ponto Baleia arrebitou as orelhas, arregaçou as ventas, sentiu cheiro de preás, farejou um minuto, localizou-os no morro próximo e saiu correndo. (I, 20); (...) [Fabiano] decidiu beber uma pinga, pois sentia calor. (III, 3); [Fabiano] Os seus pés duros quebravam espinhos e não sentiam a queimadura da terra. (II, 20); [Baleia] Não podia sentir dor excessiva. (VI, 13); (...) o animal [Baleia] encolheu-se para sentir bem o contato agradável, (VI,15); [Baleia] escorregaria entre as pedras, (...) sentindo o cheiro das cabras molhadas (VII, 28); Os meninos, sentindo frio numa banda e calor na outra, não podiam dormir e escutavam as lorotas do pai. (VII, 24); [Baleia] Levantou o focinho, sentiu um cheiro que lhe deu vontade de tossir. (VIII, 11); [Baleia] Sentiu o cheiro bom dos preás que desciam do morro, mas o cheiro vinha fraco e havia nele partículas de outros viventes. (IX, 27)]. 2 **Experimentar (sensação física).** [*td.*: [Fabiano] Pensou na família, sentiu fome. (I, 28); Uma palpitação nova. [Fabiano] Sentiu um arrepio na catanga, uma ressurreição de garranchos e folhas secas. (I, 31); Fabiano sentiu vontade de comer. (II, 48); Sentindo a deslocação do ar e a crepitação dos gravetos, Baleia despertou, retirou-se prudentemente (...). (IV, 3); [O menino mais velho] Mal sentia as pancadas que Fabiano lhe dava com a bainha da faca de ponta. (VI, 20); Como [Fabiano] gesticulava com furor, gastando muita energia, pôs-se a resfolegar e sentiu sede. (VIII, 14); [Fabiano] Sentiu um choque violento, deteve-se, o braço ficou irresoluto, bambo (...). (XI, 5); Arruinado, um caco. [Fabiano] Não sentiria a transformação, mas estava-se acabando. (XI, 18); (...) Fabiano sentia distanciar-se um pouco dos lugares onde tinha vivido (...) (XIII, 15)]. [*tp.*: [Fabiano] Passou as mãos nas costas e no peito, sentiu-se moído (...) (III, 35)]. 3 **Ter como sentimento, experimentar psicologicamente.** [*td.*: Fabiano também às vezes sentia falta dela [da gaiola] (...) (I, 13); Num cotovelo do caminho [Fabiano] avistou um canto de cerca, encheu-o a esperança de achar comida, sentiu desejo de cantar. (I, 15);

[Fabiano] Sentia desejo de referir-se ao soldado, um conhecido velho, amigo de infância. (III,18); [Fabiano] Sentiu vontade de gritar, de anunciar muito alto que eles [os bêbados] não prestavam para nada. (III, 63); [Os meninos] Não sentiam curiosidade, sentiam medo, e por isso pisavam devagar, receando chamar a atenção das pessoas. (VIII, 8); Aparentemente resignado, [Fabiano] sentia um ódio imenso a qualquer coisa que era ao mesmo tempo a campina seca, o patrão, os soldados e os agentes da prefeitura. (X, 21); Durante um minuto a cólera que [Fabiano] sentia por se considerar impotente foi tão grande que recuperou a força e avançou para o inimigo. (XI, 10); Enfim apanhar do governo não é desfeita, e Fabiano até sentiria orgulho ao recordar-se da aventura. (XI, 15); [Fabiano] Ia arrastá-lo para dentro da catinga, entregá-lo aos urubus. E não sentiria remorso. (XI, 23); Fabiano suspirou, sentiu um peso enorme por dentro. Se tivesse cometido um erro? (XII, 22); Ia escurecendo, e àquela hora ele [Fabiano] sentia sempre uns vagos terrores. (XII, 24)]. [**tp.:** [O menino mais velho] Sentiu-se fraco e desamparado, olhou os braços magros, os dedos finos, pôs-se a fazer no chão desenhos misteriosos. (VI, 32); [Fabiano] Relatava um fuzuê terrível, esquecia as pancadas e a prisão, sentia-se capaz de atos importantes. (VII, 21); Evidentemente as criaturas que se juntavam ali não o viam, mas Fabiano sentia-se rodeado de inimigos (...). (VIII, 13)] [**int.:** Era uma sorte ruim, mas Fabiano desejava (...) sentir-se com força para brigar com ela e vencê-la. (II,40); Os meninos puseram as chinelinhas debaixo do braço e sentiram-se à vontade. (VIII, 3)]. **4 Pressentir; prever.** [**td.:** (...) Fabiano sentia-a [a seca] de longe. (XII, 16); [Fabiano] Sentia-a [a seca] como se ela já tivesse chegado, experimentava adiantadamente a fome, a sede, as fadigas imensas das retiradas. (XII, 16)]. **5 Perceber, notar.** [**td.:** [Fabiano] Não sentia a espingarda, o saco, as pedras miúdas que lhe entravam nas alpercatas, o cheiro de carniças que empestavam o caminho. (XIII, 35)]. [**int.:** (...) Fabiano matutou e andou bem meia légua sem sentir. (XIII, 14)].

(1)	Fabiano também às vezes <u>sentia</u> falta dela [da gaiola] (...) (I, 13)
(2)	Num cotovelo do caminho [Fabiano] avistou um canto de cerca, encheu-o a esperança de achar comida, <u>sentiu</u> desejo de cantar. (I, 15)
(3)	Nesse ponto Baleia arrebitou as orelhas, arregaçou as ventas, <u>sentiu</u> cheiro de preás, farejou um minuto, localizou-os no morro próximo e saiu correndo. (I, 20)
(4)	[Fabiano] Pensou na família, <u>sentiu</u> fome. (I, 28)
(5)	Uma palpitação nova. [Fabiano] <u>Sentiu</u> um arrepio na catinga, uma ressurreição de garranchos e folhas secas. (I, 31)
(6)	[Fabiano] Os seus pés duros quebravam espinhos e não <u>sentiam</u> a quentura da terra. (II, 20)
(7)	Era uma sorte ruim, mas Fabiano desejava (...) <u>sentir-se</u> com força para brigar com ela e vencê-la. (II, 40)
(8)	Fabiano <u>sentiu</u> vontade de comer. (II, 48)
(9)	(...) [Fabiano] decidiu beber uma pinga, pois <u>sentia</u> calor. (III, 3)
(10)	[Fabiano] <u>Sentia</u> desejo de referir-se ao soldado, um conhecido velho, amigo de

	infância. (III,18)
(11)	[Fabiano] Passou as mãos nas costas e no peito, <u>sentiu-se</u> moído (...) (III, 35)
(12)	[Fabiano] <u>Sentiu</u> vontade de gritar, de anunciar muito alto que eles [os bêbados] não prestavam para nada. (III, 63)
(13)	<u>Sentindo</u> a deslocação do ar e a crepitação dos gravetos, Baleia despertou, retirou-se prudentemente (...). (IV, 3)
(14)	[Baleia] Não podia <u>sentir</u> dor excessiva. (VI, 13)
(15)	(...) o animal [Baleia] encolheu-se para <u>sentir</u> bem o contato agradável, (VI,15)
(16)	[O menino mais velho] Mal <u>sentia</u> as pancadas que Fabiano lhe dava com a bainha da faca de ponta. (VI, 20)
(17)	[O menino mais velho] <u>Sentiu-se</u> fraco e desamparado, olhou os braços magros, os dedos finos, pôs-se a fazer no chão desenhos misteriosos. (VI, 32)
(18)	[Fabiano] Relatava um fuzuê terrível, esquecia as pancadas e a prisão, <u>sentia-se</u> capaz de atos importantes. (VII, 21)
(19)	[Baleia] escorregaria entre as pedras, (...) <u>sentindo</u> o cheiro das cabras molhadas (VII, 28)
(20)	Os meninos, <u>sentindo</u> frio numa banda e calor na outra, não podiam dormir e escutavam as lorotas do pai. (VII, 24)
(21)	Os meninos puseram as chinelinhas debaixo do braço e <u>sentiram-se</u> à vontade. (VIII, 3) ²⁷
(22)	[Os meninos] Não <u>sentiam</u> curiosidade, <u>sentiam</u> medo, e por isso pisavam devagar, receando chamar a atenção das pessoas. (VIII, 8)
(23)	[Baleia] Levantou o focinho, <u>sentiu</u> um cheiro que lhe deu vontade de tossir. (VIII, 11)
(24)	Evidentemente as criaturas que se juntavam ali não o viam, mas Fabiano <u>sentia-se</u> rodeado de inimigos (...). (VIII, 13)
(25)	Como [Fabiano] gesticulava com furor, gastando muita energia, pôs-se a resfolegar e <u>sentiu</u> sede. (VIII, 14)
(26)	[Baleia] <u>Sentiu</u> o cheiro bom dos preás que desciam do morro, mas o cheiro vinha fraco e havia nele partículas de outros viventes. (IX, 27)

²⁷ Esta ocorrência não foi tomada como uma construção cristalizada, uma vez que o significado do todo ainda é a soma do significado das partes e podemos comutar com “sentir-se em casa” e “ficar à vontade”. “Sentir” apresenta, nestas construções, uma acepção algo diferente de “sentir-se bem”, “sentir-se mal”, “sentir-se em forma”, que podem ser parafraseados por “sentir que está bem/mal/em forma” [=ter a sensação de estar bem/mal/em forma]. Note que podemos empregar “sentir-se à vontade” no imperativo, mas não podemos fazer isso com “sentir-se bem”.

(27)	Aparentemente resignado, [Fabiano] <u>sentia</u> um ódio imenso a qualquer coisa que era ao mesmo tempo a campina seca, o patrão, os soldados e os agentes da prefeitura. (X, 21)
(28)	[Fabiano] <u>Sentiu</u> um choque violento, deteve-se, o braço ficou irresoluto, bambo (...). (XI, 5)
(29)	Durante um minuto a cólera que [Fabiano] <u>sentia</u> por se considerar impotente foi tão grande que recuperou a força e avançou para o inimigo. (XI, 10)
(30)	Enfim apanhar do governo não é desfeita, e Fabiano até <u>sentiria</u> orgulho ao recordar-se da aventura. (XI, 15)
(31)	Arruinado, um caco. [Fabiano] Não <u>sentiria</u> a transformação, mas estava-se acabando. (XI, 18)
(32)	[Fabiano] Ia arrastá-lo para dentro da catinga, entregá-lo aos urubus. E não <u>sentiria</u> remorso. (XI, 23)
(33)	(...) Fabiano <u>sentia-a</u> [a seca] de longe. (XII, 16)
(34)	[Fabiano] <u>Sentia-a</u> [a seca] como se ela já tivesse chegado, experimentava adiantadamente a fome, a sede, as fadigas imensas das retiradas. (XII, 16)
(35)	Fabiano suspirou, <u>sentiu</u> um peso enorme por dentro. Se tivesse cometido um erro? (XII, 22)
(36)	Ia escurecendo, e àquela hora ele [Fabiano] <u>sentia</u> sempre uns vagos terrores. (XII, 24)
(37)	(...) Fabiano matutou e andou bem meia légua sem <u>sentir</u> . (XIII, 14)
(38)	Fabiano <u>sentia</u> distanciar-se um pouco dos lugares onde tinha vivido (...) (XIII, 15)
(39)	[Fabiano] Não <u>sentia</u> a espingarda, o saco, as pedras miúdas que lhe entravam nas alpercatas, o cheiro de carniças que empestavam o caminho. (XIII, 35)

Tabela 14 – Ocorrências do verbo “sentir” em ordem de aparecimento no romance.

experimentar (ex.pe.ri.men.tar) v. 1 **Vivenciar; sofrer.** [*td.*: Se o bode já tivesse bebido, ele [o menino mais novo] experimentaria decepção. (V, 27); [Baleia] experimentou uma sensação como a que lhe dava a cinza do borralho. (VI, 15); A sensação que [Fabiano] experimentava não diferia muito da que tinha tido ao ser preso. (VIII, 15); Sentia-a como se ela [a seca] já tivesse chegado, [Fabiano] experimentava adiantadamente a fome, a sede, as fadigas imensas das retiradas. (XII, 16)].

O verbo “sentir” é um dos mais versáteis a serem analisados nesse trabalho. Utilizado muitas vezes como verbo-suporte²⁸, perpassa os processos mentais de cognição, de percepção e de desejo. A grande concentração de ocorrências se dá na acepção 3, “experimentar

²⁸ São verbos de significado bastante esvaziado que formam, com seu complemento (objeto direto) um significado global, geralmente correspondente a outro verbo da língua. (Neves, *op. cit.*, p. 53)

psicologicamente”, como não poderia deixar de ser em um romance que evidencia o mundo interior dos personagens. Assim como nas demais acepções, a maioria das ocorrências constantes desta acepção – apenas três das 17 não são relativas ao vaqueiro – diz respeito aos sentimentos de Fabiano, personagem central. Nelas, veem-se seus desejos e vontades, seus sofrimentos relativos à seca, à exploração sofrida pelo patrão, à prisão (ou sensação semelhante em uma das ocorrências de experimentar) e ao confronto com o soldado amarelo e também ao ânimo e à força que eventualmente emergem mesmo diante das agruras. Também são evidenciadas, na acepção 2, as sensações físicas experimentadas pelo personagem, muitas delas igualmente relativas a esses temas. Formalmente, isso se traduz tanto em construções cujo complemento é um nome abstrato, representativo de um sentimento ou sensação, quanto em construções cujo complemento é um adjetivo. Indica-se, portanto, também como o personagem percebe a si próprio, diante das mais variadas situações.

Já na acepção 1, “Baleia” é sujeito do verbo na maioria das ocorrências (*Sentir*3, 15, 19, 23 e 26), por razões óbvias relativas à sua condição de cachorro, que age instintivamente movida pelos sentidos. Graciliano tem esse cuidado descritivo, dando destaque também às sensações físicas da personagem por meio também do verbo na acepção 2 (*Sentir*13 e 14) e em uma das ocorrências de “experimentar”.

É também curioso que, na acepção 4, em que figura novamente Fabiano, constam duas únicas ocorrências, ambas relativas à seca, em que esta é pressentida por ele. Faz parte da vida do personagem esperá-la e se refazer mesmo diante dela. A partir do verbo “experimentar”, essa sensação é reforçada. Coesivamente utilizado e modificado pelo advérbio “adiantadamente”, vemos inexoravelmente a sina de ter de novamente enfrentar a seca.

Já na acepção 5, chama atenção a presença da negação nas duas ocorrências. Remontando o trecho do romance em que elas aparecem, é possível justificar o uso da negativa: a não-percepção é sempre motivada por Sinha Vitória, pelo amparo que Fabiano recebe dela nessa parte do romance, fazendo-o não sofrer tanto a viagem.

5.1.3.2 Perceber

perceber (per.ce.ber) v. **1 Conhecer através dos sentidos.** [*td.*: Fabiano procurou em vão perceber um toque de chocalho. (I,19); [O menino mais velho] Não podendo perceber as feições do pai, cerrava os olhos para entendê-lo bem. (VII, 26); Baleia percebia nele [Fabiano] um cheiro que o tornava irreconhecível. (VIII, 35); [Fabiano] Deteve-se percebendo rumor de garranchos, voltou-se e deu de cara com o soldado amarelo que, um ano antes, o levara à cadeia (...). (XI, 5)]. **2 Compreender; entender.** [*td.*: Não percebendo o que o filho desejava,

[Fabiano] repreendeu-o. (II,21); Agora Fabiano percebia o que ela [Sinha Vitória] queria dizer. (XII, 6); Sinha Vitória tinha razão: era atilada e percebia as coisas de longe. (XII, 23)]. **3 Dar-se conta de; notar; reparar.** [*td.*: [O menino mais novo] Ficou ali estatelado, quietinho, um zunzum nos ouvidos, percebendo vagamente que escapara sem honra da aventura. (V, 29); Sinha Vitória perceberia a atrapalhão dele? (VIII, 26); [Baleia] Quis latir, expressar oposição a tudo aquilo, mas percebeu que não convenceria ninguém e encolheu-se, baixou a cauda, resignou-se ao capricho dos seus donos. (VIII, 31); [Os meninos] Tinham percebido que havia muitas pessoas no mundo. (VIII, 32); Fabiano tentava não perceber essas desvantagens. (VIII, 3); Tinha havido um desastre, mas Baleia não atribuía a esse desastre a impotência em que se achava nem percebia que estava livre de responsabilidades. (IX, 34); (...) mas [Sinha Vitória] estava invisível e ninguém percebeu o choro. (XIII, 3); Sinha Vitória percebeu-lhe a inquietação na cara torturada e levantou-se também, acordou os filhos, arrumou os picuás. (XIII, 31)]. [*int.*: – Um bruto, está percebendo? (X, 15)].

Tabela 15 – Ocorrências do verbo “perceber” em ordem de aparecimento no romance.

(1)	Fabiano procurou em vão <u>perceber</u> um toque de chocalho. (I,19)
(2)	Não <u>percebendo</u> o que o filho desejava, [Fabiano] repreendeu-o. (II,21)
(3)	[O menino mais novo] Ficou ali estatelado, quietinho, um zunzum nos ouvidos, <u>percebendo</u> vagamente que escapara sem honra da aventura. (V, 29)
(4)	[O menino mais velho] Não podendo <u>perceber</u> as feições do pai, cerrava os olhos para entendê-lo bem. (VII, 26)
(5)	Fabiano tentava não <u>perceber</u> essas desvantagens. (VIII, 3)
(6)	Sinha Vitória <u>perceberia</u> a atrapalhão dele? (VIII, 26)
(7)	Quis latir, expressar oposição a tudo aquilo, mas <u>percebeu</u> que não convenceria ninguém e encolheu-se, baixou a cauda, resignou-se ao capricho dos seus donos. (VIII, 31)
(8)	[Os meninos] <u>Tinham percebido</u> que havia muitas pessoas no mundo. (VIII, 32)
(9)	Baleia <u>percebia</u> nele um cheiro que o [Fabiano] tornava irreconhecível. (VIII, 35)
(10)	Tinha havido um desastre, mas Baleia não atribuía a esse desastre a impotência em que se achava nem <u>percebia</u> que estava livre de responsabilidades. (IX, 34)
(11)	- Um bruto, está <u>percebendo</u> ? (X, 15)
(12)	[Fabiano] Deteve-se <u>percebendo</u> rumor de garranchos, voltou-se e deu de cara com o soldado amarelo que, um ano antes, o levava à cadeia (...). (XI, 5)
(13)	Agora Fabiano <u>percebia</u> o que ela [Sinha Vitória] queria dizer. (XII, 6)
(14)	Sinha Vitória tinha razão: era atilada e <u>percebia</u> as coisas de longe. (XII, 23)
(15)	(...) mas [Sinha Vitória] estava invisível e ninguém <u>percebeu</u> o choro. (XIII, 3)
(16)	Sinha Vitória <u>percebeu-lhe</u> a inquietação na cara torturada e levantou-se também, acordou os filhos, arrumou os picuás. (XIII, 31)

Esse verbo é prototipicamente um processo mental de percepção, relativo aos sentidos, como se observa na acepção 1. No entanto, em *Vidas Secas*, a maioria das ocorrências desse verbo, é como processo mental de cognição, nas acepções 2 e 3. Em relação à personagem Baleia, é interessante notar que sua humanização é marcada claramente por meio desse verbo. Além da percepção pelos sentidos em *Perceber*⁹, ela é capaz da percepção intelectual, a compreensão e o raciocínio de não havia como argumentar (em *Perceber*⁷).

Analisando estas duas acepções, podemos notar um sutil contraste entre Fabiano e Sinha Vitória, ela mais “atilada” (cf. *Perceber*¹⁴ e ¹⁶), enquanto ele ora não percebe algo, ora demora a perceber (*Perceber*² e ¹³).

Vemos também uma relevante ocorrência desse verbo também em *Perceber*⁸. Os meninos enfim se dão conta de como há gente nesse mundo, o que gera a reação psicológica vista em *Sentir*²². Assim, nota-se que eles carregam do pai a desconfiança em relação ao mundo em volta a que se marginalizam por sua condição.

5.1.4 Processos mentais de afeição

5.1.4.1 Gostar

gostar (gos.tar) v. **1** **Apreciar, aprovar.** [*tr.* + *de*: [Baleia] Não gostava de ser apertada, preferia saltar e espojar-se. (VI, 33); [Baleia] Gostava de espojar-se ali: cobria-se de poeira, evitava as moscas e os mosquitos, e quando se levantava, tinha folhas secas e gravetos colados às feridas, era um bicho diferente dos outros. (IX, 22); [Fabiano] Não gostava de se ver no meio do povo. (X, 28); Junto à raiz de um deles a pobrezinha [Baleia] gostava de espojar-se, cobrir-se de garranchos e folhas secas. (XII, 22) **2** **Interessar-se por, ter afeto, amor.** [*tr.* + *de*: Uma vez, de lambedeira em punho, [Fabiano] espalhou a negrada. Aí Sinha Vitória começara a gostar dele. (XI, 18)].

Ao analisar as escolhas verbais de *Vidas Secas*, pode-se notar que muitas delas dialogam com o significado geral da obra pela regularidade e recorrência, possibilitando que sejam sugeridos padrões de sentido. Por outro lado, como já foi visto, por vezes é a escassez de ocorrências de um verbo, em alguma acepção ou em sua totalidade, que é significativa. Por exemplo, a ausência do verbo “amar” em todo romance e uma única ocorrência de “gostar” na 2ª acepção parecem sugerir o que é amplamente debatido na fortuna crítica do romance: as agruras do ambiente fazem com que os personagens tenham de se endurecer, “ressecando-se” como metonímia do ambiente, perdendo a essência de sentimentos tão humanos. As

manifestações de afeto são escassas, sendo em sua maioria destinadas à Baleia (como será visto mais à frente). Mesmo assim, por meio de vários outros verbos podemos notar o afeto, a admiração, a preocupação que os personagens dedicam uns aos outros. Mesmo o fato de Fabiano rememorar quando Sinha Vitória começou a se interessar por ele, em um momento da narrativa em que ele contesta sua valentia e hombridade diante do soldado amarelo, releva a importância que ela parece ter para ele.

Ademais, por meio da primeira e da última ocorrência é possível notar nesse verbete a referência ao fato de Baleia gostar de espojar-se no chão, como forma de evidenciar suas características marcantes. Além da referência à Baleia, na 1ª acepção vemos outro assunto recorrentemente apresentado no romance: Fabiano é arredio a estar no meio das pessoas, que acredita não serem de confiança.

5.2 Processos comportamentais

5.2.1 Sofrer

sofrer (*so.frer*) *v.* **1 Experimentar mal físico, afetivo ou moral; padecer.** [*tr.* + *com:* [Fabiano] Não se arriscaria a prejudicar a tradição, embora sofresse com ela. (VIII, 13)]. [*int.:* [Fabiano] fez tenção de carregá-la bem para a cachorra não sofrer muito. (IX, 3)]. **2 Suportar, tolerar.** [*td.:* E Baleia encolhia-se para não magoá-lo, sofria a carícia excessiva. (VI, 34)].

A mesma característica de Baleia, a de gostar de espojar-se no chão, é aqui reforçada por meio do verbo “sofrer”. Baleia não gostava de ser apertada, como vimos, mas o suportava para não desagradar o amigo. Além disso, vemos ainda nesse verbo como Fabiano não suporta as convenções do vestuário e se sente aprisionado por elas, embora não arrisque descartá-la.

5.2.2 Acolher, Afagar, Acariciar, Beijar, Enternecer e Abraçar

Observando os verbetes dessa série, pode-se notar que o afeto manifestado fisicamente pelos integrantes da família de retirantes é destinado quase que exclusivamente à Baleia – razão porque se decidiu reunir a análise desses verbos. A crítica literária sobre o romance discorre muito sobre a figura de Baleia, que é um personagem humanizado em contraste com a animalização dos personagens. Baleia, então, seria aquela que lhes resgata a humanidade,

que é alvo e fonte de carinho. Ela é a fonte da ternura de Fabiano, uma vez que ele se sente semelhante a ela, de consolo para o menino mais velho e, em troca, é a única a ser afagada, ainda que prefira espojar-se. Mais uma vez é a escassez dos verbos e a regularidade do item léxico que serve de complemento que revela esse significado.

acolher (a.co.lher) *v.* **1 Receber com agrado.** [*td.*: Mas com a gravata e o colarinho machucados no bolso, o paletó no ombro e as botinas enfiadas num pau, o vaqueiro achou-se perto dela e acolheu-a [a cachorra Baleia]. (VIII, 4)].

afagar (a.fa.gar) *v.* **1 Fazer (roçando levemente com a mão) carinhos, afagos em; acariciar.** [*td.*: Fabiano consolou-a, afagou-a [Baleia]. (II,25); [O menino mais velho] Afagou-a [Baleia] com o dedos magros e sujos, e o animal encolheu-se para sentir bem o contato agradável, experimentou uma sensação como a que lhe dava a cinza do borralho. (VI, 15)].

acariciar (a.ca.ri.ci.ar) *v.* **1 Afagar; acarinhar.** [*td.*: [O menino mais velho] Continuou a acariciá-la, aproximou do focinho dela a cara enlameada, olhou bem no fundo os olhos tranquilos. (VI, 16)].

beijar (bei.jar) *v.* **Dar um beijo, oscular.** [*td.*: Sinha Vitória beijava o focinho de Baleia, e como o focinho estava ensanguentado, lambia o sangue e tirava proveito do beijo.(I, 24)]. [*tdi.*: O menino beijou-lhe o focinho úmido, embalou-a (VI, 25)].

enternecer (en.ter.ne.cer) *v.* **1 Comover (-se); Sensibilizar (-se).** [*int.*: Fabiano recebeu a carícia, enterneceu-se: - Você é um bicho, Baleia (II, 17-18)].

abraçar *v.* **1 Envolver com os braços, ger. de modo afetuoso.** [*td.*: [O menino mais velho] Abraçou a cachorrinha com uma violência que a descontentou. Não gostava de ser apertada, preferia saltar e espojar-se. (VI, 33); O menino [mais velho] continuava a abraçá-la. E Baleia encolhia-se para não magoá-lo, sofria a carícia excessiva. (VI, 34); Se [Fabiano] encontrasse um conhecido, iria chamá-lo para a calçada, abraçá-lo, sorrir, bater palmas. Depois falaria sobre gado. (VIII, 16)].

Na última ocorrência de “abraçar”, observa-se que o abraço de Fabiano, que seria dado a um suposto conhecido que o encontrasse, não passa de mera hipótese, o que é reforçado pelo aspecto do verbo. Não é raro o contato e o afeto apenas entre os integrantes da família de retirantes: em relação às demais pessoas há o mesmo esfriamento e a mesma reserva.

Ainda que este trabalho se foque na escolha significativa de verbos, não se pode deixar de mencionar a única ocorrência do vocábulo “abraço”, em todo romance. É exatamente na descrição de um enlace coletivo da família, em um momento de desespero diante da seca. Conclui-se que é o abraço que os sustenta, que os permite prosseguir:

Miudinhos, perdidos no deserto queimado, os fugitivos agarraram-se, somaram as suas desgraças e os seus pavores. O coração de Fabiano bateu junto do coração de

Sinha Vitória, um abraço cansado aproximou os farrapos que os cobriam. Resistiram à fraqueza, afastaram-se envergonhados, sem ânimo de afrontar de novo a luz dura, receosos de perder a esperança que os alentava. (I, 23)

5.2.3 Rir e Sorrir

rir (rir) *v.* **1 Sorrir com ou sem ruído, por alegria, nervoso, satisfação ou achando graça de algo.** [*int.*: O outro [menino mais velho] iria rir-se, mangar dele (...) (V, 19); (...) o irmão [mais velho] ria como um doido, Baleia, séria, desaprovava tudo aquilo. (V, 32); [Fabiano] Tinha medo e repetia que estava em perigo, mas isto lhe pareceu tão absurdo que se pôs a rir. (XI, 7); [Fabiano] Esqueceu a infelicidade próxima, riu-se encantado com a esperteza de Sinha Vitória. Uma pessoa como aquela valia ouro. (XII, 6); Era. Estava boa, estava taluda, poderia andar muito. Sinha Vitória riu e baixou os olhos. Não era tanto como ele [Fabiano] dizia não. (XIII, 16); (...) Fabiano ria, tinha desejo de esfregar as mãos agarradas à boca do saco e à coronha da espingarda de pederneira. (XIII, 34)].

(1)	O outro [menino mais velho] iria <u>rir-se</u> , mangar dele (...) (V, 19)
(2)	(...) o irmão <u>ria</u> como um doido, Baleia, séria, desaprovava tudo aquilo. (V, 32)
(3)	[Fabiano] Tinha medo e repetia que estava em perigo, mas isto lhe pareceu tão absurdo que se pôs a <u>rir</u> . (XI, 7)
(4)	[Fabiano] Esqueceu a infelicidade próxima, <u>riu-se</u> encantado com a esperteza de Sinha Vitória. Uma pessoa como aquela valia ouro. (XII, 6)
(5)	Era. Estava boa, estava taluda, poderia andar muito. Sinha Vitória <u>riu</u> e baixou os olhos. Não era tanto como ele dizia não. (XIII, 16)
(6)	(...) Fabiano <u>ria</u> , tinha desejo de esfregar as mãos agarradas à boca do saco e à coronha da espingarda de pederneira. (XIII, 34)

Tabela 16 – Ocorrências do verbo “rir” em ordem de aparecimento no romance.

sorrir (sor.rir) *v.* **1 Fazer uma expressão risonha pelo repuxar dos lábios.** [*int.*: Viera a trovoada. E, com ela, o fazendeiro, que o expulsara. Fabiano fizera-se desentendido e oferecera os seus préstimos, resmungando, coçando os cotovelos, sorrindo aflito. (II, 8)]. **2 Mostrar-se contente ou alegre; alegrar-se.** [*int.*: Se [Fabiano] encontrasse um conhecido, iria chamá-lo para a calçada, abraçá-lo, sorrir, bater palmas. (VIII,16); Fabiano aprovou o arranjo, sorriu, esqueceu os urubus e o cavalo. Sim senhor. Que mulher! (XIII, 31)].

Em meio a tanto sofrimento causado pelas condições insalubres do ambiente, pela exploração do trabalho, pelo abuso da autoridade, é intrigante buscar quais seriam os contextos de ocorrência dos verbos “rir” e “sorrir”, protipicamente utilizados na manifestação física de alegria, dentro da lógica dos processos comportamentais descritos por Halliday.

Em *Rir* 4 e na última ocorrência do verbo “sorrir”, é possível notar que o motivo da alegria de Fabiano é a admiração por sua mulher. Sempre é essa admiração o faz esquecer algo desagradável e lhe confere ânimo, conforme se pode ver nos trechos em que “rir” e “sorrir” ocorrem. É em resposta a um elogio de Fabiano, Sinha Vitória também sorri em resposta. É importante ressaltar que esses trechos ocorrem ao fim do romance, diante da iminente reincidência da seca, e conseqüentemente da nova viagem e de seus maiores temores. Em *Rir* 6, ainda nesse contexto, a razão da risada de Fabiano é a esperança criada por Sinha Vitoria.

Diante da ameaça do patrão e do soldado amarelo, também é solução para Fabiano começar a sorrir, como se pode ver na primeira ocorrência do verbete. Também é solução sorrir quando diante de um conhecido, em uma tentativa de aproximação, o que jamais logrado.

5.2.4 Admirar e Respeitar

admirar (ad.mi.rar) v. **1 Sentir admiração, respeito, surpresa.** [*td.*: Baleia permaneceria indiferente, mas o irmão se admiraria invejoso. (VI, 21)]. **2 Extasiar-se diante de.** [*td.*: [Fabiano] Admirava as palavras compridas e difíceis da gente da cidade, tentava reproduzir algumas, em vão, mas sabia que elas eram inúteis e talvez perigosas. (II,20)] **3 Contemplar, olhar com deslumbramento** [*td.*: Sinha Vitória tinha razão: era atilada e percebia as coisas de longe. Fabiano arregalava os olhos e desejava continuar a admirá-la [Sinha Vitória]. (XII, 23)]. **4 Estranhar, espantar-se.** [*int.*: Conteve-se, notou que os meninos estavam perto, com certeza iam admirar-se ouvindo-o falar só. (II, 8)].

respeitar (res.pei.tar) v. **1 Obedecer, acatar.** [*td.*: [Fabiano] Ia lá puxar questão com gente rica? Bruto, sim, senhor, mas sabia respeitar os homens. (X, 8)]. **2 Honrar, temer.** [*td.*: Assim como estava, ninguém podia respeitá-lo [Fabiano]. (XII, 12)].

Ainda buscando investigar como Graciliano constrói a afetividade dos personagens em *Vidas Secas*, debruçou-se sobre esses dois verbos. Vemos a busca do menino mais novo, da mesma forma como admira o pai, a ser admirado pelo irmão. Mais uma vez, por meio desse verbo, podemos também notar o afeto que Fabiano dedica à sua esposa. Também é notável a sua difícil relação com a linguagem, o que o faz admirar as palavras difíceis, que sem significado para ele se tornam inúteis e perigosas, ainda que bonitas. A “gente da cidade” revela-se distante dele mais uma vez, já que são as detentoras desse conhecimento que ele não tem. Tanto que teme que os filhos se espantem (cf. acepção 4), ao vê-lo falando sozinho.

No uso do verbo “respeitar”, nota-se também a relação de Fabiano com a autoridade do patrão, conferida pela riqueza deste. A manutenção de sua família na fazenda e sua conseqüente sobrevivência dependem desse respeito, que antes é uma imposição inexorável e humilhante. Sendo assim, ele respeita as ordens do patrão no capítulo “Contas”, porque não tem alternativa.

No capítulo “O soldado amarelo”, Fabiano se vê diante do homem que o pôs na prisão e tem a oportunidade de vingar-se dele. O fato de vê-lo apavorado o humilha, uma vez que foi aquele soldado franzino e covarde que teria autoridade sobre ele. Mesmo assim, Fabiano teme estar preso novamente e supõe que não poderia levantar arma contra uma autoridade, nada fazendo contra o soldado amarelo. Mesmo assim, depois disso, ele considera que não pode ser respeitado, que não é homem de verdade. Homem de verdade seria aquele capaz de vingar-se e não subjugar-se a ninguém. Essas ideias estão subjacentes também nos trechos em que ocorrem o vocábulo “respeito”, que dá origem ao verbo:

Fabiano atentou na farda com respeito (...) (III, 8)

Talvez estivesse preso e respeitado, um homem respeitado, um homem. (XI, 12)

A admiração e o respeito em relação a seu Tomás da bolandeira, pela educação e pela desenvoltura com a linguagem são reforçadas também nesta ocorrência:

Certamente aquela sabedoria inspirava respeito. (II, 33)

5.2.5 Estremecer

estremecer (es.tre.me.cer) *v. 1* **Tremor súbita e passageiramente, por medo, espanto etc.; sobressaltar-se, assustar-se.** [*int.*: Fabiano estremeceu. Chegaria à fazenda noite fechada (III, 20); [Sinha Vitória] Estremeceu lembrando-se da seca, o rosto moreno desbotou, os olhos pretos arregalaram-se (IV, 12); [Fabiano] Estremeceu, tentou ver o cocó de Sinha Vitória. Precisava ter cuidado para não se distanciar da mulher e dos filhos. (VIII, 16); (...) [Fabiano] pensou na viagem, estremeceu. (XII, 11); Antes de olhar o céu, [Fabiano] já sabia que ele (...) ia tornar-se profundamente azul. Estremeceu como se descobrisse uma coisa muito ruim. (XIII, 9); Fabiano estremeceu, voltou-se, estirou os olhos em direção à fazenda abandonada. (XIII, 14)].

(1)	Fabiano <u>estremeceu</u> . Chegaria à fazenda noite fechada (III, 20)
(2)	[Sinha Vitória] <u>Estremeceu</u> lembrando-se da seca, o rosto moreno desbotou, os olhos

	pretos arregalaram-se (IV, 12)
(3)	[Fabiano] <u>Estremeceu</u> , tentou ver o cocó de Sinha Vitória. Precisava ter cuidado para não se distanciar da mulher e dos filhos. (VIII, 16)
(4)	(...) [Fabiano] pensou na viagem, <u>estremeceu</u> . (XII, 11)
(5)	Antes de olhar o céu, [Fabiano] já sabia que ele (...) ia tornar-se profundamente azul. <u>Estremeceu</u> como se descobrisse uma coisa muito ruim. (XIII, 9)
(6)	Fabiano <u>estremeceu</u> , voltou-se, estirou os olhos em direção à fazenda abandonada. (XIII, 14)

Tabela 17 – Ocorrências do verbo “estremecer” em ordem de aparecimento no romance.

Por meio da observação das ocorrências desse verbo, nota-se que recorrentemente a causa do estremeçamento e, portanto, do tremor tanto de Sinha Vitória (*Estremecer*²) quanto de Fabiano (*Estremecer*^{4, 5 e 6}) seria a seca, seja a iminência da seca ou sua instauração, que os leva para novos caminhos. Isso é percebido em vários momentos do romance, mas fica bem marcado por meio da escolha desse verbo. Além disso, Fabiano treme só de pensar em se distanciar dos filhos (*Estremecer*³) ou de chegar tarde a casa (*Estremecer*¹), vendo-se perdido e sozinho.

5.2.6 Aguentar e Suportar

aguentar (a.guen.tar) v. **1 Suportar ou poder suportar, resistir (carga, sofrimento, situação difícil ou incômoda etc.).** [*td.*: Talvez já tivesse dado o couro às varas, que pessoa como ele [Seu Tomás da bolandeira] não podia aguentar verão puxado. (II, 32); E aos conhecidos que dormiam no tronco e aguentavam cipó de boi oferecia consolações (...) (III, 40); Devia ter comprado o querosene de seu Inácio. A mulher e os meninos aguentando fumaça nos olhos. (III, 55); Ele, os homens acorados, o bêbedo, a mulher das pulgas, tudo era uma lástima, só servia para aguentar facão. Era o que ele queria dizer. (III, 63); Estavam acostumados a aguentar cascudos e puxões de orelhas. (VIII, 10); Coitadinha, [Baleia] andava por aí perdida aguentando pontapés. (VIII, 30); Por falta menor [Fabiano] aguentara facão e dormira na cadeia. (VIII, 16); (...) deu de cara com o soldado amarelo que, um ano antes, o levara à cadeia, onde ele [Fabiano] aguentara uma surra e passara a noite. (XI, 5); Naquela tarde, por exemplo, se não [Fabiano] tivesse perdido a paciência e xingado a mãe da autoridade, não teria dormido na cadeia depois de aguentar zinco no lombo. (XI, 14); Um Fabiano bom para aguentar facão no lombo e dormir na cadeia. (XI, 19); [Fabiano] Aguentava zinco no lombo e não se vingava. (XII, 12); Fabiano, um desgraçado, um cabra, dormia na cadeia e aguentava zinco no lombo. (XII, 20)]. **2 Manter(-se) firme, estável, equilibrado.** [*td.*: A pé, [Fabiano] não se aguentava bem. Pendia para um lado, para o outro lado, cambaio, torto e feio. (II,20); Sentando no pilão, Fabiano derreava-se, feio e bruto, com aquele jeito de bicho lerdo que não se aguentava em dois pés. (VI, 25)].

(1)	A pé, [Fabiano] não se <u>aguentava</u> bem. Pendia para um lado, para o outro lado, cambaio, torto e feio. (II,20)
(2)	Talvez já tivesse dado o couro às varas, que pessoa como ele [Seu Tomás da bolandeira] não podia <u>aguentar</u> verão puxado. (II, 32)
(3)	E aos conhecidos que dormiam no tronco e <u>aguentavam</u> cipó de boi oferecia consolações (...) (III, 40)
(4)	Devia ter comprado o querosene de seu Inácio. A mulher e os meninos <u>aguentando</u> fumaça nos olhos. (III, 55)
(5)	Ele, os homens acorados, o bêbedo, a mulher das pulgas, tudo era uma lástima, só servia para <u>aguentar</u> facão. Era o que ele queria dizer. (III, 63)
(6)	Sentando no pilão, Fabiano derreava-se, feio e bruto, com aquele jeito de bicho lerdo que não <u>se aguentava</u> em dois pés. (VI, 25)
(7)	[Os meninos] Estavam acostumados a <u>aguentar</u> cascudos e puxões de orelhas. (VIII, 10)
(8)	Coitadinha, [Baleia] andava por aí perdida <u>aguentando</u> pontapés. (VIII, 30)
(9)	Por falta menor [Fabiano] <u>aguentara</u> facão e dormira na cadeia. (VIII, 16)
(10)	(...) deu de cara com o soldado amarelo que, um ano antes, o levava à cadeia, onde ele [Fabiano] <u>aguentara</u> uma surra e passara a noite. (XI, 5)
(11)	Naquela tarde, por exemplo, se não [Fabiano] tivesse perdido a paciência e xingado a mãe da autoridade, não teria dormido na cadeia depois de <u>aguentar</u> zinco no lombo. (XI, 14)
(12)	Um Fabiano bom para <u>aguentar</u> facão no lombo e dormir na cadeia. (XI, 19)
(13)	[Fabiano] <u>Aguentava</u> zinco no lombo e não se vingava. (XII, 12)
(14)	Fabiano, um desgraçado, um cabra, dormia na cadeia e <u>aguentava</u> zinco no lombo. (XII, 20)

Tabela 18 – Ocorrências do verbo “aguentar” em ordem de aparecimento no romance.

suportar (su.por.tar) *v.* **1 Resistir, ser firme diante de.** [*td.*: [Fabiano] Vivia preso como um novilho amarrado ao mourão, suportando ferro quente. (III, 66); Não havia paciência que suportasse tanta coisa. (X, 21)].

O sujeito de “aguentar”, na primeira acepção, é expreso por nome humano e, a despeito das construções na voz ativa, exerce o papel temático de paciente devido à semântica

do verbo. Dentre as partes do romance em que ele ocorre, nota-se a referência proeminente a Fabiano na posição sujeito. Em *Aguentar* 5, 9, 10, 11, 12, 13, 14, é possível observar que, além do sujeito recorrente, também o é o complemento, relacionado à prisão do personagem e à surra que sofreu na cadeia. Há referência à surra, ao facão utilizado pelo soldado amarelo e, metonimicamente, ao zinco que o forma. As orações assim formadas ocorrem em um contexto em que Fabiano diz que serve somente para suportar isso e que, depois das pancadas, dormiu na cadeia. Vemos essa repetição como representativa no sentido de sugerir como isso foi terrivelmente marcante para o personagem, compondo uma situação humilhante que o corrói. Também há referência a Fabiano na segunda acepção (*Aguentar* 1 e 6), em que há descrição de sua forma de andar, sempre cambaio e bruto, sem conseguir se erguer.

Em relação a esse verbo também há duas referências que, apesar de isoladas, são igualmente significativas. Na referência aos meninos em *Aguentar* 7, em que a complementação do nome é feita pelo verbo. Isso aponta para a relação que eles têm com os pais, cuja forma de “diálogo” é apenas por meio das pancadas. Em *Aguentar* 2, Seu Tomás da bolandeira, a despeito de toda sabedoria, não saberia se sustentar em meio à seca. Essa construção, concernente à fala de Fabiano, sugere que, para suportar as condições da seca, é preciso ser bruto, razão por que ele, Fabiano, não poderia deixar de sê-lo.

No discurso em que ocorre o verbo “suportar”, vemos Fabiano contestando sua própria condição insalubre, que o relegam à condição de animal. Além dos sofrimentos apresentados pelos complementos desses verbos, veem-se também nos nomes determinados pelo adjetivo “insuportável” aquilo que é impossível de resistir: as lembranças e ideias relativas ao soldado amarelo, ao patrão, à morte de Baleia. Devido à sua ignorância, também é difícil para ele lidar com as perguntas dos filhos, diante da impossibilidade da linguagem.

E eles estavam perguntadores, insuportáveis. (II, 29)

Alguns minutos antes não pensava em nada, mas agora suava frio e tinha lembranças insuportáveis. (XI, 14)

A ideia de ter sido insultado, preso, moído por uma criatura mofina era insuportável. (XI, 16)

(...) um instante depois vieram-lhe ao espírito figuras insuportáveis: o patrão, o soldado amarelo, a cachorra Baleia inteiriçada junto às pedras do fim do pátio. (XIII, 14)

5.2.7 Arreliar, Impacientar, Irritar e Esquentar

arreliar (ar.re.li.ar) *v.* **1 Fazer ficar ou ficar irritado, aborrecido; irritar-se.** [*int.*: Então porque um sem-vergonha desordeiro se arreliava, bota-se um cabra na cadeia, dá-se pancada nele? (II, 40); Tudo na verdade era contra ele. [Fabiano] Estava acostumado, tinha a casca muito grossa, mas às vezes se arreliava. (X, 21); [Fabiano] Era um sujeito violento, de coração perto da goela. Não, era um cabra que se arreliava algumas vezes - e quando isto acontecia, sempre se dava mal. (XI, 14)]. [*tr.* + *com.*: [Sinha Vitória] Arreliava-se com a comparação [com o papagaio]. (IV, 20)].

impacientar (im.pa.ci:en.tar) *v.* **1 Irritar(-se), aborrecer(-se).** [*int.*: [Fabiano] Impacientara-se e largara o palavrão. (XI, 14); Fabiano impacientou-se e xingou a mãe dele. (III, 27) E como [Baleia] nunca se impacientava, continuou a pular, ofegando, chamando a atenção do amigo. (VI, 13)].

irritar (ir.ri.tar) *v.* **1 Sentir irritação ou agastamento; enervar-se; aborrecer-se.** [*int.*: Ali podia irritar-se, dirigir ameaças e desaforos a inimigos invisíveis. (VIII, 22); Iritou-se. Por que seria que aquele safado batia os dentes como um caititu? (XI, 8)].

esquentar (es.quen.tar) *v.* **1 Fig. Pop. Irritar-se.** [*int.*: Tudo porque se esquentara e dissera uma palavra inconsideradamente. (XI, 14); Provavelmente não se esquentaria nunca mais, passaria o resto da vida assim mole e ronzeiro. (XI, 19)].

Esses verbos, de forma pronominal, trazem um sujeito experienciador de um sentimento traduzido corporalmente e aparecem raras vezes no texto, a despeito de Fabiano ser caracterizado, inclusive por ele mesmo, como um homem “bruto”, de “casca muito grossa”, “violento”, “de coração perto da goela”. Na verdade, ele assim se mostra poucas vezes no texto.

“Arreliar”, nas únicas duas ocorrências relativas a Fabiano, aparece modificado pelo adjunto adverbial “às vezes”, determinando a frequência, esparsa, com que ele apresenta tal comportamento. Há ainda uma ocorrência relativa ao soldado amarelo, em que o aborrecimento deste motiva a prisão de Fabiano; e outra, relativa à Sinha Vitória, em que a razão do sentimento provocado se evidencia na esfera da oração: a comparação que Fabiano faz dela, com o papagaio.

Já duas das três ocorrências do verbo “impacientar”, relativas a Fabiano, reforçam a ideia de que essa atitude, que o fez xingar o soldado amarelo, terminou levando-o à prisão. Como processo comportamental, vemos que se trata de um sentimento que se manifesta fisicamente e que, neste caso, manifesta-se verbalmente. Esse tipo de manifestação volta a

aparecer na primeira ocorrência de “esquentar”, como razão da “palavra dita inconsideravelmente”, verbo que se torna comportamental por extensão metafórica.

Depois da prisão, Fabiano parece não ser mais capaz de comportar-se de maneira semelhante sem temer ser preso novamente, o que é confirmado na segunda ocorrência do verbo “esquentar” e na primeira ocorrência do sinônimo “irritar-se”. Este verbo, junto ao modalizador “poder” indicando permissão, sugere que Fabiano apenas ali, longe de todos, pode se irritar e verbalizar sua raiva, porque, se o fizer no meio da multidão, corre risco de ser preso novamente. É o narrador traduzindo os medos do personagem e seus traumas por meio do discurso.

É curioso o uso do verbo “impacientar” tendo como sujeito Baleia. O verbo ocorre modificado pelo advérbio “nunca”, de modo a negar que alguma vez Baleia tenha se impacientado, mesmo gostando de espojar-se, em vez de ser apertada pelo menino mais velho. Obviamente, é possível que um animal leal e alegre como um cachorro de fato não se “impaciente”. Mas a escolha do verbo, que ocorre com sujeito experienciador humano ou humanizado, eleva Baleia ao *status* de ser humano e permite que ela seja a fonte da alegria e do consolo do menino.

5.2.8 Alegrar e Entristecer

alegrar (a.le.grar) v. 1 **Tornar alegre, contente; animar-se.** [*int.*: Descoberta a expressão teimosa, [Fabiano] alegrou-se. Cambada de cachorros. (VIII, 28)].

entristecer (en.tris.te.cer) v. 1 **Ficar triste; sentir pesar, desgosto, aflição íntima.** [*int.*: [Fabiano] Entristeceu. Considerar-se plantado em terra alheia! Engano. (II, 17); Devia ser ridícula, mas a opinião de Fabiano entristecera-a [Sinha Vitória] muito. (IV, 8); [O menino mais velho] Entristeceu. Talvez Sinha Vitória dissesse a verdade. (VI, 30); O brinquedo se quebrara, o pequeno entristecera vendo as peças inúteis. (VII, 26)].

Ambos os verbos apresentam-se na forma pronominal, da mesma forma que os anteriores. O sujeito de ambos é experienciador, havendo manifestação física do sentimento experienciado. Esses verbos, oriundos de adjetivos, revelam a transformação de estado de espírito, em que se torna alegre ou triste quando antes assim não se estava.

O verbo “alegrar” é significativo no romance exatamente por sua rara ocorrência, de modo que se pode depreender que há poucos momentos de alegria vivenciados pelos personagens. A única ocorrência do verbo “alegrar” tem Fabiano como sujeito e é relativa a um momento em que ele descobre uma expressão, depois de muito tentar expressar-se, o que

para o vaqueiro é sempre uma dificuldade. Mesmo assim, a descoberta dela logo depois lhe provoca medo, uma vez que alguém pode querer brigar com ele diante da ofensa. A alegria dele nunca pode ser plena.

Já “entristecer” ocorre mais vezes, mas também raras. São poucas as ocorrências de verbos que revelam sentimentos, uma vez que, hipoteticamente, os personagens tem de endurecer muito para sobreviver, não havendo espaço para manifestações largas de afeto e mesmo de tristeza e alegria. Mesmo assim, Fabiano entristece-se ao se dar conta de que vive sempre na terra dos outros e sempre deve estar vagando para sobreviver. O menino mais velho, em duas vezes, também fica triste, primeiro diante da decepção diante do significado terrível da palavra “inferno”, que ele julgava tão bonita. Depois, ele sofre nova decepção, dessa vez com o pai, que narrava uma história apresentando seus grandes feitos e, ao se contradizer nela, mostrou-se “humano e contraditório” aos olhos do menino.

Quando Fabiano ofende Sinha Vitória, dizendo que ela parecia o papagaio ao pôr os sapatos de salto e andar com eles, ela também fica nesse estado e, de forma intensa, como reforça o advérbio “muito”. Aqui, vemos o narrador caracterizando habilmente a figura feminina, uma vez que Sinha Vitória, mesmo diante de suas condições de vida, é vaidosa e tem o desejo de andar em sapatos de salto, como as outras “matutas”. Quando Fabiano a compara ao animal, ela se sente ofendida em sua vaidade, uma vez que provavelmente queria estar elegante, não ridícula. Isso faz com que ela fique muito aborrecida com Fabiano (o que se viu na última ocorrência de “arrelhar”) durante todo o quarto capítulo em são apresentados seus sentimentos e aspirações.

5.2.9 Brigar

brigar (bri.gar) v. 1 Lutar, combater corpo a corpo. [*tr.* + *com*: Se [Fabiano] não estivesse tão ansiado, arrotando, suando, brigaria com eles. (VIII, 26)]. [*int.*: Com certeza os homens iriam brigar. (VIII, 10); [Fabiano] Tinha nervo, queria brigar, metera-se em espalhafatos e saíra de crista levantada. (XI, 18)]. **2 fig Lutar contra, enfrentar.** [*tr.* + *com*: Era uma sorte ruim, mas Fabiano desejava brigar com ela (...) (II, 40); (...) [Fabiano] queria sentir-se com força para brigar com ela e vencê-la. (II, 40)]. **3 Discutir, pôr-se em desavença.** [*tr.* + *por*: [O menino mais novo] Brigaria por causa das palavras – e sua convicção encorparia. (VII, 26)] [*int.*: Fabiano se desculpara, o chapéu de couro na mão, o espinhaço curvo: - Quem foi que disse que eu queria brigar? O melhor é a gente acabar com isso. (X, 17)].

(1)	Era uma sorte ruim, mas Fabiano desejava <u>brigar</u> com ela (...) (II, 40)
-----	---

(2)	(...) [Fabiano] queria sentir-se com força para <u>brigar</u> com ela e vencê-la. (II, 40)
(3)	[O menino mais novo] <u>Brigaria</u> por causa das palavras – e sua convicção encorparia. (VII, 26)
(4)	Com certeza os homens iriam <u>brigar</u> . (VIII, 10)
(5)	Se [Fabiano] não estivesse tão ansiado, arrotando, suando, <u>brigaria</u> com eles. (VIII, 26)
(6)	Fabiano se desculpara, o chapéu de couro na mão, o espinhaço curvo: - Quem foi que disse que eu queria <u>brigar</u> ? O melhor é a gente acabar com isso. (X, 17)].
(7)	[Fabiano] Tinha nervo, queria <u>brigar</u> , metera-se em espalhafatos e saíra de crista levantada. (XI, 18)

Tabela 19 – Ocorrências do verbo “brigar” em ordem de aparecimento no romance.

O verbo “brigar” aparece modalizado em quatro ocorrências, três pelo verbo “querer”, *Brigar2*, 6 e 7 (uma delas indiretamente, por meio da modalização do “sentir” – *Brigar2*) e uma pelo verbo “desejar” *Brigar1*. Além disso, nas demais ocorrências (*Brigar3*, 4 e 5), há o uso do futuro do pretérito, seja no verbo auxiliar, seja no próprio verbo. A partir desses dois recursos, a modalização e o tempo verbal, pode-se supor que pode até haver desejo ou possibilidade de se brigar, mas eles não se concretizam em nenhuma das ocorrências.

Em *Brigar 1* e 2, figurativamente, Fabiano tem a intenção de enfrentar a seca, de ter força para lidar com ela, quando acaba de instalar-se na nova fazenda e assim se sente seguro para seguir a vida. Em *Brigar4*, o medo que Fabiano tem das pessoas da cidade, por não conseguir se entender verbalmente com elas e poder terminar sendo preso por causa disso, faz com que ele queira afastar-se de todos. No entanto, o vaqueiro, na verdade, queria poder brigar com elas (*Brigar5*).

Diante do soldado amarelo, esse desejo também se manifesta (*Brigar7*), para mostrar-se viril e corajoso como em outros tempos e como deixou de ser depois da prisão, sem, no entanto, realizá-lo por temer a autoridade do soldado. E diante do patrão (*Brigar6*), depois de ter reclamado os juros excessivos, foi convidado a se retirar da fazenda. Assim, foi obrigado a mudar o discurso, desmentindo a vontade que teria de brigar por meio do discurso pelos seus direitos, já que poderia ser despejado.

Em *Brigar3*, o sujeito é representado pelo menino mais velho, na ocasião em que Fabiano conta uma história e se contradiz, desencantando o menino. Ele desejava que o pai repetisse a história integralmente para que ele pudesse brigar com o irmão, discutindo sobre as partes obscuras da história. Diante dessa impossibilidade, Fabiano o desencanta (como visto

em “entristecer”), desmitificando-se a imagem que o menino tinha do pai como herói.

5.2.10 Obedecer

obedecer (o.be.de.cer) *v.* **1 Aceitar, respeitar ordens, normas, regras etc.** [*ti.* + *a*: Mas todos obedeciam a ele [a Seu Tomás da bolandeira]. [*int.*: An! Quem disse que não obedeciam? (II, 35); **2 Submeter-se ao mais poderoso; render-se** [*int.*: Fabiano sempre havia obedecido. (III, 10); [Fabiano] Tinha muque e substância, mas pensava pouco, desejava pouco e obedecia. (III, 10)].

Em ambas as acepções o sujeito é agente. Na primeira acepção, o complemento, apagável, é expresso por nome humano precedido de a. Nas duas ocorrências, Fabiano fala sobre a autoridade de seu Tomás da bolandeira, que era respeitado e obedecido por todos devido a seus modos gentis e sua sabedoria. Por meio desse discurso, mais uma vez é mostrada a admiração que ele tinha pelo ex-patrão, que tanto se opõe ao atual.

Já, na segunda acepção, sem complemento, vemos Fabiano caracterizando-se como alguém que sempre teve de submeter. As razões para tal submissão são apresentadas na sequencia de verbos que tem como conclusão “obedecer”: suas habilidades são relativas à força física e não à capacidade mental de pensar e desejar, o que ele pouco faz. Assim, Fabiano é obrigado a submeter à autoridade, razão por que ele se encontra na condição em que está. Esse trecho do romance permite que se note a crítica subjacente no romance às relações de poder que geram as desigualdades sociais.

5.2.11 Engasgar e Embatucar

engasgar (en.gas.gar) *v.* **1 Causar ou ter engasgo, obstrução na garganta, por forte emoção.** [*int.*: [Fabiano] Engasgou-se. A autoridade rondou por ali um instante, desejosa de puxar questão. (III, 25); (...) tentando espichar os recursos minguados, [Fabiano] engasgava-se, engolia em seco. (X, 2)].

embatucar (em.ba.tu.car) *v.* **1 Fig. Fazer ficar ou ficar sem palavras ou sem ação.** [*int.*: (...) ele [Fabiano] teria explicado tudo direitinho. Mas pegado de surpresa, embatucara. (III, 39)].

Ambos os verbos, intransitivos, foram aqui agrupados juntos por representarem a ausência do ato de falar mediante processos emotivos. A dificuldade de Fabiano de se expressar verbalmente, já vistas e que ainda serão mais aprofundadas quando diante dos

processos verbais, enuncia-se também pela escolha do verbo “embatucar”, o que evidencia, além disso, a opção por termos regionais na narrativa de Graciliano. Fabiano não consegue explicar-se, de maneira desvolta e automática, e isso faz com que ele sucumba diante da autoridade do soldado amarelo. No entanto, o uso de “engasgar”, ainda que se relacione ao fato de “não conseguir falar” diante de forte emoção é provocado por dois aspectos que amedrontam enormemente o personagem: a autoridade do soldado amarelo e a iminência da seca.

5.3 Processos verbais

Os processos verbais compreendem os chamados verbos *dicendi* – que são verbos de elocução, ou seja, verbos introdutórios do discurso cujo complemento direto é o conteúdo que se diz e o indireto (se houver) a quem o discurso se destina. Em *Vidas Secas*, a dificuldade de expressão intrínseca à família de retirantes faz com que haja no romance poucos diálogos e expressões orais. Portanto, há poucas ocorrências de discurso direto, sendo mais comum o uso do discurso indireto e do indireto livre. Dessa forma, pode-se dizer que a complementação é feita mais por meio de orações completivas do que por citação direta.

Os verbos de elocução mais básicos deles são falar e dizer, porque são neutros, mas há uma série de outros verbos cujo significado traz, somado ao dizer básico, informações sobre o modo de realização do enunciado (gritar, berrar, sussurrar, cochichar, etc) ou o acréscimo de noções sobre a cronologia discursiva (retrucar, repetir, etc). Há muitos verbos também em que se encontra lexicalizado o modo que caracteriza esse dizer. São verbos como protestar, etc, que podem ser parafraseados como, dizer um protesto.

5.3.1 Falar

falar (fa.lar) v. **1 Articular sons de uma língua natural.** [*int.*: Na beira do rio haviam comido o papagaio, que não sabia falar. Necessidade. (III, 60);]. **2 Expressar(-se) por meio de palavras.** [*int.*: Ordinariamente a família falava pouco. (I, 13); Às vezes [Fabiano] utilizava nas relações com as pessoas a mesma língua com que se dirigia aos brutos – exclamações, onomatopeias. Na verdade falava pouco. (II,20); Via-se perfeitamente que um sujeito como ele [Fabiano] não tinha nascido para falar certo. (II,34); Seu Tomás da bolandeira falava bem (II, 35); Então mete-se um homem na cadeia porque ele não sabe falar direito? (III, 57); Fabiano também não sabia falar. Às vezes largava nomes arrevesados, por embromação. (III, 61); Como não sabia falar direito, o menino [mais velho] balbuciava expressões complicadas, repetia as sílabas, imitava os berros dos animais, o barulho do vento, o som dos galhos que rangiam na catanga, roçando-se. (VI, 21); Como os recursos de expressão eram minguados, [Fabiano, Sinha Vitória e os meninos] tentavam remediar a

deficiência falando alto. (VII, 3); Admirados e medrosos, [os meninos] falavam baixo para não desencadear as forças estranhas que elas porventura encerrassem. (VIII, 32); Se [Fabiano] ele soubesse falar como Sinha Terta, procuraria serviço noutra fazenda (...). (X, 24); [Sinha Terta] falava quase tão bem como as pessoas da cidade. (X, 24); O único vivente que o compreendia era a mulher. Nem precisava falar: bastavam os gestos. (X, 28); Sinha Vitória falou assim, mas Fabiano resmungou, franziu a testa, achando a frase extravagante. Aves matarem bois e cabras, que lembrança! (XII, 2); Sinha Vitória precisava falar. (XIII, 13)]. **3 Dirigir a palavra.** [*tr.* + *a/com*]: [Fabiano] Necessitava falar com a mulher, afastar aquela perturbação (...). (II, 26); [As pessoas da cidade] Só lhe [Fabiano] falavam²⁹ com o fim de tirar-lhe qualquer coisa. (VIII, 14)]. **4 Discorrer ou conversar sobre (algo).** [*tr.* + *de, em, sobre*]: [Fabiano] Chamou os filhos, falou de coisas imediatas, procurou interessá-las. (II, 23); Fazia mais de um ano que [Sinha Vitória] falava nisso [na cama de lastros de couro] ao marido. (IV, 8); Se [O menino mais novo] falasse naquilo, Sinha Vitória lhe puxaria as orelhas. (V, 19); [O menino mais velho] Ele nunca tinha ouvido falar em inferno. (VI, 1); Sinha Vitória falou em espetos quentes e fogueiras. (VI, 8); Se [Fabiano] encontrasse um conhecido, iria chamá-lo para a calçada, abraçá-lo, sorrir, bater palmas. Depois falaria sobre gado. (VIII, 16); [Fabiano] Ouvira falar em juros e em prazos. (X, 24); Fabiano insistiu nos seus conhecimentos topográficos, falou no cavalo de fábrica. (XIII, 24)]. [*trr.* + *com* + *a respeito de*]: Depois da comida, [Fabiano] falaria com Sinha Vitória a respeito da educação dos meninos. (II,48)]. **5 Bras. Declarar.** [*td.*]: Então ele [Fabiano] não conhecia aquelas paragens? Estava a falar variedades? (XIII, 23)]. [*int.*]: [Fabiano] Falaria assim: - “Comprei os mantimentos. Botei o gibão e os alforjes na bodega de seu Inácio. Encontrei um soldado amarelo”. (III,18)]. **6 Expressir-se por meio de (idioma, dialeto, etc).** [*td.*]: [Fabiano] falava uma linguagem cantada, monossilábica e gutural, que o companheiro entendia. (II,20)].

Falar só, sozinho

1 Falar consigo mesmo

[Fabiano] Conteve-se, notou que os meninos estavam perto, com certeza iam admirar-se ouvindo-o falar só. (II,8)

(1)	Ordinariamente a família <u>falava</u> pouco. (I, 13)
(2)	[Fabiano] Conteve-se, notou que os meninos estavam perto, com certeza iam admirar-se ouvindo-o <u>falar só</u> . (II, 8)
(3)	Às vezes [Fabiano] utilizava nas relações com as pessoas a mesma língua com que se dirigia aos brutos – exclamações, onomatopéias. Na verdade <u>falava</u> pouco. (II, 20)
(4)	E [Fabiano] <u>falava</u> uma linguagem cantada, monossilábica e gutural, que o companheiro entendia. (II, 20)
(5)	[Fabiano] Chamou os filhos, <u>falou</u> de coisas imediatas, procurou interessá-las. (II, 23)
(6)	[Fabiano] Necessitava <u>falar</u> com a mulher, afastar aquela perturbação (...). (II, 26)
(7)	Via-se perfeitamente que um sujeito como ele [Fabiano] não tinha nascido para <u>falar</u>

²⁹ Aqui a complementação ocorre por meio do pronome “lhe”, devido à possibilidade de o complemento se precedido por “a”, razão por que se inseriu esta ocorrência nessa acepção e nessa classificação sintática.

	certo. (II, 34)
(8)	Seu Tomás da bolandeira <u>falava</u> bem (II, 35)
(9)	Depois da comida, [Fabiano] <u>falaria</u> com Sinha Vitória a respeito da educação dos meninos. (II,48)
(10)	<u>Falaria</u> assim: - “Comprei os mantimentos. Botei o gibão e os alforjes na bodega de seu Inácio. Encontrei um soldado amarelo”. (III,18)
(11)	Então mete-se um homem na cadeia porque ele não sabe <u>falar</u> direito? (III, 57)
(12)	Na beira do rio haviam comido o papagaio, que não sabia <u>falar</u> . Necessidade. (III, 60)
(13)	Fabiano também não sabia <u>falar</u> . Às vezes largava nomes arrevesados, por embromação. (III, 61)
(14)	Fazia mais de um ano que [Sinha Vitória] <u>falava</u> nisso [na cama de lastros de couro] ao marido. (IV, 8)
(15)	Se [O menino mais novo] <u>falasse</u> naquilo, Sinha Vitória lhe puxaria as orelhas. (V, 19)
(16)	[O menino mais velho] Ele nunca tinha ouvido <u>falar</u> em inferno. (VI, 1)
(17)	Sinha Vitória <u>falou</u> em espetos quentes e fogueiras. (VI, 8)
(18)	Como não sabia <u>falar</u> direito, o menino [mais velho] balbuciava expressões complicadas, repetia as sílabas, imitava os berros dos animais, o barulho do vento, o som dos galhos que rangiam na catinga, roçando-se. (VI, 21)
(19)	Como os recursos de expressão eram minguados, [os integrantes da família] tentavam remediar a deficiência <u>falando</u> alto. (VII, 3)
(20)	Só lhe [Fabiano] <u>falavam</u> com o fim de tirar-lhe qualquer coisa. (VIII, 14)
(21)	Se [Fabiano] encontrasse um conhecido, iria chamá-lo para a calçada, abraçá-lo, sorrir, bater palmas. Depois <u>falaria</u> sobre gado. (VIII, 16)
(22)	Admirados e medrosos, [os meninos] <u>falavam</u> baixo para não desencadear as forças estranhas que elas porventura encerrassem. (VIII, 32)
(23)	[Fabiano] Ouvira <u>falar</u> em juro e em prazos. (X, 24)
(24)	[Sinha Terta] <u>falava</u> quase tão bem como as pessoas da cidade. (X, 24)
(25)	Se ele [Fabiano] soubesse <u>falar</u> como sinha Terta, procuraria serviço noutra fazenda (...). (X, 24)
(26)	O único vivente que o compreendia era a mulher. [Fabiano] Nem precisava <u>falar</u> : bastavam os gestos. (X, 28)
(27)	Sinha Vitória <u>falou</u> assim, mas Fabiano resmungou, franziu a testa, achando a frase

	extravagante. Aves matarem bois e cabras, que lembrança! (XII, 2)
(28)	Sinha Vitória precisava <u>falar</u> . (XIII, 13)
(29)	Então ele [Fabiano] não conhecia aquelas paragens? Estava a <u>falar</u> variedades? (XIII, 23)
(30)	Fabiano insistiu nos seus conhecimentos topográficos, <u>falou</u> no cavalo de fábrica. (XIII, 24)

Tabela 20 – Ocorrências do verbo “falar” em ordem de aparecimento no romance.

Os usos do verbo “falar” em *Vidas Secas* apresentam uma inegável correlação com o significado geral da obra, sobretudo no que diz respeito às acepções 2 e 4. As construções oracionais em que o verbo figura, seus adjuntos e argumentos, sugerem que a família, em geral, apresenta uma grande dificuldade de se comunicar com as demais pessoas da cidade e uns com os outros, de modo que vivenciam a experiência da seca de maneira muito solitária. Além disso, nota-se que muito da exploração e dos maus tratos que Fabiano sofre advém da sua incapacidade de expressar-se.

Ao listar as ocorrências na acepção 2, relacionadas à “expressão por meio de palavras”, vemos que o verbo é acompanhado de advérbios como “pouco” (*Falar1* e 3), “baixo” (*Falar22*), e ainda “alto”, para remediar a deficiência (*Falar19*). O sujeito nesses casos é representado por algum dos integrantes da família ou pela “a família” como um todo. O verbo também se apresenta precedido de advérbio de negação e acompanhado do advérbio de modo “certo”, em *Falar7*; ou ainda “direito”, *Falar11* e 18. Neste último, o verbo “falar” é o complemento do verbo “saber”, que por sua vez é negado. Como foi visto, o verbo “saber”, quando complementado por oração infinitiva e apresentando mesmo sujeito desta significa “ter condição para”, “ter capacidade para”, de modo que o complemento seria a habilidade que se teria. No romance, o verbo “saber” complementado pelo “falar” ocorre associado à negação (*Falar 12, 13* e 18) e em construções condicionais (*Falar25*), que pressupõem a negação no momento da enunciação. Em *Falar12*, o sujeito é o papagaio, que assim como Fabiano, não sabia falar. A menção do papagaio em comparação a Fabiano, além de animalizar o vaqueiro, reforça sua inutilidade por não saber se expressar, visto que o papagaio é comido por essa razão.

Por outro lado, quando o verbo tem como sujeito seu Tomás da Bolandeira ou Sinha Terta, o modificador adverbial é “bem” (*Falar8* e 24) – na verdade “quase tão bem” em *Falar24*, mais uma vez reforçando a caracterização desses personagens como pessoa sábias e a quem Fabiano admira por saberem se expressar. A admiração por Sinha Terta ainda aparece

na construção condicional mencionada (*Falar25*), pois ele gostaria de, ao menos, falar como ela. Assim, ele poderia se defender das pessoas da cidade, do patrão e do soldado amarelo, que para ele, só falavam a ele para prejudicá-lo (*Falar20*).

Ainda nessa acepção vemos “falar” modalizado pelo verbo “precisar”, indicando necessidade, formando ocorrências igualmente significativas. Sinha Vitória (em *Falar28*), diante do novo advento da seca e da viagem que deve novamente ser feita, encontra no ato de falar a força para conseguir prosseguir e para vencer o desespero. Em *Falar26*, a partir da negação por “nem”, temos uma belíssima indicação da cumplicidade entre Fabiano e Sinha Vitória. Fabiano constata que o único vivente que o compreende, além de seu cavalo (*Falar4*), é a mulher, pois, para se comunicar com ela, bastavam os gestos, não sendo importante sua inabilidade com a linguagem. Da mesma forma, é com Sinha Vitória que ele precisa conversar seja para “afastar a perturbação” (*Falar6*), necessidade evidenciada dessa vez pelo modalizador “necessitar”; ou ainda para falar a respeito da educação dos meninos (*Falar9*), o que apareceu também em na análise de “entender”.

Na acepção 4, os complementos apresentam-se na forma de/em/sobre + nome, no sentido de discorrer. Nessas ocorrências, são representados os assuntos mais recorrentes no discurso dos personagens. Sinha Vitória, em *Falar14*, alude mais uma vez à cama de seus sonhos. Já Fabiano apenas sabe falar sobre as coisas da fazenda para os meninos ou para as pessoas da cidade (*Falar5*, 21 e 30) e, por meio da expressão “ouvi falar” negada por “nunca”, sabemos do que ele não entende: juro e prazos (*Falar 23*). No capítulo VI, temos o uso desse verbo associado à pergunta do menino mais velho sobre a palavra inferno, a qual ele não conhecia (*Falar16*) e que, para sua decepção, é definida por Sinha Vitória de forma terrível (*Falar17*).

Com complemento expresso por nome não-animado e por oração justaposta, em discurso direto, temos o verbo “falar” com o mesmo sentido de “dizer”, no sentido de declarar, para introduzir o discurso relatado. É interessante observar em *Falar10* que o verbo é conjugado no futuro do pretérito, introduzindo o que Fabiano ensaia dizer para se justificar a Sinha Vitória. Nota-se nesse discurso o uso de frases curtas e coordenadas. Isso significa que, além da escassez de ocorrência de discurso direto introduzido pelos verbos *dicendi*, ou processos verbais, vemos que esse discurso ainda é simplificado, sem grandes elaborações de raciocínio.

5.3.2 Dizer

dizer (di.zer) v. **1 Proferir.** [*td.*: Em horas de maluqueira Fabiano desejava imitá-la: dizia palavras difíceis (...). (II, 34); Não [Fabiano] dizia nada para não contrariá-la [Sinha Vitória], mas sabia que era doidice. (II, 38); Ele [Fabiano] também dizia palavras sem sentido, conversava à toa. (III, 57); – “Meu louro.” Era o que [o papagaio] sabia dizer. (IV, 21); [Fabiano] Não poderia dizer semelhante coisa. (VIII, 18); Se [Fabiano] havia dito palavra à toa, pedia desculpa. Era bruto, não fora ensinado. (X, 8); Às vezes, [Fabiano] dizia uma coisa sem intenção de ofender, entendiam outra, e lá vinham questões. (X, 28); Tudo porque [Fabiano] se esquentara e dissera uma palavra inconsideradamente. (XI, 14); [*tdi.*: Fora de propósito, [Sinha Vitória] dissera ao marido umas inconveniências a respeito da cama de varas. (IV, 6); (...) sempre que os homens sabidos lhe diziam palavras difíceis, ele [Fabiano] saía logrado. (X, 24)]. **2 Afirmar, comunicar.** [*td.*: [Fabiano] Arrumaria uma sem ela [a figura de Sinha Rita], diria que haviam furtado o cobre da chita. (III, 18); Ele [Fabiano], os homens acorados, o bêbedo, a mulher das pulgas, tudo era uma lástima, só servia para aguentar facão. Era o que ele queria dizer. (III, 63); [Sinha Vitória] Ia dizer que eles estavam sujos como papagaios. (IV, 26); [O menino mais novo] (...) fez tenção de entender-se com alguém, mas ignorava o que pretendia dizer. (V, 17); Se ela [Sinha Vitória] houvesse dito que tinha ido ao inferno, bem. (VI, 23); Fabiano dizia que na serra havia tocas de suçuaranas. (VI, 25); Para que Sinha Vitória tinha dito aquilo? (VI, 32); Impossível dizer por que Sinha Vitória levava o guarda-chuva com biqueira para cima e o castão para baixo. (VIII, 8); – Cadê o valente? Quem é que tem coragem de dizer que eu sou feio? Apareça um homem. (VIII, 23); [Fabiano] Não podia dizer em voz alta que aquilo era furto, mas era. (X, 10); Agora Fabiano percebia o que ela [Sinha Vitória] queria dizer. (XII, 6); Podia continuar a viver num cemitério? Nada o prendia naquela terra dura, acharia um lugar menos seco para enterrar-se. Era o que Fabiano dizia, pensando em coisas alheias (XIII, 5); [Sinha Vitória] Queria enganar-se, gritar, dizer que era forte (XIII, 13); Sinha Vitória tentou sossegá-lo dizendo que ele poderia entregar-se a outras ocupações, (XIII, 14); - Não é? murmurou Sinha Vitória sem perguntar, apenas confirmando o que ele [Fabiano] dizia. (XIII, 33)]. [*tdi.*: Se lhe [a Fabiano] dissessem que era possível melhorar de situação, espantar-se-ia. (X, 23)]. [*int.*: Que dizia aquele bêbedo que se esgoelava como um doido, gastando fôlego à toa? (III, 62); Estava boa, estava taluda, poderia andar muito. Sinha Vitória riu e baixou os olhos. Não era tanto como ele [Fabiano] dizia não. (XIII, 16); Como era que Sinha Vitória tinha dito? (XII, 6)]. **3 Revelar.** [*td.*: Talvez Sinha Vitória disse a verdade. O inferno devia estar cheio de jararacas e suçuaranas, e as pessoas que moravam lá recebiam cocorotes, puxões de orelhas e pancadas com a bainha da faca. (VI, 30)]. **4 Aconselhar; orientar.** [*td.*: Ele, Fabiano, muitas vezes dissera: – “Seu Tomás, vossemecê não regula. Para que tanto papel? Quando a desgraça chegar, seu Tomás se estrepa, igualzinho aos outros.” (II,32)]. **5 Ordenar, mandar.** - Está certo, disse o cabo. Faça lombo, paisano. (III, 30)].

Para bem dizer

1 Na realidade, na verdade, a bem da verdade (us. para confirmar ou esclarecer o que se acaba de dizer):

[(...) para bem dizer não se diferenciava muito da bolandeira de seu Tomás. (I, 28)

A fazenda renasceria – e ele, Fabiano, seria o vaqueiro, para bem dizer seria dono daquele mundo. (I, 35); Para bem dizer, não se acendiam candeeiros na casa. (IV, 8); Mas depois [o mundo] se consertara, para bem dizer as coisas ruins não tinham existido. (VI, 20); Ela era como uma pessoa da família: brincavam juntos os três, para bem dizer não se diferenciavam,

rebolavam na areia do rio e no estrume fofo que ia subindo, ameaçava cobrir o chiqueiro das cabras. (IX, 7); (...) depois achou que estavam mudados, mais velhos, mais fracos. Eram outros, para bem dizer. Sinha Vitória insistiu. (XIII, 14)].

Quer dizer

1 m.q. **isto é** [- Isto é. Vamos e não vamos. Quer dizer. Enfim, contanto, etc. É conforme. (III, 9)]

Quem diria

Loc. interj. **Denota, respectivamente 'surpresa' relativamente ao conteúdo que se segue ou de algo dito pelo interlocutor.** [Seu Tomás era pessoa de consideração e votava. Quem diria? (II, 5)]

Quem disse (diz)

Expressão de ceticismo, de descrença, em que o falante mostra negação veemente a respeito do que se segue.

[Quem disse que não obedeciam? (II, 35); Quem foi que disse que eu queria brigar? O melhor é a gente acabar com isso. (X, 17); - Quem disse que não servia? (XI, 22)].

(1)	(...) <u>para bem dizer</u> não se diferenciava muito da bolandeira de seu Tomás. (I, 28)
(2)	A fazenda renasceria – e ele, Fabiano, seria o vaqueiro, <u>para bem dizer</u> seria dono daquele mundo. (I, 35)
(3)	Seu Tomás era pessoa de consideração e votava. <u>Quem diria?</u> (II, 5)
(4)	Ele, Fabiano, muitas vezes <u>dissera</u> : – "Seu Tomás, vossemecê não regula. Para que tanto papel? Quando a desgraça chegar, seu Tomás se estrepa, igualzinho aos outros." (II,32)
(5)	Em horas de maluqueira Fabiano desejava imitá-la: <u>dizia</u> palavras difíceis (...). (II, 34)
(6)	<u>Quem disse</u> que não obedeciam? (II, 35)
(7)	Não [Fabiano] <u>dizia</u> nada para não contrariá-la [Sinha Vitória], mas sabia que era doidice. (II, 38)
(8)	- Isto é. Vamos e não vamos. <u>Quer dizer</u> . Enfim, contanto, etc. É conforme. (III, 9)
(9)	[Fabiano] Arrumaria uma sem ela [a figura de Sinha Rita], <u>diria</u> que haviam furtado o cobre da chita. (III, 18)
(10)	- Está certo, <u>disse</u> o cabo. Faça lombo, paisano. (III, 30)
(11)	Ele [Fabiano] também <u>dizia</u> palavras sem sentido, conversava à toa. (III, 57)
(12)	Ele [Fabiano], os homens acorados, o bêbedo, a mulher das pulgas, tudo era uma lástima, só servia para aguentar facão. Era o que ele queria <u>dizer</u> . (III, 63);
(13)	Que <u>dizia</u> aquele bêbedo que se esgoelava como um doido, gastando fôlego à toa? (III, 62)

(14)	Fora de propósito, [Sinha Vitória] <u>dissera</u> ao marido umas inconveniências a respeito da cama de varas. (IV, 6)
(15)	<u>Para bem dizer</u> , não se acendiam candeeiros na casa. (IV, 8)
(16)	- “Meu louro.” Era o que [o papagaio] sabia <u>dizer</u> . (IV, 21)
(17)	[Sinha Vitória] Ia <u>dizer</u> que eles estavam sujos como papagaios. (IV, 26)
(18)	[O menino mais novo] (...) fez tenção de entender-se com alguém, mas ignorava o que <u>pretendia dizer</u> . (V, 17)
(19)	Mas depois [O mundo] se consertara, <u>para bem dizer</u> as coisas ruins não tinham existido. (VI, 20)
(20)	Se ela [Sinha Vitória] <u>houvesse dito</u> que tinha ido ao inferno, bem. (VI, 23)
(21)	Fabiano <u>dizia</u> que na serra havia tocas de suçuaranas. (VI, 25)
(22)	Talvez Sinha Vitória <u>dissesse</u> a verdade. O inferno devia estar cheio de jararacas e suçuaranas, e as pessoas que moravam lá recebiam cocorotes, puxões de orelhas e pancadas com a bainha da faca. (VI, 30)
(23)	Para que Sinha Vitória <u>tinha dito</u> aquilo? (VI, 32)
(24)	Impossível <u>dizer</u> por que Sinha Vitória levava o guarda-chuva com biqueira para cima e o castão para baixo. (VIII, 8)
(25)	– Cadê o valente? Quem é que tem coragem de <u>dizer</u> que eu sou feio? Apareça um homem. (VIII, 23)
(26)	Ela era como uma pessoa da família: brincavam juntos os três, <u>para bem dizer</u> não se diferenciavam, rebolavam na areia do rio e no estrume fofo que ia subindo, ameaçava cobrir o chiqueiro das cabras. (IX, 7)
(27)	Se [Fabiano] <u>havia dito</u> palavra à toa, pedia desculpa. Era bruto, não fora ensinado. (X, 8)
(28)	<u>Quem</u> foi que <u>disse</u> que eu queria brigar? O melhor é a gente acabar com isso. (X, 17)
(29)	Se lhe <u>dissessem</u> que era possível melhorar de situação, espantar-se-ia. (X, 23)
(30)	- <u>Quem disse</u> que não servia? (XI, 22)
(31)	(...) sempre que os homens sabidos lhe <u>diziam</u> palavras difíceis, ele [Fabiano] saía logrado. (X, 24)
(32)	[Fabiano] Não podia <u>dizer</u> em voz alta que aquilo era furto, mas era. (X, 10)
(33)	Às vezes, [Fabiano] <u>dizia</u> uma coisa sem intenção de ofender, entendiam outra, e lá vinham questões. (X, 28)

(34)	Tudo porque [Fabiano] se esquentara e <u>dissera</u> uma palavra inconsideradamente. (XI, 14)
(35)	Agora Fabiano percebia o que ela [Sinha Vitória] queria <u>dizer</u> . (XII, 6)
(36)	Como era que Sinha Vitória <u>tinha dito</u> ? (XII, 6)
(37)	Podia continuar a viver num cemitério? Nada o prendia naquela terra dura, acharia um lugar menos seco para enterrar-se. Era o que Fabiano <u>dizia</u> , pensando em coisas alheias (XIII, 5)
(38)	[Sinha Vitória] Queria enganar-se, gritar, <u>dizer</u> que era forte (XIII, 13)
(39)	(...) depois achou que estavam mudados, mais velhos, mais fracos. Eram outros, <u>para bem dizer</u> . Sinha Vitória insistiu. (XIII, 14)
(40)	Sinha Vitória tentou sossegá-lo <u>dizendo</u> que ele poderia entregar-se a outras ocupações, (XIII, 14)
(41)	Estava boa, estava taluda, poderia andar muito. Sinha Vitória riu e baixou os olhos. Não era tanto como ele [Fabiano] <u>dizia</u> não. (XIII, 16)
(42)	- Não é? murmurou Sinha Vitória sem perguntar, apenas confirmando o que ele [Fabiano] <u>dizia</u> . (XIII, 33)

Tabela 21 – Ocorrências do verbo dizer em ordem de aparecimento no romance.

A inabilidade com a linguagem também se evidencia por meio do uso deste verbo. Na acepção “proferir”, sobretudo em relação a Fabiano, vemos que aquilo que é dito é sempre caracterizado inadequado ou insuficiente (*Dizer 11, 14, 27, 33 e 34*). As palavras ditas por outras pessoas são consideradas difíceis e Fabiano ora as teme (*Dizer31*), ora quer imitá-las (*Dizer5*), pois ele percebe que elas são sinônimo de poder. É interessante que o verbo é muitas vezes acompanhado de várias construções que evidenciam essa dificuldade por meio do uso de modalizadores como “querer” (*Dizer12, 35 e 38*), “pretender” (*Dizer18*) – ainda precedido de “ignorar” – e “poder”, seguido de negação (*Dizer10*), o que também se reflete no adjetivo “impossível” em *Dizer24*; o uso do tempo verbal futuro do pretérito, significando pretensão futura não necessariamente realizada (*Dizer9*), ou da perífrase ir + dizer, com verbo ir no pretérito imperfeito, não havendo conclusão da ação (*Dizer17*). Por outro lado, nas ocorrências em que há negação do verbo “dizer” (*Dizer7 e 41*), mediante advérbio “não” preposto ou duplicado, evidencia-se o afeto entre o casal Fabiano e Sinha Vitória. Em *Dizer7*, ele evita falar sobre a cama de varas e a impossibilidade de tê-la para não contrariar a esposa, de modo a não magoá-la. Em *Dizer41*, Sinha Vitória nega o elogio de Fabiano, por se envergonhar, apesar de claramente ter apreciado o elogio. Apesar das dificuldades que

enfrentam, sobretudo a de expressão, é possível notar o sentimento profundo que os liga e os move, ainda que implicitamente.

Da mesma forma como “falar”, há poucas ocorrências de complementação por citação direta. Apenas três (*Dizer4*, 10 e 16), respectivamente apresentando o aconselhamento de Fabiano a Seu Tomás da Bolandeira, a resposta do soldado amarelo e a única expressão dita pelo papagaio, o que ele “sabia dizer”. A opção pelo discurso direto parece ter a intenção de evidenciar a escassez de palavras e a simplicidade no discurso, o que reforça o que foi dito a respeito do verbo “falar”.

Há ainda as expressões em que se evidencia um processo de gramaticalização. Pode-se dizer que em *Vidas Secas* o narrador tenta traduzir os pensamentos dos personagens como se eles os estivessem expondo oralmente. Assim como ocorre na linguagem falada, esse fluxo de pensamento carece de algumas retificações. O uso recorrente de “para bem dizer” (*Dizer1*, 2, 15, 19, 26 e 39), como retificador, se relaciona diretamente a esse processo. “Quer dizer”, no entanto, como já foi visto em “querer”, não atua como retificador, mas apenas como expressão descontextualizada, oriunda do discurso de seu Tomás da Bolandeira.

Já “Quem diria” e “Quem disse” expressam atitudes e opiniões do enunciador a respeito do que é proferido. “Quem diria” já é uma locução interjetiva, usual no monólogo, no ato em que o enunciador conversa consigo mesmo. “Quem disse” é dito em resposta a uma colocação que o falante entende como sendo falsa, impondo-se como expressão de descrença. Fabiano em *Dizer28*, na verdade, quer dizer ele que não quer brigar, em resposta à provável e oposta crença do patrão.

5.3.3 Protestar, Estourar e Reclamar

protestar (pro.tes.tar) v. 1 **Manifestar insatisfação, discordância, revolta; reclamar.** [*int.*: - Isso não se faz, moço, protestou Fabiano. Estou quieto. Veja que mole e quente é pé de gente. (III,26); Nem lhe [Fabiano] restava o direito de protestar. (X, 19)].

reclamar (re.cla.mar) v. 1 **Queixar-se, reivindicar.** [*int.*: [Fabiano] Reclamou e obteve a explicação habitual: a diferença era proveniente de juros. (X, 5); Nem lhe permitiam queixas. Porque [Fabiano] reclamara, achara a coisa uma exorbitância, o branco se levantara furioso, com quatro pedras na mão. Para que tanto espalhafato? (X, 12)].

estourar (es.tou.rar) v. 1 **Fig. Perder as estribeiras, o controle, a contenção; descontrolar-se.** [*int.*: De repente [Fabiano] estourava:- Conversa. Dinheiro anda num cavalo e ninguém pode viver sem comer. Quem é do chão não se trepa. (X, 2-3)].

O verbo “protestar” apresenta de maneira lexicalizada o modo que caracteriza o dizer. Em sua única ocorrência, que aparece com complementação por citação direta, dá-se no contexto em que Fabiano termina preso pelo soldado amarelo, quando reclamava da pisada forte dele com o salto da reíuna. O que se pode concluir a partir da escassez do verbo é exatamente o que Fabiano pensa na segunda ocorrência: ele não tem o direito de protestar diante de uma autoridade, tendo de submeter-se. Isso se comprova mediante o uso escasso dos outros verbos aqui agrupados, que têm como sujeito apenas Fabiano: tanto reclamar (sem complementação) quanto estourar (novamente complementado por citação direta), que ocorrem quando Fabiano novamente reivindica uma injustiça. Os dois verbos ocorrem no mesmo capítulo, e, portanto, no mesmo contexto, em que depois de queixar com o patrão a respeito da inexatidão nas contas deste, sofre ameaça de ter de deixar a fazenda.

É interessante a escolha única do verbo “estourar”, utilizado como verbo de elocução. O verbo, empregado em sua extensão metafórica de sentido, circunstancia o modo como Fabiano enuncia a fala, de maneira repentina e exaltada, tamanha a indignação.

5.3.4 Gritar e Berrar

gritar (gri.tar) v. **1 Dar ou soltar grito(s).** [*td.*: Fabiano gritou, assustando o bêbedo, os tipos que abanavam o fogo, o carcereiro e a mulher que se queixava das pulgas. (III, 67); Gritavam demais ali perto e havia luzes em abundância, mas o que a [Baleia] incomodava era aquele cheiro de fumaça. (VIII, 11)]. **2 Falar em voz alta, bradar.** [*int.*: [O soldado amarelo] Ia bater o pé, gritar, levantar a espinha, plantar-lhe o salto da reíuna em cima da alpercata. Desejava que ele fizesse isso. (XI, 16); Se o soldado não puxasse o facão, não gritasse, ele, Fabiano, seria um vivente muito desgraçado. (XI, 17)]. [*ti + a:* Depois [Fabiano] gritaria aos meninos, que precisavam criação. (XI, 23)]. **3 Expressar-se em voz alta, desabafar.** [*td.*: [Fabiano] Sentiu vontade de gritar, de anunciar muito alto que eles [os bêbedos] não prestavam para nada. (III, 63); E Fabiano roncou alto, gritou que eram todos uns frouxos, uns capados, sim senhor. (VIII, 24)]. [*int.*: Queria enganar-se, gritar, dizer que era forte, e a quentura medonha, as árvores transformadas em garranchos, a imobilidade e o silêncio não valiam nada. (XIII, 13)]. **4 Queixar-se de maneira enérgica, protestar.** [*td.*: [Fabiano] Deu um pontapé na parede, gritou enfurecido. Para que serviam os soldados amarelos? (III, 44) Se [Fabiano] pudesse mudar-se, gritaria bem alto que o roubavam. (X, 21)]. [*int.*: Os meninos começaram a gritar e a espernear. (IX, 11)]. **5 Mandar ou ordenar em voz alta.** [*td.*: Espera aí, paisano, gritou o soldado amarelo. (III, 16); Se ele [Fabiano] gritasse agora “desafasta”, que faria o polícia? (XI, 15)]. [*tdi.*: Anda, condenado do diabo, gritou-lhe [o menino mais velho] o pai. (I, 4)]. **6 Emitir sons altos (falando de certos animais).** [*td.*: Por que [os sapos] gritavam a cantoria gorgolejada e triste? (VII, 27)].

(1)	- Espera aí, paisano, <u>gritou</u> o soldado amarelo. (III, 16)
(2)	[Fabiano] Sentiu vontade de <u>gritar</u> , de anunciar muito alto que eles [os bêbedos] não

	prestavam para nada. (III, 63)
(3)	Fabiano <u>gritou</u> , assustando o bêbedo, os tipos que abanavam o fogo, o carcereiro e a mulher que se queixava das pulgas. (III, 67)
(4)	Por que [os sapos] <u>gritavam</u> a cantoria gorgolejada e triste? (VII, 27)
(5)	<u>Gritavam</u> demais ali perto e havia luzes em abundância, mas o que a [Baleia] incomodava era aquele cheiro de fumaça. (VIII, 11)
(6)	Os meninos <u>começaram a gritar</u> e a espernear. (IX, 11)
(7)	E Fabiano roncou alto, <u>gritou</u> que eram todos uns frouxos, uns capados, sim senhor. (VIII, 24)
(8)	Se ele [Fabiano] gritasse agora “desafasta”, que faria o polícia? (XI, 15)
(9)	[O soldado amarelo] Ia bater o pé, <u>gritar</u> , levantar a espinha, plantar-lhe o salto da reúna em cima da alpercata. Desejava que ele fizesse isso. (XI, 16)
(10)	Se o soldado não puxasse o facão, não <u>gritasse</u> , ele, Fabiano, seria um vivente muito desgraçado. (XI, 17)
(11)	Se [Fabiano] pudesse mudar-se, <u>gritaria</u> bem alto que o roubavam. (X, 21)
(12)	[Sinha Vitória] Queria enganar-se, <u>gritar</u> , dizer que era forte, e a quentura medonha, as árvores transformadas em garranchos, a imobilidade e o silêncio não valiam nada. (XIII, 13)

Tabela 22 – Ocorrências do verbo gritar em ordem de aparecimento no romance.

berrar (ber.rar) v. 1 **Dar berros.** [*int.*: [O menino mais novo] Pôs-se a berrar, irritando as cabras, chamando o irmão e a cachorra. (V, 27)]. 2 **Falar muito alto, bradar.** [*int.*: O patrão atual, por exemplo, berrava sem precisão. (II, 36)]. 3 **Expressar-se em voz alta, desabafar.** [*tdi* + *para*: Fabiano queria berrar para a cidade inteira, afirmar ao doutor juiz de direito, ao delegado, a seu vigário e aos cobradores da prefeitura que ali dentro ninguém prestava para nada. (III, 63)]. 4 **Mandar ou ordenar em voz alta.** [*td.*: - Apareça um homem ! [Fabiano] Berrou. (VIII, 21); - Toca prá frente, berrou o cabo. (III, 28)].

Tanto “gritar” como “berrar”, somado ao dizer básico, também apresentam o modo de realização do enunciado, podendo ser complementados por oração, por nome ou por citação direta. Ambos representam a forma de o patrão (na acepção 2 de “berrar”) e o soldado amarelo (na acepção 4 e em *Gritar1*) se dirigirem a Fabiano, sempre buscando demonstrar autoridade e superioridade.

Em relação ao soldado amarelo, no capítulo XI, Fabiano quer que o soldado aja novamente dessa forma para que tenha coragem e motivo para se vingar dele (*Gritar9* e *10*).

Fabiano se questiona o que o soldado faria se ele gritasse com ele (*Gritar8*), sem, no entanto fazê-lo. A não realização provável do ato, evidencia-se também em *Gritar11*, por meio do uso do futuro do pretérito; em *Gritar12*, cujo sujeito é Sinha Vitória, devido à indicação de volição por “querer”, o que também ocorre em *Gritar2*, em que o verbo complementa o nome “vontade”, e na ocorrência presente na acepção 3. Por meio desses verbos, reforça-se o que se viu nos verbos acima. As exacerbações verbais não são possíveis, ou são raras (*Gritar3*), sempre seguidas de repreensão.

5.3.5 Rosnar, Grunhir e Resmungar

rosnar (*ros.nar*) *v.* **1 Dizer ou falar em voz baixa e rouca, ger. de mau humor; murmurar; resmungar.** [*td.*: (...) Fabiano ergueu-se atordoado, cambaleou, sentou-se num canto, rosnando: - Hum! Hum! (III, 31-32); Em que estariam pensando? zumbiu Sinha Vitória. Fabiano estranhou a pergunta e rosnou uma objeção. Menino é bicho miúdo, não pensa. (XIII, 18)]. [*int.*: Fabiano estirava o beijo e rosnava. Aquela coisa arriada e achacada metia as pessoas na cadeia (...). (XI, 15)].

grunhir (*gru.nhir*) *v.* **1 Fig. Reclamar entre dentes, resmungar** [*td.*: Fora de propósito, [Sinha Vitória] dissera ao marido umas inconveniências a respeito da cama de varas. Fabiano, que não esperava semelhante desatino, apenas grunhira: - “Hum! Hum!” (IV, 6); As mãos sujas, suadas, deixaram no colarinho manchas escuras. - Está certo, grunhiu Fabiano. (VIII, 7-8)].

resmungar (*res.mun.gar*) *v.* **1 Emitir (palavras) mal articuladas e que mal se ouvem, por aborrecimento ou rabugice.** [*int.*: Fabiano fizera-se desentendido e oferecera os seus préstimos, resmungando, coçando os cotovelos, sorrindo aflito. (II, 14); Como os pequenos resistissem, [Sinha Vitória] aperreou-se e tratou de subjugar-los, resmungando com energia. (IX, 8); [Fabiano] Resmungava, rezingava, numa aflição, tentando espichar os recursos minguados (...) (X, 2); Sinha Vitória falou assim, mas Fabiano resmungou, franziu a testa, achando a frase extravagante. Aves matarem bois e cabras, que lembrança! (XII, 2); Fabiano hesitou, resmungou, como já fazia sempre que lhe dirigiam palavras incompreensíveis. Mas achou bom que Sinha Vitória tivesse puxado conversa. (XIII, 14)].

(1)	Fabiano fizera-se desentendido e oferecera os seus préstimos, <u>resmungando</u> , coçando os cotovelos, sorrindo aflito. (II, 14)
(2)	Como os pequenos resistissem, [Sinha Vitória] aperreou-se e tratou de subjugar-los, <u>resmungando</u> com energia. (IX, 8)
(3)	[Fabiano] <u>Resmungava</u> , rezingava, numa aflição, tentando espichar os recursos minguados (...) (X, 2)

(4)	Sinha Vitória falou assim, mas Fabiano <u>resmungou</u> , franziu a testa, achando a frase extravagante. Aves matarem bois e cabras, que lembrança! (XII, 2)
(5)	Fabiano hesitou, <u>resmungou</u> , como já fazia sempre que lhe dirigiam palavras incompreensíveis. Mas achou bom que Sinha Vitória tivesse puxado conversa. (XIII, 14)

Tabela 23 – Ocorrências do verbo resmungar em ordem de aparecimento no romance.

Os verbos são usados como verbos introdutórios de discurso, mas a essa função soma-se a de aproximação do modo de falar de Fabiano ao dos animais, uma vez que “grunhir” significa também “soltar a voz como porco ou javali” e “rosnar”, “soltar a voz como o cão ou o lobo”. “Rosnar” e “grunhir” apresentam também a mesma complementação por citação direta, sendo esta onomatopaica “Hum hum”.

Os três verbos representam um modo de falar mal articulado, carregado de mau humor ou de aborrecimento, o que reforça a caracterização do personagem Fabiano e também de Sinha Vitória. O ato de falar, para eles, não é algo fácil de realizar, de modo que em geral eles o fazem com irritação, esta também oriunda das condições insalubres em que vivem.

5.3.6 Defender

defender (de.fen.der) v. **1 Resistir a ataques.** [*td.*: O que indignava Fabiano era o costume que os miseráveis tinham de atirar bicadas aos olhos de criaturas que já não se podiam defender. (XIII, 30)]. **2 Contra-argumentar, para proteger (-se) de acusação.** [*td.*: Fabiano marchou desorientado, entrou na cadeia, ouviu sem compreender uma acusação medonha e não se defendeu. (III,29); [Fabiano] Nunca vira uma escola. Por isso não conseguia defender-se, botar as coisas nos seus lugares. (III, 58)]; Muito bom uma criatura ser assim, ter recurso para se defender. (X, 28)].

O verbo “defender”, a despeito de aparecer apenas quatro vezes, representa claramente a crítica social subjacente ao romance. Apesar de ter “muque e substância”, Fabiano, é incapaz de se defender, devido à sua inabilidade com a linguagem. É possível percebê-lo por meio do uso dos modalizadores “poder” e “conseguir”, associados à negação, o que significa incapacidade, impossibilidade. Isso também se mostra por meio do nome “recurso”, complementado pelo verbo em questão. “O recurso para se defender” faz referência à capacidade de Sinha Terta de se expressar.

O gado, que recebe as bicadas dos urubus (de acordo com a primeira ocorrência), também já não podem se defender segundo Fabiano e isso o deixa indignado. Da mesma

forma, diante do contexto de seca, também a família de retirantes é igualmente indefesa, estando à mercê das condições naturais.

5.3.7 Repreender

repreender (re.pre.en.der) *v.* **1 Censurar, admoestar severamente.** [*td.*: [Fabiano] Não percebendo o que o filho desejava, repreendeu-o. (II,21); [Sinha Vitória] não encontrou motivo para repreendê-los [os meninos]. (IV, 7); [Sinha Vitória] E botou os filhos para dentro de casa, que tinham barro até nas meninas dos olhos. Repreendeu-os: - Safadinhos! Porcos! Sujos como... (IV, 24-5); À hora do almoço Sinha Vitória repreendeu-o [o menino mais novo]: - Este capeta anda leso. (V, 14-5); [Fabiano] Retardara-se e repreendera os meninos, que se adiantavam (...). (XIII, 5)].

Fabiano e Sinha Vitória, diante da solidão, da incapacidade de linguagem, da vida difícil e incerta que tem de se suportar, não conseguem demonstrar afeto aos filhos. Dessa forma, a maneira de se dirigir aos filhos apenas se dá por meio da repreensão severa. Não é à toa o sujeito desses verbos é apenas representado pelos dois, primordialmente Sinha Vitória, a mais diretamente responsável pela criação deles, tendo como objeto sempre os meninos.

O comportamento sintático na segunda ocorrência desse verbo é peculiar, pois, mesmo depois de complementado o verbo pelo objeto há a citação direta. Há caracterização do ato de fala, além da apresentação do discurso.

5.3.8 Concordar, Consultar, Gabar

concordar (con.cor.dar) *v.* **1 Estar de acordo; ter a mesma opinião.** [*tr.* + *com*: Fabiano a princípio concordava com ela [Sinha Vitória], mastigara cálculos, tudo errado. (IV, 8)]. [*int.*: Se a mulher tivesse concordado, Fabiano arrefeceria, pois lhe faltava convicção; como Sinha Vitória tinha dúvidas, Fabiano exaltava-se, procurava inculcar-lhe coragem. (XIII, 23)]. **2 Consentir, aceitar.** [*tr.* + *com*: Receando magoá-la [Sinha Vitória], Fabiano concordava com ela, embora aquilo fosse um sonho. (XII, 20)].

consultar (con.sul.tar) *v.* **1 Pedir a (alguém, esp. especialista em determinado assunto) parecer, conselho, opinião etc.** [*td.*: Ora, daquela vez, como das outras, Fabiano ajustou o gado, arrependeu-se, enfim deixou a transação meio apalavrada e foi consultar a mulher. (X, 4); Precisava consultar Sinha Vitória, combinar a viagem, livrar-se das arribações, explicar-se, convencer-se de que não praticara injustiça matando a cachorra. (XII, 24)].

gabar (ga.bar) *v.* **1 Enaltecer as qualidades, elogiar.** [*tdi.*: Fabiano agradeceu a opinião dela e gabou-lhe as pernas grossas, as nádegas volumosas, os peitos cheios. As bochechas de Sinha Vitória avermelharam-se e Fabiano repetiu com entusiasmo o elogio(XIII,16)]

As construções com o verbo “concordar” e “consultar” são representativas de um aspecto do romance, já trazido neste trabalho mais de uma vez, mas que é pouco evidenciado na fortuna crítica. Graciliano define por meio desses verbos o papel relevante da mulher na sociedade e na vida do homem. Sinha Vitória é sempre caracteriza de maneira muito bonita por Fabiano como uma mulher que “tinha miolo”, que “valia ouro”, o “único vivente que o compreendia”. Nota-se que, quando Fabiano é sujeito dos verbos, Sinha Vitória é o único complemento. O uso do subjuntivo, na construção condicional para o verbo concordar, em que Sinha Vitória, a mulher, é sujeito, enuncia que de sua concordância dependem as ações de Fabiano.

Belíssimo ainda é o uso do verbo “gabar”, que revela a admiração de Fabiano, não só intelectual, mas também física por Sinha Vitória. Mesmo que não seja representado nos verbos mais prototípicos, como desejar, querer, amar, Graciliano nos revela o imenso afeto sentido por Fabiano em relação a sua mulher neste verbo, como nos outros dois mostra respeito. Ele, apesar de “bruto”, apesar de estar em um ambiente desesperador, considera a opinião, os desejos, os sentimentos e a beleza de sua esposa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em *Vidas Secas*, os personagens vivenciam duas ordens de dramas: como grupo, à mercê do gênio implacável da natureza, padecem igualmente os percalços de uma existência materialmente miserável; e, individualmente, cada personagem – inclusive a cachorra Baleia – vive seus conflitos numa experiência solitária e incomunicável. A questão da linguagem atravessa a narrativa em parceria com a consciência, que permite a cada personagem, mesmo que episodicamente – como nos capítulos dedicados aos meninos – a experiência da introspecção, quase sempre anotada em discurso indireto livre³⁰. Desse modo, a análise que desenvolvemos nesta dissertação está amparada na premissa de que o tema central de *Vidas Secas* é a palavra, tratada não como matéria prima de elaborações estilísticas, mas, ao contrário, como um bem imaterial, cuja falta impõe limites severos à existência humana.

Também foi cerne deste trabalho demonstrar como a escolha de determinado verbo (bem como sua recorrência) se desdobra no sentido da frase e, por extensão, no texto, por meio do sistema de transitividade. Ao realizar um significado de um item lexical, o falante opta por uma das opções potenciais no sistema. Na análise do corpus, atentou-se para as escolhas léxico-gramaticais feitas no enunciado e fez-se a comparação com outras disponíveis, de modo a poder inferir a provável motivação do enunciador. Em *Vidas Secas*, a opção pelo uso continuado do discurso indireto livre favorece o mergulho no mundo interior e no universo mental fragmentado dos personagens, de forma que o pensamento deles emerge através da enunciação do narrador. Esse pensamento se transforma em ação e determina o comportamento o qual igualmente se revela por meio das opções narrativas. Assim, pode-se dizer que a linguagem apresenta uma função *ideacional*, uma vez que é a linguagem é utilizada para incorporar as experiências dos fenômenos não só do mundo físico, mas também do mundo mental, o qual inclui as reações, cognições, percepções. É por meio dela que o narrador vai exprimir os julgamentos subjetivos dos personagens e o posicionamento deles em relação ao ambiente que os cerca. O discurso indireto – em que o narrador menciona o personagem disseram – também se apresenta por meio de verbos que expressam modos de falar nem um pouco banais, como **rosnar** e **grunhir**. Não só os verbos como também seus complementos e adjuntos (em destaque o “não”, muitas vezes associados aos *dicendi*) – semanticamente são chamados participantes. Assim, verbos que representam processos

³⁰ Entende-se como discurso indireto livre a fala de determinada personagem ou fragmento dela que se insere discretamente no discurso indireto de um narrador onisciente através do qual o autor relata as formas de pensamento dos personagens (cf.: GARCIA, 2004; p. 164-165). Além disso, *Vidas Secas* é certamente o romance brasileiro em que esse recurso é mais frequente e habilmente empregado. (*idem*, p.166).

mentais, comportamentais e verbais, que se relacionam diretamente aos personagens de *Vidas Secas*, geram a sensação de que a atmosfera do texto gira em torno do pensamento, das ações contidas e da incapacidade de se comunicar com o mundo e entendê-lo plenamente.

Esse efeito de sentido se irradia para todo o texto literário e produz a exegese interpretativa que conhecemos. Fica-se, desse modo, diante do que para alguns críticos literários ainda parece um paradoxo: se o pensamento se articula por meio da linguagem que o manifesta, como alguém desprovido da palavra pode pensar? O universo natural e social de *Vidas Secas* é marcado, como se sabe, pela agonia da sobrevivência. Não há nisso novidade, em se tratando de uma narrativa ambientada no sertão do nordeste brasileiro, secularmente vitimado pela seca e pela sorte de privações que a acompanham. O que confere a essa obra a singularidade que a distingue na ficção nordestina dos anos 1930 é, porém, a obsessiva referência à posse da palavra como índice de poder e prestígio. A questão da linguagem se aprofunda de forma dramática em *Vidas Secas* na medida em que o narrador onisciente povoa de reflexões a mente dos personagens, mas os priva da palavra própria com que pudessem socializar o que sentem, o que pensam, o que querem. Nosso ponto de vista é que *Vidas Secas* não incorre nessa contradição, pois o romance transcende a proposta neorrealista de reviver e possui escolhas léxico gramaticais no plano no sistema de transitividade que caracterizam tal significação.

Por meio desta pesquisa foi possível analisar criticamente os diferentes critérios para a elaboração de acepções e classificação dos verbos, nos dicionários. A proposta adotada para descrição buscou solucionar as incompatibilidades encontradas nos dicionários, para se criar critérios mais exatos para a predicação verbal. Ao se refletir acerca da sintaxe, semântica e morfologia do verbo em português, pode-se confrontar a descrição oferecida pelos dicionários com o uso efetivo em um texto literário. Suas classificações e polissemia. Por conseguinte, ainda que algumas definições sejam comuns, há nos dicionários distintas classificações tipológicas, sobretudo sobre os verbos pronominais. No romance, pôde-se também observar a ocorrência de exemplos em sentido conotativo, algumas ocorrências inéditas e alguns verbos constantes em estruturas gramaticalizadas, conforme se pôde ver nos capítulos de análise dos verbetes.

Uma conclusão importante oriunda das análises foi a respeito da escolha de Baleia como Experienciador em processos mentais. Uma obra comprometida com uma tradição que busca transpor para a literatura as situações da vida real e seus atores, não haveria lugar para um personagem como Baleia, que não é apenas um exemplar do “melhor amigo do homem”,

mas um ser que pensa e tem conflitos, como os seres humanos. A impossibilidade natural da palavra não a torna diferente dos outros; pelo contrário: como os demais, vive seus conflitos, avalia as circunstâncias, julga os outros, aprecia ou odeia. Sendo assim, Baleia apresenta sentimentos e opiniões semelhantes a de seres humanos por meio da escolha de verbos de processos mentais, cujo participante Experienciador é eminentemente um ser humano. Supomos que é esse fato que confere a interpretação pela fortuna crítica de que a personagem é “humanizada”.

Por outro lado, a maioria dos críticos considera que há “animalização” dos seres humanos no texto. No entanto, Fabiano (assim como toda a família de retirantes) é também participante Experienciador de verbos de processos mentais. A falta de sentimentos de afeto e carinho entre eles – a ausência completa do verbo “amar” seria representativa nesse sentido – revelaria uma vida mais “seca”, desprovida de profundidade e fadada à banalidade cotidiana. Tal exegese não é, contudo, cerrada: o afeto entre os membros da família não se manifesta por meio de verbos prototípicos, como beijar, afagar, acariciar, acolher, enternecer-se, cujo Alvo é sempre Baleia. É apresentada a admiração e a confiança que Fabiano sente por Sinha Vitória em vários verbos não-prototípicos ou óbvios, como **gabar** (como transitivo indireto), **consultar** (Sinha Vitória é sempre participante Alvo deste processo verbal) ou **rir** (como verbo pronominal ou não). São poucas as ocorrências, mas se fazem presentes, sobretudo em momentos tensos do romance.

Com este trabalho, buscou-se criar subsídios para a interpretação dessa obra literária, por meio da análise das sentenças, sem deixar de considerar a inserção delas no contexto geral da obra. Utilizou-se a abordagem sistêmico funcional da estrutura linguística, uma vez que por meio desta se enfatiza a relevância do componente semântico na descrição sintática das construções verbais do romance. Faz-se necessário o estudo futuro dos processos existenciais, relacionais e materiais do romance, para que haja maior respaldo da crítica literária quanto às escolhas léxico-gramaticais que provocam o sentido geral do texto. Uma vez que cada escolha parece minuciosamente significativa, o texto tornou-se uma “pequena obra-prima de sobriedade formal”³¹, a partir da genialidade e da sensibilidade do autor Graciliano Ramos.

³¹ BOSI, Alfredo. *História Concisa da Literatura Brasileira*. 32. ed. São Paulo: Cultrix, 1994, p. 405.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, J. M. G. de. *A tradição regionalista no romance brasileiro*. Rio de Janeiro: Achiamé, 1981

AZEREDO, José Carlos de. Percepções do verbo, eixo sintático e semântico do enunciado. In: VALENTE, André (Org.). *Língua portuguesa e identidade: marcas culturais*. Rio de Janeiro: Caetés, 2007. p. 113-127

_____. *Gramática Houaiss da Língua Portuguesa*. São Paulo: Publifolha, 2008.

BORBA, Francisco da Silva. *Dicionário gramatical de verbos do português contemporâneo*. 2. ed. São Paulo: UNESP, 1991.

BOSI, Alfredo. *História Concisa da Literatura Brasileira*. 32. ed. São Paulo: Cultrix, 1994. p. 405.

CÂNDIDO, Antônio. *Graciliano Ramos: trechos escolhidos*. Rio de Janeiro: Livraria Agir Editora, 1966.

_____. *Ficção e confissão: ensaios sobre Graciliano Ramos*. São Paulo: Editora 34, 1992.

_____. A revolução de 1930 e a cultura. In: _____. *A educação pela noite e outros ensaios*. São Paulo: Ática, 1987. p. 181-198.

CEZÁRIO, Maria M; VOTRE, Sebastião J. MARTELOTTA, Mário. *Gramaticalização* Rio de Janeiro: Faculdade de Letras, 2004.

FERREIRA, Aurélio B. de Holanda. *Dicionário da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000. (versão digital)

FUZER, C.; CABRAL, S.R.S. *Introdução à Gramática Sistêmico-Funcional em língua portuguesa*. Santa Maria: UFSM, 2010. (Caderno Didático).

HOUAISS, Antônio. Sobre a linguagem de Vila dos Confins, I e II. *Revista do Livro*, Rio de Janeiro, n. 9 e 10, 1958.

ILARI, R.; NEVES, Maria Helena Moura; CASTILHO, A. T. (Org.). *Gramática do Português Culto Falado no Brasil: classes de palavras e processos de construção*. 1. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2008.

GARCIA, Othon M. *Comunicação em prosa moderna*. 26. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

GOUVEIA, Carlos A. M. Texto e Gramática: uma introdução à linguística sistêmico-funcional. *Matraga*, Rio de Janeiro, v. 16, n.24, jan./jun. 2009.

HOUAISS, Antonio. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001. (versões impressa e digital).

HALLIDAY, M. A. K. *An Introduction to Functional Grammar*. London: Edward Arnold, 1994.

HALLIDAY, M. A. K.; MATTHIESSEN, C.M.I.M. *An Introduction to Funcional Grammar*. London: Edward Arnold, 2004.

LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. *Metáforas da vida cotidiana*. Campinas: Mercado de Letras; São Paulo: Educ, 2002 [1980].

LIMA-LOPES, R. E.; VENTURA, C. S. M. A transitividade em Português. *Direct Papers*, São Paulo, n. 55, 2008. Disponível em: <<http://www2.lael.pucsp.br/direct/DirectPapers55.pdf>>.

MARTINS, N. S. *O léxico de Guimarães Rosa*. São Paulo: EdUSP, 2001.

MINI Caldas Aulete: dicionário contemporâneo da língua portuguesa. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2004.

NEVES, Maria Helena de Moura. *Gramática de usos do português*. São Paulo: UNESP, 2000.

REBELLO, Ilma da S. As Classes Populares e as Duras Cavalgadas da Vida: uma leitura de *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos, *SOLETRAS*, Rio de Janeiro, ano 5, n. 10, p. 85-96, jul./dez. 2005. Disponível em: <<http://www.filologia.org.br/soletras/10/09.pdf>>. Acesso em: 8 ago. 2012.

RAMOS, Graciliano. *Vidas Secas*. 100. ed. Rio de Janeiro: Record, 2006.

SARDINHA, Tony. B. *Metáfora*. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

SILVA, Augusto Soares. *O Mundo dos Sentidos em Português: polissemia, semântica e cognição*. Coimbra: Almedina, 2006.

TELES, G. M. *Drummond: a estilística da repetição*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1970.

APÊNDICE

Listagem de todos os verbetes constantes neste trabalho em ordem alfabética:

abraçar v. 1 Envolver com os braços, ger. de modo afetuosos. [*td.*: [O menino mais velho] Abraçou a cachorrinha com uma violência que a descontentou. Não gostava de ser apertada, preferia saltar e espojar-se. (VI, 33); O menino [mais velho] continuava a abraçá-la. E Baleia encolhia-se para não magoá-lo, sofria a carícia excessiva. (VI, 34); Se [Fabiano] encontrasse um conhecido, iria chamá-lo para a calçada, abraçá-lo, sorrir, bater palmas. Depois falaria sobre gado.(VIII, 16)].

acariciar (a.ca.ri.ci.ar) v. 1 Afagar; acarinhar. [*td.*: [O menino mais velho] Continuou a acariciá-la, aproximou do focinho dela a cara enlameada, olhou bem no fundo os olhos tranquilos. (VI, 16)].

acolher (a.co.lher) v. 1 Receber com agrado. [*td.*: Mas com a gravata e o colarinho machucados no bolso, o paletó no ombro e as botinas enfiadas num pau, o vaqueiro achou-se perto dela e acolheu-a [a cachorra Baleia]. (VIII, 4)].

admirar (ad.mi.rar) v. 1 Sentir admiração, respeito, surpresa. [*td.*: Baleia permaneceria indiferente, mas o irmão se admiraria invejoso. (VI, 21)]. **2 Extasiar-se diante de.** [*td.*: [Fabiano] Admirava as palavras compridas e difíceis da gente da cidade, tentava reproduzir algumas, em vão, mas sabia que elas eram inúteis e talvez perigosas. (II,20)] **3 Contemplar, olhar com deslumbramento** [*td.*: Sinha Vitória tinha razão: era atilada e percebia as coisas de longe. Fabiano arregalava os olhos e desejava continuar a admirá-la [Sinha Vitória]. (XII, 23)]. **4 Estranhar, espantar-se.** [*int.*: Conteve-se, notou que os meninos estavam perto, com certeza iam admirar-se ouvindo-o falar só. (II, 8)].

afagar (a.fa.gar) v. 1 Fazer (roçando levemente com a mão) carinhos, afagos em; acariciar. [*td.*: Fabiano consolou-a, afagou-a [Baleia]. (II,25); [O menino mais velho] Afagou-a [Baleia] com o dedos magros e sujos, e o animal encolheu-se para sentir bem o contato agradável, experimentou uma sensação como a que lhe dava a cinza do borralho. (VI, 15)].

aguentar (a.guen.tar) v. 1 Suportar ou poder suportar, resistir (carga, sofrimento, situação difícil ou incômoda etc.). [*td.*: Talvez já tivesse dado o couro às varas, que pessoa como ele [Seu Tomás da bolandeira] não podia aguentar verão puxado. (II, 32); E aos conhecidos que dormiam no tronco e aguentavam cipó de boi oferecia consolações (...) (III, 40); Devia ter comprado o querosene de seu Inácio. A mulher e os meninos aguentando fumaça nos olhos. (III, 55); Ele, os homens acorados, o bêbedo, a mulher das pulgas, tudo era uma lástima, só servia para aguentar facão. Era o que ele queria dizer. (III, 63); Estavam acostumados a aguentar cascudos e puxões de orelhas. (VIII, 10); Coitadinha, [Baleia] andava por aí perdida aguentando pontapés. (VIII, 30); Por falta menor [Fabiano] aguentara facão e dormira na cadeia. (VIII, 16); (...) deu de cara com o soldado amarelo que, um ano antes, o levava à cadeia, onde ele [Fabiano] aguentara uma surra e passara a noite. (XI, 5); Naquela tarde, por exemplo, se não [Fabiano] tivesse perdido a paciência e xingado a mãe da autoridade, não teria dormido na cadeia depois de aguentar zinco no lombo. (XI, 14); Um Fabiano bom para aguentar facão no lombo e dormir na cadeia. (XI, 19); [Fabiano] Aguentava

zincos no lombo e não se vingava. (XII, 12); Fabiano, um desgraçado, um cabra, dormia na cadeia e aguentava zinco no lombo. (XII, 20)]. **2 Manter(-se) firme, estável, equilibrado.** [*td.*: A pé, [Fabiano] não se aguentava bem. Pendia para um lado, para o outro lado, cambaio, torto e feio. (II,20); Sentando no pilão, Fabiano derreava-se, feio e bruto, com aquele jeito de bicho lerdo que não se aguentava em dois pés. (VI, 25)].

alegrar (a.le.grar) v. **1 Tornar alegre, contente; animar-se.** [*int.*: Descoberta a expressão teimosa, [Fabiano] alegrou-se. Cambada de cachorros.(VIII, 28)].

aprender (a.pren.der) **1 Alcançar, obter conhecimento, compreensão ou domínio de (informação, assunto, matéria etc.), por meio de estudo ou prática.** [*td.*: Se [Fabiano] aprendesse qualquer coisa, (...) nunca ficaria satisfeito. (II, 31)]. Agora [o menino mais velho] tinha tido a ideia de aprender uma palavra, com certeza importante porque figurava na conversa de Sinha Terta. (VI, 21); Os meninos em escolas, aprendendo coisas difíceis e necessárias. (XIII, 35)]. [*int.*: (...) [Fabiano] necessitaria aprender mais (...) (II, 31); Era bruto, sim senhor, nunca havia aprendido, não sabia explicar-se. (III, 57)].

arreliar (ar.re.li.ar) v. **1 Fazer ficar ou ficar irritado, aborrecido; irritar-se.** [*int.*: Então porque um sem-vergonha desordeiro se arreliava, bota-se um cabra na cadeia, dá-se pancada nele? (II, 40); Tudo na verdade era contra ele. [Fabiano] Estava acostumado, tinha a casca muito grossa, mas às vezes se arreliava. (X, 21); [Fabiano] Era um sujeito violento, de coração perto da goela. Não, era um cabra que se arreliava algumas vezes - e quando isto acontecia, sempre se dava mal. (XI, 14)]. [*tr.* + *com.*: [Sinha Vitória] Arreliava-se com a comparação [com o papagaio]. (IV, 20)].

beijar (bei.jar) v. **Dar um beijo, oscular.** [*td.*: Sinha Vitória beijava o focinho de Baleia, e como o focinho estava ensanguentado, lambia o sangue e tirava proveito do beijo.(I, 24)]. [*tdi.*: O menino beijou-lhe o focinho úmido, embalou-a (VI, 25)].

berrar (ber.rar) v. **1 Dar berros.** [*int.*: [O menino mais novo] Pôs-se a berrar, irritando as cabras, chamando o irmão e a cachorra. (V, 27)]. **2 Falar muito alto, bradar.** [*int.*: O patrão atual, por exemplo, berrava sem precisão. (II, 36)]. **3 Expressar-se em voz alta, desabafar.** [*tdi* + *para.*: Fabiano queria berrar para a cidade inteira, afirmar ao doutor juiz de direito, ao delegado, a seu vigário e aos cobradores da prefeitura que ali dentro ninguém prestava para nada. (III, 63)]. **4 Mandar ou ordenar em voz alta.** [*td.*: - Apareça um homem ! [Fabiano] Berrou. (VIII, 21); - Toca prá frente, berrou o cabo. (III, 28)].

brigar (bri.gar) v. 1 Lutar, combater corpo a corpo. [*tr.* + *com.*: Se [Fabiano] não estivesse tão ansiado, arrotando, suando, brigaria com eles. (VIII, 26)]. [*int.*: Com certeza os homens iriam brigar. (VIII, 10); [Fabiano] Tinha nervo, queria brigar, metera-se em espalhafatos e saíra de crista levantada. (XI, 18)]. **2 fig Lutar contra, enfrentar.** [*tr.* + *com.*: Era uma sorte ruim, mas Fabiano desejava brigar com ela (...) (II, 40); (...) [Fabiano] queria sentir-se com força para brigar com ela e vencê-la. (II, 40)]. **3 Discutir, pôr-se em desavença.** [*tr.* + *por.*: [O menino mais novo] Brigaria por causa das palavras - e sua convicção encorparia. (VII, 26)] [*int.*: Fabiano se desculpara, o chapéu de couro na mão, o espinhaço curvo: - Quem foi que disse que eu queria brigar? O melhor é a gente acabar com isso. (X, 17)].

compreender (com.pre:en.der) v. **1 Alcançar com o raciocínio, a inteligência; perceber o sentido de; assimilar com clareza; entender.** [*td.*: Se pudesse ver o rosto do pai, [O menino mais velho] compreenderia talvez uma parte da narração, mas assim no escuro a dificuldade

era grande. (VII, 4); Mas [Sinha Vitória] compreendia que estava sendo severa demais, achava difícil Baleia endoidecer e lamentava que o marido não houvesse esperado mais um dia para ver se realmente a execução era indispensável. (IX, 14); Fabiano fingira-se desentendido: não compreendia nada, era bruto. (X, 14); O único vivente que o [Fabiano] compreendia era a mulher. (X, 28); A princípio o vaqueiro não compreendeu nada. Viu apenas que estava ali um inimigo. (XI, 5); Fabiano estirou o beijo e enrugou mais a testa suada: impossível compreender a intenção da mulher. (XII, 3)] [*int.*: Fabiano marchou desorientado, entrou na cadeia, ouviu sem compreender uma acusação medonha e não se defendeu. (III, 29)].

concordar (con.cor.dar) *v.* **1 Estar de acordo; ter a mesma opinião.** [*tr.* + *com.*: Fabiano a princípio concordava com ela [Sinha Vitória], mastigara cálculos, tudo errado. (IV, 8)]. [*int.*: Se a mulher tivesse concordado, Fabiano arrefeceria, pois lhe faltava convicção; como Sinha Vitória tinha dúvidas, Fabiano exaltava-se, procurava inculcar-lhe coragem. (XIII, 23)]. **2 Consentir, aceitar.** [*tr.* + *com.*: Receando magoá-la [Sinha Vitória], Fabiano concordava com ela, embora aquilo fosse um sonho. (XII, 20)].

conhecer (co.nhe.cer) *v.* **1 Fazer ideia, ter noção de, conhecimento, informação sobre** [*td.*: [Baleia] Não conhecia o objeto, mas pôs-se a tremer, convencida de que ele encerrava surpresas desagradáveis. (IX, 29); [Os meninos] Não conheciam altares, mas presumiam que aqueles objetos deviam ser preciosos. (VIII, 12)]. **2 Reconhecer, distinguir, identificar.** [*td.*: [Fabiano] Conheceu os [rastros] da égua ruça e da cria, marcas de cascos grandes e pequenos. (XI, 2)]. **3 Visitar ou encontrar pela primeira vez.** [*td.*: [Fabiano] Ainda tencionava correr mundo, ver terras, conhecer gente importante como seu Tomás da bolandeira. (II, 40)]. **4 Ter informação sobre (um lugar) por ter estado lá pessoalmente.** [*td.*: Então ele [Fabiano] não conhecia aquelas paragens? (XIII, 23)]. **5 Ter ciência de estado ou condição.** [*td.*: Atrevimento não tinha, [Fabiano] conhecia o seu lugar. Um cabra. (X, 8)].

consultar (con.sul.tar) *v.* **1 Pedir a (alguém, esp. especialista em determinado assunto) parecer, conselho, opinião etc.** [*td.*: Ora, daquela vez, como das outras, Fabiano ajustou o gado, arrependeu-se, enfim deixou a transação meio apalavrada e foi consultar a mulher. (X, 4); Precisava consultar Sinha Vitória, combinar a viagem, livrar-se das arribações, explicar-se, convencer-se de que não praticara injustiça matando a cachorra. (XII, 24)].

convencer (con.ven.cer) *v.* **1 Persuadir (alguém) com razões, argumentos ou fatos.** [*td.*: [Sinha Vitória] Mas tentara convencê-lo dando-lhe um cocorote, e isto lhe [ao menino mais velho] parecia absurdo. (VI, 23); [Baleia] Quis latir, expressar oposição a tudo aquilo, mas percebeu que não convenceria ninguém e encolheu-se, baixou a cauda, resignou-se ao capricho dos seus donos. (VIII, 31)]. [*tdr.* + *de.*: [Baleia] Afinal convenceu-o de que o procedimento dele era inútil. (VI, 13); Como o outro lhe explicasse que, para vender o porco, devia pagar imposto, [Fabiano] tentara convencê-lo de que ali não havia porco, havia quartos de porco, pedaços de carne. (X, 14)]. **2 Adquirir certeza, convicção de algo de que se duvidava.** [*tdr.* + *de.*: (...)] [Fabiano] dizia palavras difíceis, truncando tudo, e convencia-se de que melhorava. Tolice. (II, 34); E, por mais que forcejasse, [Fabiano] não se convencia de que o soldado amarelo fosse governo. (III, 43); [O menino mais novo] Enxergara viventes no céu, considerava-se protegido, [Fabiano] convencia-se de que forças misteriosas iam ampará-lo. (V, 26); (...)] [Fabiano] via os acontecimentos com exagero e otimismo, estava convencido de que praticara feitos notáveis. (VII, 20); [Fabiano] Estava convencido de que todos os habitantes da cidade eram ruins. (VIII, 16); [Fabiano] Precisava consultar Sinha Vitória,

combinar a viagem, livrar-se das arribações, explicar-se, convencer-se de que não praticara injustiça matando a cachorra.(XII, 24); Agora Fabiano examinava o céu, a barra que tingia o nascente, e não queria convencer-se da realidade. (XIII, 6)].

defender (de.fen.der) v. **1 Resistir a ataques.** [*td.:* O que indignava Fabiano era o costume que os miseráveis tinham de atirar bicadas aos olhos de criaturas que já não se podiam defender. (XIII, 30)]. **2 Contra-argumentar, para proteger (-se) de acusação.** [*td.:* Fabiano marchou desorientado, entrou na cadeia, ouviu sem compreender uma acusação medonha e não se defendeu. (III,29); [Fabiano] Nunca vira uma escola. Por isso não conseguia defender-se, botar as coisas nos seus lugares. (III, 58)]; Muito bom uma criatura ser assim, ter recurso para se defender.(X, 28)].

desejar (de.se.jar) v. **1 Ter desejo ou vontade de.** [*td.:* (...) Fabiano desejou matá-lo [o filho mais velho]. (I,8); [Fabiano] Não percebendo o que o filho desejava, repreendeu-o. O menino estava ficando muito curioso, muito enxerido. (II, 21); Em horas de maluqueira Fabiano desejava imitá-lo [Seu Tomás da bolandeira]: dizia palavras difíceis, truncando tudo, e convencia-se de que melhorava. Tolice. (II,34); Sinha Vitória desejava possuir uma cama igual à de seu Tomás da bolandeira. Doidice. (II, 38); Lembrou-se de uma fazenda vista na última das lojas que visitara. Bonita, encorpada, larga, vermelha e com ramagens, exatamente o que Sinha Vitória desejava. (II, 38); O que [Fabiano] desejava... An! Esquecia-se. (III, 60); [Baleia] Aprovou com um movimento de cauda aquele fenômeno e desejou expressar a sua admiração à dona. (IV, 3); Sinha Vitória desejava uma cama real, de couro e de sucupira, igual à de seu Tomás da bolandeira. (IV, 35); [O menino mais novo] Desejou possuir um deles [dos periquitos], amarrá-lo com uma embira, dar-lhe comida. (V, 25); [Fabiano] Desejava saber o tamanho da extorsão. (X, 24); [Fabiano] Desejaria imaginar o que ia fazer para o futuro. (X, 30); [Fabiano] Desejava ficar cego outra vez. (XI, 10); [Fabiano] Desejava que ele [o soldado amarelo] fizesse isso [plantar-lhe o salto da reúna em cima da alpercata]. (XI, 16); [Fabiano] Desejou ver aquilo [as arribações] de perto (...). (XII, 7); Fabiano arregalava os olhos e desejava continuar a admirá-la [Sinha Vitória]. (XII, 23); [Fabiano] Desejou fumar. (XIII, 16)]. [*int.:* [Fabiano] Tinha muque e substância, mas pensava pouco, desejava pouco e obedecia. (III,10)]. **2 Pretender, tencionar.** [*td.:* Era uma sorte ruim, mas Fabiano desejava brigar com ela, sentir-se com força para brigar com ela e vencê-la. (II,40); [O menino mais novo] foi puxar a manga do vestido da mãe, desejando comunicar-se com ela. Sinha Vitória soltou uma exclamação de aborrecimento, e, como o pirralho insistisse, deu-lhe um cascudo. (V, 6)].

dizer (di.zer) v. **1 Proferir.** [*td.:* Em horas de maluqueira Fabiano desejava imitá-la: dizia palavras difíceis (...). (II, 34); Não [Fabiano] dizia nada para não contrariá-la [Sinha Vitória], mas sabia que era doidice. (II, 38); Ele [Fabiano] também dizia palavras sem sentido, conversava à toa. (III, 57);- “Meu louro.” Era o que [o papagaio] sabia dizer. (IV, 21); [Fabiano] Não poderia dizer semelhante coisa. (VIII, 18); Se [Fabiano] havia dito palavra à toa, pedia desculpa. Era bruto, não fora ensinado. (X, 8); Às vezes, [Fabiano] dizia uma coisa sem intenção de ofender, entendiam outra, e lá vinham questões. (X, 28); Tudo porque [Fabiano] se esquentara e dissera uma palavra inconsideradamente. (XI, 14); [*tdi.:* Fora de propósito, [Sinha Vitória] dissera ao marido umas inconveniências a respeito da cama de varas. (IV, 6); (...) sempre que os homens sabidos lhe diziam palavras difíceis, ele [Fabiano] saía logrado. (X, 24)]. **2 Afirmar, comunicar.** [*td.:* [Fabiano] Arrumaria uma sem ela [a figura de Sinha Rita], diria que haviam furtado o cobre da chita. (III, 18); Ele [Fabiano], os homens acorados, o bêbedo, a mulher das pulgas, tudo era uma lástima, só servia para

aguentar facão. Era o que ele queria dizer. (III, 63); [Sinha Vitória] Ia dizer que eles estavam sujos como papagaios. (IV, 26); [O menino mais novo] (...) fez tenção de entender-se com alguém, mas ignorava o que pretendia dizer. (V, 17); Se ela [Sinha Vitória] houvesse dito que tinha ido ao inferno, bem. (VI, 23); Fabiano dizia que na serra havia tocas de suçuaranas. (VI, 25); Para que Sinha Vitória tinha dito aquilo? (VI, 32); Impossível dizer por que Sinha Vitória levava o guarda-chuva com biqueira para cima e o castão para baixo. (VIII, 8); – Cadê o valente? Quem é que tem coragem de dizer que eu sou feio? Apareça um homem. (VIII, 23); [Fabiano] Não podia dizer em voz alta que aquilo era furto, mas era. (X, 10); Agora Fabiano percebia o que ela [Sinha Vitória] queria dizer. (XII, 6); Podia continuar a viver num cemitério? Nada o prendia naquela terra dura, acharia um lugar menos seco para enterrar-se. Era o que Fabiano dizia, pensando em coisas alheias (XIII, 5); [Sinha Vitória] Queria enganar-se, gritar, dizer que era forte (XIII, 13); Sinha Vitória tentou sossegá-lo dizendo que ele poderia entregar-se a outras ocupações, (XIII, 14); - Não é? murmurou Sinha Vitória sem perguntar, apenas confirmando o que ele [Fabiano] dizia. (XIII, 33)]. **[tdi.:** Se lhe [a Fabiano] dissessem que era possível melhorar de situação, espantar-se-ia. (X, 23)]. **[int.:** Que dizia aquele bêbedo que se esgoelava como um doido, gastando fôlego à toa? (III, 62); Estava boa, estava taluda, poderia andar muito. Sinha Vitória riu e baixou os olhos. Não era tanto como ele [Fabiano] dizia não. (XIII, 16); Como era que Sinha Vitória tinha dito? (XII, 6)]. **3 Revelar.** **[td.:** Talvez Sinha Vitória dissesse a verdade. O inferno devia estar cheio de jararacas e suçuaranas, e as pessoas que moravam lá recebiam cocorotes, puxões de orelhas e pancadas com a bainha da faca. (VI, 30)]. **4 Aconselhar; orientar.** **[td.:** Ele, Fabiano, muitas vezes dissera: – "Seu Tomás, vossemecê não regula. Para que tanto papel? Quando a desgraça chegar, seu Tomás se estrepa, igualzinho aos outros." (II,32)]. **5 Ordenar, mandar.** - Está certo, disse o cabo. Faça lombo, paisano. (III, 30)].

Para bem dizer

1 Na realidade, na verdade, a bem da verdade (us. para confirmar ou esclarecer o que se acaba de dizer):

[(...) para bem dizer não se diferenciava muito da bolandeira de seu Tomás. (I, 28)
A fazenda renasceria – e ele, Fabiano, seria o vaqueiro, para bem dizer seria dono daquele mundo. (I, 35); Para bem dizer, não se acendiam candeeiros na casa. (IV, 8); Mas depois [o mundo] se consertara, para bem dizer as coisas ruins não tinham existido. (VI, 20); Ela era como uma pessoa da família: brincavam juntos os três, para bem dizer não se diferenciavam, rebojavam na areia do rio e no estrume fofo que ia subindo, ameaçava cobrir o chiqueiro das cabras. (IX, 7); (...) depois achou que estavam mudados, mais velhos, mais fracos. Eram outros, para bem dizer. Sinha Vitória insistiu. (XIII, 14)].

Quer dizer

1 m.q. isto é

- Isto é. Vamos e não vamos. Quer dizer. Enfim, contanto, etc. É conforme. (III, 9)]

Quem diria

Loc. interj. Denota, respectivamente 'surpresa' relativamente ao conteúdo que se segue ou de algo dito pelo interlocutor.

[Seu Tomás era pessoa de consideração e votava. Quem diria? (II, 5)]

Quem disse (diz)

Expressão de ceticismo, de descrença, em que o falante mostra negação veemente a respeito do que se segue.

[Quem disse que não obedeciam? (II, 35); Quem foi que disse que eu queria brigar? O

melhor é a gente acabar com isso. (X, 17); - Quem disse que não servia? (XI, 22)].

embatucar (em.ba.tu.car) *v.* **1 Fig. Fazer ficar ou ficar sem palavras ou sem ação.** [*int.*: (...) ele [Fabiano] teria explicado tudo direitinho. Mas pegado de surpresa, embatucara. (III, 39)].

engasgar (en.gas.gar) *v.* **1 Causar ou ter engasgo, obstrução na garganta, por forte emoção.** [*int.*: [Fabiano] Engasgou-se. A autoridade rondou por ali um instante, desejosa de puxar questão. (III, 25); (...) tentando espichar os recursos minguados, [Fabiano] engasgava-se, engolia em seco. (X, 2)].

entender (en.ten.der) *v.* **1 Captar o significado de, interpretar; compreender.** [*td.*: E falava uma linguagem cantada, monossilábica e gutural, que o companheiro entendia. (II, 20); Se lhe tivessem dado ensino, [Fabiano] encontraria meio de entendê-la [a história]. (III, 58); Às vezes, [Fabiano] dizia uma coisa sem intenção de ofender, entendiam outra, e lá vinham questões. (X, 28)]. [*int.*: E [Fabiano] amunhecara, porque realmente mulher é um bicho difícil de entender (...) (IV, 6); [O menino mais velho] Valia-se, pois, de exclamações e de gestos, e Baleia respondia com o rabo, com a língua, com movimentos fáceis de entender. (VI, 14); Aquela coisa arriada e achacada metia as pessoas na cadeia, dava-lhes surra. [Fabiano] Não entendia. (XI, 15)]. **2 Perceber, captar pela audição; ouvir** [*td.*: [O menino mais velho] Não podendo perceber as feições do pai, cerrava os olhos para entendê-lo bem. (VII, 26)]. **3 Ter conhecimento, experiência, sapiência em relação a; saber.** [*tr.* + *de*: [Fabiano] Não entendia de imposto. (X, 14)]. **4 Chegar a entendimento, acordo; comunicar-se; dialogar.** [*td.*: Como [Sinha Vitória e Fabiano] não se entendessem, Sinha Vitória aludira, bastante azeda, ao dinheiro gasto pelo marido na feira, com jogo e cachaça. (IV, 8); [Os meninos] Não conseguiram entender-se, arengaram azedos, iam-se atracando. (VII, 24)]. [*tr* + *com*: Agora [Fabiano] queria entender-se com Sinha Vitória a respeito da educação dos pequenos. (II, 29); [O menino mais novo] Arredou-se, fez tenção de entender-se com alguém, mas ignorava o que pretendia dizer. (V, 17)] **5 Ter facilidade de ter entendimento com (outrem) por similaridade de atitude, por amizade, por interesse comum; harmonizar-se** [*td.*: Esses mundos viviam em paz, às vezes desapareciam as fronteiras, habitantes dos dois lados entendiam-se perfeitamente e auxiliavam-se. (VI, 18)].

Entender-se (por gente)

1 Começar a ter discernimento. [*td.*: Sempre tinha sido assim, desde que ele [Fabiano] se entendera. (II, 39); E antes de se entender, antes de nascer, sucedera o mesmo – anos bons misturados com anos ruins. (II, 39).]

enternecer (en.ter.ne.cer) *v.* **1 Comover (-se); Sensibilizar (-se).** [*int.*: Fabiano recebeu a carícia, enterneceu-se: - Você é um bicho, Baleia (II, 17-18)].

entristecer (en.tris.te.cer) *v.* **1 Ficar triste; sentir pesar, desgosto, aflição íntima.** [*int.*: [Fabiano] Entristeceu. Considerar-se plantado em terra alheia! Engano. (II, 17); Devia ser ridícula, mas a opinião de Fabiano entristecera-a [Sinha Vitória] muito. (IV, 8); [O menino mais velho] Entristeceu. Talvez Sinha Vitória dissesse a verdade. (VI, 30); O brinquedo se quebrara, o pequeno entristecera vendo as peças inúteis. (VII, 26)].

esquecer (es.que.cer) *v.* **1 Perder da memória; não (se) lembrar; olvidar.** [*td.*: O que desejava... An! [Fabiano] Esquecia-se. (III, 60)] [*int.*: [Baleia] Esqueceu-se [dos preás] e de novo lhe veio o desejo de morder Fabiano (IX, 29)]. **2 Distrair-se de; ignorar temporariamente, não atentar para, descuidar-se.** [*tr.* + *de*: Fabiano era capaz de se ter esquecido de curar a vaca laranja. (IV, 11); - É capaz de Fabiano ter-se esquecido da vaca laranja. (IV, 13)]. **3 Perder a ciência, o conhecimento ou a habilidade adquiridos.** [*td.*: Às vezes, [Fabiano] decorava algumas [palavras] e empregava-as de propósito. Depois esquecia-as. (X, 24)]. **4 Não pensar em, não se ligar em (algo, ou o que quer que seja) por estar absorto, embevecido etc., ou por não querer se aborrecer.** [*td.*: Fabiano aligeirou o passo, esqueceu a fome, a cansa e os ferimentos. (I, 14); Fabiano pisou com segurança, esquecendo as rachaduras (...). (I, 25); Sinha Vitória nem queria lembrar-se daquilo. Esquecera a vida antiga, era como se tivesse nascido depois que chegara à fazenda. (IV, 21); Era melhor [Sinha Vitória] esquecer o nó e pensar numa cama igual à de Seu Tomás da bolandeira. (IV, 32); [O menino mais novo] Esqueceu desentendimentos e grosserias, um entusiasmo verdadeiro encheu-lhe a alma pequenina. (V, 8); [O menino mais novo] Lembrou-se de Fabiano e procurou esquecê-lo. (V, 34); [Fabiano] Relatava um fuzuê terrível, esquecia as pancadas e a prisão, sentia-se capaz de atos importantes. (VII, 21); [Fabiano] Esqueceu a infelicidade próxima, riu-se encantado com a esperteza de Sinha Vitória. (XII, 6); Aqueles malditos bichos é que lhe faziam medo. [Fabiano] Procurou esquecê-los. (XII, 16); [Fabiano] Esforçava-se por esquecer uma infelicidade, e vinham outras infelicidades. (XII, 12); Mas como [Fabiano] poderia esquecê-los [os bichos] se estavam ali (...) (XII, 16); [Sinha Vitória] Chegou-se a Fabiano, amparou-o e amparou-se, esqueceu os objetos próximos, os espinhos, as arribações, os urubus que farejavam carniça (XIII, 13) [Sinha Vitória, Fabiano e os meninos] Chegariam a uma terra distante, esqueceriam a catinga onde havia montes baixos, cascalhos, rios secos, espinho, urubus, bichos morrendo, gente morrendo. (XIII, 20); Fabiano aprovou o arranjo, sorriu, esqueceu os urubus e o cavalo. (XIII, 31)].

esquentar (es.quen.tar) *v.* **1 Fig. Pop. Irritar-se.** [*int.*: Tudo porque se esquentara e dissera uma palavra inconsideradamente. (XI, 14); Provavelmente não se esquentaria nunca mais, passaria o resto da vida assim mole e ronco. (XI, 19)].

estourar (es.tou.rar) *v.* **1 Fig. Perder as estribeiras, o controle, a contenção; descontrolar-se.** [*int.*: De repente [Fabiano] estourava:- Conversa. Dinheiro anda num cavalo e ninguém pode viver sem comer. Quem é do chão não se trepa. (X, 2-3)].

estremecer (es.tre.me.cer) *v.* **1 Tremer súbita e passageiramente, por medo, espanto etc.; sobressaltar-se, assustar-se.** [*int.*: Fabiano estremeceu. Chegaria à fazenda noite fechada (III, 20); [Sinha Vitória] Estremeceu lembrando-se da seca, o rosto moreno desbotou, os olhos pretos arregalaram-se (IV, 12); [Fabiano] Estremeceu, tentou ver o cocó de Sinha Vitória. Precisava ter cuidado para não se distanciar da mulher e dos filhos. (VIII, 16); (...) [Fabiano] pensou na viagem, estremeceu. (XII, 11); Antes de olhar o céu, [Fabiano] já sabia que ele (...) ia tornar-se profundamente azul. Estremeceu como se descobrisse uma coisa muito ruim. (XIII, 9); Fabiano estremeceu, voltou-se, estirou os olhos em direção à fazenda abandonada.(XIII, 14)].

experimentar (ex.pe.ri.men.tar) *v.* **1 Vivenciar; sofrer.** [*td.*: Se o bode já tivesse bebido, ele [o menino mais novo] experimentaria decepção. (V, 27); [Baleia] experimentou uma sensação como a que lhe dava a cinza do borralho. (VI, 15); A sensação que [Fabiano] experimentava não diferia muito da que tinha tido ao ser preso. (VIII, 15); Sentia-a como se ela [a seca] já

tivesse chegado, [Fabiano] experimentava adiantadamente a fome, a sede, as fadigas imensas das retiradas. (XII, 16)].

falar (fa.lar) v. **1 Articular sons de uma língua natural.** [*int.*: Na beira do rio haviam comido o papagaio, que não sabia falar. Necessidade. (III, 60)]; **2 Expressar(-se) por meio de palavras.** [*int.*: Ordinariamente a família falava pouco. (I, 13); Às vezes [Fabiano] utilizava nas relações com as pessoas a mesma língua com que se dirigia aos brutos – exclamações, onomatopeias. Na verdade falava pouco. (II,20); Via-se perfeitamente que um sujeito como ele [Fabiano] não tinha nascido para falar certo. (II,34); Seu Tomás da bolandeira falava bem (II, 35); Então mete-se um homem na cadeia porque ele não sabe falar direito? (III, 57); Fabiano também não sabia falar. Às vezes largava nomes arrevesados, por embromação. (III, 61); Como não sabia falar direito, o menino [mais velho] balbuciava expressões complicadas, repetia as sílabas, imitava os berros dos animais, o barulho do vento, o som dos galhos que rangiam na catinga, roçando-se. (VI, 21); Como os recursos de expressão eram minguados, [Fabiano, Sinha Vitória e os meninos] tentavam remediar a deficiência falando alto. (VII, 3); Admirados e medrosos, [os meninos] falavam baixo para não desencadear as forças estranhas que elas porventura encerrassem. (VIII, 32); Se [Fabiano] ele soubesse falar como Sinha Terta, procuraria serviço noutra fazenda (...). (X, 24); [Sinha Terta] falava quase tão bem como as pessoas da cidade. (X, 24); O único vivente que o compreendia era a mulher. Nem precisava falar: bastavam os gestos. (X, 28); Sinha Vitória falou assim, mas Fabiano resmungou, franziu a testa, achando a frase extravagante. Aves matarem bois e cabras, que lembrança! (XII, 2); Sinha Vitória precisava falar. (XIII, 13)]. **3 Dirigir a palavra.** [*tr.* + *a/com*: [Fabiano] Necessitava falar com a mulher, afastar aquela perturbação (...). (II, 26); [As pessoas da cidade] Só lhe [Fabiano] falavam³² com o fim de tirar-lhe qualquer coisa. (VIII, 14)]. **4 Discorrer ou conversar sobre (algo).** [*tr.* + *de, em, sobre*: [Fabiano] Chamou os filhos, falou de coisas imediatas, procurou interessá-las. (II, 23); Fazia mais de um ano que [Sinha Vitória] falava nisso [na cama de lastros de couro] ao marido. (IV, 8); Se [O menino mais novo] falasse naquilo, Sinha Vitória lhe puxaria as orelhas. (V, 19); [O menino mais velho] Ele nunca tinha ouvido falar em inferno. (VI, 1); Sinha Vitória falou em espetos quentes e fogueiras. (VI, 8); Se [Fabiano] encontrasse um conhecido, iria chamá-lo para a calçada, abraçá-lo, sorrir, bater palmas. Depois falaria sobre gado. (VIII, 16); [Fabiano] Ouvira falar em juros e em prazos. (X, 24); Fabiano insistiu nos seus conhecimentos topográficos, falou no cavalo de fábrica. (XIII, 24)]. [*trr.* + *com* + *a respeito de*: Depois da comida, [Fabiano] falaria com Sinha Vitória a respeito da educação dos meninos. (II,48)]. **5 Bras. Declarar.** [*td.*: Então ele [Fabiano] não conhecia aquelas paragens? Estava a falar variedades? (XIII, 23)]. [*int.*: [Fabiano] Falaria assim: - “Comprei os mantimentos. Botei o gibão e os alforjes na bodega de seu Inácio. Encontrei um soldado amarelo”. (III,18)]. **6 Expressar-se por meio de (idioma, dialeto, etc).** [*td.*: [Fabiano] falava uma linguagem cantada, monossilábica e gutural, que o companheiro entendia. (II,20)].

Falar só, sozinho

1 Falar consigo mesmo

[Fabiano] Conteve-se, notou que os meninos estavam perto, com certeza iam admirar-se ouvindo-o falar só. (II,8)

³² Aqui a complementação ocorre por meio do pronome “lhe”, devido à possibilidade de o complemento se precedido por “a”, razão por que se inseriu esta ocorrência nessa acepção e nessa classificação sintática.

gabar (ga.bar) *v.* **1 Enaltecer as qualidades, elogiar.** [*tdi.*: Fabiano agradeceu a opinião dela e gabou-lhe as pernas grossas, as nádegas volumosas, os peitos cheios. As bochechas de Sinha Vitória avermelharam-se e Fabiano repetiu com entusiasmo o elogio(XIII,16)]

gostar (gos.tar) *v.* **1 Appreciar, aprovar.** [*tr.* + *de*: [Baleia] Não gostava de ser apertada, preferia saltar e espojar-se. (VI, 33); [Baleia] Gostava de espojar-se ali: cobria-se de poeira, evitava as moscas e os mosquitos, e quando se levantava, tinha folhas secas e gravetos colados às feridas, era um bicho diferente dos outros. (IX, 22); [Fabiano] Não gostava de se ver no meio do povo. (X, 28); Junto à raiz de um deles a pobrezinha [Baleia] gostava de espojar-se, cobrir-se de garranchos e folhas secas. (XII, 22) **2 Interessar-se por, ter afeto, amor.** [*tr.* + *de*: Uma vez, de lambedeira em punho, [Fabiano] espalhou a negrada. Aí Sinha Vitória começara a gostar dele. (XI, 18)].

gritar (gri.tar) *v.* **1 Dar ou soltar grito(s).** [*td.*: Fabiano gritou, assustando o bêbedo, os tipos que abanavam o fogo, o carcereiro e a mulher que se queixava das pulgas. (III, 67); Gritavam demais ali perto e havia luzes em abundância, mas o que a [Baleia] incomodava era aquele cheiro de fumaça. (VIII, 11)]. **2 Falar em voz alta, bradar.** [*int.*: [O soldado amarelo] Ia bater o pé, gritar, levantar a espinha, plantar-lhe o salto da reúna em cima da alpercata. Desejava que ele fizesse isso. (XI, 16); Se o soldado não puxasse o facão, não gritasse, ele, Fabiano, seria um vivente muito desgraçado. (XI, 17)]. [*ti* + *a*: Depois [Fabiano] gritaria aos meninos, que precisavam criação. (XI, 23)]. **3 Expressar-se em voz alta, desabafar.** [*td.*: [Fabiano] Sentiu vontade de gritar, de anunciar muito alto que eles [os bêbedos] não prestavam para nada. (III, 63); E Fabiano roncou alto, gritou que eram todos uns frouxos, uns capados, sim senhor. (VIII, 24)]. [*int.*: Queria enganar-se, gritar, dizer que era forte, e a quentura medonha, as árvores transformadas em garranchos, a imobilidade e o silêncio não valiam nada. (XIII, 13)]. **4 Queixar-se de maneira enérgica, protestar.** [*td.*: [Fabiano] Deu um pontapé na parede, gritou enfurecido. Para que serviam os soldados amarelos? (III, 44) Se [Fabiano] pudesse mudar-se, gritaria bem alto que o roubavam. (X, 21)]. [*int.*: Os meninos começaram a gritar e a espernear. (IX, 11)]. **5 Mandar ou ordenar em voz alta.** [*td.*: Espera aí, paisano, gritou o soldado amarelo. (III, 16); Se ele [Fabiano] gritasse agora “desafasta”, que faria o polícia? (XI, 15)]. [*tdi.*: Anda, condenado do diabo, gritou-lhe [o menino mais velho] o pai. (I, 4)]. **6 Emitir sons altos (falando de certos animais).** [*td.*: Por que [os sapos] gritavam a cantoria gorgolejada e triste? (VII, 27)].

grunhir (gru.nhir) *v.* **1 Fig. Reclamar entre dentes, resmungar** [*td.*: Fora de propósito, [Sinha Vitória] dissera ao marido umas inconveniências a respeito da cama de varas. Fabiano, que não esperava semelhante desatino, apenas grunhira: - “Hum! Hum!” (IV, 6); As mãos sujas, suadas, deixaram no colarinho manchas escuras. - Está certo, grunhiu Fabiano. (VIII, 7-8)].

ignorar (ig.no.rar) *v.* **1 Não saber; desconhecer.** [*td.*: Quantos anos tinha? Ignorava, mas certamente envelhecia e fraquejava. (XI, 18)]. **2 Não perceber, não reparar.** [*td.*: Ignorava os movimentos que fazia na sela. Alguma coisa o empurrava para a direita ou para a esquerda. (XI, 6)].

impacientar (im.pa.ci.en.tar) *v.* **1 Irritar(-se), aborrecer(-se).** [*int.*: [Fabiano] Impacientara-se e largara o palavrão. (XI, 14); Fabiano impacientou-se e xingou a mãe dele. (III, 27) E como [Baleia] nunca se impacientava, continuou a pular, ofegando, chamando a atenção do amigo. (VI, 13)].

irritar (ir.ri.tar) v. **1 Sentir irritação ou agastamento; enervar-se; aborrecer-se.** [*int.*: Ali podia irritar-se, dirigir ameaças e desaforos a inimigos invisíveis. (VIII, 22); Irritou-se. Por que seria que aquele safado batia os dentes como um caititu? (XI, 8)].

lembrar (lem.brar) v. **1 Trazer à memória de ou ter na memória; relebrar; recordar.** [*tr.* + *de*: [Fabiano] Lembrou-se dos filhos, da mulher e da cachorra, que estavam lá em cima, debaixo de um juazeiro, com sede. (I, 31); [Fabiano] Lembrou-se do preá morto. (I, 31); [Fabiano] Lembrou-se de seu Tomás da bolandeira. (II, 32); [Fabiano] Lembrou-se de uma fazenda vista na última das lojas que visitara. (III, 38); [Fabiano] Lembrou-se da casa velha onde morava, da cozinha, da panela que chiava na trempe de pedras. (III, 51); [Sinha Vitória] Estremeceu, lembrando-se da seca, o rosto moreno desbotou, os olhos pretos arregalaram-se. (IV, 12); Sinha Vitória nem queria lembrar-se daquilo [da morte do papagaio]. (IV, 21); [O menino mais novo] viu o bode velho fazendo um barulho feio com as ventas arregaçadas, lembrou-se do acontecimento da véspera. (V, 13); [O menino mais novo] Lembrou-se de Fabiano e procurou esquecê-lo. (V, 34); [O menino mais velho] Lembrou-se dos currais feitos de seixos miúdos, sob as catingueiras. (VII, 26); [Fabiano] Lembrou-se da surra que levara da noite passada na cadeia. (VIII, 13); (...) Fabiano retirou-se, lembrando-se do jogo que tivera em casa de Seu Inácio, com o soldado amarelo. Fora roubado, com certeza fora roubado. (VIII, 18);

[Baleia] Não se lembrava de Fabiano. (IX, 34); [Fabiano] Lembrou-se da marcha penosa que fizera através dela, com a família, todos esmolambados e famintos. (X, 20); [Fabiano] Estava com desejo de beber um quarteirão de cachaça, mas lembrava-se da última visita feita à venda de seu Inácio. (X, 29); [Fabiano] Lembrou-se da surra que levara e da noite passada na cadeia. (XI, 9); [Fabiano] Não queria lembrar-se do patrão nem do soldado amarelo. (XII, 12); Mas [Fabiano] lembrava-se, com desespero, enroscando-se como uma cascavel assanhada. (XII, 12); Sinha Vitória lembrou-se da cachorra Baleia, chorou, mas estava invisível e ninguém percebeu o choro. (XIII, 3); Fabiano lembrou-se da cachorra Baleia, outro arrepio correu-lhe a espinha, o riso besta esmoreceu. (XIII, 22)].

matutar (ma.tu.tar) v. **1 Refletir demoradamente sobre algo; meditar; pensar.** [*tr.* + *em*: Rolaria a noite inteira sobre as varas, matutando naquela perseguição. Desejaria imaginar o que ia fazer para o futuro. (X, 30)]. [*int.*: Matutando, a gente via que era assim, mas Sinha Vitória largava tiradas embaraçosas. (XII, 6); (...) Fabiano matutou e andou bem meia lésua sem sentir (XIII, 14)].

obedecer (o.be.de.cer) v. **1 Aceitar, respeitar ordens, normas, regras etc.** [*ti.* + *a*: Mas todos obedeciam a ele [a Seu Tomás da bolandeira]. [*int.*: An! Quem disse que não obedeciam? (II, 35); **2 Submeter-se ao mais poderoso; render-se** [*int.*: Fabiano sempre havia obedecido. (III, 10); [Fabiano] Tinha muque e substância, mas pensava pouco, desejava pouco e obedecia. (III, 10)].

pensar (pen.sar) v. **1 Conceber pensamentos; raciocinar; refletir.** [*tr.* + *em*: Em que [Fabiano] estava pensando? (III, 52)]. [Sinha Vitória] Encostou o fura-bolos à testa indecisa. Em que estava pensando? (IV, 17)]. [*int.*: E, pensando bem, ele não era homem: era apenas um cabra ocupado em guardar coisas dos outros. (II, 8); [Fabiano] Tinha muque e substância, mas pensava pouco, desejava pouco e obedecia. (III, 10); O fio da ideia cresceu, engrossou – e partiu-se. Difícil pensar. (III, 58);Necessário abandonar aqueles lugares amaldiçoados. Sinha Vitória pensaria como ele. (XII, 25); Em que [os meninos] estariam pensando? zumbiu Sinha Vitória. (XIII, 18); Menino é bicho miúdo, não pensa. (XIII, 18)]. **2 Procurar**

lembrar-se, recordar-se. [*tr.* + *em*: Sinha Vitória, queimando o assento no chão, as mãos cruzadas segurando os joelhos ossudos, pensava em acontecimentos antigos que não se relacionavam: festas de casamento, vaquejadas, novenas, tudo numa confusão. (I, 13); [Fabiano] Pensou na família, sentiu fome. (I, 28); [Fabiano] Pensou na mulher, nos filhos e na cachorrinha. (III, 38); [Sinha Vitória] Pensou de novo na cama de varas e mentalmente xingou Fabiano. (IV, 7); [Sinha Vitória] Agora pensava no bebedouro, onde havia um líquido escuro que bicho enjeitava. (IV, 19); [O menino mais velho] Pensou nas figurinhas abandonadas junto ao barreiro, mas isto lhe trouxe a recordação da palavra infeliz. (VI, 26); [O menino mais velho] Repetiu que não havia acontecido nada e tentou pensar nas estrelas que se acendiam na serra. Inutilmente. Àquela hora as estrelas estavam apagadas. (VI, 31); [Fabiano] Estivera uns dias assim murcho, pensando na seca e roendo a humilhação. (VII, 20); Empurrado, machucado, Fabiano tornou a pensar no soldado amarelo. (VIII, 17); [Sinha Vitória] Pensou com um arrepio na seca, na viagem medonha que fizera em caminhos abrasados, vendo ossos e garranchos. (VIII, 29); [Sinha Vitória] Suspirou, pensando na cama de varas em que dormia. (VIII, 29); [Fabiano] Pensou na mulher, nos filhos e na cachorra morta. Pobre de Baleia. (X, 32); Alguns minutos antes [Fabiano] não pensava em nada, mas agora suave frio e tinha lembranças insuportáveis. (XI, 14); [Fabiano] Desceu o copiar, atravessou o pátio, avizinhou-se da ladeira pensando na cachorra Baleia. Coitadinha. (XII, 7); Era o que Fabiano dizia, pensando em coisas alheias: o chiqueiro e o curral, que precisavam conserto, o cavalo de fábrica, bom companheiro, a égua alazã, as catingueiras, as painéis de losna, as pedras da cozinha, a cama de varas. (XIII, 5)]. **3 Preocupar-se com.** [*tr.* + *em*: [Fabiano] Sabia que a roupa nova cortada e cosida por Sinha Terta, o colarinho, a gravata, as botinas e o chapéu de baeta o tornavam ridículo, mas não queria pensar nisto. (VIII, 14); Dentro em pouco o despotismo de água ia acabar, mas Fabiano não pensava no futuro. (VII, 11); Era bom [Fabiano] pensar no futuro, criar juízo. (X, 2); [Fabiano] Pensou na mulher e suspirou. Coitada de Sinha Vitória, novamente nos descampados, transportando o baú de folha. (XII, 20)]. [Sinha Vitória e Fabiano] Discutiram e acabaram reconhecendo que aquilo [viver como tinham vivido] não valeria a pena, porque estariam sempre assustados, pensando na seca. (XIII, 14)]. **4 Formar imagem mental de; imaginar.** [*tr.* + *em*: Pelo espírito atribulado do sertanejo passou a ideia de abandonar o filho naquele descampado. [Fabiano] Pensou nos urubus, nas ossadas (...) (I, 10); Fabiano tomou a frente do grupo (...) pensando na égua que ia montar (...) uma égua que não fora ferrada nem levava sela. Haveria na catinga um barulho medonho. (II, 28); [Sinha Vitória] Agora pensava nela [na cama de lastros] de mau humor. Julgava-a inatingível (...). (IV, 10); [Fabiano] Examinou o polvarinho e o chumbeiro, pensou na viagem, estremeceu. (XII, 13)]. **5 Julgar, supôr.** [*td.*: [O menino mais velho] (...) pensava até que a zanga delas [das pessoas mais velhas] era a causa única dos cascudos e puxavantes de orelhas. (VI, 23); Besteira [Fabiano] pensar que ia ficar murcho o resto da vida. Estava acabado? (XI, 24)].

perceber (per.ce.ber) *v.* **1 Conhecer através dos sentidos.** [*td.*: Fabiano procurou em vão perceber um toque de chocalho. (I,19); [O menino mais velho] Não podendo perceber as feições do pai, cerrava os olhos para entendê-lo bem. (VII, 26); Baleia percebia nele [Fabiano] um cheiro que o tornava irreconhecível. (VIII, 35); [Fabiano] Deteve-se percebendo rumor de garranchos, voltou-se e deu de cara com o soldado amarelo que, um ano antes, o levava à cadeia (...). (XI, 5)]. **2 Compreender; entender.** [*td.*: Não percebendo o que o filho desejava, [Fabiano] repreendeu-o. (II,21); Agora Fabiano percebia o que ela [Sinha Vitória] queria dizer. (XII, 6); Sinha Vitória tinha razão: era atilada e percebia as coisas de longe. (XII, 23)]. **3 Dar-se conta de; notar; reparar.** [*td.*: [O menino mais novo] Ficou ali estatelado, quietinho, um zunzum nos ouvidos, percebendo vagamente que escapara sem honra da aventura. (V, 29); Sinha Vitória perceberia a atrapalhão dele? (VIII, 26); [Baleia] Quis latir,

expressar oposição a tudo aquilo, mas percebeu que não convenceria ninguém e encolheu-se, baixou a cauda, resignou-se ao capricho dos seus donos. (VIII, 31); [Os meninos] Tinham percebido que havia muitas pessoas no mundo. (VIII, 32); Fabiano tentava não perceber essas desvantagens. (VIII, 3); Tinha havido um desastre, mas Baleia não atribuía a esse desastre a impotência em que se achava nem percebia que estava livre de responsabilidades. (IX, 34); (...) mas [Sinha Vitória] estava invisível e ninguém percebeu o choro. (XIII, 3); Sinha Vitória percebeu-lhe a inquietação na cara torturada e levantou-se também, acordou os filhos, arrumou os picuás. (XIII, 31)]. [*int.*: - Um bruto, está percebendo? (X, 15)].

pretender (pre.ten.der) v. 1 **Ter intenção de; aspirar.** [*td.*: Nas invenções com que [Fabiano] pretendia justificar-se a figura de Sinha Rita aparecia sempre, e isto o desgostava. (III,18); [O menino mais novo] mas ignorava o que pretendia dizer. (V, 17); Sinha Terta achara pouca a fazenda, e Fabiano se mostrara desentendido, certo de que a velha pretendia furtar-lhe os retalhos. (VII, 2); [Fabiano] Conformava-se, não pretendia mais nada. (X, 23)].

protestar (pro.tes.tar) v. 1 **Manifestar insatisfação, discordância, revolta; reclamar.** [*int.*: - Isso não se faz, moço, protestou Fabiano. Estou quieto. Veja que mole e quente é pé de gente. (III,26); Nem lhe [Fabiano] restava o direito de protestar. (X, 19)].

querer (que.rer) v. 1 **Sentir vontade de; desejar; aspirar; pretender.** [*td.*: [Fabiano] Tinha o coração grosso, queria responsabilizar alguém pela desgraça. (I,8); Mas chegando aos juazeiros, [Fabiano] encontrou os meninos adormecidos e não quis acordá-los. (I,19); Fabiano queria viver. Olhou o céu com resolução. (I, 25); [Fabiano] Quer apenas dar um ensinamento aos meninos. (II, 25); Agora [Fabiano] queria entender-se com Sinha Vitória a respeito da educação dos pequenos. Certamente ela não era culpada. (II,29); [Fabiano] Não queria morrer. (II,40); [Fabiano] Não queria morrer. (II, 40); [Fabiano] Não queria capacitar-se de que a malvadez tivesse sido para ele. (III, 39); [Fabiano] Só queria voltar para junto de Sinha Vitória (...) (III, 46); Por que vinham bulir com um homem que só queria descansar? (III, 46); Fabiano queria berrar para a cidade inteira, afirmar ao doutor juiz de direito, ao delegado, a seu vigário e aos cobradores da prefeitura que ali dentro ninguém prestava para nada. (III, 63); Ele, os homens acorados, o bêbedo, a mulher das pulgas, tudo era uma lástima, só servia para aguentar facão. Era o que ele [Fabiano] queria dizer. (III, 63); [Sinha Vitória] Quis acordá-lo e perguntar, mas distraiu-se olhando os xiquexiques e os mandacarus que avultavam na campina. (IV, 11); Sinha Vitória nem queria lembrar-se daquilo [da morte do papagaio (IV, 21); Ele [o menino mais velho] tinha querido que a palavra virasse coisa e ficara desapontado quando a mãe se referira a um lugar ruim, com espetos e fogueiras. (VI, 18); Fabiano zangou-se com a impertinência deles e quis puni-los. (VII, 24); [Fabiano] Sabia que a roupa nova cortada e cosida por Sinha Terta, o colarinho, a gravata, as botinas e o chapéu de baeta o tornavam ridículo, mas não queria pensar nisto. (VIII, 14); [Fabiano] Quer era desgrçar-se, dar um pano de amostra àquele safado. (...) (VIII, 20); [Fabiano] Quer que o deixassem com a mulher, os filhos e a cachorrinha. (VIII, 26); Baleia queria dormir. (IX, 40); Num dia de apuro recorrera ao porco magro que não queria engordar no chiqueiro e estava reservado às despesas do Natal (...) (X, 10); (...) e Fabiano se desculpara, o chapéu de couro na mão, o espinhaço curvo: -Quem foi que disse que eu queria brigar ? (X, 17); Agora [Fabiano] não criava porco e queria ver o tipo de prefeitura cobrar dele imposto e multa. (X, 26); (...) o amo só queria mostrar autoridade (...) (X, 36); Realmente [Fabiano] não quisera matar um cristão: (...) evitava galhos e espinhos. (XI, 6); [Fabiano] Repetia que a arma era desnecessária, mas tinha a certeza de que não conseguiria utilizá-la e apenas queria enganar-se. (XI, 10); [Fabiano] Tinha nervo, queria brigar (...) (XI, 18); Mas para que

suprimir aquele doente [o soldado amarelo] que bambeava e só queria ir para baixo? (XI, 24); O sol chupava os poços, e aquelas excomungadas levavam o resto da água, queriam matar o gado. (XII, 1); [Fabiano] Não queria lembrar-se do patrão nem do soldado amarelo. (XII, 12); Fabiano sabia que elas [as contas] estavam erradas e o patrão queria enganá-lo. (XII, 20); (...) [Fabiano] não queria afastar-se da fazenda. (XIII, 5); Agora Fabiano examinava o céu, a barra que tingia o nascente, e não queria convencer-se da realidade. (XIII, 6); [Sinha Vitória] Quer enganar-se, gritar, dizer que era forte, e a quentura medonha, as árvores transformadas em garranchos, a imobilidade e o silêncio não valiam nada. (XIII, 13). **2 Tentar.** [*td.*: [Os meninos] Quiseram mexer na taramela e abrir a porta, mas Sinha Vitória levou-os para a cama de varas, deitou-os e esforçou-se por tapar-lhes os ouvidos (...) (IX, 8); [Baleia] Quis latir, expressar oposição a tudo aquilo (IX, 31); A princípio [Fabiano] quis responder que evidentemente eles eram o que tinham sido; depois achou que estavam mudados, mais velhos, mais fracos. (XIII, 14)].

Não querer saber de

Não interessar-se por, desprezar, ignorar.

Mas Sinha Vitória não queria saber de elogios. (IV, 3)

Querer (só) ver

Duvidar de algo; desafiar alguém a fazer algo, por se estar seguro de que não vai acontecer.

Agora [Fabiano] não criava porco e queria ver o tipo da prefeitura cobrar dele imposto e multa. (X, 26)

Quer dizer

Introduz uma explicação um detalhamento ou uma retificação sem sujeito ou complemento.

- Isto é. Vamos e não vamos. Quer dizer. Enfim, contanto, etc. É conforme. (III, 9)

reclamar (re.clar.mar) v. **1 Queixar-se, reivindicar.** [*int.*: [Fabiano] Reclamou e obteve a explicação habitual: a diferença era proveniente de juros. (X, 5); Nem lhe permitiam queixas. Porque [Fabiano] reclamara, achara a coisa uma exorbitância, o branco se levantara furioso, com quatro pedras na mão. Para que tanto espalhafato? (X, 12)].

recordar (re.cor.dar) v. **1 Trazer ou ter de volta à memória; lembrar; rememorar.** [*td.*: [Fabiano] Tentou recordar o seu tempo de infância, foi visto miúdo, enfezado, a camisinha encardida e rota, acompanhando o pai no serviço do campo, interrogando-o de balde. (II, 23); [Fabiano] Esfregou a testa suada e enrugada. Para que recordar vergonha? Pobre dele. (XII, 12)]. [*tr + de*: Agora [Fabiano] se recordava da viagem que tinha feito pelo sertão, a cair de fome. (III, 60); O menino mais velho recordou-se de um brinquedo antigo, presente de seu Tomás da bolandeira. (VI, 26); [O menino mais velho] Recordou-se das cabras abatidas à mão de pilão, penduradas de cabeça para baixo num caibro do copiar, sangrando. (VI, 35); [Fabiano] Recordou-se do que lhe sucedera anos atrás, antes da seca, longe. (X, 14); Se ao menos [Fabiano] pudesse recordar-se de fatos agradáveis, a vida não seria inteiramente má. (X, 32); Enfim apanhar do governo não é desfeita, e Fabiano até sentiria orgulho ao recordar-se da aventura. (XI, 15); [Fabiano] Recordou-se de lutas antigas, em danças com fêmea e cachaça. (XI, 18); [Fabiano] Recordou-se dos animais feridos e logo afastou a lembrança. (XIII, 14)].

refletir (re.fle.tir) *v.* **1 Pensar detidamente; meditar.** [*tr.* + *em*: Teria procedido bem? Nunca havia refletido nisso. A cachorra estava doente. (XII, 7)].

repreender (re.pre.en.der) *v.* **1 Censurar, admoestar severamente.** [*td.*: [Fabiano] Não percebendo o que o filho desejava, repreendeu-o. (II,21); [Sinha Vitória] não encontrou motivo para repreendê-los [os meninos]. (IV, 7); [Sinha Vitória] E botou os filhos para dentro de casa, que tinham barro até nas meninas dos olhos. Repreendeu-os: - Safadinhos! Porcos! Sujos como... (IV, 24-5); À hora do almoço Sinha Vitória repreendeu-o [o menino mais novo]: - Este capeta anda lesado. (V, 14-5); [Fabiano] Retardara-se e repreendera os meninos, que se adiantavam (...). (XIII, 5)].

resmungar (res.mun.gar) *v.* **1 Emitir (palavras) mal articuladas e que mal se ouvem, por aborrecimento ou rabugice.** [*int.*: Fabiano fizera-se desentendido e oferecera os seus préstimos, resmungando, coçando os cotovelos, sorrindo aflito. (II, 14); Como os pequenos resistissem, [Sinha Vitória] aperreou-se e tratou de subjugar-los, resmungando com energia. (IX, 8); [Fabiano] Resmungava, rezingava, numa aflição, tentando espichar os recursos minguados (...) (X, 2); Sinha Vitória falou assim, mas Fabiano resmungou, franziu a testa, achando a frase extravagante. Aves matarem bois e cabras, que lembrança! (XII, 2); Fabiano hesitou, resmungou, como já fazia sempre que lhe dirigiam palavras incompreensíveis. Mas achou bom que Sinha Vitória tivesse puxado conversa. (XIII, 14)].

respeitar (res.pei.tar) *v.* **1 Obedecer, acatar.** [*td.*: [Fabiano] Ia lá puxar questão com gente rica? Bruto, sim, senhor, mas sabia respeitar os homens. (X, 8)]. **2 Honrar, temer.** [*td.*: Assim como estava, ninguém podia respeitá-lo [Fabiano]. (XII, 12)].

rir (rir) *v.* **1 Sorrir com ou sem ruído, por alegria, nervoso, satisfação ou achando graça de algo; mostrar-se alegre.** [*int.*: O outro [menino mais velho] iria rir-se, mangar dele (...) (V, 19); (...) o irmão [mais velho] ria como um doido, Baleia, séria, desaprovava tudo aquilo. (V, 32); [Fabiano] Tinha medo e repetia que estava em perigo, mas isto lhe pareceu tão absurdo que se pôs a rir. (XI, 7); [Fabiano] Esqueceu a infelicidade próxima, riu-se encantado com a esperteza de Sinha Vitória. Uma pessoa como aquela valia ouro. (XII, 6); Era. Estava boa, estava taluda, poderia andar muito. Sinha Vitória riu e baixou os olhos. Não era tanto como ele [Fabiano] dizia não. (XIII, 16); (...) Fabiano ria, tinha desejo de esfregar as mãos agarradas à boca do saco e à coronha da espingarda de pederneira. (XIII, 34)].

rosnar (ros.nar) *v.* **1 Dizer ou falar em voz baixa e rouca, ger. de mau humor; murmurar; resmungar.** [*td.*: (...) Fabiano ergueu-se atordoado, cambaleou, sentou-se num canto, rosnando: - Hum! Hum! (III, 31-32); Em que estariam pensando? zumbiu Sinha Vitória. Fabiano estranhou a pergunta e rosnou uma objeção. Menino é bicho miúdo, não pensa. (XIII, 18)]. [*int.*: Fabiano estirava o beijo e rosnava. Aquela coisa arriada e achacada metia as pessoas na cadeia (...). (XI, 15)].

saber (sa.ber) *v.* **1 Ter conhecimento, consciência; compreender.** [*td.*: (...) o vaqueiro precisava chegar, não sabia onde. (I, 8); Era bom eles [os meninos] saberem que deviam proceder assim. (I, 25); É ele, Fabiano, era como a bolandeira. Não sabia por que, mas era. (I, 30); Por que tinham feito aquilo? Era o que [Fabiano] não podia saber. (III, 33); Cambada de quê? [Fabiano] Repetia a pergunta sem saber o que procurava. (VIII, 26); [Fabiano] Nem sabia como tinham escapado [da morte]. (X, 20); [Fabiano] Desejava saber o tamanho da extorsão. (X, 24); Um ditério sem importância. O amarelo devia saber isso. (IX, 14); [Baleia]

Não sabia o que tinha sucedido. (IX, 36); Agora [Sinha Vitória] desejava saber que iriam fazer os filhos quando crescessem. (XIII, 18); [Fabiano] Sabia lá se a alma de Baleia andava por ali, fazendo visagem? (XII, 24); Fabiano estava contente e acreditava nessa terra, porque não sabia como ela era nem onde era. (XIII, 35). [*int.*: Fabiano dava-se bem com a ignorância. Tinha o direito de saber? Tinha? Não tinha. (II, 29); Seria que as secas iriam desaparecer e tudo andar certo? [Fabiano] Não sabia. (II,46); Tinha culpa de ser bruto? Quem tinha culpa? Se não fosse aquilo... [Fabiano] Nem sabia. (III, 58)]; [O soldado amarelo] Não sabia. (XI, 14)]. **2 Ter certeza ou convicção de; pressentir.** [*td.*: [Fabiano] Admirava as palavras compridas e difíceis da gente da cidade (...), mas sabia que elas eram inúteis e talvez perigosas. (II, 20); [Fabiano] Não dizia nada para não contrariá-la [Sinha Vitória], mas sabia que era doidice. (II, 38); [Fabiano] Sabia perfeitamente que era assim, acostumara-se a todas as violências, a todas as injustiças. (III, 40); [Fabiano] Sabia que a roupa nova cortada e cosida por Sinha Terta, o colarinho, a gravata, as botinas e o chapéu de baeta o tornavam ridículo (...). (VIII, 14); [Fabiano] Sabia que aquela explosão era perigosa, temia que o soldado amarelo surgisse de repente viesse plantar-lhe no pé a reiúna. (VIII, 22); [Fabiano] Apesar de saber perfeitamente que era necessário, agarrou-se a esperanças frágeis. (XII, 16); (...)Fabiano sabia que elas [as contas do patrão] estavam erradas (...) (XII, 20)]. **3 Ter a capacidade, a habilidade ou os meios de (fazer, realizar algo).** [*td.*: Seu Tomás da bolandeira falava bem, estragava os olhos em cima de jornais e livros, mas não sabia mandar: pedia. (II, 35); Indispensável os meninos entrarem no bom caminho, saberem cortar mandacaru para o gado, consertar cercas, amansar brabos.(II, 45); [Fabiano] Atrapalhava-se: tinha imaginação fraca e não sabia mentir. (III,18); [Fabiano] Era bruto, sim senhor, nunca havia aprendido, não sabia explicar-se. (III, 57); Então mete-se um homem na cadeia porque ele não sabe falar direito? (III, 57); Impossível, [Fabiano] só sabia lidar com bichos. (III, 58); Na beira do rio haviam comido o papagaio, que não sabia falar. Necessidade. (III, 60); Fabiano também não sabia falar. (III, 61); Meu louro.” Era o que [o papagaio] sabia dizer. (IV, 21); Como não sabia falar direito, o menino [mais velho] balbuciava expressões complicadas, repetia as sílabas, imitava os berros dos animais, o barulho do vento, o som dos galhos que rangiam na catinga, roçando-se. (VI, 21); Ela própria [Sinha Vitória] não saberia explicar-se, mas sempre vira as outras matutas procederem assim e adotava o costume. (VIII, 8); Sinha Vitória achava-se em dificuldade: torcia-se para satisfazer uma precisão e não sabia como se desembaraçar. (VIII, 29); Bruto, sim, senhor, mas [Fabiano] sabia respeitar os homens. (X, 8); Enfim, como [Fabiano] não sabia ler (um bruto, sim senhor), acreditara na sua velha. (X, 8); Se ele [Fabiano] soubesse falar como Sinha Terta, procuraria serviço noutra fazenda, haveria de arranjar-se.(X, 24)]. [*int.*: [Fabiano] Não sabia [falar como Sinha Terta]. (X, 24).] **4 Perceber, notar.** [*td.*: Fabiano exaltava-se, procurava incutir-lhe coragem. Inventava o bebedouro, descrevia-o, mentia sem saber que estava mentindo. (XIII, 23)].

Não querer saber de ou não querer saber mais de

Não gostar de, não querer mais, desinteressar-se de.

Mas Sinha Vitória não queria saber de elogios. (IV, 3)

sentir (sen.tir) v. 1 Perceber pelos sentidos do tato, paladar, olfato ou audição. [*td.*: Nesse ponto Baleia arrebitou as orelhas, arregaçou as ventas, sentiu cheiro de preás, farejou um minuto, localizou-os no morro próximo e saiu correndo. (I, 20); [Fabiano] Os seus pés duros quebravam espinhos e não sentiam a quentura da terra. (II, 20); [Baleia] Não podia sentir dor excessiva. (VI, 13); (...) o animal [Baleia] encolheu-se para sentir bem o contato agradável, (VI,15); [Baleia] escorregaria entre as pedras, (...) sentindo o cheiro das cabras molhadas (VII, 28); Os meninos, sentindo frio numa banda e calor na outra, não podiam dormir e

escutavam as lorotas do pai. (VII, 24); [Baleia] Levantou o focinho, sentiu um cheiro que lhe deu vontade de tossir. (VIII, 11); [Baleia] Sentiu o cheiro bom dos preás que desciam do morro, mas o cheiro vinha fraco e havia nele partículas de outros viventes. (IX, 27)]. **2 Experimentar (sensação física).** [*td.*: [Fabiano] Pensou na família, sentiu fome. (I, 28); Uma palpitação nova. [Fabiano] Sentiu um arrepio na catinga, uma ressurreição de garranchos e folhas secas. (I, 31); Fabiano sentiu vontade de comer. (II, 48); (...) [Fabiano] decidiu beber uma pinga, pois sentia calor. (III, 3); Sentindo a deslocação do ar e a crepitação dos gravetos, Baleia despertou, retirou-se prudentemente (...). (IV, 3); [O menino mais velho] Mal sentia as pancadas que Fabiano lhe dava com a bainha da faca de ponta. (VI, 20); Como [Fabiano] gesticulava com furor, gastando muita energia, pôs-se a resfolegar e sentiu sede. (VIII, 14); [Fabiano] Sentiu um choque violento, deteve-se, o braço ficou irresoluto, bambo (...). (XI, 5); Arruinado, um caco. [Fabiano] Não sentiria a transformação, mas estava-se acabando. (XI, 18); (...) Fabiano sentia distanciar-se um pouco dos lugares onde tinha vivido (...) (XIII, 15)]. [*tp.*: [Fabiano] Passou as mãos nas costas e no peito, sentiu-se moído (...) (III, 35)]. **3 Ter como sentimento, experimentar psicologicamente.** [*td.*: Fabiano também às vezes sentia falta dela [da gaiola] (I, 13)(...); Num cotovelo do caminho [Fabiano] avistou um canto de cerca, encheu-o a esperança de achar comida, sentiu desejo de cantar. (I, 15); [Fabiano] Sentia desejo de referir-se ao soldado, um conhecido velho, amigo de infância. (III, 18); [Fabiano] Sentiu vontade de gritar, de anunciar muito alto que eles [os bêbados] não prestavam para nada. (III, 63); [Os meninos] Não sentiam curiosidade, sentiam medo, e por isso pisavam devagar, receando chamar a atenção das pessoas. (VIII, 8); Aparentemente resignado, [Fabiano] sentia um ódio imenso a qualquer coisa que era ao mesmo tempo a campina seca, o patrão, os soldados e os agentes da prefeitura. (X, 21); Durante um minuto a cólera que [Fabiano] sentia por se considerar impotente foi tão grande que recuperou a força e avançou para o inimigo. (XI, 10); Enfim apanhar do governo não é desfeita, e Fabiano até sentiria orgulho ao recordar-se da aventura. (XI, 15); [Fabiano] Ia arrastá-lo para dentro da catinga, entregá-lo aos urubus. E não sentiria remorso. (XI, 23); Fabiano suspirou, sentiu um peso enorme por dentro. Se tivesse cometido um erro? (XII, 22); Ia escurecendo, e àquela hora ele [Fabiano] sentia sempre uns vagos terrores. (XII, 24)]. [*tp.*:]; [O menino mais velho] Sentiu-se fraco e desamparado, olhou os braços magros, os dedos finos, pôs-se a fazer no chão desenhos misteriosos. (VI, 32); [Fabiano] Relatava um fuzuê terrível, esquecia as pancadas e a prisão, sentia-se capaz de atos importantes. (VII, 21); Evidentemente as criaturas que se juntavam ali não o viam, mas Fabiano sentia-se rodeado de inimigos (...). (VIII, 13)]. [*int.*: Era uma sorte ruim, mas Fabiano desejava (...) sentir-se com força para brigar com ela e vencê-la. (II, 40); Os meninos puseram as chinelinhas debaixo do braço e sentiram-se à vontade. (VIII, 3)]. **4 Pressentir; prever.** [*td.*: (...) Fabiano sentia-a [a seca] de longe. (XII, 16); [Fabiano] Sentia-a [a seca] como se ela já tivesse chegado, experimentava adiantadamente a fome, a sede, as fadigas imensas das retiradas. (XII, 16)]. **5 Perceber, notar.** [*td.*: [Fabiano] Não sentia a espingarda, o saco, as pedras miúdas que lhe entravam nas alpercatas, o cheiro de carniças que empestavam o caminho. (XIII, 35)]. [*int.*: (...) Fabiano matutou e andou bem meia légua sem sentir. (XIII, 14)].

sofrer (so.frer) v. 1 Experimentar mal físico, afetivo ou moral; padecer. [*tr.* + *com.*: [Fabiano] Não se arriscaria a prejudicar a tradição, embora sofresse com ela. (VIII, 13)]. [*int.*: [Fabiano] fez tenção de carregá-la bem para a cachorra não sofrer muito. (IX, 3)]. **2 Suportar, tolerar.** [*td.*: E Baleia encolhia-se para não magoá-lo, sofria a carícia excessiva. (VI, 34)].

sorrir (sor.rir) v. 1 Fazer uma expressão risonha pelo repuxar dos lábios. [*int.*: Viera a trovoadá. E, com ela, o fazendeiro, que o expulsara. Fabiano fizera-se desentendido e oferecera os seus préstimos, resmungando, coçando os cotovelos, sorrindo aflito. (II, 8)]. **2**

Mostrar-se contente ou alegre; alegrar-se. [*int.*: Se [Fabiano] encontrasse um conhecido, iria chamá-lo para a calçada, abraçá-lo, sorrir, bater palmas. (VIII,16); Fabiano aprovou o arranjo, sorriu, esqueceu os urubus e o cavalo. Sim senhor. Que mulher! (XIII, 31)].

suportar (su.por.tar) *v.* **1 Resistir, ser firme diante de.** [*td.*: [Fabiano] Vivia preso como um novilho amarrado ao mourão, suportando ferro quente. (III, 66); Não havia paciência que suportasse tanta coisa. (X, 21)].

tencionar (ten.ci.o.nar) *v.* **1 Planejar, pretender.** [*td.*: Tencionou aproveitá-los [os cadáveres das aves de arribação] como alimento na viagem próxima. (XII, 16); **2 Desejar; querer.** [*td.*: Ainda tencionava correr mundo, ver terras, conhecer gente importante como seu Tomás da bolandeira. (II,40)].